

RAPHAEL DRACCON

# CEMITÉRIOS de DRAGÕES

LEGADO RANGER I



Fantástica  
ROCCO

RAPHAEL DRACCON

# Cemitérios de Dragões

LEGADO RANGER I



Fantástica  
ROCCO

É recomendada a leitura do e-book *Cemitérios de Dragões* com a configuração de Fonte da Editora ativada.

*Para Carolina,  
por ser meu melhor motivo para voltar pra casa, independentemente da  
dimensão.*

## SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

### [Prólogo](#)

[1 - Minas dracônicas](#)

[2 - Templo do leão](#)

[3 - Minas dracônicas](#)

[4 - Castelo estelar](#)

[5 - Pendrake](#)

[6 - Floresta de metal](#)

[7 - Prisão de Pendrake](#)

[8 - Castelo estelar](#)

[9 - Pendrake](#)

[10 - Floresta cinzenta](#)

[11 - Terras do pó](#)

[12 - Muralha de Taremu](#)

[13 - Floresta luminosa](#)

[14 - Muralha de Taremu](#)

[15 - Floresta de metal](#)

[16 - Floresta luminosa](#)

[17 - Centro de Taremu](#)

[18 - Floresta de metal](#)

[19 - Castelo estelar](#)

[20 - Floresta luminosa](#)

[21 - Floresta cinzenta](#)

[22 - Centro de Taremu](#)

[23 - Floresta cinzenta](#)

[24 - Castelo estelar](#)

[25 - Vale dos vermes](#)

[26 - Floresta luminosa](#)

[27 - Submundo cinzento](#)

[28 - O vale morto](#)

[29 - Acampamento dracônico](#)

[30 - O covil](#)

[31 - Terras do pó](#)

[32 - Centro de Taremu](#)

[33 - Terras do pó](#)

[34 - O covil](#)

[35 - Terras do pó](#)

[36 - O covil](#)

[37 - A noite da serpente](#)

[38 - Cemitérios de Dragões](#)

[39 - Planeta terra](#)

[Epílogo](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)

## PRÓLOGO

AFLIÇÃO. Era como se iniciavam as memórias constantemente revividas.

Primeiro, uma calma dentro da aeronave de asas rotativas. Depois, a floresta de aveleiras e pistácias, onde cabras, faisões e ovelhas caracul dormiam. A caminhada pela mata escura, a visão otimizada pelo infravermelho. As instruções gestuais. O deslocamento obedecendo um padrão de operação militar.

Então, o primeiro tiro.

E o segundo.

No terceiro, a escuridão.



## MINAS DRACÔNICAS

AQUILO TINHA DE SER UM SONHO. O calor tomava a região rochosa com uma intensidade ofuscante, enquanto criaturas pulmonadas de pele escamosa e sangue frio, munidas de chicotes de couro trançado, vigiavam um grupo composto em sua maioria por anões escravos. Cada anão tinha a pele tatuada e a barba ensopada de suor e sujeira, o corpo cheio de calos, feridas em carne viva e trapos encardidos cobertos de rasgos, poeira e manchas de sangue. A luz incandescente dos lampiões presos nas paredes incomodava a vista e, a todo momento, os escravizados tentavam não cair diante de seres reptilianos e do estalar de chicotes que rompiam a barreira do som.

Além do ruído das correias de couro, ouviam-se também os impactos do ferro de marretas contra rochas sedimentadas, e o arrastar lento de vagões de metal sobre trilhos. A mina ficava no final de um canal de túneis de areia, argila e cascalho, de onde o grito de qualquer ser ecoaria insignificadamente por paredes azul-escuras.

O pior de tudo, no entanto, era o cheiro.

Regiões vulcânicas já são grandes reservatórios de sódio, potássio e enxofre. Naquelas minas, porém, o cheiro ambiente se unia ao forte odor de ácido úrico da tóxica urina de seres monstruosos implacavelmente carnívoros. Tais condições, aliadas ao calor excessivo que reduzia a umidade ambiente, dava aos escravos a sensação de trabalhar dentro de uma gigantesca fossa vulcânica.

Já os seres reptilianos não pareciam se incomodar. Seu líder dracônico se mantinha de pé em uma elevação rochosa, uma criatura humanoide imensa e de traços demoníacos observava, com a língua para fora, o trabalho imposto aos dominados. Vestia um elmo oval com três chifres, retirado de um morto em batalha, e uma cota de malha com a mesma origem infeliz. A pele de escamas sobrepostas variava em tons translúcidos ao redor do corpo escuro. A face monstruosa apresentava olhos de pupilas amarelas e a juba negra no couro cabeludo era trançada com adereços semelhantes a cordas. Sob uma narina avermelhada, da mesma cor da língua, um pequeno osso pontudo se projetava do queixo.

Era nesse ser que a atenção de Derek se concentrava.

Localizado no meio do grupo mais forte, composto de poucos humanos sedentos, que ainda assim eram mais resistentes que os anões desnutridos, Derek acreditava que tudo aquilo tinha de ser um devaneio do qual ficava cada vez mais difícil acordar. Não reconhecia os seres nem a região em que estava. O cabelo, antes raspado, se apresentava cheio, sujo e empapado, caindo pela face marcada pela barba grossa. Era um homem forte de vinte e sete anos, treinado para a

guerra pela elite do Exército dos Estados Unidos da América, mas que chegara ali sem opção de luta.

Já chegara àquela dimensão como escravo.

Na realidade em que se encontrava, lembrava-se apenas de ter acordado em meio a pessoas que nunca vira, cercado por seres que não deveriam existir. E então às lembranças se uniam algemas, cordas, mordanças, lâminas, couro trançado, marretas, minas e escravidão.

Não sabia há quantos dias repetia o trabalho forçado nas minas. Acordava com chutes no estômago, era escoltado sob o fustigar dos chicotes e espadas com lâminas farpadas e marretava por horas infinitas as carcaças de criaturas que lembravam répteis colossais, com o intuito de lhes arrancar as garras, os chifres e os dentes. Em determinado momento, os dracônicos atiravam no chão uma ração preparada à base de peixe, incitando os humanos a se digladiar pela comida espalhada. Ao fim dos trabalhos, com o corpo dolorido e os ossos parecendo areia, Derek se ajeitava em um canto, cansado demais até para tentar se comunicar. E então fechava os olhos e esperava o retorno dos sonhos fantásticos em que interagira com outras pessoas como ele, em outra realidade.

Algumas poucas vezes, tentou se comunicar com os outros, mas eram pessoas de origens e idiomas diferentes. Havia um casal de olhos puxados, dois homens de pele negra e três humanoides: uma fêmea e duas crianças, dotados de pele acinzentada quase sem pelos; com símbolos tribais gravados como cicatrizes. Silenciosamente, contudo, como é a maneira dos submissos, entre eles se iniciou uma linguagem de sinais e atitudes. No início, todos brigavam pela ração despejada pelos escravocratas. Aos poucos, porém, controlaram o instinto animal. Passaram então a simular as brigas, pois isso agradava aos dracônicos, mas não mais disputavam o alimento. Guardavam migalhas para os de menos sorte. Quando a sós, cuidavam dos feridos e simplesmente continuavam a rotina.

Uma rotina que Derek começou a analisar.

Reparou que, apesar do caos aparente em que viviam, os dracônicos seguiam determinados padrões. Acordavam os escravos no mesmo horário, escoltavam todos da mesma maneira e os obrigavam a desempenhar as mesmas funções. Comiam sempre na sala sem porta, improvisada em uma brecha geográfica para que todos os escravos pudessem vê-los se banquetear com bandejas de carne crua e misturas que lembravam mingau preto; e nas canecas, sangue. A euforia era compartilhada, e eles rosnavam em grupo. Quando torturavam um esgotado, o sadismo se espalhava em apreciação coletiva. Sabiam, de uma maneira própria e primitiva, contar os escravos ainda vivos, assim como os cadáveres.

Como não via a luz do sol e não tinha noção real de tempo, era assim que Derek controlava a passagem dos dias: A hora em que contavam os vivos era o início. Os cadáveres, o fim.

As divisões também eram bem claras. Humanos martelavam carcaças de mais de cinco centenas de ossos a fim de extrair queratina, presas e garras que pudessem ser posteriormente moldadas em armas e adereços. Gigantes encoleirados giravam uma espécie de espremedor, um mecanismo circular que comprimia partes dos répteis colossais de cujos membros decepados ainda fosse possível extrair sangue. Anões empurravam vagões de metal ensanguentados por barras de aço laminado atravessadas sobre dormentes, conduzindo-os até os dracônicos, que armazenavam o sangue em galões. E então, ao final do dia, uma chave de ossos com cinco pontas era utilizada para revelar uma abertura em uma parede rochosa, liberando assim o caminho para um mundo de que os escravos já não se lembravam. Uma chave em posse do mesmo dracônico de elmo oval que vigiava o trabalho escravo com a língua para fora.

Uma chave que Derek lhe desejava tomar.



**COMEÇOU COM DESENHOS.** Ao fim do dia, antes de dormirem em um canto improvisado como jaula nas rochas frias, Derek reuniu o grupo e desenhava com pontas de pedras na poeira do chão. Uma vez, escreveu seu nome e ilustrou um mapa com estrelas e um planeta de uma única lua ao qual deu o nome TERRA.

Aos poucos, os outros começaram a desenhar também. Os homens de olhos puxados desenharam uma ilha para demonstrar de onde vieram, mas os ideogramas de seu idioma não faziam sentido para os outros. Derek riscou no solo uma bandeira com um grande sol no centro, mas o casal não pareceu reconhecê-la. Um dos de pele negra rabiscou um continente gigantesco, e sua língua tribal apresentava o mesmo conflito dos ideogramas. As crianças de pele acinzentada desenharam o que parecia uma nave espacial, mas nenhum dos outros levou a sério, já que é compreensível a loucura que assola a mente de um escravo.

Todos os dias, ao menos um cadáver de anão era envolto em panos que lembravam uma mortalha infantil. Se estivesse doente, o corpo era queimado em um caldeirão fervente localizado acima do centro da mina, preso por um engenhoso sistema de canos, que servia também para fundir o metal extraído. Se estivesse sadio, sua carne era devorada por dracônicos, e apenas os ossos atirados no caldeirão. A forja central era a maior, porém não a única. Diversas outras se espalhavam pelo local, menores, mas todas conectadas ao sistema hidráulico por onde corriam também os galões de sangue extraído.

Quase todos os dias novos condenados eram trazidos, a maioria de raça anã. Uma vez trouxeram uma raça que lembrava gnomos, mas não duraram um dia. Em outra, um casal humano, mas os dracônicos rasgaram a roupa da mulher e ameaçaram devorá-la, provocando uma reação trágica por parte do rapaz, que culminou com a morte de ambos. Depois chegaram os gigantes, talvez adolescentes para o padrão daqueles seres, de quase três metros de altura. A corrente que lhes prendia os pés era estreita e limitava os passos. Não era raro um deles se desequilibrar e cair com estrondo e receber chicotadas, pauladas ou chutes no corpo já ferido. No pescoço, amarravam uma gargantilha que os reptilianos prendiam a um bastão e apertavam como um torniquete quando necessário. O mesmo acontecia com o ser de pele acinzentada – que não era daquela raça, mas padecia do mesmo destino dos agigantados.

– Gahi! Gahi! Gahi! – gritavam eles para os punidos. No início, Derek associou à ideia de *levantar-se*. Aos poucos, contudo, percebeu que os dracônicos gostavam quando, ainda que abatidos, os escravos se erguiam e seguiam seus trabalhos sem reclamações. De uma maneira distorcida, eles respeitavam isso. Então Derek associou *Gahi* a *resistir*.

Quem trazia os novos escravos eram humanoides de origem anfíbia, dotados de grandes olhos amarelos, couraças nas costas e pele nua azulada com manchas pretas sem escamas, glandulares e umedecidas. Eram baixos e carregavam pequenos machados de pedra lascada. De vez em quando, estalavam a língua no ar, abocanhando moscas varejeiras de cores metálicas ou outros insetos em abundância no propício ambiente fúnebre.

– Qual o seu nome? – perguntou Derek certa vez a uma das crianças de pele cinzenta que afirmava ter vindo do espaço, complementando com gestos o que o idioma não transmitia. Se fosse humano, o ser curioso teria algo em torno dos catorze anos.

O menino tentou pronunciar o próprio nome, e sua maneira de falar lembrava palavras unidas em um assobio:

– Q-a-t-r. – Foi o que Derek compreendeu, após a terceira tentativa, e então escreveu no chão com uma ponta de pedra: KATAR.

Seguindo o mesmo procedimento, descobriu o nome da outra criança e o interpretou como “Ono”. A fêmea era “Ogara”. Futuramente também compreendeu que o ser mais alto e mais forte, que os dracônicos faziam carregar corpos e sacos ao lado dos gigantes, era o líder daquela raça. Uma raça sem identidade. O que era impossível de se ignorar era a palavra que todos repetiam e que a princípio ele não conseguia compreender: *VEGA*.

Ao pronunciar tal nome, os três pareciam experimentar certa satisfação, que, somada entre eles, talvez chegasse a completar um sorriso inteiro. No início, ele achou que fosse o nome do humanoide adulto. Katar, todavia, lhe ensinou que não. E então apontou para o desenho de Derek com o nome TERRA, acrescentou

um satélite, e apontou com a pedra. Derek compreendeu.

Apagou o nome TERRA. E escreveu VEGA.

– E quem é aquele? – perguntou ele, se referindo ao mais velho, preso na cela com os gigantes.

– A-d-r-o-o-s-s – repetiu Katar a Derek todas as vezes que fora preciso. E ele escreveu: ADROSS.

As crianças achavam curiosas duas características do humano: os pelos no corpo, principalmente a barba, para elas era algo inteiramente exótico; e os movimentos das sobrancelhas acompanhando determinadas reações. Derek gostava de vê-las rir, ainda que fosse dele.

Um dos dracônicos veio até a jaula e golpeou as barras, ordenando em sua linguagem primitiva:

– Shandar! Shandar! – Poucas coisas se aprendiam naquelas minas. Uma delas era aquela expressão. Era uma ordem para o escravo se calar e se submeter à força dominante. – Shandar, doki!

Derek e os meninos se encolheram em seus cantos e obedeceram. *Doki* era como eles chamavam as crianças.

– Huray... huray... – repetiu Derek em uma voz trêmula. Aquela expressão era citada a cada vez que um dracônico venciam outro em um jogo bruto de força ou demonstrava maior dominação na tortura de um escravo. Apontavam para ele e o denominavam o *huray*. Derek associou o termo a *maioral*. Assim, quando precisava demonstrar humildade, baixava a cabeça e o usava com o carrasco em questão, abrandando infrações.

O dracônico pareceu gostar e se afastou, satisfeito. A voz bestial, porém, ecoou por ângulos distorcidos na mente de Derek, avivando sentimentos que ele nem mesmo sabia haver dentro de si.

Mas havia. E se acumulavam a cada dia em contagem regressiva, feito uma bomba-relógio.

Prestes a explodir.



## TEMPLO DO LEÃO

O GRITO UNIFICADO DE CENTO E NOVE MONGES reverberou por colunas arredondadas e desenhou o vento na forma de um furacão. Pelo caminho tocou mentes tranquilas e respirações controladas. Aquele era um templo de estudo e disciplina, onde o agitado se sentia perdido ou isolado. Não havia descanso nos rostos em repouso; por outro lado, também não havia ansiedade nos semblantes.

O monumento principal tratava-se de um edifício de cinquenta metros, de arenito cor-de-rosa e mármore branco, localizado no declive de um monte rochoso. Decorada com colunas talhadas em pedras e vitrais posicionados para receber a luz das estrelas, a construção se apoiava em cento e quarenta e oito estátuas de dragões na parte externa, com três salas situadas ao lado de dois grandes reservatórios de água na parte interna. Ao seu redor, quatro imensos terraços quadrangulares erguidos sobre prédios gêmeos de arquitetura abobadada serviam como locais sagrados para o treinamento de monges disciplinados.

As bases retangulares representavam a terra. As formas arredondadas, o céu.

Arquiteturas simétricas reverenciavam a luz oriunda de um mundo de três luas, onde discípulos conduziam estudos de astronomia. Ao amanhecer, corpos em treinamentos físico e espiritual se purificavam à luz solar ou na água da chuva. Ao anoitecer, praticavam o estudo das posições, movimentações e constituições dos corpos celestes. Diversas variações de lunetas astronômicas tomavam o edifício e os terraços ao redor, servindo para anotações científicas relativas ao brilho produzido pelo hidrogênio fundido no núcleo de corpos luminosos.

Nem sempre naquele mundo homens paravam para observar coisas assim com tanta metodologia. Mas aquela era a construção mais impressionante de toda a pequena cidade de Taremu.

Era o Templo do Leão.



## ARENA DE QUATRO CANTOS

– Primeiro comando – ressoou uma voz autoritária.

Centos e cinquenta e oito pessoas vestidas com as mesmas túnicas leves de

cores alaranjadas, e portando bastões de bambu, posicionaram-se com o pé direito para trás, erguendo as armas. Uma característica que Ashanti percebia em Taremu: as pessoas eram abundantemente peludas. Não se tratava apenas do cabelo cheio; os pelos dos braços também lhes cobriam toda a pele e mesmo as mulheres de Taremu exibiam bigodes e tufo nas orelhas, no nariz, nas costas e nos pés. O povo contemplava estrelas e criaturas aladas. Seus troncos e entradas de mosteiros faziam referências a leões, tigres e ursos, e seus quadros pintavam guerras entre demônios e homens-feras.

– Segundo comando – ordenou a voz.

As pontas de cento e cinquenta e oito bastões foram projetadas para a frente em um golpe na altura do coração de um inimigo imaginário. Cada movimento era acompanhado por um grito.

– Terceiro comando.

As mãos correram para as pontas, posicionando os bastões na vertical à frente, como espadas. Mais uma vez eles foram erguidos.

– E morte.

Os bastões desceram como uma lâmina na cabeça do adversário imaginário, ao som de um rugido.

– Posição...

O grupo retornou à posição original de preparação. O sol castigava o suficiente para fazer mãos suarem e dificultar a visão, mas todos continuavam, ainda assim, afinal o sol que castigava um treinamento fazia o mesmo a um campo de guerra. Aquela era a quinquagésima vez consecutiva naquele dia em que repetiam a sequência.

– Arena de quatro cantos.

Cento e cinquenta e oito pessoas correram e se espalharam de maneira equidistante pelas bordas do quadrilátero em posições de sentido. Quem comandava o treinamento era um homem na casa dos quarenta anos, de rosto esticado, nariz adunco e sobrancelhas grossas. Tinha cabelos, de tom castanho, que desciam volumosos e desgrenhados até as costas e uma eterna expressão insatisfeita. Vestia uma túnica sobreposta por um manto cortado na altura do peito. As mãos sem luvas estavam colocadas para trás. Sapatos de couro abertos cobriam os pés.

Ele era o príncipe Rōgga Maru II e o único herdeiro do rei ancião Maru I.

– Cada golpe... – iniciou ele a frase, sem a pretensão de concluí-la.

– ... um piscar – respondeu o coro, como se fossem soldados em vez de monges.

– Cada ação...

– ... um fecho de luz.

– Ao sol...

– ... não nos veem.

- Nas sombras...
- ... só veem nosso rastro muito tempo depois.
- Quando unidos...
- ... uma constelação.
- Quando isolados...
- ... uma supernova.

Houve uma pausa. Pareciam esperar tudo o que corria naquele grito conjunto se disseminar pelo silêncio.

E então o comando:

- Segunda hierarquia...

Trinta e três das cento e cinquenta e oito pessoas deram um passo à frente. Com exceção de duas pequenas fitas no ombro direito, quase nada os diferenciava dos que permaneceram imóveis.

- Combate por um.

Cada um dos homens de segunda hierarquia imediatamente apontou para dois escolhidos no meio dos outros, que tomaram posição de sentido ao lado deles. Os escolhidos eram os melhores do treinamento do dia, julgados pelos de segunda hierarquia para competir pela *glória* do treino em questão. Normalmente eram sempre as mesmas escolhas, com algumas exceções. Naquele dia, uma dessas exceções concentrava a atenção de todo o grupo de guerreiros dedicados, e com total fundamento.

Eram cento e cinquenta e oito pessoas.

Cento e trinta homens.

Vinte e oito mulheres.

Uma única negra.



– Digladio um por um – comandou o príncipe Rögga.

Dois dos escolhidos se posicionaram no centro, cada um segurando de maneira própria o bastão. A um comando do tutor de segunda hierarquia, se cumprimentaram unindo dois punhos fechados e acenando com a cabeça. Um era baixo e de ombros fortes, com tufos no topo do crânio. O outro era mais alto, esguio e com a cabeça inteiramente raspada. O mais baixo atacou primeiro, segurando sua arma pela base na vertical, como uma espada. O mais alto se defendeu, prendendo a arma pelo centro. O menor avançou novamente. O careca bloqueou com as pontas da arma um, dois, três ataques. Depois se

esquivou uma, duas, três vezes. E então o mais alto subitamente girou o bastão rente ao chão e viu o mais baixo saltar, erguendo o bambu, que desceu como um machado. Por reflexo, o mais alto ergueu seu bastão com as mãos afastadas. A pancada foi tão violenta, que a arma se partiu. O mais baixo por um momento travou, observando o estrago feito na arma inimiga, e esse vacilo foi crucial. Com uma metade do bambu original em cada mão, o mais alto aproveitou a hesitação do adversário e partiu para cima do menor com uma série de golpes que lembravam um tocador de bumbo em uma passagem acelerada. O adversário foi atingido na clavícula, no pescoço, no queixo, no topo do crânio, na omoplata e, por último, no rosto, e tombou de maneira tosca e sem emoção, finalizando a luta.

Quando o monge de segunda hierarquia sinalizou o fim da batalha, outros retiraram o derrotado. Ao vencedor foi entregue um novo bambu e ele aguardou o próximo convocado. Um dos monges pretendia chamar um segundo com uma marca de nascença na bochecha, mas, ao olhar para o príncipe, percebeu que não era esse seu desejo e desistiu da escolha. E então se virou para a jovem negra escolhida entre a elite daquele dia e chamou-a para o centro.

Aquela era a primeira vez que a menina entrava na arena.

– Digladio um por um... – voltou a ordenar o príncipe.

Era inevitável que as atenções se voltassem para ela. A aparência já destoava de longe dos cidadãos de Taremu, um povo cuja pele variava entre o caucasiano e o oliva. A mulher tinha cabelos crespos escuros e longos com mechas descoloridas. Suas tranças finas eram feitas de torções planas desde a raiz, e o coque impedia as tranças bicolores de caírem pelas costas. Os músculos definidos lembravam desenhos anatômicos de uma atleta. Braços fortes em um tronco composto por seios pequenos e abdômen trincado se aliavam a pernas de coxas grossas e panturrilhas desenvolvidas.

Entretanto, ainda havia mais.

Muito além da aparência exótica, a jovem era famosa por ter sido resgatada por caçadores locais. Suas lembranças se resumiam a eventos sem linearidade ou lógica aparente, vez ou outra descambando para alucinações de realidades esquizofrênicas. Parecia ter entre dezoito e vinte anos. Sua linguagem não encontrava paralelo mesmo nas escrituras pouco estudadas e ela não parecia reconhecer nenhuma das manifestações culturais mais básicas, como cantigas de ninar ou jogos de crianças. De concreto, entregava de volta apenas um nome: Ashanti.

Levada à família real e aos seus estudiosos mais sábios, por trás de tais histórias fantásticas, os monges de Taremu descobriram uma jovem vivaz e disposta a abraçar uma nova realidade com coragem incomum aos perdidos. E era aí que entrava a terceira característica que despertava atenção e surpresa nos presentes: a inteligência incomum. De fato, os habitantes de Taremu abraçavam

os estudos e a vida científica. Estavam acostumados com o treinamento para guerra, e mais ainda com estudos astronômicos. Era, portanto, uma cidade de pessoas de inteligência desenvolvida e um local de ciência, onde a recém-chegada era motivo de espanto.

O mais curioso era que nada do que ensinavam a ela parecia se perder. Fosse frases, cerimônias, culturas, palavras; nada caía no esquecimento da forasteira. Se houvesse sido encontrada em um local de população mais rústica, a jovem provavelmente seria confundida com uma enviada de demônios e queimada em fogueira. Como fora descoberta por um povo mais culto, seus sábios compreenderam rapidamente o fenômeno.

A menina era dotada de uma espantosa memória eidética.

Alguns dos monges afirmaram que havia relatos de pessoas que desenvolveram habilidade semelhante após acordarem de traumas violentos. Levantaram a hipótese de um espírito diferente tomar o corpo acidentado na volta da consciência, mas essa teoria não foi sustentada por muito tempo. Ninguém comentou a possibilidade de bruxaria.

Acidental ou proposadamente, a forasteira era um fenômeno. O idioma local fora dominado em algumas noites de prática e a cultura, absorvida como uma esponja. A ânsia de aprender, contudo, em determinado momento chegou a assustar os monges. De garota indefesa, tentando compreender uma realidade que lhe parecia alienígena, ela se transformou numa jovem voraz por conhecimento; num monstro consumidor de palavras e ações. Ashanti virava noites sem dormir, lendo livros que não deveria entender. Ao conhecer a parte marcial do treinamento dos monges, *algo mais* dentro dela pareceu despertar, até o príncipe Rögga aceitar seus suplicios para que permitisse sua presença nos treinos físicos. Um treinamento em que aos poucos começou a se destacar.

E chegava àquele momento.

– Cumprimento... – ordenou o monge de segunda hierarquia.

Ashanti e o adversário mais alto uniram os punhos fechados e fizeram um sinal com a cabeça.

– Posição...

O mais alto assumiu a mesma postura anterior de combate. Ashanti permaneceu em pé, ainda como um guarda em posição de sentido.

– E glória!

O mais alto gingou um pouco para o lado, esperando Ashanti se posicionar. Ela permaneceu imóvel, a postura ereta, o bastão paralelo ao corpo tocando o chão, e o olhar fixo. O adversário careca bambeou mais um pouco, e, parecendo irritado pela inércia da adversária, se aproximou, prestes a desferir o primeiro golpe.

Foi quando o bastão de Ashanti girou.

A velocidade foi assombrosa. Círculos concêntricos dançaram um borrão à

frente, às costas e acima do corpo negro bailando em direção ao opositor. O monge careca travou por um momento, hipnotizado pela beleza dos movimentos, e então os olhos viram o corpo da menina rodopiar, o bastão dançar mais dois ou três símbolos infinitos e o som de um estrondo lhe estourar a cabeça. Quando voltou a escutar o som das vozes, estava no chão com outros monges tentando erguê-lo, sem a arma e buscando entender como há alguns segundos estava de pé. Na primeira tentativa de andar, voltou a estremecer e tombou novamente diante de homens surpresos.

De joelhos, aguardando instruções como bem já havia aprendido, Ashanti se mantinha concentrada, observando outros cuidarem do adversário nocauteado. Ao retirarem-no da arena, a voz do príncipe Rögga tomou o ambiente:

– Digladio um por dois...

Escondendo certa surpresa, o monge de segunda hierarquia convocou outros dois escolhidos, posicionando-os de frente para a jovem. Um era um monge arredondado e barbudo, com uma flexibilidade que parecia incompatível com a forma física. O físico do outro, por sua vez, era perfeito, mas um hematoma ao redor de um dos olhos indicava a perda de uma das vistas em combate.

Mais uma vez o cumprimento. E a tomada de posição.

– E glória!

Ashanti avançou sem esperar dessa vez. O bastão foi desenhando miragens no ar em giros concêntricos, alternando em bases que um estudante deveria levar meses para aprender. Com experiência em combate de duplas, o monge mais gordo lançou um golpe de varredura em meia-lua na altura da cabeça pela esquerda, enquanto o caolho lançou o mesmo golpe em direção aos joelhos pela direita. Ambos vieram ao mesmo tempo, de maneira que seria impossível bloquear os dois.

Foi quando Ashanti interrompeu os giros da arma, abraçou-a e girou o próprio corpo.

O salto foi uma das coisas mais sobrenaturais já vistas naquela arena. Abraçada à arma, erguendo um dos pés e depois o outro, a jovem saltou na altura do tronco e passou no meio das varreduras rodopiando na horizontal, como um peão. Monges sentados arregalaram os olhos. E então o bastão da menina, já sustentado no centro pelas palmas, atacou com as pontas. Desnorteados, os monges defenderam golpes que vieram por cima, por baixo, por cima, por cima, por cima, por baixo, por cima... O monge caolho sentiu dor no joelho do mesmo lado que era cego. O monge barbudo girou junto com a arma em outra violenta varredura na altura da cabeça da adversária. E Ashanti girou, agachando-se ao desferir um golpe semelhante por baixo.

Com isso a menina arrancou do chão as duas pernas do monge mais gordo, que tombou para a frente como um saco de batatas despencando de uma prateleira. Ignorando o adversário caído, Ashanti partiu para cima do caolho já

ferido. Os bastões se cruzaram uma, duas, três, quatro vezes; o caolho fez uma finta para trás e então avançou como um espadachim. Ashanti apoiou o bastão no chão e girou em torno dele em uma meia-lua de ponta-cabeça, parando atrás do adversário. Foi quando a arma girou no ar mais uma vez e estalou no rosto do caolho ferido, também jogado ao chão.

– Já basta... – ordenou o príncipe Rögga.

Os monges se ergueram. Ashanti se colocou diante do príncipe e uniu as mãos fechadas. O príncipe fez o mesmo e consagrou:

– Glória!

O aceno com a cabeça foi feito. Todos os outros monges repetiram o sinal e, na direção de Ashanti, a expressão. *Glória*. Por um momento ela se manteve de pé em expressão segura, de quem estava levando aquele treinamento a sério. Os mais próximos poderiam jurar que havia em um canto dos lábios um sorriso sem limites, de quem começava a adorar aquilo tudo de maneira imprudente demais.



## MINAS DRACÔNICAS

- HÁ UM PADRÃO; SE QUEBRÁSSEMOS ESSE PADRÃO, traríamos o caos...
- analisou Derek para si um dia, sem pretensão.

O dia que se seguiu a tal conclusão deveria ter obedecido o padrão e a rotina caoticamente organizados da escravidão dracônica. Entretanto, a rotina foi quebrada por uma presença inimaginável de que Derek jamais se esqueceu.

Foi a primeira vez em que viu o ser conhecido como o demônio-rei.



PERCEBIA-SE QUE HAVIA ALGO DIFERENTE na execução dos trabalhos escravos. Talvez a luz trêmula das lamparinas dançasse de maneira mais esquiva, distorcendo a noção de espaço físico de seres já exaustos devido a trabalho, tortura, estresse, calor e fedor. Talvez algo estivesse diferente, talvez apenas ampliado. Havia mais silêncio que o habitual, mesmo entre os dracônicos. O incômodo grudava junto com o suor, e, mesmo quando o chicote estalava nas costas de um anão, parecia fazê-lo não mais como dominação, mas uma liberação de tensão crescente por parte dos dominadores. Era curioso para Derek reconhecer um sentimento como aquele em seres tão bestiais.

Até mesmo nos dracônicos era reconhecível o poder do medo.

Naquele dia, a rotina já tinha se alterado com a morte de um gigante debilitado, surrado após um tropeço. Era um acontecimento incomum. Naquele lugar, anões morriam frequentemente. Gigantes, não. A raça anã era mão de obra dispensável e de fácil reposição, aproveitada para trabalhos menores. Gigantes eram mais raros, responsáveis pelos trabalhos mais pesados. Um dracônico matar um espécime daquela maneira apenas evidenciava a crise no sistema nervoso da raça, que mais parecia agir como um grupo irracional do que como indivíduos conscientes.

Foi quando o dracônico de capa e elmo oval, responsável pela chave de cinco pontas, abriu os portões das Minas Dracônicas.

E o demônio entrou.

De longe, notava-se a altura descomunal e o corpo esquelético de anatomia repugnante. O caminhar era sem ruído e a criatura mal tocava o chão,

lembrando um fantasma. As patas dianteiras eram descoradas, com unhas retorcidas feito garras, protegidas por argolas de adorno. Quando próximo, percebiam-se artérias pulsando com um sangue gélido e tóxico, por debaixo de uma vestimenta escamosa e orgânica, que parecia viva. A indumentária apenas reforçava a repulsa provocada pela face demoníaca com três olhos sem pupila. O traje era composto por ombreiras pretas, mas uma observação mais desvelada indicava tratar-se de trechos de um exoesqueleto constituído por membranas de estrutura tubuliforme, que ligava a caixa torácica a asas negras. A aversão maior, no entanto, era provocada pelas nervuras ao longo dos apêndices membranosos, cujos riscados tortos seria preferível esquecer. As partes que não estavam cobertas exibiam feridas abertas, como se um cirurgião tivesse cortado diversos trechos e esquecido de costurá-los. A imagem era de embulhar o estômago.

A parte mais macabra, contudo, era a face morta.

Destituída de pelos e com uma coloração albina quase sem vida, sua brancura excessiva realçava a escuridão dos três olhos sem íris nem pupila. As escleras eram acinzentadas e com riscados negros que lembravam veias estouradas, mesmo no olho posicionado na testa. O nariz era apenas uma elevação óssea cheia de cortes e sangue seco. O desenho dos ossos era alongado, sem carne. A pele ressecada parecia sugada por dentro, resultando em feridas abertas como se a epiderme houvesse se rasgado. Por fim, os lábios pretos escondiam dentes cariados em forma de farpas, como presas de vampiros, dando um tom ainda mais bizarro à figura sem sentido.

Outro detalhe era o fedor que o acompanhava.

Era o mesmo que os mortos exalavam após dias sem enterro. Assemelhava-se à mistura de ácidos graxos que causava repulsa aos vivos. Um cheiro de putrefação, de carne morta, cuja inspiração passava a impressão nauseabunda de se sentir o gosto. Não à toa, durante sua passagem alguns anões vomitaram a pouca comida que haviam conseguido ingerir. O resultado foi o espancamento a pauladas de dracônicos furiosos e temerosos, que misturavam ao vômito novos rastros de sangue dos escravos.

Ao lado da entidade hedionda, caminhava uma mulher que arrastava sombras.

Os cabelos desciam até os pés e eram tão escuros que pareciam uma capa. Os olhos felinos e de íris vermelhas se destacavam no rosto pálido. O corpo estava coberto por um espartilho com presas laterais de escamas, unido a uma saia que descia até o chão lambendo pedaços de escuridão. Pequenas correntes se conectavam ao longo do espartilho, e também a braceletes que cobriam os antebraços. Trazia um corvo em cada ombro, e asas com espinhos brotavam de trechos das costas ocultas pelos cabelos.

A primeira coisa que se percebia na presença de seres como aqueles era a tensão. A garganta engasgava e a saliva dava a impressão de ter se tornado terra. A respiração ficava suspensa. O sangue gelava. A visão do mundo de repente se

retorcia.

Depois vinha a inação. Os presentes simplesmente não agiam nem reagiam, e os que o conseguiam eram lacaios, escravos ou heróis. Mesmo quando havia uma ordem imposta por uma voz rouca, ela era seguida inicialmente por um momento de hesitação.

Por último, vinha a morbidez. Não importava o quão vívido o ambiente fosse, no momento em que aquelas entidades entravam, traziam a própria definição de fúnebre. A surpresa final eram os dois dracônicos que faziam a escolta. A princípio, pareceram idênticos aos outros, tanto na formação biológica monstruosa quanto nas vestimentas. Entretanto, um deles carregava uma arma ainda não vista por Derek até aquele momento. Arma de fogo com cano raiado. Rifle de assalto, pesado, *hi-tech*. Seu tamanho e desenho destoavam daquele cenário e eram tão diferentes de qualquer outro que já tivesse visto, que ele se perguntou *de quem* aquelas criaturas haviam tirado aquilo.

Paralisado, Derek tentava se manter de pé, apesar de bambejar de tensão. Sentia os meninos tentando conter o choro. Ele nunca soube se foi verdade ou fruto de sua imaginação, mas podia jurar que o demônio, ao passar por ele, o encarou com olhar negro-escarlate e tentou sugar qualquer resto de pureza que ainda houvesse em sua alma.

Mas não conseguiu.

– Dart agahi, kai Asteroph! – Foi o que Derek compreendeu do que o dracônico de capa comunicou à entrada do demônio.

Aquilo foi repetido mais algumas vezes, e ele entendeu que era como chamavam o demônio. *Asteroph*. O demônio feminino que o acompanhava caminhou até alguns dos galões onde armazenavam sangue e bebeu um pouco. Sorriu para ele com o rosto ainda manchado. Asteroph pareceu gostar daquilo. O conteúdo era diferente em cada galão, de acordo com o corpo do qual o sangue fora retirado – a cor das escamas definia também a tonalidade do sangue. Asteroph provou alguns e fez um sinal para os seus.

Não foi preciso muito para que os seres reptilianos entrassem em ação, uma vez passado o momento de hesitação. Os barris selecionados foram carregados nas costas por dracônicos. O inesperado, contudo, foi que os cadáveres dos dragões *também* foram levados, carregados por gigantes à base de chicotadas.

Antes de deixar o lugar, contudo, o demônio olhou mais uma vez para Derek – no que lhe pareceu uma segunda tentativa de corrompê-lo. Talvez ali ele tivesse caído. Foi quando sentiu um toque, e descobriu ao seu lado os pequenos humanoides Katar e Ono segurando suas mãos, como se nutrissem por ele certa afeição. Havia lágrimas naqueles rostos cinzentos, e só então ele descobriu que aquela raça também podia chorar. E a pureza do choro infantil era suficiente para ajudar um homem a negar um segundo chamado às trevas. A recusa trouxe

um sorriso curto e debochado à face albina, e o demônio seguiu seu rumo.

– Halli khan, hidler-kai Asteroph... – Derek ouviu o nome pela última vez.

*Hidler-Kai Asteroph.* Para um humano, o idioma bárbaro dracônico seria um dos desafios mais difíceis. Aquela expressão, entretanto, não derivava de um idioma rudimentar, mas de uma linguagem mais culta. Mais rica. Uma linguagem com estrutura compreensível. Uma linguagem que versava sobre um demônio vivo.

Um demônio que servia às sombras e à morte. Um demônio que punia e castigava.

Um demônio-*rei*.

As portas se abriram e os demoníacos levaram os galões de sangue. O silêncio se manteve. As portas se fecharam. A rotina daquele local, porém, jamais seria a mesma. Homens simplesmente não tinham reação diante da presença de demônios como aqueles, e os que conseguiam reagir costumavam ser chamados de lacaios, escravos ou heróis. Derek não desejava ser nenhum dos três. Mas teria de se tornar ao menos um.



NAQUELA NOITE, NÃO HOUVE SONO. Fossem homens, anões, gigantes ou crianças, nenhum daqueles prisioneiros conseguiu fechar os olhos. Havia silêncio, choro contido e odores de carne morta ainda grudados em suas roupas encardidas, fazendo com que se sentissem sujos de dentro para fora. Até mesmo os dracônicos, de uma maneira própria e menos visível, aparentavam assim. Afinal, naquela noite, e em todas em que visitas como aquelas aconteciam, mesmo eles pareciam pouco à vontade para fechar os olhos e relaxar. A preocupação era justificada.

A escuridão sempre poderia trazer faces de demônios albinos.

Ou sombras que se arrastavam.

Pela manhã, ou no que julgavam ser a manhã, já que nunca se via a luz do sol, eles foram acordados. Mais uma vez, receberam as ferramentas, as algemas, os tapas, as pauladas e o estalar de chicotes. O som dos vagões se arrastando sobre trilhos continuou a ecoar, esbarrando em lamentos por juntas estaladas e punições mais severas.

Derek marretava um dente na bocarra aberta de um cadáver colossal, sem a certeza do que estava fazendo. A mente se focava nas crianças e no destino

inimaginável do homem que lhes representava algum sopro de esperança naquele lugar de sentimentos vazios. E então ele se lembrava da reação das crianças, e da reação exercida nele pela pureza de seu choro, e sentia que mesmo em um local vazio era possível encontrar forças para conferir sentido à existência.

Pensava nisso quando os portões das Minas Dracônicas foram novamente abertos. Acompanhado de grotescas criaturas-sapos bípedes, o dracônico de capa e elmo oval com espinhos entrou, escoltado pelo que carregava o rifle de assalto.

– Doki, doki! – gritou o dracônico para outros dois subordinados, que foram na direção das crianças de pele cinza.

Em choque, as crianças mais uma vez correram e se posicionaram atrás de Derek, como se ele pudesse defendê-las.

– Koch doki? – perguntou um subordinado ao dracônico líder. Ele pareceu pensativo, na medida em que dracônicos podem dar essa impressão, e apontou para um dos escravos.

Os meninos e a fêmea começaram a gemer quando os outros dois bestiais pegaram o cinzento pelo braço e começaram a arrastá-lo para fora dali. Ono, o mais alto, avançou sobre um dos dracônicos e tentou soltar sua mão do irmão, mas levou um chute entre as costelas e caiu com a cara no chão. A fêmea Ogara começou a bradar em uma linguagem desconhecida. O casal de olhos puxados manteve o olhar baixo. O de pele negra fitou os de Derek, sem reação emotiva. O próprio Derek sabia que deveria manter a mesma distância; entretanto, em um cenário de tão pouco, a possibilidade da perda daquelas crianças o incitou.

Sentiu o coração acelerar quando percebeu Katar se abaixar e apANHAR um pedregulho.

– Não! Não! Não, Katar! – gritou ele, já tarde demais.

O pedaço de basalto alcançou velocidade considerável, provocando muitas sensações, e nenhuma positiva.

O impacto se deu contra o elmo oval do líder dracônico. O corpo do reptiliano foi projetado bruscamente para a frente, fazendo-o cambalear e rosnar em fúria. Ao se virar, os olhos estavam vermelhos, as pupilas dilatadas transbordando sangue.

– Shandar! Shandar! – começou a pronunciar Derek em tom nervoso, jogando sua marreta no chão, mostrando as mãos vazias e tomando a frente do humanoide infantil. – Huray! Huray! Huray! – gritava, apontando para o dracônico.

Com o olhar fixo em seu agressor, o reptiliano atirou Derek para fora do caminho de forma bruta. A outra mão ergueu o chicote. A criança fechou os olhos, aguardando o primeiro golpe. E no momento em que o couro trançado se preparou para marcar o corpo infantil, o punho subitamente foi travado.

Por uma mão humana.

– Huray! – repetiu Derek, diante do líder dracônico, ainda mais atônito pela própria ousadia.

A mão ainda livre do reptiliano correu em um ângulo semicircular, explodindo em um murro. O soldado caiu de joelhos e viu o próprio sangue manchar o chão onde se ajoelhava. A fêmea avançou, no desespero de ver a prole ameaçada. A mão reptiliana ergueu o chicote mais uma vez.

Foi o momento em que a marreta antes caída girou furiosa nas mãos de Derek. E quebrou com brutalidade a mandíbula do líder das Minas Dracônicas.



O MOMENTO QUE SE SEGUIU lembrava a hesitação que acompanha a passagem de um demônio. Os presentes, independentemente de raça ou tamanho, permaneceram quietos e imóveis, tentando apreender a nova realidade após tantos dias confinados à rotina. Aquela janela duraria poucos segundos. Era o tempo que Derek teria para se decidir por reagir como um laçao, um escravo ou um herói. Por um momento ele se sentiu observado por toda a mina.

Observado por anões magricelos e gigantes de coleira.

Observado por humanos que baixavam os olhos.

E crianças que erguiam a cabeça.

– Doki! Doki! Doki! – gritou Derek para os escravos ao redor, como um homem que continua sem acreditar no que está fazendo, mas não pode voltar atrás.

Saindo do estado de choque, os outros dois dracônicos largaram o menino e avançaram com afobação na direção de Derek, erguendo porretes e facas. A marreta girou mais uma vez, descendo sobre a clavícula do primeiro. O segundo o teria matado, mas, quando Derek se virou para ele, o viu dominado pelo homem negro, no mesmo chão manchado de sangue e vômito de escravos.

Então Derek se concentrou no reptiliano que portava a única arma de fogo ali. Um dos gigantes havia acertado a criatura enquanto ela tentava destravar a arma. O rifle caiu entre Derek e o dracônico de mandíbula quebrada. Ambos partiram na direção da arma, saltaram e agarraram-na ao mesmo tempo, erguendo-a cada um por uma extremidade, como em um cabo de guerra.

Para seu azar, Derek viu que segurava o lado com o cano.

O gatilho foi apertado, e o som da criatura indicou a frustração ao perceber a trava. Por um instinto, o soldado fez um movimento brusco e a coronha se chocou contra a mandíbula quebrada do reptiliano, que urrou e se encolheu para

trás. Derek girou a arma, apontando-a para o ser monstruoso. Seguindo a intuição militar e contando com um pouco de sorte, conseguiu destravar o mecanismo. O ser monstruoso avançou. Ele mirou a cabeça do reptiliano. E disparou.

Foi assim que pedaços de pele e cérebro, pelo chamuscado e um jorro de sangue frio se espalharam pelo cenário.

Diante da situação inusitada, outros também foram tomados pela loucura temporária. Um dos dracônicos tentou girar o bastão que apertava a gargantilha dos gigantes, mas um escravo cruzou as correntes de suas algemas ao redor do pescoço do monstro e apertou até que não lhe restasse vida. Anões antes fracos e debilitados de repente foram tomados por uma fúria inesperada e partiram com picaretas, marretas ou o que quer que pudesse lhes servir de arma para cima de seres que há poucos instantes os subjugavam. Muitos foram chutados para longe por dracônicos cinco vezes maiores, e alguns ossos se partiram em ângulos tão anormais, que se expuseram, rasgando a epiderme. Mãos pequenas continuaram a agitar as picaretas, mas naquele momento perfuravam pés e tendões de bestas, que tombaram de joelhos até ficarem da mesma altura dos anões. O humano de olhos puxados tentou proteger sua mulher de um dos reptilianos, mas a um homem há tanto tempo acostumado à submissão restava apenas a morte no combate desigual. Ao ver o pescoço do amado partido por dedos bestiais fortes, a mulher entrou em colapso e avançou com mais fúria do que o marido demonstrara antes da morte.

Foi assim que ela também morreu, a cabeça esmagada contra um dos trilhos.

Anões jogaram pedregulhos em cima do dracônico que assassinara os humanos, e ele escorregou quando uma delas lhe acertou a vista. Antes que se recuperasse, anões empurraram com violência um dos vagões de metal em cima da besta: e foi esta a última visão do caído, cuja cabeça tombara entre os trilhos.

Gigantes sentiram costelas perfuradas por aço afiado, mas, antes de tombarem, tentaram arrastar algozes para o que quer que acreditassem haver depois da morte. Um deles arrancou um dos lampiões da haste na parede e o cravou na face de um dos opressores, rasgando a pele inimiga com estilhaços de vidro. Um dracônico solitário afundou a cabeça de um dos anões dentro da água fervente de um caldeirão. Dois gigantes já libertos de suas algemas viraram a criatura por completo no mesmo caldeirão.

Dezenas de dracônicos surpreendidos de repente começaram a tombar como se nunca houvessem dominado. Assustados com a reação, soldados anfíbios fecharam o portão que levava ao exterior, mas mesmo assim conseguiram ouvir os sons de ossos se quebrando, algemas se abrindo, pés correndo, aço perfurando carne, couro trançado estalando seguido de gritos bestiais, o chiado de corpos mergulhados em água fervente e o estilhaçar de carnes ao som de rifle pesado. O imenso caldeirão central foi virado pelos anões sem motivo, muito mais como

um símbolo do que uma necessidade, espalhando sangue no chão. O caos quebrou o padrão da rotina, e, quando se deu conta, Derek estava parado no centro de uma mina silenciosa e sem comando, segurando um rifle de assalto *hi-tech* em uma das mãos e uma chave com cinco pontas na outra.

As atenções se concentraram nele. E foi da boca de uma das crianças cinzentas que nasceu o primeiro grito:

– Huray! – gritou Katar uma primeira vez, apontando para ele. E então gritou uma segunda. E então o irmão o ajudou a gritar a terceira.

Anões começaram a fazer um som cadenciado, batendo o metal de segundo em segundo no chão e o grito ecoou como se o mundo de fato tivesse um propósito:

– Huray! Huray! Huray! Huray! – gritavam para um Derek sujo, cansado e satisfeito. Um soldado que sabia que em pouco tempo aquelas minas seriam invadidas por dracônicos suficientes para massacrar todos os escravos em rebelião, e que tentar fugir daquele local também seria uma missão suicida.

Um homem que já não se importava mais com a falta de sentido do mundo. E que *talvez* começasse a analisar a ideia de que todas as coisas tinham de ter um propósito.

Inclusive a chegada dele até aquele lugar.

A chave com cinco pontas foi encaixada na brecha da parede de pedra. Uma luz esverdeada começou a pulsar e se esgueirou por toda estrutura dos portões em ramificações que lembravam afluentes em um mapa fluvial. Quando o desenho da luz se formou na fechadura, duas entradas se separaram e, pela primeira vez, como há muito tempo não se fazia, os portões das Minas Dracônicas foram abertos por seres que se acreditavam libertos. Seres anfíbios gordos de pele azulada esperavam do outro lado em posições grotescas, com lanças apontadas na direção da entrada. Quando o primeiro perdeu um olho junto com a metade do rosto sob o disparo de uma arma de calibre grosso, contudo, começaram a saltar na direção oposta, emitindo coaxos. Gigantes, anões, humanos e seres de pele cinzenta correram gritando como insanos. A luz nos corredores se mantinha pela queima de algumas tochas, gerando tantas sombras de tamanhos variados que impediam uma noção adequada do espaço. As minas tinham túneis complicados demais para um humano aprender rapidamente o caminho, impossíveis para um gigante, mas facilmente adaptáveis ao instinto de um anão. Seguindo os pequenos seres por bifurcações mal-iluminadas e corpos de inimigos que decidiram lutar até o fim, os rebeldes correram.

Alguns gigantes resolveram não seguir os anões, e sim o próprio instinto, correndo por outros corredores que os levaram a lanças de anfíbios unidas a reforços de dracônicos. Os que seguiram os anões acabaram pelos corredores mais escuros, mas que, curiosamente, pareciam mais seguros.

– O que são essas coisas? – perguntou Derek, como se alguém pudesse entendê-lo. Ao redor, havia diversas portas fechadas, com breu no interior. De algum lugar longínquo parecia ecoar o barulho de água.

Ele colocou a face diante de uma das janelas de uma das portas. Um vulto rastejou lá dentro. E então ele sentiu um hálito de carne morta se afastar antes de um ser de um olho só avançar, quase lhe arrancando um pedaço da face. As crianças puxaram-no na direção dos anões. Eles se abaixavam e tateavam o escuro, arrancando coisas que pareciam dizer-lhes algo, mesmo na escuridão. Ao fundo escutava-se o som de gigantes quebrando ossos de anfíbios e morrendo sob as lâminas de dracônicos.

Sons cada vez mais próximos.

– Rápido... rápido... – implorou ele, quando o último anão fez força para liberar algo que olhos humanos não teriam conseguido identificar.

A entrada de um sistema hidráulico.

O normal seria aqueles canos servirem de passagem para água fervente misturada com restos de ossos e minérios. Mas *aquela* sistema era oriundo de uma sala onde escravos rebeldes haviam matado seus dominadores. E onde anões haviam tombado caldeirões de sangue.

O primeiro anão se pôs a engatinhar para dentro do sistema. O segundo fez o mesmo. Quando o terceiro também entrava, Derek o interrompeu e gritou:

– Doki! Doki! – apontando para as crianças.

Os anões, talvez mais para evitar o atraso de uma discussão que por consciência, permitiram que as crianças avançassem primeiro. Derek manteve-se de vigília com o rifle e o coração nas mãos. Pela primeira vez, percebeu outro traço característico daqueles seres pequenos: na parte de trás da cabeça, na altura do bulbo, todos possuíam uma espécie de cicatriz, como se tivessem sido perfurados, e o local cicatrizado com fogo. Voltou a se concentrar nos arredores. Ele teria de ser o último, correndo o risco de ficar entalado. O som da água continua ainda a atraía. Parou um dos anões, fez sinal tocando o indicador várias vezes na orelha para pedir explicações sobre o barulho de tanta água.

O anão pareceu compreendê-lo e respondeu:

– Mirray! – Ele fez um sinal com os dedos pequeninos, como se eles estivessem saltando e dançando sobre a outra pequena palma. – Mirray...

Derek não compreendeu. O som das mortes chegou até o corredor e ambos viram dezenas de dracônicos se aproximarem com lanças em punho. No momento em que iria saltar sobre o buraco, ele escutou um grito diferente em meio a tantos outros de um local sofrível. A diferença tinha três motivos.

O primeiro: era um grito em seu idioma.

O segundo: era um grito feminino.

O terceiro: era um grito por socorro.

O último anão já se abaixara e corraera pelo buraco que o conduziria para fora dali. Uma brecha pequena demais para um humano adulto se espremer rapidamente. Derek observou o corredor sendo tomado por sombras bestiais e então o desespero dos prisioneiros, tão monstruosos quanto dracônicos, que começaram a bater nas celas, socar as portas ou emitir gritos animalescos em resposta ao caos. O curioso era que, mesmo em meio a sons tão diferentes, ele ainda conseguia escutar o som da voz feminina:

– *Me tire daqui... alguém, droga... alguém me tire daqui...*

Em um impulso irracional, Derek usou a coronha da arma e arrebentou o cadeado que segurava a porta mais próxima. Dracônicos pareceram se desesperar com aquilo. E então ele correu para uma segunda porta e destravou as trancas. Estava prestes a abrir a terceira, quando a primeira porta se abriu com um solavanco e de lá pulou uma criatura à qual não deveria ter sido concedida a liberdade.

De costas, parecia uma hiena com pelugem de manchas escuras e uma crina ereta descendo do topo do crânio ao longo do pescoço e ombros, que eram mais altos do que as ancas. Suas orelhas eram arredondadas e desproporcionais ao tamanho da cabeça. De frente, contudo, a imagem era ainda pior. O bicho tinha um corpo esguio, sustentado por patas peludas, que se estendia projetando sua boca grande de verme.

Ele primeiro se virou na direção de Derek, erguendo o pescoço de minhoca, e esticando uma língua que babava algo diferente de saliva. Ao fundo, dracônicos aguardavam o próximo passo. E então o bicho se eriçou, e a pelugem branca arrepiou-se. A boca do verme revelou dentes que lembravam pequenas serras. Derek sentiu as pernas tremerem e tiques nervosos tomarem conta de seu corpo já afogado em adrenalina.

– De pé... de pé... sem cair... sem cair... – dizia ele para si, tentando acreditar.

Foi quando um dos dracônicos deixou cair uma lança. O estrondo atraiu a atenção do verme com patas de cão. O reptiliano escutou o rosnado no primeiro movimento.

No segundo, os dentes já estavam cravados em seu rosto.

Derek entrou na porta mais próxima, acessando uma cela em que uma besta com apenas um olho estava acorrentada. A coronha do rifle bateu duas vezes e destruiu o cadeado. E então o caolho também pôde sair e começar a atacar os dracônicos. Do lado de fora, a primeira criatura deformada saltava de um lado a outro, rasgando dracônicos e fazendo a realidade bestial parecer ainda mais retorcida. Dois dracônicos conseguiram passar por ela e avançaram na direção de Derek.

O primeiro mal sentiu o impacto do projétil lhe tirar metade da face.

O segundo morreu nas mãos do ogro libertado.

Derek continuou se afastando pelos corredores estreitos, destravando trancas e

libertando monstruosidades que deveriam atacá-lo, mas pareciam compreender que não deviam temer um homem que as libertava, apenas matar o resto. Gigantes e outros escravos libertos em outros pontos iam se misturando pelos corredores, causando um empurra-empurra que terminava com corpos caídos e pisoteados. E ao fundo o som da água caindo.

E o grito feminino por socorro.

Derek só foi encontrá-la na última porta. Era uma jovem, talvez quatro ou cinco anos mais nova que ele, presa em uma espécie de berlinda medieval em que estavam presas suas mãos e cabeça.

– Ei, você! Seja você quem for, *nem pense* em me deixar aqui, está me escutando?

Derek fechou a porta da cela atrás de si. Depois se aproximou da mulher, ainda chocada por encontrar alguém que falasse o seu idioma naquele lugar.

– Você... *consegue* me entender? – perguntou ele, devagar.

– Você é um demônio que fala a minha língua? – retrucou ela, sem conseguir observá-lo bem pela cabeça forçada para baixo na tábua de madeira.

– Eu não sou um demônio...

– Então me tire daqui.

Ele observou o corpo machucado da mulher ajoelhada e presa. O que um dia foi uma calça jeans se apresentava rasgada em diversos pontos com marcas de sangue seco, assim como a camisa que virara trapos por cima de um top preto.

– Eles... *machucaram* você? – perguntou ele, com receio da resposta.

– Não da maneira como *acho* que você está pensando! E se eles não conseguiram, você nem pense...

– Já disse que não sou um deles!

– E eu já disse qual é a única maneira de eu acreditar nisso.

O mecanismo foi liberado com um tiro. Quando metade da trave que a imobilizava foi erguida, ela tentou se levantar, mas tombou ao perder o equilíbrio. Derek a segurou antes que ela caísse e, no instinto, ela se enfureceu, tentando se soltar dele.

– Ei! Ei! Eu *não* vou machucar você. Será que dá pra acreditar em mim?

Ela aquiesceu mais uma vez. Lágrimas de raiva limpavam o rosto coberto de sujeira.

– Venha, vamos sair deste lugar... ou ao menos tentar...

As lágrimas dela faziam os joelhos de Derek oscilarem mais do que as bestas e dracônicos armados que se matavam do lado de fora daquela cela. O cabelo que deveria ser loiro estava escuro. Os olhos eram de um verde opaco em meio ao rosto largo e angular. Embora maltratado, era possível notar que o corpo dela possuía músculos e ombros mais largos que os da maioria das mulheres.

Ao fundo, ainda o som de morte. A questão não parecia ser como sair dali, mas de que forma morrer ali. No alto da cela havia um buraco sem grades por

onde entrava uma brisa tão fria que chegava aos ossos.

Foi quando Derek ouviu novamente o barulho da água caindo.

O som que antes buscava. O som milagroso.

O som da chuva.

Ele correu até a janela sem grades, saltou e se debruçou sobre ela. Do lado de fora, a chuva caía forte, como se algum deus estivesse furioso. A princípio, estranhou a falta de grades na janela. Bastou olhar para baixo para compreender.

A queda quebraria o pescoço de *qualquer* ser vivo.

Lá no fundo, todavia, a centenas de metros, localizava-se uma espécie de fosso construído à base de lama, areia e cascalho, desenhado pela ação de erosão eólica e de chuvas torrenciais. Um fosso que acumulava por anos sedimentos de cinzas vulcânicas, e em dias de sol se tornava um chamariz perfeito para suicidas. Mas, em dias de chuva, era uma piscina natural negra de profundidade incalculável.

– Vem... – pediu ele, puxando a mão dela, quando o primeiro dracônico caiu morto na entrada da cela, escancarando a porta.

Ela pegou sua mão como alguém que não se importa de confiar no desconhecido. Derek sentia naquele toque tudo o que havia nela. Toda a raiva, toda a ira, toda a fúria.

– Não olhe para baixo! – gritou ele.

– Essa não é a melhor maneira de impedir alguém de fazer isso – resmungou ela, depois de olhar.

Na porta, o cadáver de um gigante caiu sobre o do dracônico. Dois reptilianos entraram sangrando e perceberam os humanos. Derek atirou mais duas vezes no modo semiautomático e percebeu que não sabia quanto de munição ainda restava, mas era pouco.

Dois dracônicos saltaram sobre os corpos mortos para dentro do recinto, emitiram sons animalescos e avançaram. Derek prendeu a arma nas costas e segurou a mulher com firmeza, ajudando-a a restabelecer o senso de equilíbrio. Fechou os olhos. Sentiu os golpes da chuva. E saltou com ela como no final de um sonho ruim.

Como um soldado saltando de uma aeronave para uma floresta escura.

Como um homem caindo dos céus em um abismo de demônios.

A chuva parecia lavar os ferimentos e valorizar os minutos que antecediam a morte. Seu coração batia acelerado com o peso da responsabilidade por uma mulher que não conhecia. Os corpos caíram violentamente e foram engolfados pela água preta, permanecendo submersos. Ao redor, aquele mundo ainda era batalhas, mortes, caos e libertação. Raças morriam e raças matavam, enquanto forças demoníacas rastejavam por buracos de terra que corrompiam a alma. Tropas formadas por dracônicos antes leais foram abandonadas à própria sorte; aliás, uma metáfora da essência daquele lugar.

Um mundo de raças abandonadas à própria sorte.



QUANDO DEREK EMERGIU, puxando o ar como um homem morto renascendo, o mundo parecia correr devagar. Inteiramente coberto de lama, ele nadou carregando a desconhecida nos braços até uma margem próxima. Aos poucos, conseguiu tocar o chão de terreno irregular e se pôs de pé. Quando o solo se tornou terra e o fosso inundado ficou para trás, ele a colocou sobre o chão e se preparou para iniciar uma massagem cardíaca. Entretanto, ela abriu os olhos sem ajuda.

– Nós conseguimos... – afirmou ele, como se isso compensasse tudo o que havia de estranho ao redor.

A água continuou a cair forte do céu e limpou um pouco da lama que cobria e igualava os dois. Quando o cabelo dela foi exposto, por mais escuro e ensopado que estivesse, ele percebeu os fios claros. Ela deu a Derek seu primeiro sorriso, ainda discreto, mas suficiente para retribuir um pouco do que ele já fizera por ela.

De olhos cerrados, Derek sentiu a chuva lavar a alma. E então sorriu ao compreender o que o anão havia tentado lhe mostrar e não precisava de palavras. Na palma da mão estendida, gotas de chuva dançavam e escorriam pelos dedos abertos.

– Mirray... – repetiu ele em sussurro, observando o fenômeno caindo do céu. – Mirray...

Ao lado de uma desconhecida, o jovem *huray* continuou a sentir as gotas de chuva lhe marcarem o rosto. E então percebeu que as marcas na verdade eram as lágrimas de um homem ainda vivo, observando de longe uma imensidão de cemitérios de dragões.



## CASTELO ESTELAR

– Impressionante o que realizou hoje no quadrado – iniciou o príncipe Rögga.

– Obrigada, alteza – respondeu Ashanti, em algum espaço indefinido entre a alegria e o orgulho.

Ambos estavam sentados a uma mesa de jantar extensa com doze cadeiras, perto de uma lareira de pedra. Rögga e Ashanti sentavam afastados nas cabeceiras, enquanto criados reais traziam vinho, pão, frutas e carne de javali em bandejas de prata descansadas em talhadores de madeira.

– Ainda noto um sotaque singular em sua pronúncia, mas vejo que aprendeu bem o idioma toril.

– Prometo me esforçar para aperfeiçoar minha pronúncia, alteza.

– É espantosa a velocidade com que aprende as coisas por aqui.

– Um espanto compartilhado por meu povo desde cedo. Minha saúde sempre foi forte em meio às condições que cresci e minha memória foi taxada como bruxaria. Aprendi por mim mesma a me comunicar em mais idiomas e dialetos do que os líderes do meu país são capazes.

Rögga acreditava. Nos meses em que esteve ali, a garota havia estudado e aprendido com os eruditos a se comunicar no idioma dos monges de Taremu e no idioma comum daquele mundo.

Ela *era* diferente. Bastava ver como, naquele momento, admirava em detalhes a arquitetura. O teto era rebocado com branco e dourado e as paredes cobertas com painéis de madeira entalhada. Candeeiros de cristal duplos iluminavam o ambiente e quatro janelas exibiam grifos nos vitrais. A atenção, porém, se concentrava acima da lenha depositada ao redor de restos de cinzas, onde se destacava uma grande pintura: a imagem de um astrônomo na forma de um homem-leão, observando as estrelas com uma luneta em uma das mãos, e com a outra rabiscando algo com pena e tinta em um pergaminho aberto sob uma rocha.

Ashanti aceitou a carne que parecia de javali e arrancou os pedaços com os dentes na refeição sem talheres, apenas com espetos de madeira. O príncipe terminou a fatia de pão, sem desviar o olhar da menina.

– Já havia guerreado antes da maneira como faz por aqui? – insistiu o príncipe.

– Guerreado antes com certeza. Nunca como aqui.

– Como é o nome do lugar de onde veio?

– O nome é República de Ruanda – disse ela em tom mais sério. – Um país pequeno, localizado nos Grandes Lagos de uma terra chamada África.

– É um nome diferente.

– Tanto quanto os dessas terras soam para mim – retrucou ela, achando graça.

– Aprendeu a lutar no lugar de onde veio? – questionou Rögga.

– A história do meu povo é repleta de massacres e genocídios. Não aprendi a lutar por opção, já nasci durante a luta. Aprendi a sobreviver a ela.

O príncipe afastou seu talhador de madeira, mas não a taça intocada de vinho tinto.

– Posso lhe fazer uma pergunta sincera?

– Se minha resposta puder conter o mesmo tom, alteza.

– Imagina qual seja a pergunta?

– Não acredito que tenha tempo a perder jantando com forasteiras à toa.

Foi um momento rápido, e talvez imperceptível a olhos menos atentos, mas os olhos de Ashanti eram perspicazes. Ela notou que o príncipe ficara surpreso.

– Então responda com o mesmo tom... – insistiu ele, pela primeira vez em uma escala mais amigável.

– Alteza, não sei como vim parar aqui. Realmente não sei. Em minhas terras, vivemos uma guerrilha urbana entre a minoria da qual minha mãe se origina e chamamos tutsi e a maioria extremista que chamamos hutus.

– Você cita a origem de sua mãe, mas não a de seu pai.

– Meu pai pode ser qualquer homem de origem hutu. Sou um fruto infeliz do que ele e seus aliados fizeram a quase todas as mulheres tutsis de Ruanda em um massacre que matou quase um milhão do meu povo durante cem dias, e que o resto do meu mundo inteiro assistiu sem se envolver.

Ashanti limpou os pedaços de gordura da carne de javali do rosto com um pano. Virou o que tinha na taça de vinho em um gole.

– Sei que essa frase não alivia, mas nós aqui entendemos como se sente.

– Seus homens e suas mulheres sobreviveram a genocídios?

– Uma parte, quando um demônio-rei comandou legiões de seres abissais e destruiu metade da vida dessa dimensão, além de causar danos no espaço-tempo que até hoje são sentidos.

– Danos como a minha chegada?

– Como você, como raças de anões, de gigantes e outras que nunca aqui habitaram.

Ashanti ponderou sobre aquilo.

– Eu poderia fazer uma pergunta agora, príncipe?

– É justo.

– Quando legiões de demônios atacaram e começaram a matar, o que Taremu e o resto do seu mundo fez?

– Eles se uniram contra o inimigo em comum.

– Isso já difere do que fizeram no meu.

O príncipe a compreendeu.

– Seu nome tem algum significado em particular? – perguntou ele, mudando o assunto.

– Em Ruanda, a etnia é transmitida pela linhagem paterna. Os filhos de estupro tendem a ser rejeitados pelas mães e estigmatizados pela comunidade em geral. De acordo com o costume, cada criança recebe um nome cristão, referente a uma de nossas religiões, e um em kinyarwanda. Minha mãe tentou me matar quando bebê e se recusou a me amamentar. Ela me batizou de Marie Utabazi. Significa ‘pertence a eles’.

O príncipe se manteve quieto.

– E então eu lhe pergunto, príncipe Rögga: você consegue me ver pertencendo a alguém?

– Jamais à força.

Ashanti concordou.

– Em toda guerra, a violência sexual é uma arma para destruir o espírito do inimigo. Os líderes hutus enlouqueceram mulheres tutsis e lhes aniquilaram a vontade de viver. Mas eu decidi ser diferente. Já havia nascido abençoada com físico e memória incomuns. Eu decidi que eles não iriam me quebrar tão fácil. Foi quando eu reneguei meu nome de batismo e tomei pra mim o nome de um império africano. Significa ‘mulher africana forte’.

– Se for mesmo esse o significado, então se aplica bem a você.

Ela suspirou, como se o fato de aquilo ser verdade fosse mais um fardo do que uma qualidade.

– Nesse tempo em que está conosco, estudou alguma coisa de nossa história?

– Tanto sua história militar quanto seu histórico de liderança, mesmo porque não há como separá-los.

– Então sabe de nossa predição.

– Sei que seus monges creem na presença de uma dádiva, último remanescente de uma raça mística oriunda do interior da terra, herdeira do sangue de um pássaro dourado.

– Não é uma crença, *Ashanti* – afirmou ele, com vigor, como se usasse um adjetivo em vez de um nome próprio. – É um fato. A dádiva virá e irá banir a Serpente.

– Desculpe se fiz parecer que menosprezo suas crenças, príncipe.

Rögga Maru II afastou a própria cadeira e se levantou.

– Caminhe comigo...

Ashanti ergueu-se e ambos caminharam na direção da lareira de pedra. Ao pararem diante dela, o olhar da menina se concentrou no fogo.

– Como interpretaria essa imagem? – perguntou o príncipe.

Ashanti voltou a atenção ao quadro.

– Um estudioso observando astros e desenvolvendo teorias científicas.

– Antigamente, quando cada raça possuía o próprio governo, essa dimensão possuía um propósito diferente. Falava-se em evolução onde hoje se fala em guerra. Havia conflitos e caça, e havia contatos entre culturas, mas nenhuma

raça buscou conquistar para si a hegemonia.

Ashanti assentiu, incentivando-o.

– Entretanto, um dia o povo de Tegrin iniciou a comunicação espiritual com outros planos e trouxe o melhor e o pior a esta dimensão. Se, por um lado, o povo anão aprendeu a utilizar simbioses e alquimia em forjas, por outro, os aldeãos abriram as portas daqui para Asteroph e o demônio-bruxa Ravenna, a quem passaram a jurar lealdade. E então as legiões surgiram, e com elas vieram os dragões.

Ashanti engoliu em seco. Assentiu mais uma vez em um sinal que mesclava humildade, respeito e compreensão.

– O que você vê nesta imagem é a figura de nosso maior sábio visualizando nas estrelas a chegada de demônios...

– E o que ele escreve?

– Um pedido de socorro.

Ashanti suspirou quando compreendeu.

– Ele escreveu a predição... – complementou ela, pesando o fardo nas palavras.

– Sabemos que a Noite da Serpente se aproxima, e que nessa noite demônios tentarão tomar o mundo, abrindo os portais para uma entidade dracônica abissal que nenhum de nós poderá combater.

– Curioso...

– Qual parte?

– Ele ser representado como um homem-leão. A mesma forma de seus deuses.

– Não apenas de nossos deuses.

– Não compreendo, alteza.

– Entre nossas raças, existem alguns com sangue diferente. Quando os reconhecemos, eles são treinados como monges de guerra.

Ashanti ainda não havia entendido se ele falava literal ou metaforicamente, mas preferiu não insistir.

– Posso então me considerar alguém com sangue diferente? – brincou ela.

– Nenhum de nós duvida disso.

– Os monges de Taremu me parecem bastante unidos e aplicados no estudo das filosofias de sua raça.

– A guerra fez isso – explicou o príncipe. – É por esse motivo que faço questão de manter viva a arte de Taremu, e de que nenhum monge se esqueça de por que suas vidas são dedicadas a proteger a dádiva.

– Pelo pouco contato que tive com seus monges, afirmo que não se esquecem.

O príncipe apoiou uma das mãos na parede e baixou a cabeça, como se ela houvesse dito algo que o aborrecesse.

– Meu pai um dia foi um homem de comando e soube governar na guerra e na

paz. Hoje está velho, com ossos frágeis e cicatrizes que não se curam, necessitado de servos para banhá-lo.

– O que comprova a sorte de seu povo por contar com sua liderança, alteza.

– E se *eu* duvidar da minha capacidade de liderança?

Ashanti travou diante do momento de fraqueza da figura que lhe parecia inquebrantável.

– Por que está me contando tudo isso, príncipe Rögga?

– Porque sou um líder de guerra, mas também sou um líder de fé. E preciso acreditar que, se existe um motivo para algum deus nos colocar em um tabuleiro no meio de uma guerra contra demônios e dragões, há uma compensação...

– Um jovem rei não diria diferente.

– E eu acho que é isso o que  *você* é, Ashanti.

Ashanti se assustou com a declaração.

– Acho que sua alteza superestima minha importância...

– Você nos foi enviada de um lugar que desconhecemos, com habilidades extraordinárias e uma inteligência acima do normal. Quando fala de sua terra, nos conta relatos de uma existência difícil de imaginar, quanto mais compreender. Sua forma física é digna de guerreiros de elite. E a cor de sua pele é diferente de tudo o que já vimos, lembrando imagens de deidades... citadas em predições.

Ashanti engasgou com o desejo de negar aquele discurso.

– Em outras palavras: sabe por que acredito que nossa cultura lhe parece curiosa e você se encanta com nosso mundo comum? Porque você é a nossa compensação divina. Você é a enviada pelas estrelas para proteger nossa dádiva.

Os olhos dela se arregalaram. Não via sentido em nada daquilo, embora o horizonte que se abria fosse extasiante, apesar da guerra. Seria fácil negar tudo aquilo.

Logo, era difícil explicar para si mesma  *por que* não o fazia.

– E neste momento, eu gostaria de apresentá-la.

O príncipe fez um sinal para um dos monges, que, por sua vez, saiu dos aposentos. Ashanti continuava em estado de choque. Considerou que, por mais que começasse a gostar daquele lugar, talvez fosse hora de procurar seu caminho de volta.

– Alteza... eu...

Foi quando de um canto do salão ele entrou. O homem citado nas predições. A dádiva oriunda da fênix.

Quando seus olhos encontraram os dele, Ashanti já sabia que não tinha mais alternativa.



**TEGRIM**

TUDO ERA DIFERENTE NAQUELA VILA. Construída em uma elevação de um terreno em geral plano, repousava o que restara de uma cidade quase inteiramente destruída, cercada por uma floresta de enormes plantas celulares. Suas construções eram retangulares, moradias com corpo arquitetônico sustentado nas arestas por pilares de madeira nos casos mais simples, e sobre patamares de pedra nos prédios mais ricos como a Casa de Coleta de Impostos. Os telhados eram inclinados e de telhas chatas, protegidos por vegetais ou placas de madeira.

Tegrim se destacava como uma vila singular, também pelo sistema político, constituído por um chefe de poder escolhido em eleição popular anual, embora há dez anos o cargo pertencesse ao mesmo homem. Os crimes cometidos dentro ou nos arredores da vila eram julgados em praça pública, com manifestação popular, a presença do chefe de guarda e o julgamento final do chefe de poder. Assembleias semelhantes decidiam questões importantes, como prioridades de reformas públicas, impasses de comerciantes e pedidos de divórcio.

Naquela manhã, eles decidiam se deveriam ou não matar um homem.

À frente do povo reunido na praça estava um homem magro seminu, com uns vinte e cinco anos, enjaulado em uma grade de ferro que lembrava um viveiro. O corpo estava coberto por uma pequena tanga e algumas feridas. Ele não entendia uma palavra do que diziam, nem fazia ideia de como havia chegado naquele lugar. Na verdade, desde que chegara ali, se lembrava apenas de acordar nu no meio da madrugada de um mundo estranho e com uma fome fora do comum. Desesperado, saiu correndo por um matagal que o levou a uma fazenda, onde descobriu roupas penduradas em um varal a céu aberto perto de um galinheiro. Em conflito entre a fome e a própria imagem, acabou optando pelo primeiro e resolveu invadir o galinheiro de maneira furtiva. A invasão até funcionou, mas a furtividade, infelizmente, nem tanto, e o ladrão acabou sendo encontrado pela dona da casa, quando ela foi recolher as roupas do varal.

Ao se deparar com um jovem sujo e nu segurando duas galinhas de cabeça para baixo grunhindo numa língua desconhecida, a mulher se pôs a gritar até que não apenas o esposo, como todos os outros maridos da região, se puseram atrás do jovem tarado-esfomeado-maniaco-praticante-de-rituais-sombrios. Xingando diferentes deuses por sua maré de má sorte, o jovem naquele instante era o réu de um julgamento popular em que nada compreendia, portanto não podia se dar nem mesmo o luxo de se defender. Uma palavra, entretanto, era capaz de entender. *Kutash*.

O significado logo lhe foi compreensível.

O condenado.

Ele encostou a cabeça na grade e fechou os olhos. Ainda estava com fome.

– Oh, *merde*... – resmungou Romain num idioma que, naquele mundo, não simbolizava nada.

Foi quando uma pedra estalou na grade, perto de seu rosto! Ele se afastou, assustado com o eco metálico. Depois, furioso:

– Ei! Quem jogou isso aqui? Apareça agora, seu covarde maldito sem-vergonha!

A multidão sorriu debochada, observando-o feito um bicho. Mesmo em um idioma diferente, Romain podia sentir o escárnio se espremendo entre respirações. Aquilo era pior que a própria ideia de prisão.

De longe, se podia dizer que havia aproximadamente trezentas pessoas naquela praça, divididas entre transeuntes, comerciantes, guarda local e curiosos. Num palanque, o chefe de poder voltou a perguntar alguma coisa ao povo, que urrou como se estivesse feliz com a importância dada às suas opiniões. Do lado de dentro da grade, as risadas zombeteiras cortavam como lâminas.

– Parem de rir! – gritou ele, socando as grades. – Parem de rir, seus estúpidos! Parem de rir de mim... – continuou a gritar, como se o entendessem.

Apesar da angústia, ele se recusou a chorar, pois mesmo na dor há limite para o orgulho. Outras coisas foram novamente arremessadas, como frutas já em estado de deterioração. Ele se sentiu humilhado quando apanhou uma maçã meio apodrecida e a mordeu ainda assim, ignorando o cheiro e o gosto ácido. No centro da praça, a mulher que o havia flagrado nu gritava afrontas em tom furioso e o povo voltava a rir, vaiar, arremessar coisas ou urrar, dependendo das frases do chefe. Romain dobrou os joelhos e colocou as mãos sobre as orelhas, afundando o rosto entre as pernas. Quando o ergueu, descobriu que seu pesadelo ainda estava lá. Também percebeu que havia algo de úmido em seu peito, mas se recusou a admitir que pudessem ser lágrimas. Entretanto, notara algo de diferente. Na multidão, quase trezentas pessoas ainda zombavam de sua figura e o expunham ao ridículo.

Menos uma.

Perto da jaula, de pé, havia um jovem, quase de sua idade, observando-o de uma maneira distinta. Uma roupa de peças encardidas era reforçada pela presença sobreposta de um avental com manchas de sangue. Cabelos lisos cheios e desgrenhados se acumulavam sobre um corpo baixo de braços definidos. Tudo isso, entretanto, poderia passar despercebido ao condenado, sem que ele reparasse melhor naquela figura destacada na multidão. Porém, havia mais dois detalhes interessantes.

O primeiro era a ausência de escárnio na expressão.

O segundo eram os olhos puxados, típicos de orientais, que mais ninguém daquele mundo parecia apresentar.

De dentro da jaula, Romain percebeu que se havia para ele alguma esperança naquele dia, ela infelizmente estava na figura daquele ser aparentemente alheio, quieto e apático demais para a atitude heroica de que ele necessitava.

– Ei, ei, ei! Você aí, japa! Olhe pra cá! – gritou ele.

O sujeito olhou para os lados. O condenado percebeu o esforço exagerado, afinal, quando um homem seminu condenado começa a gritar e apontar para você, é natural – ou deveria ser – que você reaja com repúdio ou surpresa.

– Ei, você consegue me entender? – insistiu no idioma francês.

O garoto permaneceu olhando os arredores, fingindo que aquilo não estava acontecendo.

– Ei, Naruto! Pare de fingir que não me vê e olhe pra cá! – gritou ele em inglês, sentindo-se mal. A alcunha gerou o reflexo. Foi um movimento involuntário, mas o rapaz no centro da multidão focalizou seu olhar nele. E aquilo mudou tudo. – Ah, essa *porra* dessa língua você consegue entender, né?

Novamente, houve a tentativa de ignorá-lo, mas já era tarde demais. Na praça, a mulher terminou de falar em meio a sons revoltados dos que conseguiram escutar seu discurso. Pela expressão na face do chefe de poder, o rapaz sabia que estava condenado à morte. O brasileiro fez menção de ir embora.

– Ei, ei, espera, por favor! Eu vi que você me entendeu! Por favor! Você me entendeu, não foi? Não foi? – Por mais que o enjaulado percebesse o desdém, um novo desespero começou a nascer no âmagô. – Fale comigo, droga!

Pegou a maçã apodrecida dentro da jaula e a arremessou na direção do jovem, que parecia não saber o que fazer. A multidão vaiou a rebeldia e voltou a atirar coisas em Romain, que desta vez não se importou. Percebendo que ao menos o outro rapaz olhava para ele, sem pensar resolveu forçá-lo a lhe dedicar mais atenção, atípica e estupidamente, como o homem desesperado que era:

– Ei, nerd, eu sei que você consegue me entender! – começou a falar em um inglês correto, rápido e cheio de sotaque. – E quer saber o que eu ouvi esse pessoal dizer por aí de você? Sério: eles disseram que a sua mãe é tão feia, mas tão feia, que a sua avó teve que alimentá-la do outro quarto com um estilingue!

Em meio ao povo, o estranho ficou com as bochechas avermelhadas, mas Romain não entendeu se foi pelo conteúdo do que dissera ou pela atenção atraída. Quando o rapaz fez menção de se afastar, ele grudou o rosto na grade e voltou a gritar:

– E aquele cara sem dente ali confirmou que a sua mãe também é tão gorda, mas tão gorda, que nasceu nos dias três, quatro e cinco de janeiro!

A vermelhidão ao redor das bochechas do garoto começou a se espalhar pelo nariz e parte da testa. O condenado adorou aquilo. O brasileiro tentou andar na multidão, mas Romain se esfregou para o lado pelas grades, continuando a gritar:

– Eu disse pra ele que ela nem devia ser tão obesa assim, e ele insistiu que ela

é tão imensa que, quando vai ao cinema, ocupa a sala inteira! E aquele sem olho ali ainda acrescentou que ela também é tão velha, mas tão velha, que ele falou pra ela agir como uma pessoa da idade dela e a desgraçada morreu!

O rosto do jovem já estava inteiramente tomado de vermelhidão. Romain sabia que sua contagem regressiva se encontrava próxima do fim.

– E sabe do que mais? As pessoas dizem que o seu pai tem uns óculos de lentes tão grossas que, quando olha em um mapa, ele vê as pessoas acenando!

Na multidão, o jovem tentou se conter, mas não conseguiu. E ele riu.

– Mas que idiota... – comentou ele. E então a razão retornou. Também tarde demais.

– A-há! Eu sabia! – O condenado sorriu, socando o ar várias vezes dentro da jaula. – Eu sabia!

Foi quando o jovem percebeu que os olhos continuavam em cima dele, desta vez, porém, com outro motivo. Se perguntavam *como* ele conseguia entender a linguagem alienígena daquele preso.

– Droga... – foi o que o provocado falou suspirando, sem se lembrar em qual idioma.

Em plena assembleia, o chefe começou a falar em tom mais eufórico. A multidão murmurou coisas entre si.

– O que ele está dizendo? Rápido, o que ele está dizendo? – perguntou o condenado em desespero.

– Eu... eu...

– Rápido, antes que nós dois sejamos mortos aqui!

– Ele... está levantando a possibilidade de eu ser um... – Travou na conclusão ao absorver o trecho “*sejamos mortos aqui*”, tardiamente analisado pelo consciente – ... cúmplice de um tarado-sexual-adorador-de-entidades-demoníacas condenado.

Na jaula, Romain arregalou os olhos e começou a prestar atenção nas palavras do chefe de poder, procurando uma que se repetisse. Consoantes se unindo a vogais formavam palavras distintas, até que uma se destacou. Ele compreendia o significado de *Kutash*. Mas então, compreendeu o termo *Kutash-khan*.

Talvez fosse um tiro no escuro, mas possivelmente, *possivelmente* aquilo significasse algo como um comparsa de um condenado. Um coadjuvante criminoso.

Um cúmplice.

– *Kutash-khan! Kutash-khan! Kutash-khan!* – começou a gritar Romain em frenesi, apontando para o pobre jovem assustado no meio da multidão.

Tremendo como um homem perdido, o rapaz começou a tentar negar em meio a vozes sem disposição para ouvi-lo:

– Não! Não! Ele está mentindo! É um blefe, é um... – Depois não conseguiu

lembrar em que idioma pronunciou as recusas que não seriam escutadas.

Em pouco tempo, dois condenados à morte por um crime que nunca existiu foram arremessados em um calabouço à espera da execução das sentenças na manhã seguinte.

De fato, era uma vila singular.



## FLORESTA DE METAL

NA PRIMEIRA NOITE, DORMIR FOI IMPOSSÍVEL. Correndo em desespero por atalhos no meio da floresta, caçados por legiões furiosas de dracônicos e sapos humanoides, os dois fugitivos se esgueiravam por uma região cercada de caldeiras vulcânicas, assentadas sobre câmaras magmáticas e enlameada pela chuva recente. Gritos animalescos quicavam pelos troncos de abetos e pinheiros envergados que, aliados à geografia montanhosa, absorviam um pouco o calor do sol daquele dia. O vento frio tocava-os feito um fantasma, fragilizando os ossos.

E ainda assim eles corriam.

Os dois já haviam passado pela área sul da floresta, cruzando na desesperada debandada com carneiros selvagens que se alimentavam de plantas arbustivas, baliam e exibiam chifres curvados de dezoito quilos ao avistá-los. Isso serviu para Derek ter uma noção melhor da distância a que se encontravam de seus perseguidores, já que não muito tempo depois os carneiros baliram por uma segunda vez, antes de serem subitamente silenciados por rosnados, grunhidos e o som de criaturas carnívoras lhes arrancando a carne com os dentes. O mesmo destino ocorreu com alguns cavalos de uma manada que corria solta um pouco adiante, e o curto intervalo entre as mortes revelava que os perseguidores ainda preferiam comer pouco a abandonar a perseguição.

Derek havia aprendido o nome dela durante a corrida. *Amber*. Sotaque irlandês. Personalidade forte. Perfil independente. Cabeça-dura quando queria. Prática quando necessário.

Por enquanto, aquilo era tudo o que sabia sobre ela.

Derek mantinha o rifle sem munição preso às costas por uma bainha com elasticidade ajustável. Amber preservava no rosto pálido uma expressão fechada, ao seguir a voz de um homem que poderia estar guiando-a para casa ou para o fim do mundo. Derek a levava por atalhos, aclives e declives íngremes, arfando e tentando não confundir os pensamentos que a todo momento se repartiam entre decidir, correr e não cair. Por várias vezes, a menina tropeçou em galhos ou terrenos úmidos que misturavam argila, água e matéria orgânica, e ele se surpreendeu quando tentou ajudá-la e ela recusou, afirmando que sabia se cuidar. Ao fundo, rosnados de dracônicos acompanhavam passos pesados de criaturas brutas que partiam galhos, espatifavam folhas e zuniam lâminas em uma perseguição incessante.

– Para onde estamos correndo mesmo? – perguntou ela em determinado momento.

– Para longe deles.

O sudoeste da região era um planalto rodeado por pequenos montes e planícies

cobertas por basalto. Milhares de anos atrás, a sudoeste dos limites atuais do parque, uma caldeira de diâmetro quilométrico em erupção jorrou sobre ela quase dois mil quilômetros cúbicos de cinzas, pedras-pomes e outros materiais vulcânicos. A caldeira foi preenchida por subseqüentes erupções.

E nasceu uma floresta cinzenta.

Porém, *algo mais* foi expelido daquelas caldeiras – o organismo florestal entrou em contato com uma espécie de ser vivo que, ao se resfriar fora do ambiente vulcânico, ganhava aspecto metalizado. O contato virou simbiose quando o organismo de metal-vivo passou a se acoplar em algumas árvores e se alimentar de seiva, água e até mesmo da degradação dos compostos orgânicos sintetizados na fotossíntese. Em troca, passou a se moldar aos troncos, oferecendo-lhes proteção.

E assim surgiu uma floresta de metal.

Era por esse cenário que o casal fugitivo corria, quando uma visão lhes tomou a atenção.

– Você *também* está vendo isso? – perguntou ela, abismada.

– Sim.

Em um canto, tomado por árvores esmagadas pela queda, um rotor formado por dezenas de pás de aço ligadas a um eixo despedaçado de quase quatro metros de diâmetro parecia deslocado no cenário fantástico. Uma parte do ecossistema já se adaptara à presença da máquina invasora com quantidades consideráveis de heras, musgo, cogumelos e ninhos de pássaros espalhados pela ferrugem do metal.

– Aquilo é uma *turbina* de jato? – indagou Amber.

– Não entendo de aeronáutica, mas acredito que seja de um veículo maior.

Eles se aproximaram, ainda incrédulos. Era surpreendente como a Floresta de Metal já havia se apropriado de alguns trechos perto do solo, como se estivessem se alimentando daquele metal.

– Quão maior? – insistiu ela. – Tipo um *Boeing*?

– Ou ainda maior.

Derek puxou-a para trás quando uma flecha zuniu perto deles e se chocou na madeira metalizada de um pinheiro de quase cinco mil anos, caindo no solo sem perfurá-lo. Amber ameaçou um grito por reflexo, mas Derek a puxou violentamente contra si, tapando-lhe a boca com a mão.

– Não grite... – disse ele em um sussurro que lembrava uma ameaça. – Não importa o quão assustador pareça... não... grite...

Ela concordou com a cabeça. Coaxos de sapos gigantes tomaram o silêncio e lhes abalaram a sanidade com mais intensidade do que os gritos animalescos dos dracônicos esfomeados.

Continuaram a correr em direção ao norte, seguindo a intuição em busca de água doce. No alto, roedores e pequenos mamíferos de garras, dentes farpados e

pelos metálicos dividiam troncos com aves grandes dotadas de carapaças, alheias aos seres que invadiam os domínios abaixo. Derek, contudo, sentia que mais alguma coisa os observava. Em determinado momento, parou a corrida, como se dispsesse de tempo, e observou as árvores.

– O que foi? – perguntou Amber em uma voz séria.

– Tem mais alguma coisa aqui.

– Alguma coisa *pior* que homens-dragões e sapos gigantes?

– Espero que não precisemos descobrir...

O urro de um animal tomou o ambiente dentre as árvores à frente. Os dois congelaram por um momento, indecisos entre a infeliz escolha de continuar a correr na direção dos bramidos ou voltar e se defrontar com seus perseguidores animais. A indecisão custou a aproximação dos coaxos e sons de movimentação nas árvores.

– O que fazemos? O que fazemos agora? – A voz da menina insistia com vigor e desespero, mas por um momento o cérebro de Derek estava desligado.

Foi quando escutaram duas sequências de sons. O primeiro veio de trás dos dois fugitivos, um barulho sequencial de pisadas tocando o solo após um longo salto.

O segundo, passos pesados caminhando lentamente na mata à frente.

– Derek..

– Quieta – ordenou ele de uma maneira ríspida, antes de acrescentar: – Por favor...

Atrás deles, arrastando os pés como zumbis, humanoides anfíbios gordos e de pele azulada se aproximavam com machados de pedra lascada. Línguas estalavam no ar e retornavam ao papo em seguida. O rosto era rodeado de olhos protuberantes com quatro camadas de retina. Eram três desses seres, todos exibindo um ventre amarelado com manchas pretas, demonstrando a riqueza de toxinas. Os corpos de pele glandular e umedecida apresentavam cinco dedos nas patas superiores e quatro nas inferiores. As costas eram dotadas de couraças que protegiam uma pele repleta de verrugas pretas e avermelhadas, capazes de liberar um cheiro forte e venenoso quando em perigo. De natureza tipicamente covarde, na teoria deveriam apenas vigiar os dois foragidos sem se aproximar demais para um confronto físico direto. Na prática, no entanto, a verdade era outra.

Embora Derek jamais soubesse disso e não fosse por eles que mantinha a si e a Amber imóveis, aquela decisão momentânea causava transtorno no cérebro dos monstros. Devido às redes neurais do quarteto de retinas oculares, o cérebro daqueles anfíbios funcionava de maneira diferente da de um ser humano. A primeira camada era responsável por detectar contornos menores e nitidamente destacados. A segunda identificava se o objeto em questão era convexo ou globular. A terceira detectava apenas o movimento. E a quarta captava mudanças

bruscas de luz e sombra.

Isso significava que, quando imóvel, se tornava difícil para os sapos bípedes visualizarem a presa. Em vez disso, percebiam a chegada de animais de grande porte naquele momento.

À frente dos dois fugitivos, em quatro patas, caminhava devagar um animal de mais de uma tonelada, com garras de vinte centímetros, revestido de pelugem vermelho-escura. Ao se deslocar, as solas tocavam totalmente o solo, e, apesar da visão fraca, o olfato predatório detectava aromas a quilômetros de distância. O tamanho assustava. Apenas o garrote do bicho – o fio do lombo onde se unem as espátulas – apresentava um metro e meio de comprimento; de pé, atingiria facilmente a altura aproximada de três metros, o peso sustentado por patas colossais. O mais chamativo, contudo, eram os detalhes que acompanhavam as patas: símbolos grandes e acinzentados, lembrando tatuagens tribais metálicas soldadas na pelugem. A reunião de tudo isso em um único ser já seria suficiente para fazer daquele mamífero carnívoro uma visão tenebrosa. Entretanto, a situação se mostrava ainda pior.

Porque aquele espécime era uma fêmea.

E ao redor dela caminhavam dois filhotes.

– Aquilo é a porra de um urso vermelho *metálico*? – sussurrou Amber.

– Por... favor... – repetiu ele, com a mesma sensação.

Em meio à espera e à angústia, oito dracônicos saíram da mata e se aproximaram com ira nos olhos e facões nas mãos. Passaram pelos sapos humanoides de vigia, ainda grunhindo como porcos selvagens. A imagem daquela cena para os demoníacos era bem diferente.

Dracônicos possuíam um sistema de visão particular, com uma perspectiva panorâmica de aproximadamente trezentos graus e uma visão binocular limitada. Isso significava que, em comparação ao ser humano, dracônicos priorizavam quantidade a qualidade, absorvendo uma parcela maior do ambiente com menor qualidade. Na prática isso significava uma maior capacidade de detectar possíveis perigos e alimentos, mas uma menor capacidade de calcular distâncias. Naquela situação, os dracônicos caçadores podiam perceber que metros à frente de sua caça havia outro animal, mas sem qualquer precisão de distanciamento.

– Derek... – tentou Amber pela terceira vez entre sussurros.

– Não... se... mexa... – Foi a resposta.

Houve um momento de inação, que durou pouco, mas o suficiente para a loucura. E então os gritos dracônicos aumentaram e eles começaram a correr pesado em direção aos dois, exibindo dentes pontiagudos. Os corpos demoníacos corriam curvados e os olhos pareciam da cor do fogo. Derek cerrou os olhos e tomou a mão mais próxima de Amber na sua. Pela primeira vez, ela permitiu.

*Não importa o quão assustador pareça...*

A mão dela apertou a dele como se com esse último gesto de paixão

quisesse consolá-lo, dizer que fizera tudo o que pôde.

*Não... grite...*

Foi quando o animal atacou. O primeiro dracônico já avançara com a boca aberta na direção do pescoço de Derek quando a pata do urso a mais de quarenta quilômetros por hora o arremessou na direção oposta com um estrondo. O reptiliano foi atingido com uma violência tamanha que subiu duas vezes e meia a própria altura e, quando tombou em meio aos sapos vigilantes, já estava morto. Assustado e em choque, o segundo dracônico ainda tentava entender o que havia acontecido no instante em que o dorso da pata do bicho lhe acertou a região entre o ombro e o crânio, dobrando a carne do pescoço em um ângulo não natural. Um terceiro esboçou uma reação de ataque, mas antes que a ameaça se tornasse concreta o animal saltou sobre ele, derrubando-o. O peso de quase uma tonelada já foi suficiente para lhe afundar o peitoral, quebrando-lhe costelas e comprimindo a região torácica.

De olhos arregalados, Amber escutava os rosnados animais acompanhados de sons de luta e ossos se partindo, e só conseguia concentrar o olhar nas marcas que subiam pelas patas da criatura como se fossem ramificações nervosas de metal.

– Ela deve achar que eles estão aqui pelos filhotes... – sussurrou Derek

Um quarto dracônico saltou sobre a criatura em frenesi e começou a lhe esfaquear a lateral. O animal bramiu de dor e se pôs de pé. Quando Derek viu a bainha de uma espada cair a seu lado, aliada a mais um som de ossos partidos, entendeu que mais um havia morrido. Assustados com a reação do bicho, os sapões humanoides gordos foram se afastando no mesmo arrastar com que chegaram, em direção oposta ao combate. E então saltaram para o meio da mata, em uma linguagem universal de covardia.

Percebendo que estavam abandonados à própria sorte, os quatro dracônicos restantes rodearam a criatura. O primeiro tentou avançar, mas a pata quase lhe arrancou a cabeça e então ele recuou grunhindo para os outros, como se reclamando por não tentarem o mesmo. Foi assim que dois deles investiram em sincronia pela lateral do bicho. O da esquerda sentiu garras de vinte centímetros lhe perfurar a parte inferior do queixo, expondo trechos da mandíbula. O segundo penetrou o corpo do bicho com a lâmina de uma faca de ponta triangular.

O animal bramiu uma terceira vez.

Alucinados pelo grito de dor da mãe, os dois filhotes partiram para o combate como adultos. O dracônico que havia acertado o último golpe pensou em tentar a sorte novamente, quando uma dor insuportável lhe tomou a parte inferior e ele percebeu que havia perdido um pedaço de carne do tornozelo. O reptiliano às costas da fêmea investiu a fim de ajudá-lo, mas então percebeu que o mesmo golpe era infligido no músculo atrás da própria coxa.

– Agora! – ordenou Derek para Amber e ambos correram.

Atrás dos dois, o animal abria os braços e fechava garras de duas patas na face do dracônico. Depois do primeiro golpe, trazia pedaços de carne e sangue frio entre conjuntos de queratina. Ao redor, o demoníaco sem um pedaço do tornozelo se debatia no chão, atacado com um dos filhotes. Já o outro que tivera a coxa destroçada conseguira um pouco mais: a lâmina de três pontas raspava pela perna do mamífero pequeno, inutilizando uma das patas e fazendo-o bramar.

– Vamos! Vamos! – gritou Amber diante de um Derek de repente estático e indeciso no meio da floresta.

Ao escutar o grito do filhote, a fêmea girou violentamente e saltou sobre o dracônico que o cortara com a faca. A boca envolveu o crânio e o reptiliano tombou como um boneco. Parado no meio da trilha, Derek observou um dos filhotes prestes a ser morto. E o impulso lhe tomou a ação.

– Fique aí! – gritou ele, para desespero da garota.

O animal mastigava a face do dracônico que atacara seu filhote. A face monstruosa foi mordida de lado a lado. As paredes mediais, onde ficava o nariz, os assoalhos e paredes laterais, que constituíam o maxilar, explodiram sob o peso das dentadas, fazendo os globos oculares saltarem e, por fim, arrancando o pouco couro cabeludo.

Enquanto isso, Derek correu ao lado do bicho, no momento em que um dracônico posicionava a faca prestes a transpassar o pescoço do segundo filhote. Apanhou um galho caído do chão, pesado como um porrete. E então o dracônico sentiu um golpe na parte de trás da cabeça, e tombou para o lado. Ainda estava tonto quando recebeu um segundo golpe no rosto que o fez rastejar para trás antes de receber outro no meio da face. E no tórax. E na face novamente.

Quando Derek deu por si, a fêmea já estava conferindo a saúde do filhote salvo.

E caminhando em sua direção.

Ele largou o galho com que golpeará o dracônico caído, assumindo a posição de quem demonstra vir em paz. O animal continuou a se aproximar, seguido timidamente pelos filhotes machucados. Ambos pareciam mancar, e não possuíam as mesmas marcas metálicas da pele da mãe.

– Não, seu idiota... – sussurrou Amber em tom nervoso, observando a cena de longe.

Ao ficarem frente a frente, a fêmea balançou o focinho em diversos ângulos na direção de Derek, analisando-o com o olfato. O coração dele batia na mesma potência violenta que a de um homem prestes a se lançar em um salto suicida.

– Não... grite... – sussurrou Amber novamente para si própria.

Foi quando o bicho emitiu um bramido assustador a centímetros do rosto dele, jogando cabelos e sujeira para trás em um bafo quente ainda com cheiro de sangue e carne morta. Quando o rugido terminou, ele se perguntou por que ainda estava vivo. Um dos dracônicos caído atrás de si continuou a gemer. O animal

passou por Derek e ele escutou os gemidos se tornarem grunhidos de desespero, o arrastar do corpo reptiliano ainda vivo para a mata e depois a corrida de dois filhotes atrás da mãe e de seu jantar.

Tonto e com as pernas bambas, Derek seguiu na direção de Amber. Quando conseguiu avistá-la em meio à visão ainda turva, ela já corria em sua direção.

– Desculpe por... – tentou dizer.

Sentiu o rosto virar bruscamente em um ângulo de noventa graus ao receber um soco de um punho trêmulo.

– *Nunca mais* faça isso, entendeu? – exigiu Amber, apontando o dedo para ele.

A voz dela ainda tremia. Derek percebeu a intensidade do que era dito.

– Nunca mais faça isso... – sussurrou ela, ainda apontando o dedo para ele. – Por favor...

Sem dizer nada, o soldado cuspiu o sangue da boca ferida e concordou sem retrucar. O vento gélido assolou os dois, mas nenhum deles sentiu frio. Ainda não sabiam por que estavam vivos, mas por um momento isso não pareceu importar. Ele se levantou, sentindo a dor, mas ainda assim seria possível enxergar um pequeno sorriso no lábio machucado.

Talvez o silêncio dela de fato já dissesse a ele tudo o que era preciso.



**PRISÃO DE TEGRIM**

– EU ODEIO O CALOR QUE FAZ AQUI! – resmungou Romain, encostado em um canto de um recinto quadrangular improvisado como cela, com pedras aquecidas pela mesma luz solar que naquele instante iluminava partículas de poeira. A temperatura beirava o insuportável.

Sentado em outro canto, o mais afastado possível, o jovem tímido de cabelos cheios mantinha-se em silêncio.

– E quer saber? Ainda bem que eles não devem nos dar nada para comer até amanhã! A comida daqui também é horrível. E de comida eu entendo... – insistiu o francês.

Nenhuma reação. O outro apenas abraçou os joelhos e olhou para o lado oposto. Houve um momento de silêncio. E então:

– Ei, isso no meio do seu cabelo são as antenas de uma barata?

O brasileiro deu um salto, gritando algo parecido com “Aaaaaaargh!”, as mãos friccionando para a frente e para trás, raspando no couro cabeludo. Ao perceber que nada havia ali, relaxou o corpo e se sentou novamente, sentindo-se estúpido.

– Ei, desculpe, deve ter sido o reflexo... – disse Romain, as palavras espremidas entre linhas de sinceridade e cinismo.

– Droga... – disse o garoto em voz baixa, muito mais para si que para seu interlocutor. As palavras ricochetearam no silêncio, e algo no peso delas mexeu com o francês.

– Ei, escute: já que estamos presos em um lugar horrórico, prestes a sermos enforcados por um bando de gente alienígena esquisita, não seria melhor você falar comigo? – Pela primeira vez em todo aquele tempo havia mais sinceridade do que cinismo ou escárnio no tom do jovem seminu.

Fez-se silêncio. O condenado encostou a cabeça na parede com o incômodo de quem sabe que, apesar de seus esforços, ainda está perdido e prestes a morrer sem nada.

– Certo, eu sou mesmo um cara sortudo – voltou a resmungar Romain. – Estou esperando a morte, em uma cela mais quente que o inferno, sem comida nem água, ao lado de um nerd psicopata que não fala e tem sangue na roupa.

– Esse sangue não é meu... – comentou o garoto, como se a informação fosse banal.

– Ah, me sinto muito melhor agora.

O silêncio pela primeira vez se instaurou por causa de Romain.

– Ei, pega leve! Eu fui condenado injustamente... – resmungou o francês, com o mesmo teor de lamento.

– E eu nem condenado havia sido.

– Eu apenas queria que alguém me escutasse...

– Do lado de fora, eu poderia ter intercedido por você.

Houve uma pausa de ambos, daquelas que antecedem as perguntas difíceis.

– Mas você o teria feito? – questionou Romain.

Outra pausa. Pelo mesmo motivo.

– Antes ou agora?

O condenado olhou para baixo, lembrando um homem rendido. E então, após um tempo, perguntou:

– Aquela língua em que você estava resmungando quando nos jogaram aqui era espanhol, né?

– Português – comentou o brasileiro, como se aquilo o irritasse.

– Português? Sério? Como em Portugal?

– Você deve ter sido o melhor aluno da sua turma, não é?

– Não, seu idiota! Estou dizendo que... bem, desculpe por lhe contar isso assim tão bruscamente, mas se fizeram você um dia acreditar que nasceu em Portugal, então é bem provável que o entregador de pizza tenha visitado o quarto da sua mãe quando... bom... deixa pra lá.

– Eu sou filho de japoneses, mas nasci em uma colônia oriental no Brasil.

– Ah...

Houve um momento de constrangimento pela falta de assunto.

– Como foi a sua chegada aqui? – perguntou Romain de repente. – Digo... depois que você acordou?

O companheiro de cela pareceu levar a sério aquela pergunta, que ao menos conectava os dois estranhos.

– Não me lembro de muita coisa. Nada que possa nos ajudar a não nos enforcarem amanhã de qualquer forma...

– Ainda assim, talvez valha a pena tentar!

– E por quê? – perguntou o jovem de voz nasalada, realmente surpreso.

– A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente.

O condenado parou, como se não acreditasse ter dito uma coisa daquelas. Ao seu lado, o rapaz fez o mesmo, em uma expressão involuntária de susto.

– De onde você tirou isso? – perguntou o garoto brasileiro.

– Eu não sei. Deve ter sido de algum livro de autoajuda da minha mãe. Ela lia aqueles troços a noite toda.

– Acho que já ouvi isso antes também.

– Vai ver você lê os mesmos livros horríveis da minha mãe.

O menino olhou para ele sem saber se ria ou se ficava irritado. Antes que ele se decidisse, o francês emendou:

– Vai me contar ou não do que se lembra?

– Eu lembro de acordar no meio do feno.

- Você estava nu? – Pela expressão, a pergunta era séria.
- Não, por que eu estaria nu?
- Porque *eu* estava quando acordei neste lugar maldito!
- Pois é, que falta de sorte, né?
- Ah, cale a boca! – exclamou Romain, em meio a caretas bisonhas. E concluiu para si: – Será que nem neste mundo a minha vida poderia melhorar um pouco?
- Talvez você devesse ler os livros da sua mãe.
- Os dois se olharam mais uma vez, hesitantes entre o riso e a irritação.
- Eu acordei quando uma vaca lambeu a minha cara... – continuou o brasileiro.
- Como é que é? Você acordou com uma vaca lambendo a sua cara? – perguntou Romain, em tom de escárnio. – Mas que coisa ridícula!
- É verdade. Talvez fosse menos ridículo estar pelado, segurando duas galinhas de cabeça pra baixo em frente ao varal de uma senhora!
- Os dois se levantaram e ficaram frente a frente, apontando dedos na cara um do outro.
- Olha aqui, senhor CEO da Nintendo, retire o que disse ou então...
- Ou então você vai me levar pra prisão pra ser enforcado com você? – perguntou o garoto, elevando a voz. – Ah, é: você já fez isso!
- Os dois baixaram os dedos, rendidos. Olharam para baixo, considerando a dureza da vida para os de má sorte.
- *Merde...*
- Merda...
- Eles se afastaram um do outro até as costas encostarem nas paredes. Deslizaram até se sentarem de novo. Mais algumas doses de silêncio.
- E depois? – insistiu o francês, mais impaciente.
- Depois o quê?
- Depois que a vaca lambeu a sua cara...
- Bem, eu sei que consegui chegar até Tegrin e tentei arrumar uns trocados.
- Fazendo o quê? – perguntou Romain, exaltado.
- Tentei me virar nas ruas.
- Olha, quem diria? Você não parece do tipo que surrupia trocados de velhinhas!
- Não! Claro que não! – disse o garoto, em tom ofendido. – Nunca roubei de ninguém!
- Então o que significa ‘se virar nas ruas’, sabichão?
- Eu tentei fazer... sabe... *truques* na praça...
- O único truque que eu imagino você fazendo é convencer as pessoas de que você sabe fazer algum truque.
- Eu sei fazer truques com cartas, tá legal?

– E você se orgulha disso? – indagou Romain, franzindo a testa.

– Não muito. Mas ao menos não me jogaram em uma gaiola e me condenaram em praça pública por isso.

– Eu juro que só não vou aí chutar o seu traseiro porque está quente demais!

O jovem desengonçado pensou em protestar, mas então ponderou melhor e concordou:

– É, está mesmo. E estou morrendo de fome...

– Nem me fale! – disse Romain, sentindo como se o umbigo estivesse grudado na coluna vertebral. – Mas vem cá: se você é ruim fazendo os seus *truques*, como sobreviveu neste lugar?

– Eu não sou tão ruim assim! Eu até ganhei algumas peças de cobre. – Havia certo orgulho no tom, porém não durou muito. – Mas um homem me viu e perguntou se eu não queria aceitar um emprego que me desse pratos de comida de verdade.

– Ah, uma pessoa de bom senso neste lugar, finalmente! Pena não ser o juiz...

– Na verdade, ele é o extrator de dentes de Tegrin.

– Como é? – perguntou ele, enfiando os dedos no couro cabeludo cheio. – Você virou *dentista* desse local decadente?

– Assistente, na verdade. Eu não disse que este sangue não era meu? E não é bem um dentista o que ele é; quer dizer, ele até *poderia* ser, mas nas condições de trabalho daqui ele virou um extrator de dentes mesmo. É só o que ele consegue fazer.

– E ele consegue viver disso?

– Você já viu os dentes das pessoas neste lugar?

– Maldito lugar...

Incomodado com a temperatura cada vez mais elevada, o francês foi até entrada da cela e começou a bater nas grades.

– Ei, ei, seus sem coração! Vocês poderiam ao menos nos arrumar água! Enforcar a gente vocês querem, né? Mas na hora de arrumar um copo d'água...

O brasileiro se levantou e foi igualmente até as grades da cela. Segurou também nas barras, mas, diferente do companheiro de cela, emitiu sons em um idioma totalmente estranho ao francês.

Foi quando um dos guardas apareceu e bateu nas grades com uma espécie de porrete, afastando os dois. Eles trocaram algumas palavras no idioma local e o guarda saiu, resmungando.

– Você irritou aquele cara ainda mais, seu idiota?

– Eu disse a ele que você está ficando louco e poderia morrer aqui mesmo se não lhe dessem comida.

– Ah, isso vai adiantar muita coisa! Falar isso para as pessoas que pretendem nos enforcar!

– A função deles não é nos enforcar. Essa é a dos carrascos. A deles é nos

manter vivos até lá...

O francês achou que havia sentido naquilo que o desengonçado dizia, mas havia ido longe demais e não ia dar o braço a torcer.

– Você é maluco! Isso não faz o menor sentido...

O guarda voltou com um prato com uma espécie de purê que seria melhor não saber do que era feito, e um pequeno recipiente de barro com água. Os olhos dos prisioneiros se arregalaram e as suas bocas se abriram. Outro guarda apareceu e bateu nas grades mais uma vez. Eles se afastaram. A grade foi destrancada por um, enquanto o outro deixou o prato e o recipiente do lado de dentro antes de trancá-los novamente.

O desengonçado saltou sobre o prato de purê, lambuzando os dedos, enquanto o francês fez o mesmo com o recipiente de água.

– Cara, eu falei que você é o melhor sujeito deste local? – perguntou Romain.

– E você é o maior cínico.

– E não é? – confirmou ele, sorridente. – Obrigado!

Depois eles trocaram entre si o prato de purê e o recipiente de água.

– Hum... isso está delicioso! Do que será que é feito?

– De miolos de caramujo.

O condenado arregalou os olhos e viu o mundo girar, sentindo o estômago embrulhar. Pensou em cuspir, mas ao mesmo tempo se lembrou de que não comeria mais nada tão cedo, isso se comesse alguma coisa novamente. A dúvida fez com que engasgasse e começasse a tossir, precisando de mais água.

– Bem que eu senti o gosto dessa porcaria! Como esses nojentos podem comer um troço desses?

– Não é tão ruim! É só você imaginar que está comendo farinha láctea! Os caçadores trazem caramujos e cogumelos gigantes da floresta ao redor. Como caramujos transmitem doenças, então eles preferem moer os miolos como garantia de uma comida sem toxina.

– Eles deveriam moer os próprios miolos! Onde já se viu uma coisa dessas?

– Ora, você pode continuar a passar fome...

– Pois eu prefiro passar fome a ter que comer isso! – exclamou, desistindo do restante do prato. – E como é que você sabe disso tudo? Aliás, como você aprendeu a falar a língua desses caras?

– O sujeito de que eu falei... o extrator de dentes... ele me ensinou o básico nos meses que estive com ele.

– Arrã! Agora você vai dizer que ele tinha um dicionário!

– Não, ele é do nosso mundo...

O condenado até se esqueceu do gosto de miolos de caramujo.

– Peraí! Há quanto tempo esse cara tá aqui?

– Ele nem se lembra mais.

– Ah, cara, eu quero morrer...

– Não pode esperar até amanhã?

– Não! Eu quis dizer que... ah, muito engraçadinho! Você deveria contar piadas sem graça, em vez de fazer truques! Não que fosse ganhar mais trocados...

O jovem de cabelos desgrenhados apanhou o prato e comeu mais um pouco da mistura com os dedos.

– Sabe... – disse, com a boca cheia. – Ele me disse que existem muitos de nós espalhados por aí, que vieram de lugares diferentes.

– E algum deles voltou pra casa?

– Ele não sabe. Ninguém sabe...

Mais uma vez, um daqueles silêncios que conectavam os dois. E então, como se houvesse se dado conta somente ali de algo despercebido, o condenado perguntou:

– Você disse *meses*?

– Quando?

– Você disse que ele te ensinou a falar a língua daqui nos *meses* em que ficou com ele?

– Sim. Ou acho que sim. Você não se lembra de estar por aqui há tanto tempo?

O condenado forçou e tentou se lembrar. Mas não conseguiu.

– Eu me lembro das coisas passadas como se fossem...

– Sonhos, não é? Comigo também é assim.

Os dois se observaram e suspiraram.

– Do que você mais sente falta? – perguntou Romain com um olhar vago, que expressava no gesto o conteúdo ausente na frase. – Com exceção desse blá-blá-blá de amigos, família e tal...

– Ora, são tantas coisas! *Action figures*, smartphones, animes, sabres de luz.. – Havia um sorriso de mãos dadas com as memórias embaçadas. – E wi-fi! Definitivamente wi-fi!

– Nossa, desculpe por tê-lo chamado de nerd...

O sorriso desapareceu. Imediatamente.

– Ah, é, seu melhor-do-que-todo-mundo? Então me diz do que  *você* sente falta!

– Vinhos, queijo, Luc Besson, exposições no Grand Palais, o estádio do Parc des Princes e cigarros. Principalmente cigarros!

– Pensei que você diria 'perfumes'.

– Porque eu sou francês?

– Porque você está precisando de um...

– Eu já comentei que só não chuto o seu traseiro porque está muito quente?

– Nem precisava. Eu consigo sentir o cheiro daqui.

Romain se aproximou do brasileiro com uma atitude invocada, mas então suspirou.

– Sabe, eu *hoje* vou deixar você passar ileso apenas porque eu acho que

mereço ouvir essas coisas. É justo depois de eu ter arrastado você pra essa situação comigo.

– Essa é a sua maneira de pedir desculpas?

– Pensei que os brasileiros fossem conhecidos pela cordialidade.

– Já você faz jus ao que eu pensava dos franceses.

Em um momento inusitado, os dois começaram a rir.

– Acho que foi a primeira vez que nós rimos de alguma coisa hoje, não é? – perguntou o francês.

– É, acho que sim.

O francês esticou a mão na direção do outro. Aquele gesto significava mais do que tudo o que ele já havia vivido desde que acordara naquele lugar.

– Eu sou Romain.

O jovem ponderou, surpreso, como se concluir aquele ato pudesse modificar a realidade já distorcida em que ambos se encontravam.

– Daniel... – disse ele, apertando a mão estendida.

– ‘Daniel’? – perguntou Romain, com uma expressão debochada, forçando o sotaque que parecia dizer “Daniele”. – Duvido que as pessoas tenham dado muitos trocados a um mágico com um nome desse...

– Por que acha que eu virei assistente de dentista?

Os dois voltaram a rir como se não fossem morrer no dia seguinte.

– Pois bem, *Daniel*... – Era engraçado para o garoto ouvir o próprio nome naquela pronúncia. – Pois eu acho bom você utilizar seus miolos de caramujo para pensar em algum jeito de nos salvar.

– Eu não sei se consigo pensar em alguma coisa que preste para nos tirar daqui... – respondeu ele, baixando o olhar.

– Ah, mas é bom você conseguir...

– E *se* eu não conseguir? – O olhar subiu novamente.

– Aí você vai descobrir se os franceses *realmente* fazem jus à reputação, está me escutando?

Os dois ficaram se olhando por um tempo. E então ambos voltaram a rir dentro da cela abafada. As risadas se tornaram gargalhadas. Nem mesmo os guardas, que as escutaram ecoar pelas paredes sustentadas por pilares de madeira, poderiam compreender a imensidão do pequeno ato de que se tornavam testemunhas e o quanto aquela amizade improvável estava prestes a transformar seu mundo.



## CASTELO ESTELAR

DE LONGE PARECIAM DOIS SÓIS. Na cobertura do castelo no centro de Taremu, apoiada em uma mureta entre duas torres, Ashanti observava o entardecer de uma pequena cidade que nunca parava de impressioná-la.

– Você pode passar anos aqui e nunca irá se acostumar... – A voz atrás de si lhe bambeou o equilíbrio. Absolutamente nenhuma lógica em tudo a sua volta.

– Mihos... – sussurrou ela, reafirmando o nome dele. – Talvez apenas não estejamos aqui há tempo suficiente.

– Nunca haverá tempo suficiente para um ser humano se acostumar com um pôr do sol – disse ele. – É uma dessas coisas fantásticas que não necessitam de compreensão.

Ela sorriu ao enfim entender.

– Ainda mais um pôr de dois sóis – acrescentou ela.

Ele se pôs ao lado dela na mureta e Ashanti pôde vê-lo melhor. Claramente sua aparência física destoava do povo local. A pele era bem clara e os olhos, escuros. O rosto tinha um formato quadrado, os cabelos eram cheios e cacheados. O corpo, magro e esticado, lembrava um homem que passava mais tempo em salas de leitura do que fazendo exercícios.

– Você sabe que não são dois sóis de verdade, não sabe?

A expressão dela já respondia a pergunta.

– Na prática, o que se acredita em Taremu é que se trata de corpos celestes que orbitam o sol e refletem a luz solar.

– Não entendo de estrelas, mas acredito fazer sentido.

– Parece fazer, não é? – perguntou ele, arranjando tempo entre as palavras para sorrir. – Então me responda: se as coisas nesta dimensão fazem sentido, o que é que nós dois estamos fazendo aqui?

Ashanti ponderou se respondia à pergunta com a lógica ou o coração.

– Os estudiosos nos explicaram em que acreditam... – disse ela, sentindo palpitações.

– E por que a explicação continua a não fazer sentido?

– Talvez porque seja uma dessas coisas fantásticas que não necessitam de compreensão.

Ambos ficaram se olhando, dando tempo para a admiração passear entre eles. Mihos voltou a olhar para o céu cada vez mais escuro.

– O que você acha, Ashanti?

– Do quê?

– Os estudiosos estão certos?

– E se estiverem? – provocou ela.

– Isso traria um grande fardo, ao menos para nós dois.

– Viver é assumir responsabilidades, não?

Ele riu, como se estivesse conversando com um louco.

– É assim que você encara isso? Alguém lhe diz que talvez seu destino seja proteger uma pessoa que não conhece e comandar um bando de monges que rezam a deuses-leões contra hordas de demônios, e você simplesmente responde que *viver é assumir responsabilidades*?

– Ei, eu não criei este mundo. Eu só jogo o jogo.

Da forma como ela falava, a vida parecia realmente simples.

– Eu gostaria de ser como você.

– Prefiro você em vestes masculinas.

Ele gargalhou. A admiração definitivamente era mútua.

– Você sabe o que eles esperam? Daquele que chamam de *dádiva*?

– O que eles esperam de *você* na tal noite?

Uma pausa. E a conclusão, após um suspiro:

– Ninguém sabe ao certo. Esperam que a dádiva oriunda da raça da fênix dourada incorpore durante a Noite da Serpente uma força capaz de destruir demônios abissais. Alguns acreditam que irei me transformar em um gigante de metal, ou um cavaleiro de capa e espada, capaz de atirar raios e voar pelo espaço, ou até mesmo que apenas o meu choro seja capaz de paralisar monstros.

– De onde as pessoas tiram essas coisas?

– De coisas escritas por poetas. Por isso eles são tão perigosos.

– Hum... Então estar ao seu lado é perigoso? – brincou ela.

– Diante desta minha aparência esguia de guerreiro treinado em salas de bibliotecas, você conseguiria imaginar isso?

Ela riu.

– É curioso como aqui em Taremu se acredita que as pessoas especiais possuem sangue diferente.

– Só que, ao contrário de mim, no caso dos monges de Taremu eles realmente possuem – disse ele.

– Eles acreditam que podem se tornar homens-leões em batalha.

– Pelo visto, você teve a sorte de nunca precisar vê-los à beira da morte.

Ela voltou a sorrir, sem levar aquilo a sério.

– O que diz exatamente a predição, Mihos?

– Demônios tomarão os céus montados em dragões renascidos, homens serão tentados, a Serpente subirá do Abismo e seres de sangue frio formarão aberrações. Uma dádiva tomará forma enquanto heróis irão nascer e morrer em um mesmo campo de batalha e o mundo verá o surgimento de novos reis.

Ashanti podia sentir no tom pesado a intensidade do fardo das palavras, que mal chegavam a ela, caindo feito chumbo no ar.

– Bons reis ou reis ruins? – perguntou ela devagar, como se isso pudesse

atenuar a resposta.

- Dependerá se mais heróis irão nascer ou morrer no campo de batalha.
- Ou se uma dádiva será forte o suficiente para inspirá-los a lutar por ele.

Mihos apoiou os cotovelos na mureta e baixou a cabeça entre as mãos.

- Ah, *viajante*... você me confunde... – resmungou ele, sem olhar para ela.

- Você também escutou sobre esse termo? – perguntou ela, surpresa.

– Sobre um fim do mundo, a base da morte de heróis e de minha necessidade de inspirá-los a matar demônios? Escutei, sim...

- Você entendeu o que eu disse, bobo!

Ela sorriu. Mihos ergueu a cabeça e suspirou mais uma vez.

- É uma das coisas que os outros monges andam dizendo sobre você...

Ashanti franziu a testa.

- Ei, não pare por aí! – insistiu. – Conte-me o que *mais* eles dizem!

Mihos sorriu diante daquilo. E respondeu:

- Você precisaria usar vestes masculinas para saber...

Ashanti mordeu os lábios. A sensação de estar diante de um homem capaz de vê-la como uma mulher, em vez de um estigma, mexia com sentimentos que ela nunca havia conhecido antes.

– E qual seria o melhor caminho para você? – perguntou ela, sentando-se sobre a mureta.

Estrelas começavam a tomar os céus já enegrecidos. Mihos só conseguia olhar para os músculos desenhados sobre as pernas desnudas da jovem.

- ‘O melhor caminho’? – perguntou ele, um pouco desatento.

– Para inspirá-los... – explicou ela em meio a um sorriso satisfeito, que expressava o suficiente.

– Ah, sim, claro... – Ele se recompôs, reparando que parecia sem jeito como qualquer um diante de uma pessoa deslumbrante. – Acredito que por mais que Taremu esteja se preparando para um confronto físico aflitivo, ela está distante dos outros povos que deveriam lutar com ela no dia temido.

- E onde estão esses povos?

– Nos arredores, próximos, porém afastados demais de um povo acostumado a lutar suas próprias batalhas. São povos cinzentos habitando ruínas ou tribos das pradarias, com anões alquimistas manipuladores de metal-vivo. São seres com suas próprias línguas e maneiras de pensar, mas dotados da mesma necessidade de sobrevivência que conecta os que ainda estão vivos. E possuem motivo para estar vivos.

Ashanti observava os olhos de Mihos, mantendo nos seus um brilho incomum. Talvez suas íris estivessem refletindo as estrelas. Talvez estivessem refletindo orgulho.

- E qual você acha que seria esse motivo?

- Não sei. Eu precisaria jogar o jogo para saber, não é? – perguntou ele de

volta e o brilho no olhar dela não diminuiu.

– Por que não tenta se comunicar com esses povos?

– Porque talvez não exista lógica nisso.

– Mas parece ser o que pede seu coração.

– Não posso viver apenas por intuição, Ashanti.

– Qual seria a diferença de morrer apenas pela razão?

O brilho dos olhos dela por um instante pareceu se refletir nos dele.

– Uma vez... uma única vez... conversei sobre o assunto com o príncipe Rögga.

– E o que ele disse?

– Ele sabe que uma jornada desse porte exigiria monges, recursos e tempo dos quais ele não dispõe.

– Em quanto tempo se cumprirá a predição?

– Acredita-se que próximo ao fim do ano.

– E não haveria tempo de tentar fazer política com essas raças?

– Rögga é um líder de guerra, e é muito bom no que faz. Ele acredita que seus recursos e seu tempo devem se concentrar no treinamento de seus monges, os mesmos que erguerão as armas quando a Noite da Serpente chegar.

– Besteira! – exclamou Ashanti de maneira espontânea.

Mihos não conseguiu esconder a surpresa.

– Ele o faz porque quer manter a identidade cultural de seu povo – enfatizou ela. – Mas ele sabe que seus monges estão prontos e muito aptos. Não é isso que ele teme.

– Se não é isso, então o que seria?

– Ele teme perder *você* nessa jornada.

Houve silêncio. E então ele concluiu:

– Como dizem por aí: parece fazer sentido...

Ashanti cruzou as pernas, virando-se para Mihos. Sentada em equilíbrio na mureta, mantinha metade do corpo para dentro do castelo e metade pairava sobre uma queda de centenas de metros. A situação deixou Mihos inquieto.

– O que você teme? – perguntou Ashanti, olhando-o firme. – A predição ou a sua responsabilidade nela?

– Eu sinceramente não saberia diferenciá-las.

Ela desceu as pernas. O corpo ainda a meio caminho entre a segurança e a morte certa.

– Você deveria confiar mais no que é capaz de fazer, como as pessoas daqui confiam – insistiu ela.

– Elas olham para mim e veem escritos de um pergaminho, não um homem comum.

– E você seria menor que o que elas veem?

– Você olha para mim e vê uma dádiva?

– Vejo alguém comum, esperando que eu lhe diga as palavras certas para ele

fazer o que se espera que ele faça.

– E o que você diria a ele?

– Que ele deveria recolher seus pertences e partir sem culpa, deixando para trás apenas uma carta, e que eu estaria a seu lado por toda a jornada.

– Por acreditar que ele é uma dádiva?

– Por temer não cumprir o que se espera que eu faça.

– Em relação ao temor de protegê-lo ou de não protegê-lo?

– Eu sinceramente não saberia diferenciá-los.

Em um salto, ela estava de pé. Mihos olhou para cima e se sentiu pequeno diante daquela mulher.

– Você poderia descer daí? – perguntou ele, uma gota de suor escorrendo por seu rosto.

Ashanti afastou as pernas, colocando a metade de cada pé para além dos limites da base da mureta.

– Neste momento eu estou entre a vida e a morte, não estou?

Mihos tentou dizer alguma coisa, mas por algum motivo seu raciocínio se perdeu. Foi quando Ashanti ergueu uma das pernas e se equilibrou na outra. Seu coração começou a bater forte.

A perna erguida era a do lado seguro da mureta.

– E você provavelmente deve estar em uma dúvida cruel. – Ela tombou o corpo um pouco para trás, lembrando uma árvore prestes a cair, agarrada ao último esforço de sustentação das raízes. – Afinal, se tentar me ajudar e errar o movimento, eu provavelmente vou cair...

– Pare com isso... – Os olhos do rapaz estavam arregalados como se o fim do mundo já houvesse chegado.

Ashanti inclinou o corpo um pouco *mais* para trás.

– Só que chegará num ponto... – e o corpo inclinou-se *mais* – ... em que eu só terei a opção de confiar em você...

– Ashanti! – rosnou ele como um bicho. – Desça daí!

– E você *precisará* fazer o que é preciso para evitar que eu caia...

– ASHANTI!

Mais um pouco. E mais um pouco.

– Para evitar que Taremu caia...

Menos da metade do único pé de apoio se manteve na mureta. Ela esticou os braços para ele, cada vez mais afastado. No rosto da dádiva havia um misto de choque e desespero.

– ... e evitar que a nossa confiança em você seja em vão.

Ela fechou os olhos, como uma pessoa que aceita a morte. O corpo se preparou para tombar de uma altura descomunal. E no momento em que o fim do mundo dela iria se tornar o fim do mundo dele...

– ASHANTI!

... em um movimento instintivo ele saltou como um gato para a frente, agarrou-lhe o pulso em queda e puxou-a de volta, fazendo-a cair por cima dele no chão. Seu coração batia tão forte quanto o dela, mas havia expressões diferentes no rosto de cada um.

– Você é maluca! – gritou ele. – Você... é... maluca! – repetiu, agitando-a pelos ombros.

– E, ainda assim, tenho motivos para estar viva.

Mihos arfava, como se não houvesse ar suficiente. Ou coragem suficiente.

– Eu entendo você. Eu *também* sinto medo. – Foi a vez de ela o segurar pelo rosto, obrigando-o a olhar para ela. – Mas o meu coração me diz que confio em você. E que esse sentimento é uma dessas coisas fantásticas que não necessitam de compreensão.

Mihos ainda arfava, mas naquele instante diante de um peso que ele finalmente percebia dentro de si. Com a outra mão, ela segurou a dele, a mesma que ele usou para impedi-la de cair.

Para uma mulher nascida da violência de um homem, aquilo simbolizava muito.

Ashanti colocou a mão dele ao redor do próprio rosto. E quando Mihos retomou o fôlego, os lábios se encontraram em um movimento explosivo. Um movimento de instinto. Um movimento irracional, guiado por escolhas que nem sempre podem ser explicadas pela lógica.

Quando os rostos se afastaram, os corações ainda batiam acelerados. E o fulgor no olhar de ambos era ainda mais forte que o de qualquer uma das estrelas na escuridão acima deles.



## TEGRIM

AQUELA PRAÇA NUNCA ESTEVE TÃO LOTADA. Aproximadamente quinhentas pessoas se espremiavam pelos cantos mais claustrofóbicos de uma aglomeração desorganizada, tentando acompanhar o que se passava no julgamento realizado em praça pública, no centro daquele lugar. O burburinho reforçava a exaltação popular.

Eles escolheriam a melhor forma de matar duas pessoas.

Antes do julgamento, outros assuntos de menor importância foram decididos. Um comerciante ganhou o direito de pintar o brasão da própria família no chão à frente de sua loja. Uma mulher convenceu a população de que seu filho era de fato a cara do pai que o renegava como herdeiro. Uma criatura que lembrava um gnomo conseguiu permissão para montar uma cadeira especial para ele na taberna principal da vila. Um ajudante de pintor obteve a permissão para vender os quadros de seu mestre artista, falecido sem deixar família conhecida ou testamento.

Resolvidos esses assuntos menores, era a hora de escolher como matar dois condenados.

– Cidadãos de Tegrim, que a manifestação popular final deste dia de julgamento se faça... – traduziu do idioma local o brasileiro magricelo em voz baixa, de pé, com as mãos atadas e a cabeça caída.

– *Merde!* É agora que estamos ferrados de vez – resmungou pela décima oitava vez o condenado ao seu lado, que os havia colocado ali. – Será que não tem nada que possamos fazer para mudar essa condenação?

– Na verdade, pelo visto, o que podemos tentar mudar é a decisão de uma morte lenta e dolorosa para uma rápida e fulminante!

– *Merde...* – suspirou o jovem Romain, quase às lágrimas.

O chefe de poder era um velho baixo, magricelo, de cabelos e bigode loiros. Em sua bancada prendia-se o símbolo da justiça local, composto de um escudo esmeralda sob uma coroa amarelo-ouro.

Próximo a ele havia guardas e um homem gordo na faixa dos sessenta anos, com os cabelos longos e o rosto cheio de buracos na pele marcada. Um bigode espesso se destacava assim como suas costeletas, reforçando a seriedade de sua figura. Vestia um colete de couro adaptado ao formato robusto e um pedaço do braço esquerdo fora substituído por uma espécie de liga metálica que sustentava um arpão. A boca expelia fumaça de um charuto preso entre os dentes amarelos e cariados.

– E que vocês decidam qual a melhor maneira de cumprirmos hoje nossa justiça. – O magricelo terminou a tradução.

A multidão, composta em sua maioria por pessoas sem dentes, maltrapilhas e com doenças de pele contagiosas, começou a gritar. Em meio aos berros, havia vaias distorcidas, que refletiam o prazer do testemunho da desgraça alheia. Aquele era o primeiro sinal ruim. Centenas de pessoas começaram a murmurar coisas distintas e sem conexão, cuja única semelhança era a palavra “morte”. De pé, ainda seminu e sentindo-se humilhado muito mais pela exibição pública do que pela condenação injusta, Romain tremia de medo, batia os dentes e tentava segurar os intestinos.

Ao seu lado, por trás da aparência oriental assustada, Daniel apesar de tenso e em choque decidiu não reagir de maneira afoita.

– Estou ouvindo o termo *Kutash* em todo canto... – sussurrou Romain, tentando captar qualquer sinal de esperança na praça lotada, porém incapaz de encontrá-la.

– Eu ouço apenas *Kutash-khan*... – respondeu Daniel, como se estivesse em transe.

A frase torceu o estômago do francês. De repente, a possibilidade de levar consigo uma morte inocente simplesmente pelo desejo de não morrer sozinho lhe pareceu pior do que o veredicto em si. No histórico de suas memórias, não se lembrava de já ter sido amigo de nenhum otaku adorador de *action figures*, mas detestava ter de admitir que, ainda assim, sua pouca consciência preferiria não ter envolvido aquela outra pessoa em sua condenação.

Foi quando teve uma ideia. Estúpida, mas uma ideia.

– Ei, ei, Houdini, você precisa nos tirar desta enrascada! – rosnou de repente.

– Eles estão pensando em nos enforcar... – comentou o garoto ainda em choque, o tom sem emoção.

– Está me escutando? Você *precisa* nos tirar daqui!

– Talvez nos afoguem...

– Você está me ignorando ou nem está escutando o que eu estou dizendo?

– Falam em flechada no coração...

Romain franziu a testa, analisando a melhor maneira de resolver aquele problema. Teria coçado a cabeça, mas estava com os punhos atados. De repente, como se houvesse algum bom senso no ato, simplesmente perguntou:

– Eles já comentaram sobre a sua virgindade?

– Não, eles disseram que uma fogueira seria... HEIN? – A expressão de choque se modificou. E o olhar perdido voltou a se focar nele. – Como assim sobre *a minha virgindade*?

– Ah, agora você escutou, né?

– Eu não sou *nada* virgem, tá legal? – O garoto parecia realmente ofendido.

– Não precisa ficar nervoso! Um monte de gente aqui nesta vila também deve ser! Só que não...

– Ah, é? E sabia que você é um baita de um...

Guardas vestindo uniformes azuis e coifas, os capuzes feitos de malha para proteger a cabeça e o pescoço, se aproximaram, e os condenados então perceberam que suas dúvidas sobre virgindade na adolescência custaram a revelação final sobre a escolha da forma de suas mortes.

Haviam optado pela degolação.

– Ah, meu Deus! – disse Romain em choque. – O velho infeliz virou a Rainha de Copas! E agora? E agora?

– Eu... eu... – Daniel tentava dizer algo, mas a fala não acompanhava os pensamentos do jovem que sabia que iria morrer.

– Peraí! Peraí! Como se diz ‘bruxo’ nessa língua maldita?

– ‘Bruxo’? Eu não sei se...

– Diz logo como é a droga da palavra! – vociferou Romain, tentando não demonstrar muita fraqueza.

– Acho que é... *bazoo!*

Foi quando Romain, o Louco, mais uma vez sem fazer ideia do que estava fazendo, virou-se na direção de Daniel, se jogou de joelhos no chão e começou a gritar:

– Bazoo! Bazoo! Sábio, magnânimo e adorado bazoo! – E olhava para o povo e de volta para Daniel. E ninguém sabia dizer se estavam diante de um louco ou um idiota. – Bazoo! Bazoo! Bazoo!

O chefe fez sinal para os guardas, que levantaram Romain ainda gritando a palavra feito um fanático. E então se dirigiu a Daniel:

– O que ele está fazendo? – perguntou, sério.

– E-Eu... – gaguejou Daniel. – O que você está fazendo? – perguntou em outro idioma a um Romain assustado com a possibilidade de aquele garoto colocar tudo a perder.

– Convença a eles de que você é um bruxo! – gritou ele em desespero. – De verdade!

– Mas... mas não sei se eu deveria...

– Convença, droga!

Diante de observadores atônitos, que felizmente não entendiam uma palavra do que tinha sido dito, Daniel limpou a garganta e proferiu:

– Ele... este jovem louco... está reverenciando... minha figura como bruxo...

Houve a pausa que todo grupo faz antes de decidir se aplaude ou começa a rir de uma pessoa.

– Você tem ideia *mesmo* do que está fazendo? – sussurrou Daniel, quase como um assobio.

– Eu sempre me ferrei em História, mas se tem uma coisa que eu me lembro é que se tem algo que essa gente velha e ignorante teme é fantasma e mandinga!

– E o que é que eu faço?

– Ora, faça alguma coisa, *bruxo!*

O chefe de poder elevou a voz:

– Quer dizer que você se assume um bruxo, além de cúmplice?

Daniel estava com o coração na boca, e no momento qualquer resposta poderia piorar sua situação.

Foi então que ele percebeu que *já* estava condenado à morte.

E nada poderia ser pior do que isso.

– Eu... eu... sim, sim! Eu sou Daniel, o Bruxo! E exijo um julgamento por um membro de ordem de patente mágica superior!

– Superior a quê? – perguntou o chefe, surpreso.

– A pelo menos o décimo oitavo nível! – respondeu Daniel, firme, escondendo o tremor nas pernas.

O chefe de poder olhou para os guardas, fez uma expressão irritada e resmungou:

– Cortem a cabeça deles!

Romain arregalou os olhos e mais uma vez já ia começar a lamentar, quando Daniel começou a falar sem parar:

– E se eu fosse vocês, não cortaria a cabeça de um bruxo! Afinal, tenho certeza de que todos vocês sabem da maldição que correria sobre esta vila nesse caso...

As pessoas se entreolharam. Não sabiam como reagir.

– Se um bruxo é condenado e morto em um julgamento em praça pública, seu espírito fica vagando pela vila até que todos os que o condenaram sofram na pele as mesmas tragédias...

A multidão continuou naquele silêncio indeciso entre a seriedade e o escárnio. Romain não entendeu uma palavra, mas começou a gostar mais de seu cúmplice desengonçado.

– Cortem a cabeça deles... – voltou a dizer o chefe, já se virando de costas.

Caminhou alguns passos para longe dos guardas, até que percebeu que sua sombra caminhava só. Virou-se e se deparou com guardas de expressões temerosas.

– O que está acontecendo?

– Senhor, será que ele de fato é um... sabe... não sei, servo da Abominável ou algo do tipo? – comentou um dos guardas mais jovens.

O chefe de poder pareceu *realmente* irritado.

– E de onde vocês tiraram isso, seus idiotas?

– Aquele ali foi encontrado nu, segurando uma galinha de cabeça pra baixo e se comunicando em uma língua desconhecida, senhor! – comentou o outro guarda, ainda mais jovem que o anterior.

O chefe exibiu dentes trincados. Percebia-se a pele rosada a cada momento ganhando tons mais escurecidos em vermelho.

– O que está acontecendo? Fala, fala logo! – gritou Romain, em tom alucinado.

– Eles acham que você... é um servo de magia negra de uma coisa que eles chamam de... *A Abominável!*

– Hein? – Romain esbugalhou os olhos e então, de repente, exibiu um riso maquiavélico.

– Como é que fala o nome desse sujeito nessa língua esquisita aí?

– É... pelo que entendi... eles chamam o cara de... Gai-Mozu!

Foi quando Romain de repente fez um arco violento para trás, assustando os guardas por um momento, que o soltaram. O francês se jogou para trás, batendo com as costas no chão. E então começou a tremer. E tremer. E tremer. E a espumar, resmungando em tom hipnótico:

– Gai-Mozu! Ó poderoso Gai-Mozu! Uh! Gaiiiiiiiii-Mozu...

As pessoas começaram a murmurar coisas ainda relacionadas à morte, mas já com algumas palavras envolvendo medo. O chefe, ainda mais irado, ordenou que os guardas levantassem o rapaz dali.

Nenhum guarda quis tocar nele.

– Gai-Mozu é mau! Gai-Mozu é muuuito mau... – dizia o rapaz, pulando como um macaco de um lado para outro, agitando a cabeça, rodando o corpo e entoando com uma voz grossa: – Viiiiivaaaaaaa! Vívaaaaaa Gaaaaai-Mozu! Viiiiivaaaaaaa!

Daniel não sabia se estava assustado ou com vergonha.

– O que diabos ele está fazendo? – gritou o chefe.

– São... são os espíritos já irritados com esse julgamento profano! – gritou Daniel, sentindo vergonha, mas sem poder voltar atrás.

– Gai-Mozu! Gai-Mozu! Ó bazoo! Bazoo! Bazoo!

Quando Daniel percebeu que o chefe de poder pretendia ele mesmo cortar suas cabeças, vermelho como já estava, colocou as mãos atadas na cabeça de um Romain ainda doidão e gritou:

– Pelas forças adormecidas em nome de Cthulhu, eu ordeno que esse espírito saia agora daqui!

Romain então de súbito endureceu o corpo e tombou como uma jaca. Quando ninguém estava mais prestando atenção nele, de um dos cantos da boca emitiu-se um:

– Ai...

O chefe de poder se manteve ali, atônito e indeciso com o que estava vendo, quando Romain, aproveitando-se do momento, levantou-se em um salto e começou a gritar para a multidão, apontando para Daniel:

– Bazoo! Bazoo! Bazoo-bazoo-bazoo-bazoo-bazoo!

Talvez por autenticidade, talvez por insistência, aos poucos a palavra começou a quicar pelas bocas da multidão. E, de repente, o jovem havia se tornado Daniel, “o senhor Bazoo”.

– Certo... *O senhor Bazoo*, não é? – perguntou o chefe, ainda em tom incrédulo.

– Ao seu dispor, senhor! – prontificou-se Daniel.

– O que ele está dizendo? O que ele está dizendo? – perguntava Romain, exaltado.

– Ele está dizendo... – traduziu Daniel. – Que diante de um bruxo tão poderoso... – Romain entrelaçou as mãos, como um fiel prestes a rezar – ... ele precisa demonstrar compaixão...

Romain começou a pular de um lado para outro, quase prestes a abraçar um guarda.

– E que em vez de nos matar...

– Sim! Sim!

– Ele prefere utilizar essa bênção para salvar o povo daqui...

– Sim, sim!

– ... nos enviando para expulsar um demônio-bruxa que atormenta a vila!

– Sim, si... mas, hein?

Romain travou como uma estátua em uma expressão esdrúxula.

– Tá de sacanagem que o baixinho-cabeçudo-fã-de-Asterix disse isso?

– Pois é, pois é...

Romain suspirou. E declarou:

– Eu odeio tudo isso!

Daniel virou-se para o chefe de poder em uma última tentativa:

– Mas, senhor, a... o demônio-bruxa é uma criatura muito poderosa! Não sei se seríamos as pessoas mais indicadas para...

– Vocês não irão sozinhos! Alguns de nossos guardas os acompanharão. E tenho a pessoa perfeita para guiá-los e ajudá-los nessa jornada... – Havia um sorriso intrigante por trás do anúncio da decisão.

Romain, em expressão invocada, tentou cruzar os braços, mas as mãos atadas não deixaram. Aquilo o irritou *ainda mais*.

– Eu nem sei se quero saber o que esse paspalho está dizendo agora...

Ao fundo, o chefe de poder continuou a falar no idioma comum de Tegrin.

– Está dizendo que vai mandar alguém conosco, para nos guiar e nos ajudar a caçar a criatura – traduziu Daniel.

– Para nos vigiar, ele quer dizer, né?

– Tanto faz nesse caso, né? – perguntou um Daniel já sem confiança.

– E qual desses vagabundos vai guiar a gente? Seja quem for, a gente dá um jeito de empurrar o cara no primeiro abismo.

Foi quando a voz do chefe de poder intimou:

– Booba! O dia de sua redenção contra a maldita bruxa chegou...

E os rapazes condenados então viram o homem robusto de colete de couro se destacar na multidão, fumando um charuto. O mesmo que antes os observava com expressão carrancuda.

Exibindo um arpão na metade de um braço.

– Acho que é mais fácil esse cara atirar nós dois em um abismo – sussurrou Daniel.

– Oh, *merde*...



## FLORESTA CINZENTA

UMA DAS MÃOS TAPOU A BOCA DE AMBER, enquanto outra lhe impedia a visão. Sentado atrás dela, recostado em uma árvore antiga de troncos desgastados, Derek mantinha os olhos igualmente fechados, enquanto uma nuvem de mosquitos passava pelos dois fugitivos. As roupas estavam encardidas, e o suor fazia com que o tecido, a lama e a poeira grudassem como a crosta de uma segunda pele. Pelas cercanias, dracônicos e humanoides anfíbios ainda faziam buscas atrás dos fugitivos humanos, obrigando os dois a se encolherem nos cantos mais improváveis de uma floresta amontoada de cinzas vulcânicas.

– Hum... hum... – resmungava Amber, tentando segurar a respiração, ao mesmo tempo que sentia o incômodo de insetos a rodeando sedentos por sangue.

Com olhos ainda fechados e dentes cerrados, Derek passava mentalmente seqüências numéricas, tentando manter a concentração e evitar emitir qualquer barulho que aticasse os instintos animais de criaturas caçadoras. Naquele momento, situavam-se na ponta noroeste de um acidente geográfico em forma de U, que atravessava as montanhas e formava as planícies de uma das vertentes de um rio.

– Quando eu ordenar... corra pro rio... – disse ele em sussurros com a boca colada a uma das orelhas dela.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, ainda com os olhos cerrados.

– Vai!

Correndo agora de olhos bem abertos, escorregando em folhas e chutando galhos caídos, Amber partiu em direção ao rio ao fundo. Atrás dela, Derek fez o mesmo, torcendo para dracônicos não sentirem o cheiro da adrenalina no sangue humano. Eles saltaram rochedos, esgueiraram-se por conjuntos de troncos de árvores e tentaram não olhar para trás.

Passaram pelas últimas árvores, em cujos cantos se escondiam colmeias de abelhas. Quando os corpos se aproximaram do rio, Amber saltou e afundou o rosto, acalmando a sede por água doce. Derek, por sua vez, enfiou toda a cabeça no rio, jogando os cabelos em um movimento abrupto e arqueado para trás, que lhe despejou pelo corpo a água acumulada.

Aquela sensação, como poucas até ali, foi ótima.

– Beba devagar... – pediu ele, diante da ânsia dela. – Eu sei que a sede é grande, mas tente beber devagar...

– Nós temos tempo de fazer alguma coisa devagar neste lugar?

Derek suspirou. Observou de longe um pedaço de galho do tamanho de dois braços esticados, levado até a margem pela última chuva forte. Ao tomá-lo nas mãos, testou-o como arma. Quebrou uma das pontas e conseguiu uma projeção

afiada. O rifle permaneceu descansado em terra, perto de Amber.

– Parece frágil para usar como arma! – declarou ele. – Mas ainda não encontrei nada melhor...

– Você parece bom nessas coisas – comentou ela. – Você é filho de caçador ou coisa assim?

– Escoteiro.

– Filho de escoteiro ou ex-escoteiro?

– Não existem ex-escoteiros.

Ele chegou a sorrir com a lembrança emotiva. Um olhar mais atento revelou uma espécie de truta nadando pelas águas do rio. A visão fez doer o estômago, reavivando o apetite.

– Você está com fome? – perguntou ele.

– Faminta! Só não comentei antes porque sapos mutantes e reptilianos bípedes pareciam uma ameaça pior.

Derek começou a tentar apanhar um dos peixes com a lança improvisada.

– Você vai conseguir pescar alguma coisa com isso?

– Como disse: não encontrei nada melhor.

– Estilo metralhadora *cyberpunk* carregada?

Derek parou e olhou para ela de lado, entendendo aonde ela queria chegar.

Ele voltou a tentar pegar o peixe, afundando a ponta da madeira na água.

– Você pretende me contar onde arrumou essa metralhadora alienígena? – insistiu Amber.

– Na verdade, eu tirei de um reptiliano. E, antes que pergunte, não faço a menor ideia de *quem* ele tirou antes de mim.

Ela riu das falhas nas tentativas dele – talvez pela falta de concentração que ela insistia em provocar.

– Aquilo é mesmo uma metralhadora?

– Tecnicamente é uma variação de um rifle de assalto pesado *hi-tech*.

– Sei – comentou ela, um tanto irônica. – Essas coisas fazem parte da grade de formação de escoteiros?

Derek suspirou. Sabia que ela não ia parar enquanto ele não dividisse alguma coisa.

– Não. Mas fazem parte da formação de elite do exército americano.

A expressão de Amber se modificou.

– Você é um soldado de elite? – perguntou ela, em tom sério. – Como os que mataram Bin Laden?

– Aquela foi uma unidade SEAL – continuou ele, sem retirar a atenção do que tentava pescar. – Eu faço parte do Regimento Ranger.

– Certo... – disse ela, ainda em um tom um tanto irônico. – Você deve ser capaz de acertar uma moeda de cima de uma árvore, né?

– Com a arma certa, sim.

– Verdade – comentou ela, mal-humorada. – Com a errada, você mal consegue acertar um peixe.

A irritação dele explodiu em um arremesso do galho de ponta afiada no rio. Ao retirar a lança improvisada, havia uma truta se balançando na ponta.

– Habilidade? – perguntou ela, ainda fria.

– Sorte – respondeu ele, sincero.

Derekesperou que o peixe parasse de ter espasmos.

– Quer que eu ajude a cozinhar? – perguntou ela ao vê-lo se virar para cortar de maneira bruta e sem precisão o corpo do peixe, aproveitando a ponta sem fio.

– Você é boa nisso?

– Eu era garçõete de um pub em Dublin – revelou ela, explicando o sotaque. – A gente aprende uma coisa ou outra.

– Seria ótimo. Mas nós não poderemos cozinhá-lo – explicou ele. – A última coisa que podemos fazer por aqui é uma fogueira.

– Se houver uma caldeira por aqui, nós poderíamos cozinhá-lo.

– Poderíamos! *Se* não estivéssemos sendo caçados por criaturas monstruosas.

– Isso quer *mesmo* dizer que... *ah, merda...* é isso mesmo que quer dizer, não é?

Com uma expressão de lamento, Derek enfiou os dedos ao redor de trechos projetados da espinha do peixe, e, ignorando qualquer sabor, engoliu um pedaço de carne branca, procurando pequeninas saliências ósseas que pudessem ter se misturado ao aglomerado de tecido muscular cru.

A visão causou náuseas na garota.

– Não sei se consigo...

– Não sei se teremos comida tão cedo – insistiu ele. – As abelhas daquelas colmeias não devem dividir mel tão facilmente...

Ela enfiou os dedos com repulsa, raspando com a unha suja pedaços da carne branca. Ela estava a ponto de desistir, quando a voz dele insistiu:

– Você consegue...

Fechando os olhos, ela pôs o conjunto de carne crua, manchado de sangue e sujeira na boca, engolindo sem sentir o gosto. Ao perceber pedaços de espinhas lhe arranhando a garganta, começou a tossir, sentiu o rosto ficar roxo e correu para o rio. O intervalo da tosse diminuiu mas o volume aumentou.

Derek começou a se assustar por mais de um motivo.

– Calma! – disse ele, dando tapas nas costas dela. – Calma! – O olhar varrendo os arredores, preocupado. – Beba água! Devagar, isso, devagar...

Aos poucos, a tosse dela foi melhorando. A respiração nervosa acalmou-se um pouco, mas ele percebeu que ela tentava ao máximo evitar a ajuda dele, ou mesmo que ele a tocasse. Ao desistir e se afastar, erguendo os braços para ela em sinal de paz, a escutou murmurar:

– Derek.. – a inflexão trêmula na voz fez com que ele fechasse os olhos por um segundo, sem vontade de olhar para trás. Quando o fez, soltou um novo

lamento.

De pé havia um dracônico grande e gordo, carregando uma faca lapidada com osso de dragão nos dentes de javali, observando os dois com o olhar avermelhado de um predador antes do ataque. Vestia trapos sem qualquer parte de uma armadura, que talvez não fosse necessária, a julgar pela massa de gordura abundante que envolvia a pele enrugada reptiliana.

– Encarar ou fugir, soldado? – perguntou ela enquanto dava passos incertos para trás.

Fugir envolvia atravessar um rio ou correr por uma margem, caçados por uma criatura que possuía sentidos predatórios, além da visão e conhecimento territorial.

– Afaste-se! O máximo possível! Afaste-se! – ordenou Derek, tomando a frente dela e arrancando o peixe da ponta da lança rústica.

Ela não sabia o que era mais assustador naquela decisão.

– Você não pode enfrentar essa coisa...

Ela tinha razão.

– Talvez. Mas também não temos como fugir dela.

Ele também.

– Por isso, eu *preciso* que você se afaste...

Ela novamente obedeceu, mais pela tensão da voz dele. Ao fundo, o dracônico se aproximou *mais*. Dotado de uma inteligência rudimentar, o humanoide poderia ter emitido sons de alerta para outros de sua raça. Entretanto, mesmo uma inteligência rudimentar já nasce da noção de ego, e matar uma caça sozinho, e devorar-lhe a carne sozinho, não apenas o alimentava melhor, como tornava-o entre seu bando o *Huray*.

Foi assim que o soldado se posicionou diante do monstro, com o coração acelerado. O odor da adrenalina humana enlouqueceu os instintos do reptiliano. A faca na boca foi passada para a mão enrugada. E, rosando como bicho, ele investiu com a bocarra aberta.

Sem qualquer noção de bom senso, Derek também.

Seus pés saíram da margem do rio, esparramando água. Os da criatura, afundando pegadas na terra. A mão dele ergueu a lança improvisada, projetando a ponta. O bicho exibiu garras, prolongando dentes. Gritos. Rosnados. Próximos, cada vez mais próximos. E então...

– Aaaaahhh! – gritou Derek, quando a lança foi projetada para a frente, desejando que em algum lugar alguém lhe emprestasse sorte mais uma vez.

A ponta penetrou um pedaço da carne abdominal da criatura, forçando-a a diminuir a corrida e soltar a faca. Assustado com o urro de dor e o bafo de comida podre acumulada sobre dentes afiados, Derek largou o galho.

Foi quando viu o reptiliano arrancar o galho pontiagudo e arremessá-lo longe,

expondo um buraco de sangue frio no próprio corpo. Novamente, num movimento automático típico de um desesperado, Derek avançou para cima da criatura, armando um soco.

– Uch! – gritou, quando os dedos fechados bateram e se projetaram para dentro, como que socando concreto. Ele agitou no ar a mão utilizada no murro, como quem queima os dedos. Se a adrenalina naquele momento não anestesiasse as ações e ele estivesse em casa, enfiaria por um longo tempo a mão em uma bolsa de gelo.

Entretanto, ele estava longe.

A mão fechada do dracônico atingiu-o de baixo para cima, fazendo seu corpo girar duas vezes no ar, antes de tombar e sentir o gosto de sangue. O mundo ainda estava trêmulo quando o bicho montou por cima dele e bateu e bateu novamente no corpo caído, que tentava se proteger com os braços em forma de cruz. A cada batida, a pele humana ganhava hematomas arroxeados. E então a bocarra do bicho se abriu e os dentes se prepararam para cravar-se sobre o homem. A cabeça se projetou para trás. E no instante em que iria se projetar para a frente, o bicho mais uma vez urrou de dor ao sentir a pele rasgada, desta vez pelas costas.

Por sua própria faca.

No chão, Derek se surpreendeu ao notar que ainda estava vivo e seu inimigo fora atingido novamente.

Por uma mulher.

– Corre! Sai daqui! Sai daqui! – gritou ele, desesperado para que ela se afastasse, e com receio de que seus gritos atraíssem outros que lhes caçavam.

O bicho se virou e mal viu o golpe quando Amber zuniu o rifle pelo cano como se fosse um bastão. A coronha se chocou contra o queixo do reptiliano, fazendo-o cambalear. Ao se recuperar, a criatura olhou para Amber com os olhos vermelhos esbugalhados. Ela apertou os olhos e franziu a testa. O dracônico arqueou-se para avançar em cima dela e, outra vez dotado da anestesia da adrenalina, Derek apanhou um pedregulho no chão e saltou sobre as costas da criatura, batendo na lateral de seu crânio uma, duas, três vezes.

– Corra! Corra! – gritava ele. – Corra daqui...

O último golpe acertou a criatura com violência no meio da face, afundando uma parte da narina. Urrando, o dracônico projetou-se para trás, expandindo as costas e arremessando Derek ao chão. O impacto das costas contra o solo lhe tirou ar dos pulmões e ele tossiu saliva com sangue. O monstro apanhou o pedregulho no chão, prestes a lhe afundar a cabeça. Derek aceitou que iria morrer em batalha. E o que o manteve vivo permaneceu em sua memória.

Primeiro, ela correu na direção do reptiliano, como se soubesse o que estava fazendo. A expressão fechada, os olhos ainda apertados, a testa enrugada. Sem percebê-la, a criatura esticou o braço com o pedregulho na mão, armando o

golpe. Amber se aproximou pela lateral e foi tudo tão rápido que Derek não conseguiu absorver a princípio. Em um primeiro movimento, ela saltou. A perna direita subiu, enquanto as mãos se fechavam no braço esticado do dracônico e o corpo dela ficava de ponta-cabeça. Ao mesmo tempo, a perna esquerda foi jogada por cima do ombro da criatura pelo outro lado. As duas pernas se cruzaram e, aproveitando o impulso e a gravidade, o corpo dela girou, rodando com ele o braço da criatura em quase trezentos e sessenta graus.

Derek ouviu o membro do dracônico estalar em pelo menos três pontos diferentes.

O monstruoso berrou um som que se alastrou pela floresta. Estava ainda com o olhar arregalado por baixo da juba que lhe caía na face de nariz quebrado, quando Amber se levantou e correu novamente. Apanhou a faca com lâmina de dragão no chão. Voltou. E a afundou no olho do dracônico.

– Vamos, levante-se! A floresta toda deve ter escutado esse desgraçado gritar!

Ela buscou o rifle caído, prendeu-o às costas e ajudou Derek a se erguer, em uma cena um tanto difícil para ele assimilar.

– Que diabos de curso de garçonnez você fez? – perguntou, ainda em choque.

Amber chegou a sorrir.

– Eu disse a você que a gente aprende uma coisa ou duas.

Eles correram juntos, um ajudando o outro, embora ela o ajudasse mais daquela vez, o que ele não gostava de admitir. O soldado mancava, tossia e gemia, em meio a sangue e hematomas. Ao adentrarem pelas árvores e chegarem a uma clareira, ele pediu um momento para respirar. Quando ela cedeu, Derek pegou pelos braços e chapou as costas dela em um tronco.

– *Quem é você, afinal?*

Ela suspirou pacientemente. Era isso ou quebrar os braços dele.

– Eu disse a você: eu sou uma garçonnez de Dublin...

Ele continuou olhando para ela, esperando *mais*.

– ... com uma vida difícil, descarregando raiva em ringues fechados até ganhar a chance de ser bem paga pra isso.

Ele soltou os braços dela.

– Você lutava por dinheiro?

– Não me olhe assim! Você mata pais de família por isso também! – vociferou ela de volta.

– Não estou julgando você – disse ele em voz neutra. – Só estou surpreso.

Ela desviou o olhar, como se fosse mais fácil do que pedir desculpas.

– E eu sou um soldado, não um mercenário – acrescentou ele. – O que nós fazemos é pela bandeira, não pela fortuna.

– Sei. – Ela apertou os lábios. – Mas o seu idealismo tem um cheque com benefícios todo mês, não tem?

Ele olhou no fundo dos olhos dela e preferiu não insistir. Havia na expressão

dela muita raiva acumulada. E talvez ela ainda precisasse disso para continuar viva ali.

– Você deslocou *mesmo* a omoplata de um dracônico? – perguntou ele em um tom mais relaxado.

– A culpa foi dele, na verdade. Ele deveria ter girado o corpo, mas burro do jeito que é, ficou plantado e facilitou a minha vida.

– Aquilo foi um *armbar* voador, né?

– *Giratório!* Acho que vou patentear esse golpe. Já pensou? – perguntou ela, um tanto irônica. – Um golpe com meu nome?

– Poderia se chamar *amber!*

Amber sorriu largo, com os olhos apertados, as bochechas saltadas e os dentes à mostra.

Derek adorou aquele sorriso.

– Com o que vi você fazer, ainda não entendi como eles prenderam você naquela berlinda que a encontrei...

– Precisaram de três deles!

– Verdade isso?

– Claro! *Por que* acha que eles tiveram de me prender na berlinda?

O sorriso de orgulho dela ainda estava lá. A admiração dele também.

– Sabe, antes de aparecer por aqui... você lembra o que lhe aconteceu momentos *antes*?

Ela se calou, dando indícios do incômodo. Ele esperou Amber se dar conta de que, se um dia fosse conversar sobre aquilo com alguém, o momento era aquele.

– Eu me lembro...

Ele encostou em uma árvore perto da clareira e se sentou, sentindo a dor que acompanhava os hematomas.

– Eu estava com uma pessoa que dirigia um carro a cento e oitenta quilômetros por hora, e resolvi contar uma coisa que deveria ter esperado.

– Seu namorado?

– Meu irmão.

Derek se calou novamente, aguardando que ela continuasse, se quisesse continuar.

– Ele tem dezessete anos e você sabe no que garotos nessa idade pensam, não é?

– Faculdade?

– Corridas clandestinas.

– Claro, porque a resposta não poderia ser *somente* garotas, não é?

– Sabe quantas delas se jogam em cima de caras como ele?

– Isso é um mito, dizem a mesma coisa sobre soldados.

– Nada disso é mito.

– Então estou precisando usar um pouco mais a farda no meu dia de folga.

Ela chegou a esboçar um sorriso, mas a seriedade do que queria dividir era mais forte. Ao perceber isso, Derek voltou ao assunto:

– Por que o carro estava nessa velocidade?

– Porque ele estava competindo.

– Imagine! Mas ainda não entendi por que *você* entrou no carro.

– Porque eu queria fazê-lo parar.

A expressão dela se fechou. Derek sabia que se ela tivesse outro tipo de personalidade, naquele momento ela teria chorado.

– Já deu para perceber que a nossa vida era difícil, né? Quer dizer, nada como ser perseguida numa floresta pelo tabuleiro do Jumanji, mas você pode imaginar o problema que a junção pai, exército republicano e luta armada do tipo uh-lavamos-libertar-a-Irlanda-do-Norte-do-dominio-desses-britânicos-desgraçados pode trazer pra uma família, certo?

– Seu pai se envolveu com atividades terroristas?

– Para ele era *idealismo*. Curioso, não?

Derek suspirou pesado, aceitando.

– Terrorismo não é idealismo – insistiu ele.

– Talvez. Mas se ele não recebia um cheque para fazer o que fazia, e optou por dar a vida por aquilo, em vez da família, sem dúvida é um ideal, não é? Uma porcaria de ideal, é verdade, mas ainda assim.

– Onde ele está hoje?

– Morto.

Derek sentiu um incômodo, mesmo que esperasse aquela resposta.

– Meu pai fazia parte da minoria que nunca acreditou em uma resolução pacífica entre irlandeses e ingleses. Ele morreu enquanto fazia compras na loja de conveniência de um posto de gasolina.

– Foi uma operação?

– Não, só azar. Ele estava fazendo compras e, embora estivesse sem barba e de boné, um inglês o reconheceu e o matou.

– Ele foi morto por um civil? – perguntou Derek, surpreso.

– Não, por um soldado. Em um dia de folga.

Derek fechou os olhos, sem saber o que dizer a ela.

– O atendente do caixa disse que o soldado nem mesmo deu voz de prisão.

Sem *ter* o que dizer a ela.

– E... sabe o que é mais curioso nisso tudo? Naquele dia, ele estava comprando chocolate! Algo bem normal, certo? Só que ele odiava chocolate. Mas eu e o meu irmão adorávamos.

– Então você acredita que...

– Talvez, talvez não. Quem vai saber? Mas eu gosto de pensar que *sim*. Só que sabe qual o problema de pensar que *sim*? É pensar com isso também que, se eu estiver certa, então a última vez em que meu pai foi me comprar alguma coisa

foi no dia em que um soldado simplesmente sacou uma arma e estourou a cabeça dele, enquanto ele esperava o troco.

Houve um tempo de silêncio entre eles.

– Você sabe que nada disso é sua culpa, não sabe? – indagou Derek

– Qual a diferença se eu ainda carregue as consequências?

Ele gostaria de se aproximar dela. Mas sabia que ela o repreenderia.

– Ao confirmarem a identidade dele, minha mãe foi presa como cúmplice, até porque ela realmente era. Antes que fôssemos parar num reformatório ou numa sala de tortura, eu e meu irmão migramos de cidade em cidade, fazendo dinheiro com o que sabíamos fazer bem.

– Você sabia lutar desde cedo?

– Sabia luta de chão – revelou ela. – Mas conheci um cara no circuito de lutas clandestinas. E ele foi bom comigo, me levou pra morar com ele, e me treinou no que eu não sabia. Aprendi a socar melhor, a chutar e a usar os cotovelos. Quando estava pronta, ele me colocou no circuito. E eu descobri algo em que era *realmente* boa.

– Você deve ter passado por momentos pesados.

– E quem não passa? Mas as minhas adversárias passaram por piores. Eu nunca fui derrotada na arena até hoje, acredita? Na minha primeira luta, desloquei o osso do braço de uma russa do seu tamanho. O técnico dela disse que foi a primeira vez em que viu aquela mulher chorar.

Derek percebia o *orgulho* na voz dela.

– E o *seu* técnico? Você manteve o relacionamento?

– Por um tempo. Aí o meu nome começou a correr no submundo da cidade, eu juntei as minhas coisas e fui embora.

– Você simplesmente deixou o cara e foi embora?

– O que você achou que eu ia fazer? Esperar ele chegar do trabalho e fazer o jantar? Ter um filho com ele? E o que eu diria para a criança no dia em que soldados como você invadissem a casa e estourassem a cabeça do pai dela *pela bandeira*, enquanto caçam a filha do terrorista?

Ela diria o mesmo que Derek poderia dizer naquele momento. Nada.

– Além do mais nem sei se filhos de terroristas podem ganhar chocolates na prisão...

Mais uma vez ele sentiu vontade de se aproximar dela. E mais uma vez soube que ela o repreenderia.

– E o que você contou a ele?

– A quem?

– Ao seu irmão. Quando estavam dentro de um carro a 180 quilômetros por hora.

Ela encostou a cabeça no tronco e olhou para cima.

– Ah... porra de vida... – lamentou ela.

– Você não precisa... se não quiser...

– Um dia eu cheguei em casa depois de trabalhar no pub – continuou Amber, ignorando-o. – Fui escovar os dentes e percebi sangue na pia. Quando olhei no espelho, o meu nariz estava sangrando. Não liguei na hora, achei que fosse alguma consequência da última luta. Na verdade até era, só que a luta não tinha sido a causa. Mas fui eu quem quis que a porcaria do médico me dissesse, não foi?

– O que o médico disse?

– Eu estava com um tumor na cabeça. E da maneira saudável como eu vivia minha vida, você deve imaginar que ele ficou bem preocupado na hora de me dar a notícia da gravidade da coisa, certo?

– Amber...

– Eu podia ter guardado pra mim – fraquejou. Mas a garota não chorou. – Só que fui idiota. Fui até o meu irmão e ele já estava dentro do carro. Pedi pra ele não correr, e eu disse que tinha uma coisa importante pra contar pra ele...

Amber fez uma pausa, como se continuar doesse.

– Ele me disse para esperar, que só ia demorar alguns minutos, e ele me levaria em um restaurante chique pra comemorar. Entendeu? Ele achou que eu ia dizer a ele que estava grávida, ou que ia me casar com um cara que preferisse jardinagem a explosivos, ou que eu iria disputar um cinturão de alguma confederação. Sei lá! Mas ele achou que se eu tinha ido até lá daquela forma era porque eu ia dar uma notícia *boa*.

Ela apertou os punhos e ele notou que eles tremiam.

– Só que eu não estava lá pra dizer isso. Eu deveria ter deixado ele correr. Porra! Eu deveria ter deixado ele correr e só então contado pra ele! Só que... e se *ele morresse* naquela corrida? Eu teria meu pai com a cabeça estourada, minha mãe na prisão e um irmão carbonizado entre as ferragens? Que *porra* de família seria essa? E, se o meu destino era terminar sem cabelos em uma cama de hospital, *até isso* teria de ser sozinha? Eu sei que era um puta egoísmo da minha parte, mas... eu queria o meu irmão comigo, ao menos no fim, entende? Foi por isso que entrei naquele carro. E enquanto eu implorava pra ele não correr, eles deram a largada. E enquanto o velocímetro dele acelerava, ele reclamava que eu estava aumentando o peso do carro, e de quanto dinheiro ele ia perder por minha causa. Foi aí que vi que ele não ia *mesmo* parar. Então eu resolvi contar, para ver se ele freava! A estúpida aqui contou pra um moleque de dezessete anos, dirigindo um carro esporte a 180 quilômetros por hora, que a única referência de família que ele *ainda* possuía tinha alguns meses de vida. Sabe o que aconteceu? O óbvio. Ele não freou o carro. Ele entrou em choque...

Ela fez uma pausa. Ele esperou.

– Só que, quando você entra em choque no volante de um carro a sessenta quilômetros por hora, você talvez tenha tempo de se recuperar e frear antes de

ver só o capô do seu carro amassar. Mas quando você está a uma velocidade daquela e entra em choque, o resultado é um carro escorregando torto pelo asfalto até o seu mundo capotar quatro ou cinco vezes e ficar escuro. E quando você acorda, adivinhe, você não encontra um céu com anjos para receber você e o seu irmão, não é? Claro que não! Você encontra um inferno cheio de demônios, lembrando que sua vida nasceu pra ser ruim.

Os olhos dela se apertavam. Derek decidiu se aproximar dela, independentemente da reação que pudesse provocar.

– Amber... olhe pra mim... – pediu ele, parando na frente dela.

Ela olhou e ainda havia raiva. E ainda havia aflição. Mas Derek conseguiu ver ali alguma coisa a mais.

– *Não foi culpa sua. Você me entende?*

Ele tentou tocar nos ombros dela e ela lhe estapeou os braços, ofendida.

– Não se atreva! *Não se atreva* a me tirar isso, entendeu?

Ele voltou a tocar os ombros dela e, quando ela tentou tirar o braço dele, ele fez força e permaneceu.

– Eu sei! EU SEI! É uma droga! Eu sei. Eu entendo o vazio. Eu entendo de onde vem!

– Não, você não entende, seu desgraçado! – rosou ela, apontando o dedo na cara dele. – Você é o que aperta o gatilho! Você é o que tortura em sala fechada! É o que obedece sem questionar! Você *também* é a razão da bomba-relógio! E você pode dizer que salvou a minha vida lá naquela mina, mas eu salvei a sua nesta floresta! Então eu não lhe devo mais *nada*, entendeu? Nada! Eu não... lhe devo... NADA!

– *Não foi culpa sua, Amber!*

O rosto dela começou a ficar vermelho.

– Eu NÃO preciso de você! Eu não preciso nem de você, nem de NINGUÉM! Eu vou achar o meu irmão! E se eu tiver de matar você, ou uma fileira de homens-sapos, ou uma legião de demônios pra isso, eu vou fazer, você está me escutando?

– A escolha foi dos seus pais, a escolha não foi sua...

Ela trincou os dentes e com uma das mãos agarrou o pescoço de Derek

– Eu estou falando do meu irmão...

O rosto de pele branca dela foi tomado de vermelho. O dele também.

– O seu irmão foi um *acidente*! E se ele veio parar aqui com você, então nós podemos rastreá-lo!

– Eu odeio você! – Os dentes se trincaram mais e espremeram lágrimas pelos olhos apertados. – Eu odeio *todos vocês*!

A mão dela apertou ainda mais o pescoço dele. A dele acariciou o rosto dela.

– Eu sei e você tem o direito... – disse ele com dificuldade.

– E eu não devo...

– *Nada!* Você não me deve nada. Mas eu devo a você. E eu vou salvá-lo *junto* com você.

A mão dela afrouxou o aperto na garganta dele.

– Eu *não* preciso de você... – sussurrou ela com a voz fraca.

– Eu sei, você não precisa de ninguém – repetiu ele numa voz sem julgamento.  
– Você é uma mulher forte e uma mulher invicta... – A outra mão dele tocou o rosto dela e a fez olhar para ele. Nem mesmo ela sabia mais de que tipo eram aquelas lágrimas que continuavam a cair. O rosto de expressão fechada aos poucos se abriu. – Uma mulher melhor do que muitos homens que já serviram ao meu lado. Quer saber? Fodam-se idealismos e bandeiras! Que se danem *os motivos!* Nós vamos fazer isso por nós dois. Entendeu? Vamos fazer isso porque *nós* controlamos o que nós queremos fazer! E eu preciso de você. Preciso de você para encontrarmos o seu irmão...

Amber encostou a cabeça no peito dele e colocou para fora lágrimas acumuladas ao longo de anos. O corpo tremeu. O choro se tornou soluço. Aquela foi a primeira vez que ele viu aquela mulher chorar.

– Não foi culpa sua... – disse o soldado, tirando um pouco do peso que ela se acostumara a carregar. Como ele.

“Nada disso aqui é nossa culpa...”



## TERRAS DO PÓ

ALÉM DE AFLUENTES CONGELADOS, HAVIA UM TEMPLO SEM VIDA. Protegido por uma cria invocada do Abismo, a construção se erguia sobre um solo árido, sustentada por pilastras de solidão. Ao redor daquelas terras havia apenas regiões desoladas, onde de vez em quando ventos jogavam no ar restos mortais de homens já sem nome.

– Os ferreiros fizeram um bom trabalho? – perguntou o demônio-rei.

Nas paredes manchadas se prendiam algumas lanças triangulares: armas demoníacas negociadas diretamente com ferreiros abissais em troca de escravas que pudessem ser moldadas como futuras súcubos.

– Eles sempre fazem se lhes pagar seu preço.

– Espero o mesmo de você.

Ravenna sorriu, como se aquilo fosse um galanteio.

– Tragam o cadáver da criatura – ordenou ela na língua das sombras.

De pé, no centro de um círculo desenhado no interior de um castelo vazio, o demônio-rei de três olhos aguardava o início de mais um fim. Era curioso que para os demônios a vida funcionasse assim: por meio de ciclos cuja importância estava em sua destruição. Ditados de anões diziam que dragões gostavam do início dos ciclos; demônios, do fim. Escritos de monges de Taremu, contudo, expunham que era exatamente desse equilíbrio que dependia a vida. Era preciso que dragões comesçassem os ciclos e demônios os terminassem. Nesse processo haveria a evolução material e espiritual de todas as raças entre o céu e o submundo. E mesmo de outras dimensões.

– Meu lorde... – disse a entidade feminina de olhos felinos ao lado dele.

Ali estava Ravenna, o demônio-bruxa, acompanhada de duas de suas crias, uma raça de homens-lagartos trazida ao mundo por rituais que exigiam coisas difíceis de serem descritas.

– Tragam...

A demoniaca sussurrou por detrás dos cabelos negros que tocavam o chão. Dois lagartos humanoides se aproximaram carregando galões com sangue de dragão azul extraído nas Minas Dracônicas, balançando a cabeça de um lado para outro ao caminharem. Nenhum dos bestiais vestia roupas; e o crânio e a metade superior do tronco, com braços fortes de cinco dedos, eram tomados por escamas. Os olhos amarelos e sem pupilas reconheciam apenas cores, mas não luminosidade. Aquela era uma das raças mais temidas do mundo, e isso era um mundo onde exterminavam dragões. Através da língua bifida, conseguiam detectar estímulos gustativos e olfativos, capazes de se orientar mesmo na escuridão. Implacavelmente carnívoros, chegavam a ser capazes de engolir o

equivalente a oitenta por cento do próprio peso, aproveitando a estrutura flexível da cabeça e mandíbulas, parecida com a de cobras.

O maior terror de suas caças, todavia, era a mordida venenosa.

Glândulas salivares produziam agentes hipertensivos e anticoagulantes que, combinados com adaptações cranianas e dentárias específicas, permitiam que matassem grandes presas por meio de hemorragias fulminantes. Se possuíssem um sentido de união, provavelmente teriam força para ser a grande raça conquistadora daquela dimensão. Entretanto, eram irracionais e primitivos, criados através dos rituais de um demônio-bruxa a quem deviam lealdade, e que muitas vezes atacava e devorava seus próprios seguidores.

– No centro do círculo – ordenou a voz rouca de Ravenna. No chão havia desenhos de ideogramas que apenas os demônios conseguiriam decifrar.

E o cadáver de um dragão.

Ele não era o único. Aquele templo havia se transformado em uma necrópole de dragões, onde uma mulher-demônio fazia experiências em rituais com magia suja. Corpos de diferentes raças se amontoavam, rodeados por nuvens de moscas enormes. Sangue de cores diferentes manchava o chão e as paredes. O cheiro do matadouro faria qualquer ser vivo vomitar, mas as criaturas demoníacas pareciam gostar dele. E, nesse cenário sórdido, o maior trunfo: galões contendo sangue de dragões ao lado de cadáveres cujas escamas haviam sido arrancadas.

O sangue escuro de um dragão azul foi derramado sobre o cadáver do círculo.

O demônio de três olhos se aproximou.

– Agora nós iniciamos o rito dos dois sangues no centro deste círculo! Você sabe o que falta para completarmos... – comentou Ravenna.

– Um corpo vivo – respondeu Asteroph com uma voz excitada.

O sorriso do demônio cadavérico não diminuiu, enquanto, no intervalo de uma respiração, houve uma espécie de som de osso se partindo. No momento seguinte, o demoníaco estava de volta ao círculo, levando nas mãos o corpo vivo de uma das criaturas mais perigosas do mundo com a espinha quebrada.

O lagarto bípede foi largado no centro daquele círculo, a língua bifendida para fora e o corpo torto.

– Não mais... – disse Asteroph. Ao fundo, o segundo reptiliano se afastava lentamente, com medo de ser a próxima vítima.

Ravenna olhou para ele e voltou a dizer com sua voz rouca:

– E você me deve seu sangue... – O lagarto aleijado mal teve tempo de tremer no momento em que garras demoníacas perfuraram o ferimento em sua coluna, expandindo o buraco até que o sangue verde-claro jorrasse sobre o círculo, manchando o corpo do dragão morto e se misturando ao outro sangue.

Um sangue vivo e um sangue morto.

– Agora, demônio-bruxa, sussurre o som das trevas para que a morte possa renascer... – ordenou Asteroph.

– Duppira al-kushni, askupati ani kalatum... – o som sibilante começou a tomar o ambiente fúnebre.

Em algum lugar daquela dimensão, centenas de bebês começaram a chorar ao mesmo tempo. Centenas de gatos correram para seus esconderijos. Cães latiram para os donos.

E o cadáver do dragão morto começou a absorver o sangue unificado.

– Dulimeen kutulu, talgath dini tobari...

E então o cadáver do lagarto começou a ter espasmos: braços e pernas tremiam e se esticavam em ângulos não naturais a intervalos regulares. O ambiente pareceu se deslocar por um momento e revelar um segundo plano etéreo. Uma força sombria se espremeu por uma pequena brecha, acarretando muito mais do que choro de crianças ou arrepião de animais.

E então, pouco a pouco, a pele do lagarto humanoide começou a derreter e se misturar à do cadáver do dragão.

– Nithla eny on dal palatan...

Ossos estalaram. A cor da pele da criatura escureceu. As asas começaram a quebrar e dar lugar a membranas com pregas de pele que uniam patas, cauda, braços e dedos, como na anatomia de um morcego.

– Duppira al-kushni, askupati ani kalatum... dulimeen kutulu, talgath dini tobari...

E ainda tremendo em espasmos esporádicos, o cadáver reptiliano sem pele foi absorvido ainda com vida, acordando o dragão-zumbi. Os olhos em seguida se tornaram opacos, como que cegos.

– Nithla eny on dal palatan...

E então, quando *aquilo* se ergueu aos poucos, Asteroph sorriu.

– Fascinante... – expressou a voz demoníaca. – Quantos cadáveres acumulamos ao longo desse tempo?

– Algumas dezenas... – respondeu Ravenna.

– Então há muito trabalho a ser feito – comentou o demônio-rei. – Taremu irá cair...

Ainda a muitos quilômetros dali, centenas de bebês continuavam a chorar. Eram sempre eles os primeiros a reconhecer a chegada de tempos ruins.



## MURALHA DE TAREMU

A MADRUGADA TRAZIA MAIS DO QUE SERENO E QUIETUDE naquela noite. Perto dos portões de saída da cidade, naquela brecha em que apenas as estrelas observam as sombras caminhando atrás dos homens, um jovem se posicionava em uma esquina com uma atitude pouco natural. Pela maneira como friccionava os bíceps com as mãos, parecia rendido ao frio. Na realidade, as fricções ininterruptas escondiam a tentativa de secar mãos suadas de nervosismo. Tinha o queixo afundado em um cachecol de pelo de coelho como se quisesse esconder a parte inferior do rosto.

– Eu achei que você não quisesse chamar atenção... – comentou uma voz feminina atrás dele.

Ele se virou como um homem pego em flagrante.

– Eu *não* estou chamando atenção.

– Um homem escondendo o rosto de madrugada, tremendo de ansiedade e procurando coisas na escuridão? Sua terra deve considerar comuns algumas coisas bem estranhas...

– Eu não estou tremendo de ansiedade! – defendeu-se ele, quase ofendido. – É apenas... frio.

– Suas mãos estão suadas...

– Elas estão só... geladas.

– Elas estão *suaadas* – insistiu a jovem com um riso, da maneira típica das pessoas que se divertem com a vida. – Se estivesse com frio, você estaria vestindo luvas.

– Eu me esqueci de pegar luvas, simplesmente!

– Mas se lembrou de pegar um cachecol de pele de coelho? Realmente sua terra deve ser bem incomum...

Ele sorriu como quem se dá por vencido. Ou como quem adora ser vencido por alguém que merece sua admiração.

– Pensei que sairia pelas sombras! – disse Mihos em justificativa.

– Eu saí pelas sombras! Você que olhou na direção errada.

– E como olhar na direção correta quando estou cercado de escuridão?

– Fazendo como as estrelas. Elas iluminam o próprio caminho porque brilham por si próprias.

Eles voltaram a sorrir, aproveitando a anestesia que vinha com aquele encontro a fim de evitar o próximo passo. Ele a observou melhor. Ashanti vestia roupas escuras: uma túnica apertada feita de lã e uma calça do mesmo material por baixo de um casaco com capuz. Os cabelos estavam presos por uma fita, que impediam que os fios lhe caíssem sobre o rosto. Botas de couro completavam o

traje. Nas costas, uma pequena trouxa improvisada presa ao tronco levava suprimentos e um bastão amarrado.

– Em minha terra, são os assassinos que se vestem assim... – comentou Mihos, analisando-a.

– Já dei minha opinião sobre sua terra.

Mihos sentiu vontade de tomá-la nos braços, mas quem está prestes a tomar medidas extremas precisa ter noção de prioridade.

– Você conseguiu os cavalos? – perguntou ela.

– Paguei a um homem, que os deixará do lado de fora.

– E como passaremos pelos guardas na entrada?

– Eu me comprometi a arranjar os cavalos, não a pensar em como passar pelos guardas...

Ashanti voltou a sorrir da própria desgraça.

– Certo! – exclamou. – Então eu posso ser a sua irmã doente!

– Ah, claro, que ideia fantástica – comentou ele, raspando a frase em uma parede de ironia.

– E qual seria o problema?

– *Apenas* o fato de que, apesar de muito bonita, nessas terras o tom da sua pele é exótico o suficiente para reconhecerem você de longe.

Ashanti coçou a cabeça e deu-se por vencida.

– Em algum momento você tinha de ganhar uma, não é?

Mihos suspirou.

– Nunca lhe causou problemas o seu excesso de presunção?

– Eu não sou presunçosa! – comentou ela, quase falando sério. – Sou apenas uma mulher segura.

Mihos a pegou pela mão e a obrigou a olhar para ele. O toque a deixava arrepiada. O olhar também.

– Então pense em alguma forma de passarmos para o outro lado e você continuar assim.

Ashanti tomou uma postura mais séria que o normal. Ficou em silêncio por um tempo. E, de repente, comentou:

– Tive uma ideia!

– Provavelmente não das mais fáceis, nem das mais simples.

– Como as melhores coisas da vida.

Mihos ponderou por um momento e, como se o raciocínio fosse mais importante do que o que devia ser feito, disse:

– Eu acho que o melhor da vida está nas coisas simples...

– Pois eu não – reafirmou Ashanti. – Nem nas mais simples, nem nas mais fáceis...

– E qual é o seu plano?

– Os cavalos estão do lado de fora, certo? E nós temos quatro monges no

portão, mais oito soldados de vigia no alto. Se contarmos ainda o garoto responsável por tocar os sinos em caso de emergência, são treze pessoas que devemos distrair no mesmo momento...

– Nada fácil, nem simples...

– *Então* o que eu acho que deveríamos fazer é: enquanto eu gero uma distração aqui do lado de dentro, você busca os cavalos que... que...

Mihos assustou-se ao perceber que Ashanti havia parado de falar, lembrando um brinquedo de corda que precisasse novamente de força.

– O que tem eu, os cavalos e o portão?

– Os cavalos... que deveriam estar esperando por você atrás do portão...

Mihos continuou olhando para ela, imaginando que aquela frase provavelmente ainda tinha um fim.

– Os cavalos que deveriam estar do outro lado... estão vindo na nossa direção... mas essa nem é a pior parte...

– Como é? – Assustado, Mihos virou-se de maneira súbita e focalizou a entrada de Taremu, compreendendo.

Ao fundo, o ajudante do homem que havia contratado para lhe arrumar as montarias caminhava devagar em sua direção, guiando uma égua e uma mula pelo buçal. Entretanto, quatro soldados se adiantavam com ele. E no meio dos quatro caminhava príncipe Rōgga.



## FLORESTA LUMINOSA

O DIA AMANHECEU JÁ TRAZENDO PROBLEMAS. Nos primeiros raios de sol, Daniel e Romain haviam sido chutados para fora da vila de Tegrim com o intuito de cumprir uma missão suicida.

– Eu estava prestes a me tornar famoso antes de vir parar aqui! *Famoso!* Você tem noção do que eu estou dizendo? – resmungou o francês e apenas Daniel o entendeu. – Eu... era... famoso...

– Eu sinceramente não posso dizer. Sou do tipo que prefere o anonimato... – comentou Daniel, da maneira tipicamente dispersa, observando os arredores assustado.

– Então a sua vida antes de chegar aqui até que devia ser bem parecida com a de agora...

– O que o seu amigo está resmungando? – perguntou Booba, o homem mais assustador que já haviam visto. As cicatrizes no rosto velho, a voz rouca de pigarro, aliadas ao arpão na metade do braço, passavam a impressão de que aquele sujeito seria capaz de tomar banho com sabão em barra e palha de aço.

– É melhor você não saber – respondeu Daniel, um tanto sincero. – E ele não é exatamente meu ‘amigo’...

Romain detestava quando os dois cochichavam naquele idioma local.

– O que vocês dois estão cochichando aí, hein? Quer falar, fala na cara!

– É, bem, ele está reclamando do sereno desta manhã.

– E ele tem todo esse tecido adiposo ao redor, imagina a gente!

– Você não é *famoso*? Por que não exigiu uma roupa melhor?

– Nossa, como ele é engraçado! Aliás... você não faz ideia de como é simpático, sabia?

– Pena que a gente não possa dizer o mesmo dos arredores...

A geografia do lugar parecia feita de detalhes pincelados por artistas, sem seguir um padrão natural reconhecível. A Floresta Luminosa não tinha aquele nome sem propósito. Uma bizarra mutação dera origem a uma proliferação de organismos eucariotas hiperdesenvolvidos, gerando uma improvável selva multicolorida, tomada por relva e fungos gigantescos.

Os que tinham coragem suficiente para se embrenhar por aquela floresta ao anoitecer, contudo, eram premiados por uma das visões mais peculiares e interessantes daquele mundo. Assim como algumas espécies de plantas e animais, mais de sessenta variedades dos fungos locais tinham propriedades de bioluminescência – a capacidade de emitir luz graças a reações químicas em sua estrutura biológica. Esse fenômeno, em um ambiente que passara por um processo de mutação que fazia com que fungos chegassem a quinze metros de

altura, já era responsável por um emaranhado de cores brilhantes durante o dia. Sob as luzes lunares se produzia o mais impressionante espetáculo de bioluminescência.

E a floresta inteira brilhava.

– O que foi que aqueles aldeões idiotas nos deram para comer? – perguntou Romain. – Pó alucinógeno?

Daniel mexeu em duas bolsas de couro, entregues a eles pelo chefe de poder antes de os obrigar a partir.

– Aqui, na verdade, só tem sal e farinha!

– Foi uma ironia.

– O que não modifica o fato de que nós continuamos tendo sal e farinha pra comer...

– Mas que sujeitos muquiranas! O que nós vamos fazer com isso? Não dava nem pra aqueles desgraçados assarem uns pães pelo menos?

– Eles fariam uns pães marrons e bem duros com isto aqui... – lamentou Daniel.

– O que apenas prova que sabem mesmo como irritar um francês.

Atrás deles, duas dezenas de guardas do vilarejo caminhavam com espadas enferrujadas, facas cegas e bestas com poucas flechas. A maioria se tratava de cidadãos comuns em busca de um ganho extra.

– Você notou que nem armas esses caras nos deram? – comentou Romain.

– Eles acham que nós não precisamos. Você os fez acreditar que eu era *um bruxo*, lembra?

– Então... eu fiz acreditarem que *você* era. Eu devia ter recebido uma arma.

Atrás deles, os homens observavam os arredores assustados.

– E você já reparou que nenhum desses caras fala com o tal Booba? – perguntou Daniel.

– Também, olha só pro sujeito! Parece um traficante mexicano de metanfetamina! Se a gente tentar cruzar a fronteira, esse puto corta a gente com essa mão de Aquaman e joga os pedaços no deserto!

Daniel não conseguiu conter o riso. Romain suspirou e observou melhor os arredores, buscando alguma alternativa mais saborosa.

– Será que a gente pode comer algum desses fungos? – perguntou Romain.

– O gosto deve ser horrível!

– Ah, claro, porque o pão mofado você olha e faz *nham*, né? Só não pode essa porcaria de fungo ser venenosa!

– É verdade! Só que eu não entendo dessas coisas – respondeu Daniel em tom de lamento.

– Ora, pergunte pro seu amigo! Do jeito que ele é gordocho, deve entender!

– Ele não é meu... – Daniel então suspirou, desistindo. Virou-se para o bigodudo e questionou: – O senhor por acaso sabe se podemos comer esses fungos?

– Se quiser morrer em quinze minutos, sim. Pode ser melhor do que morrer agonizando mais para a frente.

– E aí? – insistiu Romain. – O que ele disse? Hein? O que ele disse?

– *Acho* que ele disse que são venenosos...

Romain parou de andar de súbito e deixou os ombros descaírem com uma expressão invocada.

– Eu gosto de andar com você porque você me traz sorte, sabia?

Daniel encolheu os ombros como quem não sabe mais o que fazer.

Eles continuaram caminhando, derrapando inúmeras vezes sobre o solo de pouco atrito. Naquela floresta era difícil caminhar sem escorregar nas camadas de vegetação rasteira e fina que revestiam o terreno.

– Este lugar é escuro! – resmungou Romain.

– É o que acontece quando se tem hastes fállicas com uma cúpula na ponta. São como centenas de guarda-sóis.

– Sério que você olha pra esse bando de fungos e vê ‘centenas de guarda-sóis em formato fállico’? O seu teste psicotécnico deve ser bem interessante...

– Meu teste me classificaria como gênio.

– Seu teste lhe classificaria como virgem.

– Vou bater com um guarda-sol fállico na sua cabeça pra você ver quem é virgem!

– Ou você pode se divertir com ele no banheiro...

Daniel inspirou fundo, desistindo. Booba ia à frente zunindo o arpão de vez em quando e praguejando no idioma local. Romain caminhava ao lado de Daniel, e escorregou duas vezes. Daniel tentou ajudá-lo a se levantar, mas ele recusou. Continuaram em silêncio por mais alguns minutos, enquanto aquela quietude parecia uma bomba-relógio dentro de Romain.

– Você sabe, afinal, o que diabos é esse demônio-bruxa? – voltou a perguntar Romain, como se fosse uma pergunta comum.

– E por que eu saberia disso?

– Ah, senhor simpático, não é você que é o bruxo?

Daniel fez uma cara de psicopata para Romain, simulando um estrangulamento.

– Tá bom... – suspirou Daniel. – Senhor, você saberia nos dizer o que seria esse demônio-bruxa?

Booba não alterou sua rota nem olhou para eles. Ao fundo, os homens pareciam incomodados com alguma coisa que se movimentava por trás dos detalhes de todo o esquisito bioma ao redor.

– Um ser do Abismo, capaz de criar aberrações com magia imunda.

Daniel ficou pálido.

– Mas nós seremos capaz de matá-la?

– Antes é preciso conseguir *chegar* a ela.

– O que ele está dizendo? – perguntou um Romain desconfiado. De vez em quando, notava folhas se movimentando ou fungos gigantes arqueando um pouco e convencia a si próprio de que era o vento forte, embora não ventasse.

– Nós vamos morrer aqui – comentou um Daniel ainda em choque.

– Hein?

– No fim, é isso que ele está dizendo, Romain! Que nós vamos morrer aqui...

Romain gritou com Daniel, assustando os outros:

– Olha pra mim, japonês! Que conversa é essa agora?

– Eles já mandaram outros. Antes de nós...

– O quê? – gritou Romain. – E se esses caras não conseguiram pegar essa vagabunda antes, por que acham que esse cantor de death metal bigodudo que acabou de devorar um bolo inteiro poderia?

– Na verdade, pelo que estou entendendo, só Booba retornou, e sem metade de um braço...

– *Oh, merde...*

Foi quando Booba deu um salto, caindo com as pernas afastadas na frente de Romain. Diante da cena esdrúxula, que lembrava um grande sapo humano, Romain gritou e caiu para trás sentado.

– Aaaaaaaaah! Mas o que diabos é isso? Um Donkey Kong?

E Booba começou a falar com expressões alucinadas coisas estranhas de maneira enérgica. Balançava os braços, descrevendo esferas no ar, e exibia as mãos em forma de garras na altura do rosto.

Romain continuou a olhar para ele como um cético encararia um contato imediato de terceiro grau.

– Esse surtado quer participar de uma montagem de *Cats*? – questionou.

– Ele... parece estar descrevendo uma criatura! – disse Daniel.

– Pois acho que ele não está fazendo isso direito! – reclamou Romain, ainda no chão. – Porque até agora ele ainda parece a coisa mais assustadora por aqui!

– Ele está ordenando que os outros se posicionem porque tem *alguma coisa* aqui!

Foi quando o que quer que estivessem sentindo rastejar anteriormente nas sombras daquela floresta avançou contra eles.



**MURALHA DE TAREMU**

AQUELANOITE CONTINUAVA DIFÍCIL. Dois forasteiros de lugares distantes, um príncipe com um quarteto de monges de guerra, um ajudante de ferreiro com uma égua e uma mula sem montadores, um acordo quebrado. É difícil imaginar bons resultados dessa conjunção de fatores.

– Você não poderia acreditar que pagaria por um cavalo em plena madrugada a um homem de Taremu, e esse homem não me avisaria... – foi como o príncipe começou.

– Pensei que os homens de Taremu fossem confiáveis – disse Mihos.

– É exatamente isso que eles são.

A inflexão de voz do príncipe fez Mihos refletir. Mas já havia ido longe demais para voltar atrás naquele momento.

– Talvez o valor de suas confianças tenha esbarrado em algumas peças de cobre.

– Não existem peças de cobre capazes de comprar homens como os de Taremu.

– Homens de que tipo? Do tipo disposto a quebrar acordos?

– Do tipo disposto a matar. Ou a morrer.

– Não deveria ser motivo de orgulho um homem se dispor a matar.

– Talvez. Mas deveria ser se dispor a morrer.

Ashanti e todos os presentes se mantiveram quietos. Não apenas porque não era uma conversa de argumentos muito fáceis, mas também porque era uma conversa que aqueles dois esperavam e mereciam ter havia algum tempo.

– É uma batalha já perdida... – afirmou Mihos, em um tom de voz manso.

– Sem você, certamente.

– Taremu precisa de ajuda!

– Então permaneça e faça isso.

– Eu sou um homem de paz.

– Para esses homens, talvez a guerra seja necessária.

Mihos olhou para Ashanti como se quisesse ajuda.

– Não olhe para mim! – comentou ela. – Esse cara é dos bons...

Mihos suspirou novamente, sabendo que nem sempre é fácil aceitar a hora do que precisa ser dito.

– Escute, eu entendo os seus motivos – começou ele. – Eu realmente entendo. Mas preciso neste momento que você também entenda os meus. Venho de um lugar onde as pessoas acreditam na paz e no poder de um legado. Nossos anciões nos ensinam que devemos ser a mudança que queremos ver em prática. Preciso que compreenda os motivos pelos quais preciso fazer essa jornada, porque se de

fato existem homens dispostos a lutar ou a morrer pelo que eu represento, ou pelo que acreditam que eu represento, então na prática eu não sou um homem, eu sou uma inspiração. Eu sou a luz de uma estrela para que eles se guiem. Sou uma mudança. E se tudo isso tiver um mínimo de fundamento, e se de fato essa guerra não estiver já perdida, então eu serei capaz de inspirar outros povos a lutarem por Taremu. Talvez no fundo seja essa a minha função nessa predição. Nós podemos nos sentar e esperar todos juntos o fim do mundo. Ou podemos tentar unir o mundo no momento antes do fim...

Houve uma pausa e um silêncio, durante o qual o príncipe Rögga pareceu absorver as palavras do homem que acreditava ser santo. E então, como se só tivesse havido silêncio até ali, ele perguntou:

– Você sabe o que é uma noite sem horizonte?

Mihos e Ashanti estranharam a pergunta.

– Como é? – perguntou Mihos.

– Você falou sobre as lições e temores de sua terra. E agora eu estou lhe perguntando: você sabe o que é uma noite sem horizonte?

Mihos balançou a cabeça negativamente.

– Não, se não estivermos falando de um sentido ao pé da letra, alteza...

– Para o nosso povo, uma noite sem horizonte é um dia em que ninguém espera sobreviver. Antigamente, quando Conselhos ainda existiam, havia um equilíbrio no mundo que impedia um homem de sempre pensar em seus dias como próximos do fim.

– Isso não seria exclusividade de um mundo sem Conselhos, alteza, mas de toda a vida de um ser mortal.

– Está me dizendo que todo ser mortal vive para analisar a morte?

– Não, mas vive sem esquecê-la, assombrado pela finitude da vida.

O príncipe olhou para baixo com uma expressão agravada. A irritação, porém, não vinha do debate, mas da falta de tempo para formular argumentos. Foi quando fez um sinal para dois de seus monges de guerra. Um agarrou Mihos em uma chave de braço imobilizadora, o outro o pegou em uma chave de pescoço.

– Mihos! – gritou Ashanti.

– Não se aproxime dele – ordenou o príncipe em tom sombrio, esticando a ponta da lâmina de uma espada média na garganta dela. – Não se aproxime nem se mova, ou o monge irá quebrar o pescoço dele antes que você consiga dar a primeira cambalhota.

– O que está fazendo, Rögga? Por que está fazendo isso? *Por que* está fazendo isso? – perguntava Mihos aterrorizado, tentando em vão se mexer em meio a imobilizações de monges treinados.

O príncipe manteve a espada erguida.

– Você me disse que é comum os homens pensarem em suas vidas quando próximas do fim. Vamos analisar o argumento.

– Mihos... – clamou Ashanti, com uma inflexão de medo na voz. Partindo de uma pessoa tão decidida, aquilo assustava. Realmente assustava.

– O que você sentiria se essa lâmina transpassasse o pescoço dela?

– Por favor... – soluçou ele, sem conseguir se concentrar no raciocínio.

– Você analisaria o fato? Você o reviveria em sua memória? Você escreveria poemas sobre isso?

Mihos não passava de olhos arregalados e mãos trêmulas.

– Você! – disse o príncipe, apontando a mão livre para o ajudante de ferreiro, um garoto na faixa dos dezessete anos, com os ombros e o olhar submissos. – Um de nós três precisará morrer no dia de hoje! E eu quero que você escolha *qual* dos três!

A expressão do rapaz espelhou o susto dos outros.

– Eu quero saber *quem* você mataria! O seu príncipe? A sua guerreira? Ou a sua dádiva?

O menino abriu a boca, mas nenhuma voz saiu. O príncipe fez um sinal com a cabeça para um quarto monge de guerra. Um sujeito careca e musculoso subitamente pegou o rapaz pelo queixo e torceu um pouco sua cabeça, demonstrando que não teria dificuldade para lhe partir o pescoço com as mãos nuas.

– Eu... eu...

– Se não escolher, quem vai morrer é você! – ameaçou o príncipe. – É essa a sua decisão? Você prefere morrer aqui no lugar de um de nós três?

Uma ânsia de vômito começou a tomar o estômago do jovem e os intestinos se soltaram.

– É essa a sua decisão, ferreiro? Você prefere morrer a matar? Você prefere morrer... a nos matar?

Ainda em choque, o menino respondeu em uma voz quase inaudível:

– Se vocês prometerem não falhar...

– Se nós prometermos *o quê?* – insistiu o príncipe.

– Se vocês prometerem... não falhar... na Noite da Serpente...

O príncipe aquiesceu.

– E se eu lhe disser que ele *não* é uma dádiva? – perguntou Rögga de repente. – E se eu lhe disser que ela é apenas uma menina sem identidade, e que talvez considerasse um triunfo morrer cedo e ser lembrada como mártir? E se eu lhe admitisse que nenhum desses dois é diferente de você, e que eu inventei tudo isso para trazer esperança a uma guerra sem precedentes? – A expressão do garoto mudou. – Você ainda morreria no lugar de algum deles?

O garoto balançou a cabeça negativamente, começando a sentir o próprio cheiro e se envergonhando.

– E qual dos dois você mataria em seu lugar?

De cabeça baixa, sem conseguir olhar nos olhos do escolhido, o garoto

apontou.

– Ele...

O apontado era Mihos. Estava tão surpreso quanto Ashanti, porém estariam surpresos com qualquer que fosse o escolhido.

– E *por que* ele?

– Porque ela ao menos poderia lutar.

– Mas ele talvez pudesse dizer ao nosso povo palavras bonitas ao fim da guerra... – argumentou o príncipe.

– Prefiro uma mulher capaz de usar uma arma em combate a um homem que só tem o que dizer após o fim da guerra, alteza – explicou o rapaz, com certa vergonha.

Aquelas palavras atingiram Mihos com mais força que um golpe de bastão.

– Eu o compreendo, ferreiro – disse Rögga, abaixando a espada. – Eu *realmente* o compreendo. Pode soltá-lo...

O monge soltou o pescoço do menino, que ainda exibia as marcas vermelhas dos dedos na pele. Ashanti deu um passo à frente na direção de Mihos quando a espada subiu novamente, desta vez lhe tocando o fio no pescoço.

– E *você?* – disse o príncipe, voltando a olhar para Mihos. – O que *você* faria, se eu cortasse o pescoço dela?

– Pare com tudo isso, por favor, meu príncipe! Já compreendi seus argumentos... – suplicou Mihos temeroso.

– Não por completo! E para um homem de palavras bonitas, suas palavras estão bem limitadas agora. – A lâmina pressionou um pouco e um corte começou a sangrar do contato com a carne do pescoço dela. – De novo: o que *você* faria?

A visão do sangue fez Mihos entrar em desespero.

– Pare com isso! Você já provou...

– Quem decide quando parar por aqui sou eu! – gritou o príncipe, afundando a lâmina ainda mais. – Agora responda a pergunta! O que *você* faria?

– Eu...

– Responda!

– Eu procuraria justiça...

– Você tentaria *matar* o seu príncipe? – perguntou, elevando a voz.

– Nunca... – A voz de Mihos tentava se equilibrar entre a loucura e a sensatez.

– Então de onde viria sua justiça se eu cortasse a garganta dela agora? Como você puniria o seu príncipe?

– Eu... não sei.

– É, você não sabe. E sabe por quê? Porque não há mais Conselhos neste mundo.

Houve aquele tipo de silêncio que dói por dentro no peito de quem o respira.

– Então, antes de me dizer como poetas que nunca ergueram uma espada escrevem sobre a beleza da vida ao redor da morte, e antes de achar que sabe o

que é para esse povo perder sua única ideia de esperança, pense com a espada na frente da pena. Pois você pode servir como um santo, mas apenas se aceitar suas funções divinas. Do contrário, é melhor aprender a segurar uma espada e se tornar um homem.

A espada foi abaixada. Os monges soltaram o homem que tratavam como dádiva. Ashanti esperou e, quando percebeu que o príncipe permitiria, se adiantou até Mihos e o abraçou. Ao perceber o menino ajudante de ferreiro ainda perdido, sujo e envergonhado ao fundo, o príncipe foi até ele, colocou a mão em seu ombro e falou com a energia dos príncipes:

– Não se envergonhe! – A ordem era dada olhos com os olhos. – Hoje é sua última noite como ajudante de ferreiro. Amanhã você deverá se apresentar como aluno iniciante para ser treinado como monge de guerra, entendeu?

O menino balançou a cabeça, ainda entre lágrimas, com um misto de vergonha e orgulho.

– E sua família receberá todas as bonificações, ainda que um dia você pereça em batalha, você me entendeu?

A cabeça mais uma vez foi agitada, segurando uma crise de choro.

– Agora vá e mantenha dentro de si tudo o que viu hoje.

O menino se ergueu, acenou e caminhou para longe, sem saber o que sentir, deixando apenas uma última lágrima para trás. O príncipe Rögga ainda o observava se afastar guiando as montarias quando a voz atrás de si lhe tomou a atenção:

– Foram poetas...

– Como é? – perguntou ele, virando-se para Mihos.

– Foram poetas que escreveram a predição citada como esperança nessa guerra. Se não fossem suas palavras bem-escritas, você não teria em que se apoiar para incentivar seu exército a lutar. Foram pensadores, e não guerreiros, que contemplaram estrelas e moldaram toda a filosofia estelar pela qual Taremu respira. – Mihos temia parecer ofensivo, mas não o pretendia. – Não foi a lâmina de sua espada que fez o ajudante de ferreiro sorrir. Foram as suas palavras a ele.

– Você de fato consegue enxergar beleza na guerra, não é? – perguntou o príncipe em uma voz cansada.

– Não existe beleza na guerra. Apenas nos sentimentos que correm pelos homens bons que a enfrentam.

– E você é um homem bom?

– Tanto quanto você... – disse ele, abraçado a uma Ashanti com um pequeno corte no pescoço – ... meu príncipe.

Rögga embainhou a espada.

– Suas palavras de repente parecem mais ricas.

O príncipe fez um sinal e se virou de costas, caminhando na direção do centro de Taremu. Os monges deixaram para trás os amantes abraçados e se

posicionaram para marchar ao seu lado. Foi quando a voz de Ashanti lhe tomou a atenção já dispersa:

– E quanto a nós? – perguntou ela, confusa.

– Vocês façam o que quiserem.

– Não irá tentar nos impedir?

– Eu tentei.

Mihos se soltou do abraço de Ashanti e caminhou na direção do príncipe, como se aquela desistência, aquela *indiferença*, fosse pior que a condenação.

– Príncipe, por favor... – implorou ele, e o príncipe não se virou. – Meu príncipe de Taremu... – Os homens continuaram a caminhar. – Rögga!

E então a alteza parou, suspirando, quando ouviu o chamado sem seu título real. O chamado pelo nome comum. O chamado de um amigo.

– Mihos, entenda... – disse ele, virando-se para Mihos e também lhe simplificando o título. – Se você ficasse, isso só nos adiantaria se o fizesse pelos motivos corretos. Se você não entende seu papel para este povo, se torna para essa nação apenas um homem qualquer, que até mesmo um ajudante de ferreiro condenaria à morte.

Ashanti se manteve afastada dele, como se houvesse ali uma metáfora que ela ainda não tinha como compreender por completo.

– Sim, existem homens que não pegam em espadas – continuou o príncipe. – Mas até os primeiros bardos que narraram guerras não fugiram delas, e, mesmo que escondidos dentro de armários, ainda estavam lá. Você não quer ir atrás de povos para os quais você nada significa para tentar convencê-los a lutar uma guerra que não é deles. Você simplesmente considera nossa guerra já perdida. Você acredita que nossa predição é apenas um ato ruim de uma peça de teatro, criada para estimular ignorantes. E mesmo uma escolhida, enviada pelos deuses para te proteger, aos seus olhos se torna apenas uma mulher atraente, capaz de lhe tirar a razão em momentos de pressão. Se for esse tipo de homem que você vai representar para nós, então tem razão: nem mesmo meus homens de melhor vocabulário farão uma única pessoa se levantar para lutar por você.

Ashanti, Mihos e Rögga naquele momento estavam à mesma distância um do outro, mas não parecia. E diante da falta de palavras, mesmo das mais limitadas, homens dispostos a guerrear com fé viraram as costas e seguiram um caminho iluminado pelas estrelas que guiavam sua nação. Para o casal que ficou para trás só havia resquícios de astros que não brilhavam por luz própria.

O silêncio que doía a cada respiração ainda preenchia o ar.

Às vezes o livre-arbítrio podia de fato se tornar a opção mais difícil.



**FLORESTA DE METAL**

A FOME SÓ ERA SUPLANTADA PELA ADRENALINA. Caçados e impedidos de acender fogueiras, as paradas que faziam naquela dimensão apenas intensificavam o frio que se entranhava na noite, em contraste com o calor diurno. Em uma dessas, Amber, tremendo, aconchegou-se sem perceber nos braços de Derek. Ele acordou na ocasião, mas, apesar do braço dormente, evitou se mexer para não acordá-la.

Talvez a preocupação final não fosse de acordá-la.

E sim de que ela se afastasse.

No dia seguinte, quando ela acordou e se viu nos braços dele, corou. Derek percebeu seu despertar, mas fingiu dormir até ela se afastar sem se constranger. E assim eles continuaram. Correndo por uma floresta cinzenta, o casal fugitivo tropeçava em galhos, esfolava pele, espalhava o odor de suor e tentava recuperar o fôlego.

– O quão longe você acha que estamos daquelas coisas? – perguntou Amber uma vez.

– Mais do que pensamos, menos do que deveríamos.

Derek sentiu uma picada. Quase ao mesmo tempo, viu Amber estapear um ponto do pescoço.

– Espero que os mosquitos daqui não sejam venenosos... – comentou ela.

– Espero que sejam mosquitos.

Continuaram a caminhar. As juntas começaram a doer. Quando a pressão baixou, ficaram tontos. Ela se segurou em uma árvore e sentiu a textura diferente do tronco.

– Essas árvores são estranhas...

– E o que neste mundo não é?

– Eu... acho que a minha pressão está baixando...

Ao ouvir aquilo, Derek arregalou os olhos e se preocupou, tocando o próprio pescoço.

– Zarabatanas... – sussurrou para si.

Foi quando o local da picada ardeu mais forte. As imagens do mundo ficaram trêmulas. E depois apenas escuridão.



QUANDO A CONSCIÊNCIA RETORNOU, a dor de todos os ferimentos retornou com ela. Fossem dores musculares, hematomas, pele ralada, cortes, temor pela integridade da garota que considerava sua responsabilidade, saude de casa. Não importava.

Toda a dor de uma vez.

Ao abrir os olhos, percebeu-se ajoelhado em meio a árvores de aparência metalizada e tentou mover as mãos. Foi quando sentiu as cordas finas de algum cipó trançado envolvendo-as. As costelas ainda doíam da luta contra o dracônico caçador, e os cabelos cada vez mais cheios lhe caíam sobre a vista, incomodando Derek. Procurou por *ela*, mas não a viu. Aquilo lhe doeu tanto que precisou gritar.

– Derek! – berrou Amber ao ouvir a voz dele, atraindo sua atenção para o lado. Derek estranhou não tê-la visto antes, sem compreender se a adrenalina, a dor e o estresse o haviam cegado. As mãos dela também estavam atadas para trás, mas ela estava de pé. Derek se concentrou na expressão dela e percebeu que não havia sorriso nem choro. Somente temor.

– O que está acontecendo?

O olhar dela revelava que não havia explicação simples. Derek escutou a floresta assobiar pelas folhas trêmulas. Ao olhar para Amber novamente, descobriu que havia mais.

Foi assim que *elas* apareceram.

Derek estava prestes a perguntar quem eram aqueles seres quando sua voz morreu na garganta. Aos poucos, eles surgiram como espíritos se tornando matéria. O mais alto chegava a um metro e noventa. Tinham a pele marcada com símbolos tribais e acinzentada, lembrando pessoas cobertas de pó. As cabeças eram ovaladas, com maxilares protuberantes. Os narizes eram grossos. Os olhos largos e pretos. Não tinham cabelos, nem pelos e usavam vestimentas de couro e proteções de combate metálicas, adaptadas ao formato magricelo. Derek precisou de pouco tempo para reconhecê-los. Eram ao menos três dezenas deles, talvez mais.

E então, *elas* apareceram no meio do grupo e correram na direção dele em uma linguagem universal de afeto. Ao vê-los, Derek sorriu.

– Katar – disse ele, ao receber o primeiro. – Ono... – sussurrou ao receber o mais alto.

– São seus filhos? – perguntou Amber ao fundo.

Derek ignorou a ironia e manteve o sorriso.

– São fugitivos sobreviventes – respondeu ele, envolvendo com o braço as crianças cinzentas. – Como nós...

Os outros se posicionaram em círculos ao redor deles. Amber se assustou. Derek não. Nas mãos, alguns levavam lanças pontiagudas de metal, do tamanho de um braço humano. Outros exibiam arcos, bestas e canudos compridos

adaptados a seus tamanhos reduzidos. E então, abrindo espaço, um casal se aproximou. De imediato, ele a reconheceu. A fêmea presa com ele nas Minas Dracônicas antes que em sua insanidade ele iniciasse uma revolta. Ao lado dela se aproximava um ser acinzentado alto, vestindo uma espécie de tanga, um colar de pedras que refletia a luz do dia em pequenos brilhos e um cordão feito de dentes de roedores.

– Adross. – Derek sorriu ao reconhecer o líder.

Adross pronunciou alguma coisa em seu idioma e estendeu as mãos para Derek. Sem saber direito como reagir, ele estendeu as próprias mãos. O humanoide as segurou, curvou o corpo e as encostou na própria testa. As crianças cinzentas se posicionaram ao lado dele e também se curvaram, assim como a fêmea e os outros ao redor. Derek entendeu.

– Eles estão adorando você? – perguntou Amber. – Como a um deus ou algo assim?

– Não – suspirou ele. – Estão me agradecendo. Por ter ajudado alguns dos seus a retornar.

Amber respeitou o momento.

– Bem, então eles devem mesmo fazê-lo.

Derek olhou de lado para ela, estranhando a reação.

– Ei, eu teria feito o mesmo no lugar deles, OK? – justificou-se ela.

Derek suspirou. O ser cinzento expressou algo em sua linguagem novamente.

– Eu... eu queria ser capaz de compreender melhor – disse ele, tentando explicar. – Mas para mim não é como se vocês compreendessem o que significa, por exemplo, ‘sol’. Acho que a única palavra que aprendi neste lugar foi ‘mirray’...

E então, na face cinza, ele percebeu a reação. Os olhos pretos, já grandes, se expandiram mais.

– *Mirray?* – perguntou Adross, abrindo e fechando os dedos como um ser humano faz para jogar respingos de uma mão molhada.

O humano se surpreendeu ao ver que ele *compreendia*. Trechos de frases lhe vieram à mente e ele se angustiou por não saber se conseguiria pronunciá-los corretamente ou ter a noção completa dos significados. Algo naquele olhar negro o puxou para a lembrança da escuridão, e, por um momento, Derek se lembrou do olhar do demônio-rei. Lembrou-se do dia em que o vira pela única vez e de tudo de ruim que tal memória trazia. Flashes começaram a disparar em sua mente, fazendo-o reviver aqueles momentos, e ele tentou focalizar em um específico. O instante em que o dracônico que mais tarde teria a mandíbula destroçada cumprimentou...

### *Asteroph*

... o demônio. *Dart*. A memória forçava. *Dart*. E forçava. *Agahi*. E forçava

tanto que o cérebro parecia prestes a sangrar. *Dart Agahi, Asteroph.*

– Dart... agahi... – pronunciou ele com firmeza o cumprimento.

– Gahi – respondeu Adross de volta. – Gahi...

Então, rodeado pelos pequenos duendes acinzentados, o líder daquele bando lhe indicou um caminho e proferiu:

– Hallu khan, *Terra!*

Dereko seguiu, respeitando o comando. Um sorriso com um quê de ironia lhe nasceu no canto da boca ao repetir para si a expressão. *Terra.* Era curioso como naquele mundo ele sentia muita coisa. Menos em casa.



## FLORESTA LUMINOSA

DE INÍCIO ERAM APENAS OLHOS VERMELHOS NA ESCURIDÃO. E então os pontos escarlates se multiplicaram, acendendo nas brechas. O primeiro saiu das sombras e aqueles três desejaram voltar à ignorância.

– Isso é *mesmo* o que parece? – perguntou um Daniel tenso, paralisado em um momento de choque.

– Eu só sei que odeio esse mundo... – comentou Romain, quase em choro, e também imóvel.

O primeiro havia surgido no momento em que Booba correria em descontrole. Projeções de tentáculos saltaram, lhe acertando em cheio o rosto e cravando o mercenário como uma garra. Outras criaturas fizeram o mesmo: projeções lhe agarraram braços, pernas e tronco, até o homem tombar no chão. Foi assim que aos poucos elas se arrastaram da escuridão.

Alguns se mantinham no chão, exibindo em posição de ataque um corpo alongado, cilíndrico e de pele lisa, parecido com uma serpente. Deslocavam-se contraindo e esticando o corpo em movimentos grotescos, e deixando uma trilha do muco que lhes auxiliava a locomoção. O corpo era esguio, mole e perolado, do tamanho de um humano adulto curvado. Braços atrofiados se ligavam a mãos de quatro dedos moles, sem qualquer estrutura óssea. Na boca aberta avermelhada havia milhares de pequenos dentes curvos localizados em uma rádula – uma espécie de língua áspera que servia para rasgar os alimentos.

– O que diabos é isso? – gritou Romain, saindo da inércia e se esquivando da projeção de alguns tentáculos.

– É uma espécie de... verme!

Um dos tentáculos dos vermes cravou-se no rosto de um dos guardas. O sujeito caiu no chão e aos poucos seu rosto se desintegrou.

– A espada... eu preciso da espada... – resmungou Daniel, tropeçando em raízes ao se afastar.

– Você quer virar samurai? – perguntou Romain, espremido junto com ele em meio ao embate.

– Eu preciso da espada! – gritou Daniel enlouquecido.

Ao fundo, o cadáver desfigurado havia abandonado no chão uma espada do tipo montante, com lâmina de dois gumes e o cabo em forma de cruz. Ao lado, outros homens morriam derretidos pelos vermes. Romain se aproximou de Daniel e o intimou:

– Eu acho bom você fazer com aquela coisa mais do que apenas engolir os miolos, está me ouvindo?

Em seguida empurrou Daniel no chão e partiu na direção dos vermes. Caído,

Daniel ficou chocado ao ver Romain correr na direção das criaturas. E foi aí que aconteceu.

Romain partiu correndo em uma movimentação de pernas e braços espaçados, como um corredor profissional. Saltou um verme que dissolvia um homem no chão, esquivou-se de outros dois, girou o corpo por cima de um verme que morria sob as pancadas de três soldados. Então, de súbito inverteu a corrida e saltou para o lado quando uma projeção de tentáculo cravou-se num tronco sem vida, deixando no lugar uma marca viscosa que mais lembrava uma poça de catarro.

– Bichos nojentos! – gritou Romain, correndo na direção oposta.

O corpo dele rolou de lado e então saltou como um gato, enquanto agarrava a espada.

Ao fundo, Daniel escorregou no lodo e caiu de cara contra uma pedra arredondada no chão, derrubando as bolsas de couro. Por puro reflexo, agarrou a mesma pedra e a ergueu na altura do rosto evitando ser atacado por uma ponta de tentáculo na face. Ainda estava no chão quando uma daquelas coisas rastejantes se aproximou dele. Um tentáculo foi projetado na direção de seu rosto, mas foi bloqueado no caminho pelo arpão de Booba.

– Se você sabe fazer alguma bruxaria, agora seria a hora! – ordenou.

Sem que os outros notassem, uma das bolsas havia se rasgado e o conteúdo se espalhou pelo caminho. O verme gigantesco em sua movimentação por meio de contrações partiu na direção do garoto caído.

Daniel gritou.

E então, ao passar pela farinha esparramada, o bicho simplesmente tombou como se nada houvesse além de atrito, caindo sobre o resto do saco e derrubando farinha no próprio corpo.

Daniel se arrastou para trás, ainda preocupado. Olhou na direção do verme. E percebeu.

– Os pés... – comentou ele para si mesmo ao ver o verme com dificuldades para se locomover. – Romain! Os pés! – gritou de repente.

– Sim! Sim! Estou utilizando os meus! – gritou o francês, correndo de um lado para outro quase em círculos, fugindo de animais lentos porém extremamente numerosos, para se manter em movimento.

E então aulas de biologia gravadas nas partes mais obscuras da mente de Daniel lhe saltaram à memória, acendendo um fio de esperança.

– A base desses vermes têm glândulas que secretam muco pra ele se deslocar!

– Daniel, nunca me interessei por isso, nem quando valia nota! – gritou Romain, desviando-se assustado de mais um ataque e visualizando, enfim, uma rota de fuga longe do cerco.

– Estou dizendo que moluscos não conseguem andar sem pontos de apoio para esse sistema de orientação!

– Ora, grande coisa, gênio! E você quer fazer o quê? Espalhar farinha no chão?

– Exatamente!

Dois vermes cercaram Booba e o homem girou alucinado seu arpão, como se os convidasse a matá-lo, mas não sem que fossem arrastados com ele.

Romain enfim chegou ao lado de Daniel, entregando-lhe a espada. O brasileiro entregou de volta uma bolsa de sal.

– Nossa, que troca justa! – resmungou Romain.

– O sal pode derreter a pele deles! Corre e espalha!

Romain congelou por um momento ao compreender. Ao fundo, aproximadamente quatro vermes humanoides se aproximavam. Um começou a subir em um homem caído. Tentáculos foram projetados com rapidez na direção do garoto, que se esquivou e avançou como um corredor de futebol americano. Saltou, girou e correu fazendo caretas bisonhas, avançando entre os bichos e arremessando a bolsa de sal na direção do verme deitado sobre o corpo do morto.

A reação foi imediata.

O cloreto de sódio absorve água. Já na anatomia daquelas criaturas, o corpo não era protegido por epitélio estratificado, contando apenas com uma fina camada unicelular. O corpo monstruoso absorveu rapidamente a substância, que drenou a água do organismo da criatura.

O resultado era muito parecido com um derretimento.

– Minha mãe do céu! – gritou Romain, surpreso.

– Avada Kedavra! Cruciatius! Honkizagazan! Incendio! Confringo! – gritou Daniel, em uma tentativa um tanto estranha de simular bruxaria.

O corpo derreteu sobre o morto, encharcando-o em um nojento amontoado de visco e concha calcária. As criaturas próximas se afastaram ao verem a cena, temerosas dos humanos. Ao olhar para trás, Romain pôde ver que Daniel também havia alcançado outra bolsa de sal e derretido outro verme gigante, gritando coisas bizarras e assustando os demais.

– É isso aí, sua cambada de pés-rapados! – gritou Romain, ao perceber as criaturas se afastando. – Fujam! Fujam diante do imperador!

Ao ver as criaturas se afastando, traumatizadas pelo derretimento das outras, Daniel suspirou em alívio. Os sobreviventes olhavam para ele assustados e repetiam a expressão *bazoo*.

– Ei, seu paspalho, agora é que notei que você não chegou nem perto de usar a porcaria da espada, né? – reclamou o francês indo na direção dele.

– Ah, mas é que eu tinha bruxaria...

– Ah, sim, e eu vi onde você esconde a varinha!

– Ei, cale a boca! – respondeu Daniel. – Ao menos agora eu tenho uma arma, certo?

– Ah, que bonito! Eu arrisco o meu pescoço por causa dessa porcaria pra você

agora simplesmente dizer que... que... que...

Quando Daniel reparou, Romain já estava apagado no solo.



## CENTRO DE TAREMU

O ANOITECER TROUXE AS LUAS, MAS TAMBÉM OS DEMÔNIOS. A coisa não se deu de uma só vez, mas na memória dos que restaram foi assim que ficou gravado. Inicialmente havia o silêncio, trazido pelo fim dos gritos de monges em treinamento militar e o recolhimento dos cidadãos. As testemunhas contam que no centro do vilarejo milhares de pessoas recolhiam os pertences em seus comércioos quando o primeiro transeunte resolveu contemplar a primeira estrela, e percebeu que ela se movimentava em sua direção. Houve gritos, inicialmente de alerta, e dedos indicadores se ergueram em diversos cantos, convergindo para o mesmo ponto no céu. Então vieram os sons de surpresa. E quando a primeira explosão pulverizou uma barraca de madeira, carbonizando um comerciante, o povo compreendeu a magnitude da ameaça. Não eram estrelas.

Era a chegada do primeiro demônio.

Quando outros pontos surgiram no céu, brilhando em montarias que planavam pelo anoitecer, o pânico se instaurou. Pessoas correram em direções distintas. Madeiras de construções continuaram voando. Corpos tombaram e foram pisoteados. Os gritos de espanto se transformaram em gritos de horror. Um homem ainda estava de mãos dadas com a esposa quando o corpo dela recebeu uma quantidade enorme de energia gerada por combustão que expôs ossos pelos buracos da pele queimada. O senhor gritou em choque e, ao tentar se soltar, descobriu que a pele derretida da mão dela grudara na sua. Um homem correu para salvar uma mulher caída, mas outro a levantou e, quando o primeiro se deu conta, percebeu que fora ele o escolhido para morrer. Tendas foram consumidas. As palavras *socorro* e *demônios* se repetiam tantas vezes que mais pareciam ecos. O som de choros se uniu ao vento. E Taremu começou a queimar.

A princípio pareciam dezenas, mas no final eram centenas cavalcando aberrações. Dracônicos com ombreiras e proteções parciais de placas montadas com couro extraído dos cadáveres de dragões. Um símbolo de imortalidade ou uma lembrança do que existe após a morte. Nas mãos, bastões de pontas triangulares moldados por ferreiros demoníacos liberavam energia concentrada oriunda da vibração grosseira de seus perispíritos. Sob os dracônicos, planavam criaturas que fariam um homem fechar os olhos e nunca mais ser capaz de esquecê-las. Montarias em forma de quirópteros gigantescos agitavam as membranas interdigitais, guinchando um aviso de que o Submundo estava a caminho. Os dragões-morcegos eram negros como um mundo sem luz, destacando na noite os dentes brancos afiados e olhos acesos como brasas, das monstruosidades guiadas por um radar natural de biossonar.

– Os sinos! Toquem os sinos! Toquem os sinos! – Era outro dos gritos que mais

se escutavam.

Entretanto, os sinos já haviam sido tocados. Os sons ainda ecoavam em meio a toda aquela confusão. E o caos dominava o mundo. Homens comuns tentaram reagir e arremessaram tanto pedras como madeira, jarros e o que mais pudesse ser improvisado como arma nos demônios montadores de morcegos. Infelizmente, as histórias costumam ser mais agradáveis com o destino de homens comuns do que relatos reais, e, quando não eram carbonizados, tais bravos acabavam erguidos por mamíferos gigantes e largados de altura suficiente para lhes partir o pescoço. E Taremu continuava a queimar.

– A dádiva! – Essas eram as palavras que ecoavam ainda mais alto do que a queima e os choros e os gritos, na língua dos seres sombrios. – Eu quero sua dádiva!

Asteroph galgava os céus, montado em um dragão negro horrendo, de escamas coriáceas listradas por cima da carne magra, com um crânio enrugado e sem pelos, a pele coberta por reentrâncias. Uma bolsa de armazenamento na boca animalésca lhe permitia estocar carne e sangue dos fugitivos que mordida, e uma máscara de pele lhe cobria a região dos olhos, se necessário.

– Ignorem o gado e encontrem o...

E então o vitral de uma joalheria se partiu quando duas pessoas abraçadas caíram por ele do alto de uma casa, desorientando um morcego gigante. Apenas um dos caídos se levantou. O que ficou morto no chão era um dos dracônicos de Asteroph, trazido do Submundo. O outro, que se levantou, era um guerreiro de cabeça raspada, prestes a derrubar outros como aquele ou morrer na tentativa.

Foi assim que os demônios souberam que os primeiros monges de Taremu haviam chegado.

Um segundo demônio gritou ao ser derrubado pelo bastão de um monge que se equilibrava no telhado de uma construção triangular. Outro bastão girou e afundou a face inteira de um montador cujo morcego executou um rasante em busca de um fugitivo. Os dois monges sentiram o corpo afogado em adrenalina, e então seus troncos se curvaram e começaram a tremer.

Pouco a pouco, a massa muscular foi se expandindo. Os pelos começaram a crescer: uma pelagem curta e de uma só cor ao redor de corpos que atingiam até dois metros e meio de altura. As roupas se rasgaram, os dentes esticaram junto com a mandíbula possante e os caninos se expandiram em cinco centímetros. Garras rasgaram dos dedos. Jубas e bigodes surgiram ao redor da cabeça cada vez mais arredondada, e olhos com íris felinas se encheram de sangue.

Foi nessa forma que emitiram os primeiros rugidos.

E os primeiros homens-leões avançaram.



## FLORESTA DE METAL

A CAMINHADA LEVOU A UMA CLAREIRA NATURAL. A pouca quantidade de árvores naquele vão ressaltava a presença da mais magnífica. Quando Derek parou diante dela, não teve dúvida de que estava diante da maior árvore que já visualizara. O tronco alcançava facilmente cinquenta metros de altura e vinte de diâmetro. Se um grupo pensasse em rodeá-la, provavelmente seriam necessárias, no mínimo, trinta pessoas de braços completamente esticados.

Isso por si só já seria impressionante.

Como se as dimensões formidáveis não fossem o suficiente, seu tronco era de uma coloração metálica, como se a árvore fosse constituída de um metal orgânico. Os cinzentos levaram Derek até ela, e ele não conseguiu desviar o olhar do centro da imensa árvore. Em determinada altura na região central dos nódulos lenhosos, se destacavam dois buracos, paralelos e com diâmetros simétricos, que poderiam servir de ninho para grandes pássaros.

– Derek, isso é incrível... – disse Amber, ainda um pouco afastada dele.

– Como tudo neste lugar.

Adross o convidou a se aproximar de uma parte onde pedaços de raízes saíam do solo e logo adiante mergulhavam novamente, lembrando cobras metálicas. Havia um círculo quase natural, onde protuberâncias ocas da árvore se destacavam, com pontas tão afiadas quanto seringas. Pontas que lembravam pequenos tubos. Foi ao centro que o cinzento direcionou Derek. E apenas ele. O receio trouxe da memória o lema escoteiro: *sempre alerta*.

– Shandar! – indicou o humanoide, apontando para a árvore. O soldado entendeu que deveria se *submeter* humildemente àquela entidade. – Shandar...

Derek apontou para a árvore em sinal de questionamento.

– Gara – concluiu Adross.

– Gara... – repetiu Derek, aprendendo o nome.

– Huray – acrescentou Adross em seguida, ainda apontando para ela.

Aquilo arrepiou Derek. *Huray*. Aquela árvore era para aquele povo uma *huray*. Como Derek

Foi assim que, sem saber exatamente como ou por que fazia aquilo, o homem se pôs de joelhos. A cabeça tombou em sinal de humildade. Adross se afastou do círculo. Ao fundo, o coração de Amber batia acelerado. E foi então que ela viu os pedaços de raízes daquele círculo avançarem na direção dele.



PRIMEIRAMENTE, OUVIU-SE UM FARFALHAR. Em seguida, a movimentação de raízes no centro do círculo natural, como se vermes gigantes se movimentassem pelo solo. As protuberâncias de repente se ergueram como que vivas, lembrando tentáculos de metal. E as pontas ocas e perfurantes saltaram como cobras no soldado. Seu grito ecoou pela floresta, rebatendo em galhos acostumados àquele tipo de som.

– Derek! – gritou Amber em desespero. Os cinzentos fizeram sinal para ela não avançar.

No chão, ainda ajoelhado, Derek começou a sentir a dor de dezenas de projeções que lhe perfuravam o torso, os braços e as pernas, lembrando os fios de uma marionete, e o conectando ao solo. Projeções que o ligavam à árvore. Projeções que uniam dois *hurays*.

*Aquilo tinha de ser um sonho.*

As raízes afiadas que lhe furavam as costelas, antebraços, ombros e coxas começaram a sugar seu sangue. A pressão arterial se modificou e ele se sentiu tonto. A dor física já seria traumática o suficiente, mas a sensação de ter sua essência invadida e compartilhada beirava o insuportável de tantas maneiras que o choque bloqueou seu grito.

E então houve o primeiro flash.

Uma mulher negra. Cabelos crespos. Músculos definidos. Braços fortes. Tronco com seios pequenos. A imagem súbita o assustou e ele abriu os olhos, dando início a uma série de alucinações.

Ao fundo, Amber mais uma vez gritou seu nome, mas o cérebro ouviu outra frase:

*Me tire daqui... alguém, droga... alguém me tire daqui...*

As alucinações continuaram e a árvore parecia pulsar.

*Katar. Ono. Ogara. Adross.*

De repente, as lembranças começaram a brotar em rápida sucessão. Aquilo doía, e doía muito. As primeiras imagens das memórias desse sonho que nunca tinha fim.

*Algas, cordas, mordanças, lâminas, couro trançado, marretas, minas e escravidão.*

Os detalhes a que se agarrava e que não se permitia esquecer.

*Terra. Vega.*

Ele voltou a gritar, e dessa vez não pelo sofrimento físico. A aflição o

incomodava, remexendo em partes recônditas de seu íntimo, das quais um ser humano precisa ter consciência, ainda que dolorosamente.

*Você... consegue me entender?*

Milhares de lembranças eram retiradas dele e cada uma delas doía como um fio de cabelo arrancado. Os olhos se fecharam e ele voltou a ter flashes da mulher negra que nunca vira. Ao abri-los, a árvore ainda estava lá.

*A. B. C. D. E. F. G. H. I. J. K. L. M. N.*

E então o som triste do cantar de pássaros invadiu seus ouvidos, como se aves-fantasma houvessem parado para cantar uma marcha fúnebre em seu réquiem.

*O. P. Q. R. S. T. U. V. W. X. Y. Z.*

Tudo lhe era sugado, mas ele podia sentir que a entidade ainda considerava pouco. Era como se Gara se *alimentasse* daquilo. De suas memórias. De suas experiências. De seu conhecimento. E esse apetite parecia insaciável.

*Qual o seu nome?*

– Chega... – implorou Derek, em um sussurro. Mas não foi ouvido.

*Não existem ex-escoteiros.*

– Por favor, pare com tudo isso...

*Asteroph.*

– Eu... [*não vou lhe machucar*]... preciso parar. Por favor, você [*acreditaria em mim?*]... precisa parar...

*Nunca.*

A impressão era a de que nunca... Foi quando Derek entendeu que aquilo não iria ser interrompido, enquanto ele não *reagisse*.

*Gahi, huray!*

E novamente ele se lembrou de Amber. E voltou a sentir a responsabilidade por uma mulher que mal conhecia.

*Eu entendo o vazio. Eu entendo de onde vem.*

Uma mulher como ele.

*Uma mulher melhor do que muitos homens que já serviram ao meu lado.*

Uma mulher capaz de fazer um soldado reconsiderar.

*Que se danem os motivos! Nós vamos fazer isso por nós dois. Entendeu?*

O som do canto fúnebre dos pássaros se intensificou. Ele focou na entidade e enfim decidiu que, se aquela conexão não iria parar, então poderia se tornar uma via de mão dupla.

*Vamos fazer isso porque nós controlamos o que queremos fazer!*

Foi quando ele *aceitou* a conexão simbiótica e a sensação invasiva passou a dar lugar à sensação de unidade. De repente no canto daqueles pássaros uma noção de sentido começou a existir. E Derek compreendeu que os pássaros-fantasma não estavam exaltando sua possível destruição.

Estavam glorificando seu renascimento.

*E eu preciso de você.*

Ainda que nas ruínas de cemitérios de dragões.

– Quem é você? – perguntou Derek em um idioma sem som, compreendido desde o início da vida pelos seres abaixo do solo.

– Uma entidade que tudo viu desde o início – uma voz fina e disforme como o vento lhe soprou em algum canto da consciência unificada. – Para algumas raças sou *Gara*. Outras me chamam de *Grande Árvore* ou *Árvore-Mãe*. Seres distantes já me nomearam *Deusa*. Seres de sua raça já me designaram *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*.

– Você se alimenta do meu conhecimento.

– Assim como você do meu neste momento.

Derek sentia que suas experiências até ali de repente estavam gravadas no DNA daquela entidade, assim como as de centenas de outras criaturas que com ela compartilharam simbioses. Era um infinito arquivo de milhares de idiomas, culturas e experiências, que a transformavam em um tesouro vivo de valor incalculável.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou ele, ainda sem se preocupar em como o fazia.

– Anões o chamam de *huray*. Orcs o chamam de *dur'ti*. Humanos o chamam de *Derek*.

Algo em seu âmago bambeou quando ele *compreendeu* o termo dracônico. *Dur'ti*. O *fugitivo*. Uma palavra que até então não tinha como compreender sozinho, sem a sabedoria compartilhada. E então o flash. A esfera pulsante.

– O que é este mundo? – perguntou Derek, sem a necessidade de palavras, e ela o compreendeu.

– Um hemisfério de uma *dimensão dobrada* – devolveu ela.

– Você entende minha dificuldade em aceitar isso?

– Pelo que já absorvi do raciocínio de sua raça, reconheço alguns limites de seu entendimento.

Derek não se sentiu ofendido. Era claro que ela era capaz de tirar e processar em cima dos registros dele muito mais do que o oposto.

– Se estou onde você me informa que estou... então estou morto? Digo... em relação ao meu mundo original...

– Não, você está apenas impossibilitado de retornar.

Aquela resposta despertava sentimentos contraditórios.

– Eu me lembro da missão... dos meus últimos momentos... e do som das hélices... e da luz... e do flash...

– Seu corpo *ainda* não morreu, e é possível o retorno.

– Se possuo um corpo físico lá, o que é esse que tenho aqui?

– Seu conflito não faz sentido para mim – comentou a *Árvore*. – Se você possui um corpo de três dimensões em uma terceira dimensão, ele será físico para você. É apenas um ponto de vista de consciência e densidade.

– Como pode uma pessoa ter mais de um corpo? – perguntou ele em conflito.

– A quantidade de corpos não faz diferença desde que o referencial seja a mesma consciência. Seria o mesmo que questionar como um ser humano poderia usar mais de uma vestimenta.

– Um corpo não é como uma vestimenta.

– Para uma consciência em outro plano, é exatamente o que ele é.

Derek começou a se estressar, não porque duvidava das explicações, e sim por elas ainda não lhe fazerem sentido.

Conectada a ele, ela sentiu.

– Você sabe por que eu estou aqui? Por que estou *preso* aqui?

– Porque você e outros foram convocados.

– Por você?

– Por demônios.

– Como demônios são capazes de convocar *alguém* até aqui?

– Por meio de acordos de sangue com negociadores de almas – explicou Gara.

– Em sua dimensão, e em diversas outras, milhares de seres de diferentes raças acabam sofrendo eventualidades e estacionando em estágios em que o espírito permanece no limiar entre o que vocês conhecem como vida e morte. Existem diversos *planos* para a espera e a decisão. Você e outros como você estavam em um desses estágios, e chamaram a atenção de negociadores de almas, que estabeleceram acordos valiosos para escravizá-los aqui.

– Não me vejo como alguém tão especial pra merecer pagarem tão caro por mim.

– Ainda assim, anões o consideraram um *huray*.

Fez-se silêncio.

– O que eu e esses outros podemos ter de especial para este mundo?

– Algo dentro de vocês agrada seres sombrios. Ambições, descontrole, ira excessiva, personalidade bélica. Algo sedutor o suficiente para eles se interessarem por tentá-los para as sombras.

Derek se lembrou das Minas Dracônicas.

– Foi o que ele fez, não foi? Nas minas, quando me fitou por duas vezes e as crianças cinzentas me ajudaram. Ele me *tentou* ali, não foi?

A Árvore reviveu com ele o momento. E concordou. Derek hesitou antes da pergunta que precisava ser feita, com receio das possibilidades negativas da resposta.

– E ele... – Era difícil continuar. – O demônio que nos convocou aqui, ele não vai nos deixar voltar, não é?

– Não sem que o aceitem.

O peito de Derek apertou.

– E *se* alguém o aceitar?

– Se um dos seus em que ele vê potencial o fizer, na Noite da Serpente ele o enviará de volta para ser seu general no outro mundo.

A informação trouxe o temor.

– E então o que acontece?

– O tempo aqui corre diferente do lugar de onde veio. Mas seu corpo lá em breve irá morrer. E o fio de prata será cortado.

– E quando isso acontecer...

– Você permanecerá aqui para sempre.

Era curioso como naquele lugar o conhecimento machucava.

– É preciso destruí-lo, não é?

– Preciso destruir *quem*? – perguntou ela, embora soubesse.

– Você conhece a resposta.

– Se você não for capaz de dizer o nome, será tentado diante dele.

Ele sentiu o pensamento travar. Então aquilo cresceu, até que enfim proferiu:

– *Asteroph*. – Ele enfim aceitou o nome e tudo que vinha com ele. – É preciso destruir Asteroph.

– Se deseja voltar, é exatamente o que precisa fazer.

Após uma pausa, ele absorveu e aceitou a ideia.

– Como funciona? Se ele for destruído, isso tudo simplesmente acaba?

– Na Noite da Serpente, ele trará entidades abissais capazes de romper o Véu. Será preciso aniquilar o demônio-rei, dizimar dracônicos e sobreviver às crias do Abismo.

– Como se poderia destruir algo desse porte? – perguntou ele, no tom de quem carrega um fardo.

– Adquirindo poder suficiente.

– Não existe arma com poder suficiente.

– Existe – afirmou ela. – Fundidas com metal-vivo, extraordinárias quando alimentadas de maneira certa.

– É disso que esta floresta é feita? Metal-vivo?

– Ela é feita *também* disso.

– E o que seria capaz de alimentar uma arma viva a ponto de ela destruir demônios?

– A maior raridade de um mundo como este, poderosa a ponto de servir como medida de troca em negociações de sangue com mercadores de almas.

Mesmo se não houvesse a conexão entre eles, Derek teria entendido a resposta. Sangue de dragão.

A falta de argumentos começou a sufocar o soldado. Centenas de perguntas nasceram, e a ansiedade se tornou uma massa disforme da qual era difícil destacar uma prioridade.

– Você possui essas armas? – perguntou ele de maneira direta.

– Em parte, sim – respondeu Gara.

– E como posso ter acesso a elas? – quis saber Derek, sem tanta certeza da

própria bravura.

– Pagando o preço.

Era de se esperar em um mundo em que negociavam almas com sangue de dragão.

– O que você exigiria de mim?

– O quanto de conhecimento você é capaz de compartilhar? – perguntou a entidade, quase como um desafio.

A pergunta o pegou de surpresa.

– Eu... não sei.

– Então, descubra. Você foi capaz de me alimentar com idiomas, sentimentos e motivações. Entretanto, irei cobrar em nossa simbiose seus medos mais profundos e suas lembranças mais difíceis.

Derek sentiu que a conexão começava a ficar distante. E, de repente, se desesperou com a possibilidade de perder aquela sensação que antes desejava afastar.

– Já foi gravado em suas células conhecimento além do que precisa neste momento. No futuro, alimente-me com mais e eu farei o mesmo por você.

Ele compartilharia mais alguma coisa, mas então a conexão entre eles foi subitamente *cortada*. Aos poucos, como no desvanecer de um sonho, o mundo voltava a ser matéria e à frente dele havia *apenas* uma árvore. Pequenos buracos ainda lhe marcavam a pele como se tivesse sido perfurado por agulhas.



– O que lhe foi ensinado? – perguntou Adross, e Derek se arrepiou ao perceber que a havia compreendido.

– Você consegue me entender? – perguntou ele, também emitindo os sons cantados.

– Não, agora *você* consegue me entender...

Ele aquiesceu. Era óbvio. Era uma das consequências de ter o conhecimento de uma entidade milenar gravado em suas células.

– Você também pode aprender meu idioma com ela.

– Eu precisaria dar a ela um novo conhecimento que ainda não tenha tirado de mim. E, mesmo se eu tivesse algo novo a compartilhar, não desperdiçaria a chance se você já é capaz de me compreender.

Derek chegou a sorrir.

– Quem são vocês? – perguntou Derek

– Seres de um lugar do passado, em busca de um lugar futuro.

Derek se levantou e voltou a observar a árvore magnânima, que naquele momento era apenas uma árvore. Magnânima.

– O futuro será de guerras, demônios e dragões – proferiu.

– Como? – perguntou o cinzento.

– Foi isso o que me foi ensinado – insistiu Derek, entregando a frase quase como um presente ruim.

“O futuro será de guerras, demônios e dragões.”



## CASTELO ESTELAR

ANTES DO PRIMEIRO TOQUE DOS SINOS, ele estava com o rei. O príncipe Rögga se mantinha sentado ao lado do pai idoso, esticado em uma cama larga que parecia engolir o corpo abatido e magricelo. Há vinte minutos conversava com o pai adormecido, sabendo que o velho estava vivo, mas não se o escutava. Ali, confessava medos e receios relativos a predições e dádivas, na busca por uma palavra de sabedoria mesmo do silêncio que preenchia o espaço entre as respirações.

Estava nessa posição quando ouviu o primeiro sino. A porta do quarto real se abriu violentamente.

– Mas o que está acontecendo... – tentou perguntar ao soldado.

– Alteza! Estamos sendo atacados!

A informação trouxe à tona aquele momento em que um líder quase é tomado por desespero, mas a sensação trava na garganta antes que ela lhe suba para a mente.

– Eles estão na murada? – perguntou o príncipe aos gritos, correndo pelos corredores, seguido por guardas reais.

– Não, alteza! Eles não vieram por terra, vieram pelos céus, se confundindo com estrelas!

O príncipe parou de maneira brusca, ante a nova informação. A sensação de desespero voltou e ele percebeu que ela ainda não tinha descido por completo.

– Onde *ele* está? – perguntou Rögga, de olhos arregalados.

– Quem, alteza? – questionou o soldado, confuso pelo caos.

– Mihos, maldição! – gritou o príncipe em fúria. – Onde está a dádiva?

As pessoas se entreolharam, sem saber o que responder. Sem saber se aquela ignorância era alguma glória dispersa ou a completa desesperança em um mundo cada vez mais sem luz.

– Maldição! – rugiu o príncipe novamente, antes de retomar a corrida.

Eles desceram escadarias a toda velocidade, quase tropeçando nos próprios medos. Aias e servos não treinados para a guerra também fugiam pelos corredores em busca de um lugar de refúgio. A cada vez que um deles cruzava com o príncipe em fúria, o homem lhes apontava o dedo e gritava:

– Protejam seu rei!

Foi sob tal estresse que eles atingiram a saída, e viram pessoas comuns correndo em desordem. Ao fundo, estrelas piscavam na noite cada vez mais estabelecida, mas então a realidade da cena ficava aparente, e os espectadores entendiam que se tratava de demônios queimando sua cidade.

– Como eles se movem? – perguntou o príncipe ao agarrar e jogar no chão um

adolescente, que corria aflito olhando para trás, buscando sair da cidade. – Responda sem gaguejar: *como* eles se movem?

– Eles... eles... e... e...

O príncipe estalou um tapa na face do adolescente.

– Como eles se movem? – gritou novamente.

– Montados em dragões negros, explodindo fogo de armas demoníacas! – respondeu o adolescente em choque.

– E *quem* os lidera?

A pergunta era difícil.

– O demônio-rei! E ele grita coisas em uma língua esquecida! E eles estão queimando a cidade e matando... e matando... minha mãe, deuses... minha mãe...

– Asteroph. – O nome tremulou na boca de Rögga, no instante em que ele entendeu o que estava em jogo.

Foi assim que ele também sentiu a adrenalina lhe torcer o corpo e o homem dar lugar à fera. Uma rara pelagem branca com listras pretas lhe tomou o corpo. Outros dos seus lhe trouxeram uma armadura de guerra já adaptada ao corpo de fera. Placas sobrepostas de um macacão único cobriram o corpo peludo de três metros de comprimento e duzentos quilos de massa muscular. No rosto já leonino havia olhos de guerra. Do peito foi emitido um rugido tão alto que vidros se espatifaram. O príncipe-leão partiu quando lhe entregaram o aço. Homens-leões utilizando bastões, lanças e bestas partiram com ele na direção do calor do fim da existência.

– Por favor, que ele tenha ido... – pensou Rögga durante a corrida. – Por favor... que ele tenha partido...



## CENTRO DE TAREMU

ASHANTI SALTOU AO OUVIR A PRIMEIRA EXPLOSÃO. Havia dormido nos braços de Mihos na residência alugada por ele no centro da cidade como local de estudos. O crepitar de uma lareira aquecia o corpo de Ashanti abraçado ao dele quando ela saltou feito uma felina ao escutar o estrondo.

– O que foi isso? – perguntou ele, desorientado.

– Estamos prestes a descobrir... – respondeu ela em afobação, vestindo as roupas justas escuras.

Como um homem da ciência que nunca viveu uma batalha, Mihos travou. Há alguns momentos era um indivíduo atormentado pela culpa que rodeia a possibilidade de escolhas erradas. Um homem que havia decidido ficar e cumprir o que se esperava dele. Um homem que acreditava que tal decisão seria o suficiente.

– Você está escutando os sinos? São os sinos de alerta da cidade, não são? – perguntou Ashanti, tentando enxergar alguma coisa através da fresta de uma cortina.

– Eu... sim, são, sim... – disse ele, ainda pálido, saltando para calçar as botas. – Será que... Taremu está...

– Você precisa levar alguma coisa? – gritou Ashanti, impedindo que ele divagasse no momento de pressão.

– Levar o quê, pra onde? – gritou ele enquanto vestia uma blusa negra, ao som de outros estrondos e de coisas começando a queimar do lado de fora.

– Para fora de Taremu! – gritou ela. – Nós temos de fugir de Taremu!

– Mas... mas como nós podemos abandonar essas...

– Escute! – disse Ashanti, de maneira dura, chapando as costas dele na parede ao lado da janela. – Se isso for o que nós estamos pensando que é, tirar você daqui não será um ato de covardia! Será um ato de misericórdia!

– Você ainda acha que devemos manter o plano de buscar ajuda?

Em meio a choros, gritos e tumulto, ouvia-se o som de gente queimando.

– Você acha que nós temos *como* enfrentar sozinhos algo como isso aí fora?

Mihos não sabia nem se com ajuda eles teriam.

– Meu bastão! Pegue o meu bastão! – pediu ela.

Ele correu e apanhou as trouxas com os suprimentos e o bastão amarrado, além da blusa com capuz caída ao lado. Ashanti aceitou apenas a arma.

– Vista a blusa! Você vai precisar desse capuz mais do que eu!

Ele obedeceu, ainda sem saber ao certo por quê. Ao fundo, o mundo ainda explodia. Ela o puxou para a porta e gritou algo que ele entendeu como uma ordem para correr. Ao passarem pela porta e se depararem com o que o mundo podia se tornar ao entrar em contato com o mal em forma pura, Mihos travou novamente.

– Venha! Venha! – gritou ela, tirando-o da inércia.

– O que é... aquilo?

– Coloque o capuz! – gritou Ashanti, ignorando a pergunta. – E corra!

Eles correram, em meio ao povo desordenado. Mihos colocou o capuz e aquilo lhe serviu como um visor preso ao sistema de cabeçada de um cavalo, que impedia o animal de olhar para os lados. O capuz fazia Mihos não olhar para trás, mas o que se criava na mente apenas com os sons de morte já trazia agonia.

Um menino tropeçou e Mihos fez menção de correr para ajudá-lo. Ashanti agarrou seu pulso e o arremessou em um beco próximo. E então, como essas

coisas lhe doíam também o âmagô, ela retirou a trouxa amarrada ao bastão das costas, entregou a Mihos e gritou, apontando o dedo na cara dele:

– Fique aqui! Não banque o herói e, por favor, *não* saia daqui!

A africana voltou a correr entre pessoas, gritando, esquivando-se da multidão, em direção ao menino caído. O garoto tinha não mais do que quatro anos, e em seu choro não sabia diferenciar o que era mais assustador: os monstros ou as pessoas enlouquecidas. Ashanti viu um dragão-morcego executar um rasante em sua direção e saltou para trás quando garras apanharam uma mulher a sua frente, soltando-a em cima da cobertura de telhas de uma casa, que se partiu. Alguns fugitivos pisaram em partes do corpo da criança caída, que aumentou o volume do choro ainda perdido em meio a tantas vozes. Uma concentração de combustões cruzou o ar e pôs fogo no toldo de uma mercearia. Ashanti tossiu, mas continuou seu caminho. Tropeçou e saltou em cambalhotas para as laterais, sujando-se de poeira e aproximando-se do toldo que queimava. Foi em um desses giros que ela apanhou e ergueu a criança caída. O fogo refletia na pele escura, diante da noite que já havia chegado. A pulsação acelerada. E, mesmo em meio ao pandemônio, ela escutava o seu nome berrado no timbre nervoso da voz dele. Pensava ainda no que fazer com o menino nos braços quando outro rasante de um dragão-morcego lhe tirou o menino das mãos. Ashanti gritou ao sentir que o garoto lhe escapava, e de um salto agarrou as patas do bicho que segurava a presa.

Erguida no ar, a garota percebeu uma parte da pata, próxima às garras, desprovida de proteção natural, e cravou os dentes no voador gigante, fazendo-o guinchar e soltar o menino. O garoto tombou de uma altura considerável, suficiente para lhe quebrar costelas, mas não para tirar a vida. O dragão-morcego, contudo, confundindo seu bioissonar por alguns momentos, voou torto, se chocando em paredes e colidindo o corpo de Ashanti e de seu dracônico montador com concreto. A africana caiu sobre entulhos. Sua queda foi amortecida pela areia e os pedaços de pedras a cortaram. Anestesiada pela adrenalina, ela procurou nos arredores e mais uma vez escutou:

– Ashanti!

Ela o viu ao longe, com a criança nos braços. Mihos correu de volta à ruela onde estava a trouxa com os mantimentos e o bastão. Ela correu atrás. A criança continuava a chorar. Ao entrarem no beco, ela apanhou suas coisas e gritou:

– Você está bem? – perguntou ela, com a aparência abatida.

– Eu é que deveria perguntar isso, sua alienada! – disse ele. – O menino parece estar com as costelas quebradas!

– Corra! Simplesmente corra! – disse ela, indicando a continuação da ruela. E assim eles correram, até descobrirem que não havia mais para onde ir, e que só um muro lhes aguardava ao final.

Era um beco sem saída.

– Volte! Volte! – bradou ela. – Não tem saída!

Mihos deu meia-volta e retornou. Foi ele o primeiro a ver.

– Ashanti...

Ao fundo, o dracônico que ela derrubara da montaria se aproximava.

– Para trás... – ordenou ela, e o comando parecia servir para os dois lados. No entanto, apenas Mihos obedeceu.

O bastão foi retirado do nó da trouxa. Neste momento, ela reparou melhor no corpo brutalizado do inimigo, além da altura considerável de quase dois metros.

– Ashanti! Cuidado com o...

– Eu disse: para trás!

Mihos recuou para o fundo da ruela, onde o choro da criança machucada continuava a ecoar. Do outro lado, o demônio se aproximou ainda mais. Ashanti se posicionou e, antes que ele utilizasse seu tiro de energia na direção dos rapazes ao fundo, ela avançou em fúria. A corrida foi acompanhada por um kiai. A arma triangular demoníaca foi mirada nas pernas dela, prestes a lhe queimar as coxas. A ponta do artefato triangular se acendeu. Ashanti ergueu o bastão como se fosse atacar de frente a cabeça do inimigo. O tiro foi disparado. Ao destruir o chão, a garota já não estava mais lá.

– Ashanti! – gritou Mihos.

Ela corria em diagonal pela parede do beco, por um momento avançando quase que na horizontal. Três passos foram o suficiente para ela se aproximar do inimigo, apesar de o impacto do tiro no chão ter queimado um pouco sua pele, antes de empregar o restante das forças em um impulso suicida. O corpo saltou por cima dos dois metros do demoníaco surpreso e, quando caiu, uniu à aceleração da gravidade a força de um golpe na vertical. O bastão desceu como um machado. O estrondo no crânio foi tão intenso que a criatura bambeou, sem referência. E, antes que recuperasse o equilíbrio, o bastão mais uma vez correu e lhe afundou a parte lateral da face. Ela aguardou a reação e a mão do demônio tremeu, talvez por reflexo involuntário, mas ainda assim o bastão girou novamente por garantia e acertou a outra lateral da face, apagando de vez o ser sombrio.

Ao fundo, Mihos parecia impressionado demais para gritar novamente o nome dela.

– Tudo bem com vocês? – gritou ela, olhando para o fundo da ruela.

– Eu já falei que eu é que devia perguntar essas coisas!

– Nós ainda estamos presos! – gritou Ashanti, lamentando. Se estivessem só os dois, poderiam escalar as casas ou o próprio muro. Mas, com a criança ferida, em ambas as situações teriam de deixá-la para trás.

– Nós temos de voltar! – insistiu Mihos.

– Voltar é pior! – retrucou ela. – Eles querem você!

– Talvez seja melhor assim...

– Ou talvez a gente crie outra solução!

Ashanti correu, apanhou a arma demoníaca do chão e apontou na direção do fim do beco, tateando a arma.

– O que você está...

– Saiam daí! Agora!

Mihos correu, abraçado ao menino, saltando entulhos. Ashanti começou a sentir a arma lhe queimar as mãos. De repente, sentiu uma tontura, mas ela insistiu em se manter serena. A sensação térmica aumentou e os dedos formigaram. Algo dentro dela começou a crescer, como um monge ao concentrar energia. Ao chegar em um ponto insuportável, em vez de recuar, Ashanti avançou.

E bradou mais um kiai.

A ponta da arma se acendeu e de repente uma força de combustão explodiu o muro à frente, fazendo um rombo que deixou tijolos marcados de preto e esfarelados em cinzas.

– Eu já falei que você é alienada? – perguntou Mihos, com as mãos trêmulas.

– Funcionou, não funcionou?

Ainda assim, Mihos só conseguia pensar no quanto aquela mulher era alienada.



## FLORESTA LUMINOSA

ROMAIN ABRIU OS OLHOS ACHANDO QUE ESTAVA MORTO. Estava vivo. Contudo, não sabia se isso era bom. Rolou de maneira atabalhoada, tentando entender por que vivia, quando viu Daniel sentado ao lado de uma fogueira observando o amanhecer.

– O que... o que... o...

– Você está mesmo bem? – perguntou o garoto ao perceber que ele acordara.

– Bom saber que ao menos você está vivo...

Romain arregalou os olhos com a frase e Daniel percebeu que a construção da fala ficara estranha.

– Quero dizer, que bom que você não morreu! No sentido mais positivo da coisa, sabe? Eu tentei fazer o meu melhor...

O francês notou folhas grudadas aos ferimentos no corpo. Um pequeno odre de pele de cabra estava ao lado da fogueira, parecendo esvaziado. O estômago fervia, mas não de enfermidade.

– O que houve? – perguntou ele devagar e um pouco tonto.

Daniel colocou a mão em seu ombro para ajudá-lo a se equilibrar e se sentar em um tronco – ou algo que parecia um tronco.

– Alguns de nós foram contaminados, infectados ou sabe-se lá o quê por aqueles vermes...

Perto deles, alguns soldados ainda estavam abatidos. Booba se mantinha vigilante, e Romain contou doze sobreviventes.

– Eu não sabia o que fazer quando alguns de vocês desmaiaram! Ai, depois de os bichos irem embora, Booba conseguiu fazer essa fogueira! Aproveitei pra fazer chá com umas plantas, torcendo pra dar certo! Vocês não sabem como eu estava nervoso...

– Você... ficou acordado?

– Alguém tinha de ficar de vigia, não é?

Romain sentiu uma pontada incômoda ao ver-se diante de alguém mais novo do que ele, mas que demonstrava mais responsabilidade do que qualquer memória de si mesmo que ele pudesse evocar.

– Que planta você utilizou?

– Aquela! – Daniel apontou, mostrando o caule caído de uma planta ligeiramente lenhosa na base, de folhas verde-acinzentadas e flores miniatúrais douradas. – Uma vez eu vi no Discovery que utilizavam uma parecida para combater o efeito de cogumelos venenosos, além de vermes e parasitas de intestinos...

– Nerds...

Daniel deu-lhe um tapa na cabeça, como os homens fazem apenas com os amigos.

– De qualquer maneira, se o chá não matou vocês então talvez tenha curado – comentou.

Romain recostou um pouco.

– Sabe, acho que deveríamos voltar e recolher no odre um pouco da gosma que sobrou daqueles vermes.

– E por que você diz isso?

– Se for venenoso, e se algum de nós sobreviver para voltar, alguém mais sábio pode extrair algo de bom.

– Faz sentido! Aquele muco que eles deixaram, inclusive...

Romain de repente se lembrou das imagens dos moluscos agigantados e seu estômago embrulhou. Ele caiu de joelhos atrás do tronco e começou a vomitar.

– Desculpe... – disse Daniel.

– Não, não! – exclamou o outro, esticando a mão aberta para que Daniel não se aproximasse. – Estou bem! Ao menos acho que estou...

Romain se sentou novamente. Havia um suspiro de lamento por coisas que ele não sabia identificar por completo.

– Sou eu que tenho de pedir desculpas...

– Pelo quê? – perguntou Daniel, parecendo sincero.

– Pelas minhas atitudes. Sabe, nenhum de nós pediu para vir para esta porcaria de lugar, a situação em que estamos é terrível, e você nem deveria estar aqui. Foi um erro e eu sei que fui egoísta, idiota e irresponsável. E é por isso que devo desculpas a você.

Daniel sentiu uma pontada do tipo de sentimento de compaixão que o espírito humano não consegue deixar passar sem registro.

– Eu acho que você está apenas se cobrando demais, Romain.

O homem sorriu diante da complacência.

– É, eu costumo fazer isso, sabe?

– Qual a sua história, afinal? – quis saber Daniel. – Digo, você falou que era *famoso*! E ainda não faço ideia do que isso quer dizer.

Romain suspirou.

– Eu sempre fui fascinado por filmes de ação, sabe? Desde os heróis durões americanos até os samurais lá da terra da sua família. E eu sempre sonhei em ser como eles.

– Não funcionou muito, né?

– Vá à merda! Mas então eu sempre sonhei em trabalhar com cinema e televisão. Só que eu era um garoto comum de classe média. Não tenho uma história triste pra contar sobre a minha infância. Gostaria, mas não tenho. Minha família tinha algum dinheiro, meus pais não eram ausentes, eles até tinham um cachorro pro qual eu não dava a mínima, mas eles tinham. Eu poderia ter sido o

que eu quisesse.

– E você quis ser ator?

– Na verdade, eu queria ser famoso.

– Você repete bastante isso.

– Eu sei. É patético, não é? Eu acho que... sei lá, deve ser a minha maneira de me sentir especial em uma família de três irmãos, quando dois deles são advogados bem-sucedidos. Eles eram os primeiros a chegar nas aulas, eu era o primeiro a fugir delas.

– Ao menos, de todos os seus irmãos, você deve ser o mais original.

– Eu sempre fui magrelo, sabe? Os caras pegavam no meu pé na escola, mas a minha vida era normal. Eu treinei algumas artes marciais, mas me encontrei de fato no Parkour!

Daniel fez uma expressão como se aquilo explicasse tudo.

– Ah, por isso você se move daquele jeito.

Romain concordou.

– Eu vi como você escapou daqueles vermes! – acrescentou Daniel. – Você é bom...

– Sim! Tão bom que terminei desmaiado, tomando chá feito inglês.

Eles riram.

– ‘Parkour’ é tipo uma arte de fuga, né? Isso tinha de ser francês! São anos de treinamento de especialização...

– Olha aqui, não é porque você me salvou que eu não posso dar com alguma coisa na sua cabeça, está ouvindo, ô Daniel-san?

Daniel jogou uma pequena pedra nele.

– Mas e aí? Você treinou pra ser um Jedi e terminou aqui?

– Como eu te disse: eu estava sendo preparado pra ser comum. Eu fumava com os outros garotos na saída do colégio, vi o franco ser substituído pelo euro, participei de protesto contra reformas de aposentadoria. Eu deveria ter terminado engravidando uma garota, reclamando da taxa de desemprego e fingindo que ia jogar tênis enquanto visitava minha amante.

Daniel franziu a testa.

– Algum irmão seu faz isso, por acaso?

– Meu pai. Minha mãe descobriu.

– E aí? Eles se separaram?

– Que nada! Aí ela admitiu que o professor de pilates dela também dava umas aulas mais particulares do que todos imaginavam. Eles passaram então a não cobrar muito esses assuntos um do outro e seguiram a vida.

– Maravilhas dos tempos modernos...

– E não é? Parece mais divertido quando não é com os seus pais, mas a gente não escolhe essas coisas. A questão foi que a minha vida seguiu como planejado, eu conheci a tal garota que a gente engravida sem querer.

– Você tem *um filho*? – perguntou Daniel, surpreso.

– Eu *deveria* ter.

– Cara, esse papo é sério! Conta direito isso aí.

Romain pareceu sem jeito.

– Sabia que é a primeira vez que eu falo sobre isso com alguém?

– Você não tem muita opção por aqui. Eu sou o único que entende você...

– Eu falei pra você que eu sou azarado...

– É, o sortudo por aqui sou eu.

Eles suspiraram.

– Mas então era uma época em que eu estava fazendo de tudo pra virar dublê.

– É mesmo? E como faz pra virar isso?

– Aí é que está! Não existe uma ‘faculdade’ pra essa profissão. O que eu fiz foi chamar um amigo pra filmar um bando de maluquice que eu comecei a inventar. Eu corria pela rua, saltava canal de rio, aprendi a dirigir motocicleta, dar cavalo de pau, fazer rapel, pular de paraquedas... cara, era uma loucura! Eu filmava e botava tudo na internet!

– O seu canal de vídeos deve ter angariado bastantes visualizações.

– Foram milhares! Tanto que eu consegui chamar a atenção de um produtor, que me chamou pra um trabalho de um filme de zumbi!

– Um bom início...

– Sempre melhor do que nenhum! E eu fiz empolgado! E o meu trabalho foi tão superior ao dos outros dublês que não parei mais de fazer isso. Cheguei ao set de uma produção do Luc Besson! Eu arrebentei, fizeram uma matéria comigo, eu dei depoimento pro making-of. Equipes profissionais me convidaram pra fazer parte delas. E então Hollywood me ligou...

– Cacete! Você deve ter surtado...

– Imagina: tudo o que você sonhou quando era criança de repente ali! Um telefonema e a sua vida mudando. Alguns dos meus vídeos tinham parado na sala do J.J. Abrams e ele me queria em uma série dele.

– Você ia ser dublê de uma série dele?

– Aí é que está! Eu não ia ser só o dublê! Eu ia fazer *o teste* pra ser o braço direito do vilão!

Daniel arregalou os olhos.

– Mas você sabe atuar?

– Eu nem precisaria falar! Eu ia ser um androide, alienígena, sei lá, essas coisas de que ele gosta. O que ele queria de mim era apenas que eu aparecesse em cena e fosse espetacular na frente das câmeras. E eu ia ser, cara! Porque aquele era o meu sonho. E eu treinava pra ser o melhor no que eu fazia.

– E o que faltou pra você fazer?

– Lembra daquela garota? Então, ela ficou sabendo que eu ia embora e apareceu. Pra me contar que estava grávida.

Houve um silêncio entre eles.

– Você tem noção da situação? Eu estava de mala pronta. Mala pronta! E um dia antes do embarque, uma garota que eu conheci em uma festa e mal lembrava o nome apareceu pra me lembrar que a minha vida é rodeada de azar.

Daniel continuou em silêncio. Até que resolveu perguntar:

– E você tinha certeza de que era seu.

– Claro que eu tinha! A minha vida estava perfeita demais. Alguma coisa como aquilo *tinha* de acontecer. Eu podia mandar fazer um teste de DNA mais tarde. Eu ia mandar, claro. Mas ia dar positivo. Eu sei que sim.

– Você não pensou em levá-la com você?

– Você está maluco? Eu nem conhecia direito aquela garota. E você faz ideia do que significaria a minha vida lá? Eu não poderia ter compromisso com horários, com ninguém. O que gente como eu faz é brincar com o perigo. Só que uma coisa é brincar com a sua vida quando ninguém depende dela. Eu queria me libertar no sonho americano, não me aprisionar nele.

– E qual foi a reação dela, quando você contou isso?

– Ela disse que se eu fosse, ela ia tirar. Se eu ficasse, ela ia ter.

A atmosfera de repente pareceu mais pesada.

– Forte, né? – disse Romain. – Bem-vindo à minha vida...

– E aí?

– Aí eu fui pro aeroporto.

– Ela disse isso pra você e você foi pro aeroporto? – exaltou-se Daniel.

– Fui! Eu fui e fiquei olhando chamarem o voo. Eu fiquei lá... com o coração na boca... sozinho e sem saber o que fazer. Até que veio a última chamada...

Daniel mudou de posição, demonstrando ansiedade.

– E o que você decidiu?

– Eu embarquei.

Daniel fechou os olhos, como o faria com qualquer resposta.

– Fui o último a entrar no avião. Eu simplesmente fui, sem despedida, sem avisar ninguém. Foda-se! Porque é isso que eu faço. Eu sou irresponsável, sou imaturo, eu achava que ser famoso me faria especial, mas... eu sou só um cara normal. – A voz de Romain fraquejou: – Eu sou um escroto, não sou? – perguntou ele, e Daniel viu que os olhos dele começaram a brilhar. – A garota estava grávida. A responsabilidade *também* era minha, não era? O meu pai podia ser o maior ganhador de toda a França, mas mesmo ele assumiu três vezes a responsabilidade que eu não assumi. Em troca, eu só precisava entregar o meu sonho. Pra um cara comum, que a vida insistiu em lembrar que nunca seria especial, era um preço pequeno, não era? Era um preço... *justo*, não era?

– Romain... eu não estou aqui pra julgar você, cara...

– Aí é que está! *Eu quero* que você me julgue! Eu quero que você me diga que sou desprezível, que sou a pior pessoa que você já conheceu, que eu não deveria

ter arrastado você para aquele julgamento em praça pública, que eu merecia ter sido condenado, e sozinho...

O brilho nos olhos dele aumentou, e Daniel viu Romain chorar.

– Sabe o que aconteceu comigo lá? Eu fiz o teste. E eu não fui tão bem, mas eu passei. E sabe por que eu não fui tão bem? Porque pra fazer aquilo bem era preciso estar leve. E eu estava pesado. Achei que ia esquecer daquilo, mas você *nunca* esquece uma coisa dessas. E então, na primeira cena do filme, em que eu deveria saltar de uma rampa com uma moto, como eu já tinha feito diversas vezes antes, eu errei.

Romain abraçou as pernas e baixou a cabeça. Quando a ergueu, as lágrimas ainda estavam lá.

– Como se chama isso mesmo? Carma, não é? Eu mereci, eu sei. Em um momento eu me lembro da moto e do salto. Em outro, lembro do choque do asfalto e então, quem diria, eu acordei nu, sozinho, e em pouco tempo em um julgamento em praça pública onde as pessoas me consideravam *Kutash*.

Romain voltou a baixar a cabeça e continuou o choro. Daniel se levantou e, sem dizer nada, sentou-se ao lado dele. Esperou que ele tirasse um pouco do peso do peito. E então, quando a cabeça dele subiu, ele ergueu o punho fechado de lado em um sinal de amizade.

Romain hesitou por um momento porque entendeu o que significava, e aquilo era difícil.

Aquele punho fechado aguardando o toque dele não era apenas um cumprimento, era uma mensagem. Era uma maneira de aquele garoto lhe dar a outra face. Era uma forma de dizer, sem julgá-lo, que *o perdoava* por arrastá-lo até ali.

E por isso era difícil.

E assim eles permaneceram. Dois jovens comuns, sentados diante de um mundo extraordinário. Entre lágrimas, peso e autoflagelação, Romain encostou o próprio punho fechado no de Daniel, aceitando tudo o que vinha no gesto. Era pequeno, mas era um começo. E já era mais do que qualquer um havia feito por ele em muito tempo.

Afinal, para o que ele precisava fazer, era preciso estar leve.

E, em um mundo rodeado de demônios, perdoar a si próprio era o primeiro passo no caminho para a redenção.



## FLORESTA CINZENTA

OS FERIMENTOS DA ALMA PERMANECERAM, mas os do corpo ao menos tinham melhorado. Derek havia passado algum tempo com o povo da Floresta Cinzenta. O período fora importante para sua recuperação, em tratamentos que envolveram chás, folhas, frutas e a sabedoria de um povo estelar. Cortes cicatrizaram. Hematomas regrediram.

Apenas o medo continuou.

Em todo esse tempo, Derek permaneceu ao lado de uma Amber preocupada com um irmão que eles mal sabiam se ainda estava vivo. Aproveitou para aprender um pouco sobre o povo de Vega e descobriu se tratar de um mundo com uma tecnologia que permitia a conexão entre um ser inteligente e um Construto, uma espécie de golem constituída de um metal-vivo denominado metálder. A prática funcionou bem para um mundo em paz, mas foi trágica para o mundo em guerra. Pesquisadores e cientistas descobriram formas de abrir portais, e seres agigantados batizados de Colossus decidiram trocar suas dimensões já sem recursos por uma nova morada em que fossem adorados como deuses. Quando a admiração deu lugar à subserviência, a raça cinzenta resolveu enfrentá-los com golens metálicos cada vez maiores, e suas batalhas destruíram civilizações nas zonas de confronto.

Um dia, um patrulheiro dimensional vestindo uma armadura metálica escura chegou a Vega no comando de Quantron, uma aeronave espacial capaz de tomar a forma de um gigantesco robô de guerra. Enquanto aguardava reforços, ele enfrentou diversos Colossos, enquanto os cientistas de Vega tentavam ajudá-lo com seus melhores Construtos, ou aprimorar seu armamento. Um tanque de combate carregado no interior de Quantron foi reforçado com metálder e adaptado para o mesmo controle de simbiose que os veganianos utilizavam com golens. E assim as batalhas continuaram. E também a destruição.

Dependendo de uma ajuda que nunca chegou, a forma guerreira de Quantron sucumbiu sob a força de seres colossais, destruindo mais uma dimensão. Em desespero, os cientistas novamente abriram portais dimensionais, e os que puderam fugiram sem saber aonde iriam parar. Enquanto tentava resgatar Katar, Ono e Ogara, Adross encontrou o corpo metálico tombado de Quantron. Ingressando no gigante robótico, encontrou o patrulheiro em estado crítico. A família de Adross o ajudou a colocá-lo no tanque e partiram, enquanto os Colossos continuavam a destruir a vida em Vega.

Os cientistas de Vega haviam programado a autodestruição do portal dimensional por onde fugiram, e Adross conseguiu no último instante ingressar com o tanque, deixando para trás uma dimensão condenada. Esperava na

transição encontrar uma nova realidade, onde pudesse *recomeçar*. Desgastados, estressados e famintos, ao explorarem a nova dimensão em busca de seres inteligentes locais ou os sobreviventes de sua raça, os cinzentos depararam-se com reptilianos, humanoides anfíbios, demoníacos de três olhos e demônios-bruxas.

Foi assim que Adross descobriu que havia trocado a miséria de uma dimensão por uma condenada pela escravidão em cemitérios de dragões.



O FOCO ESTAVA DISPERSO. Relembrando uma atividade praticada na época de escoteiro, e para voltar a concentrar a mente, Derek retirou de uma árvore que lembrava um teixo um galho curvo de setenta centímetros, assim como exemplares de trepadeiras, de hastes delgadas e flexíveis. Com uma faca rústica emprestada, cortou uma faixa mais fina do galho afinando-o a cerca de um centímetro das extremidades. As trepadeiras foram violentamente fustigadas com pedras até se abrirem no meio, revelando uma camada esbranquiçada, como a veia de um cipó. Essa veia foi retirada e trançada até formar um cordão, que ele amarrou em cada extremidade do galho curvo. Depois coletou bambus finos e flexíveis. Talhou pontas na frente, excessos no meio e rabos de peixe de quatro centímetros de base por seis de altura na parte de trás.

Não era a melhor arma do mundo, mas o galho se recurvava junto com a corda e servia para atirar as flechas. Conforme se recuperava de dores e ferimentos, aumentavam suas habilidades de manejo e pontaria. Desenhos feitos com seiva de frutas em troncos e árvores serviram como alvo, e assim foi criado um entretenimento para uma mente em conflito.

– No que você pensa quando atira? – perguntou Adross uma vez ao observá-lo.

– Em possíveis desvios até o alvo.

– E quando não há desvios?

– *Sempre* há desvios.

O cinzento observou um tiro errar o alvo.

– Sempre há desvios na jornada da flecha?

Derek abaixou o arco e olhou para ele.

– Acho que em toda jornada, não é?

– Então também sempre há atalhos.

Derek armou mais uma flecha, atirou, e errou novamente.

– E que atalho eu deveria tomar?

– Você esteve em conexão com uma árvore do conhecimento. Por que não fez tal pergunta a ela?

Derek ponderou antes da explicação:

– A árvore cobra muito por uma resposta.

– Ela cobra muito por uma resposta ou a resposta exigiria muito de você?

Ele não soube responder.

– Não é vergonha admitir isso – continuou Adross. – Na verdade, nunca vimos um ser vivo conseguir ir até o fim.

– O que seria o fim?

– Dar tudo de si.

Derek compreendia. A invasão da simbiose custava muito, pois sugava mesmo os segredos e memórias que se guarda em recônditos inacessíveis pela consciência, torcendo para que um dia desapareçam por inanição. Apesar de tudo que se recebe em troca, entregar conhecimento, sentimentos e memórias de maneira tão aberta poderia ser tão traumático para uma pessoa quanto o isolamento absoluto.

*O quanto de conhecimento você é capaz de compartilhar?*

O pensamento trouxe conflito. Derek armou mais uma flecha, tentando voltar a ser apenas ele, a arma e o alvo. Mas ainda não havia harmonia. E o tiro mais uma vez errou o objetivo.

*Então descubra.*

Ele virou-se para o pequeno chefe.

– Quando cheguei aqui, trouxe comigo uma arma.

– Sim, utilizada por um dracônico nas Minas – acrescentou Adross.

– Você sabe de *onde* aquela arma veio?

– De Strider, o patrulheiro de dimensões.

– Ele acabou morto?

– Não temos como saber. O que a árvore conseguiu extrair da mente de um dracônico moribundo que levamos para ela foi que o homem acabou ao norte, no anfiteatro para reptilianos criados pelo demônio-bruxa.

– Se houvesse... outros como eu e Amber... que não tivessem sido levados para as Minas como nós... estariam lá?

– Seria uma possibilidade!

– E qual é a outra?

– A noroeste, nas Terras do Pó, conta-se que existe um templo utilizado pelo demônio-bruxa Ravenna. De vez em quando ela própria recruta infelizes de aldeias próximas ou das Minas Dracônicas, na tentativa de criar raças demoníacas para servir nas fileiras do Abismo.

Derek precisou de um instante para absorver tudo aquilo. Sem enlouquecer.

– Como vocês chamam esse lugar?

– Esta floresta?

– Este mundo...

– Não existe nome definido. As raças o conhecem apenas como O Cemitério. O lugar aonde se vem para morrer...

Derek desistiu de armar uma nova flecha.

– É mórbido.

– Mas é correto. Antigamente, quando aqui não havia nada, entidades suficientemente poderosas abriram portais que trouxeram raças, plantas e pedaços de terras de outros mundos, remendando-os até o nascimento deste.

– Apesar de não ser daqui, você parece saber muito sobre a história deste lugar.

– Nada que você também não possa descobrir, se for um pouco além...

Derek compreendeu e se sentiu pesado. A flecha armou-se no arco, o desvio foi analisado, e ela partiu em sua jornada rumo ao alvo, cravando-se no centro da figura manchada no tronco.

A jornada da flecha mais uma vez lhe pareceu a jornada da vida.

E ele sabia que se aproximava a hora de ir até o fim.



ELA ESTAVA EM UM CANTO. Como sempre isolada e carregando uma expressão forte. Derek se aproximou.

– Algum progresso? – perguntou ela quando ele se aproximou.

– Se seu irmão estiver vivo, pode estar em um templo demoníaco a noroeste ou em um covil de seres mutantes ao norte. Isso, claro, se ele estiver mesmo por aqui. Animador, não é?

– Ainda assim, devo partir ao amanhecer.

– Amber...

– Eu já lhe disse, Derek! Você pode ir comigo ou pode ficar aqui. Não dou a mínima. Sei que *eu* vou atrás dele.

– Se ele estiver vivo, ele vai precisar que você seja racional pra chegar até ele, não emotiva. Você não vai ajudá-lo se morrer no caminho.

– Morrer não deve ser muito diferente do que estou sentindo agora – disse ela, em uma frase que ia além. – E ao menos esse tipo de inimigo eu posso matar.

Ao vê-la se levantar e se afastar, Derek sabia que só havia duas opções.

Ficar ou ir até o fim.



## CENTRO DE TAREMU

ELE CHEGOU DERRUBANDO UM DEMÔNIO. Uma flecha projetada de uma besta nas mãos do príncipe Rögga zuniu e perfurou a parte mole do pescoço de um dracônico montando um dragão-morcego, derrubando-o sem que o abissal sequer pudesse gritar. O baque seco causou calafrios. Pessoas continuavam correndo, enquanto outras flechas zuniam vez ou outra, acertando montarias em vez de montadores. Quando os dragões-zumbis sem escamas eram perfurados, em seu voo descontrolado se chocavam contra casas, telhados e chaminés, caindo por fim sobre transeuntes em desespero. De pontos mais altos, alguns naturais, outros improvisados, monges-leões arremessavam lanças pontiagudas e lâminas do tamanho de uma palma, moldadas em forma de estrelas. Galgando o morcego enrugado, Asteroph concentrava energia entre a mão humana e a carcomida, e destroçava pedaços de concreto, que saltavam como explosões vulcânicas. Homens-leões de mais de dois metros saltavam de telhados e afundavam partes do corpo de demônios, terminando de matá-los quando caídos. Quando erravam os golpes, morriam nos dentes dos dragões-morcegos de voos tortos.

– Asteroph! – gritava o príncipe, em meio ao distúrbio. – Matem o demônio-rei! Concentrem-se no demônio-rei!

Os monges ao redor o escutavam, mas havia muitos a se combater. Dracônicos derrubaram estátuas de deuses-leão colocadas no alto de construções como proteção espiritual, e as esculturas ruíam, afundando crânios de cidadãos em fuga. Fumaça de poeira cegava caminhos já turvos e o som de vidro se partindo era tão comum quanto o de ossos se quebrando. De pé, ainda no meio do povo que corria, o príncipe na forma de leão branco correu em quatro patas e saltou sobre dracônicos, rosnando e dilacerando-os com os dentes. Suas patas quebravam pescoços, quando não arrancavam cabeças. No quinto dracônico dilacerado em sequência, ele já havia chamado a atenção do demônio.

– Eu quero aquele... – rosnou Asteroph.

Dois dragões-morcegos voaram tortuosamente na direção do homem-leão enfurecido, e o primeiro morreu com o crânio esmagado entre duas patas. O segundo derrubou Rögga no chão. A queda fez a armadura peitoral pesar sobre a região pulmonar e o príncipe sentiu faltar o ar. Quando o recuperou, o dracônico montador já havia descido da montaria e estava prestes a matá-lo. A ponta da arma triangular acendeu, prestes a liberar combustível.

– Não! – gritou Asteroph do alto. Uma explosão de energia carbonizou o dracônico montador instantaneamente, antes que ele fizesse o mesmo com o príncipe caído. – Eu quero esse vivo!

Ainda que o demônio-rei gritasse na língua do Submundo, Rögga pareceu compreender. Ele rastejou para trás, esquivando-se de pessoas que passavam correndo em desgoverno e nem mesmo notavam que quase pisoteavam seu príncipe. O dragão-morcego que o derrubara fez uma espiral no ar e desceu em seu voo oscilante. E quando as patas agarraram um casal pela garganta, Asteroph já estava no chão.

Separados pela arruaça, os olhos do príncipe-fera se encontraram com os três olhos vermelhos do demônio-rei. Três de seus monges em forma de homens-leões correram e se posicionaram à frente. Asteroph partiu em sua forma demoníaca completa, de anatomia reptiliana, correndo em quatro apoios. Avançou inicialmente lembrando o movimento de um crocodilo, com as mãos afastadas e o peitoral próximo ao chão. E então, de repente acelerou, saltando e quicando pelas paredes.

– Para trás! Para trás, alteza! – gritou um dos homens-leões, avançando contra o demônio junto dos outros dois.

No primeiro salto do demônio, ele abocanhou a parte frontal do homem-leão mais alto, que não teve tempo para reagir. Enquanto a língua lisa ainda lambia seu sangue, um bastão girou e atingiu a pele escamosa, a princípio sem fazer estrago. A estrutura óssea demoníaca se abriu e uma asa de Asteroph estalou, como se tivesse vida própria, derrubando o monge ao chão. No segundo estalo, uma projeção de tecido ósseo saída das escamas da mesma asa quebrou seu maxilar. O terceiro homem-leão investiu com a ponta de uma lança. O demônio saltou, projetando uma língua bifurcada como a de uma cobra, que furou a pele do homem-monstro com a dor de uma agulhada. O monge olhou para o buraco na perna sem entender o ferimento. E então partiu para o ataque novamente, mas as forças se perderam quando o sangue pareceu ferver e queimá-lo de dentro para fora, até ele tombar gritando, pedindo para morrer.

À frente, Rögga se ergueu e viu Asteroph tremer em convulsões esporádicas, erguendo o corpo novamente como bípede, enquanto escamas se recolhiam, revelando um humanoide de três olhos. Sem esperar, o príncipe-fera avançou, saltando e arremessando o corpo pesado sobre o demônio. As asas do demônio se fecharam, protegendo-o do golpe. Uma garra do homem-leão arrancou-lhe um pedaço da perna. Uma projeção óssea demoníaca furou o abdômen do outro em retorno. O leão branco afundou os dentes na mesma projeção que o furara, fazendo o demônio gritar antes de recolhê-la, o que também provocou dor. Garras, dentes e golpes de patas pesadas se alternaram, até que Rögga sentiu uma mão demoníaca lhe rodear o pescoço, ardendo ao contato.

– Onde está? – perguntou Asteroph no idioma de Taremu, o que tornava a situação ainda mais assustadora. – Onde está seu profeta?

Rögga rugiu na cara dele. Para um demônio, contudo, aquilo não era uma ofensa.

– Onde está a dádiva? – gritou ele.

Por impulso, o príncipe agarrou com as duas mãos o imenso dedo anular demoníaco, e, em um único movimento, quebrou o osso em um estalar que lembrava o rompimento de um galho. Asteroph urrou. Rögga jogou o tronco para trás e o quadril rodou na direção oposta, utilizando em um golpe com o dorso da pata todo o impulso da rotação e deformando por um momento a face demoníaca. Asteroph girou duas vezes no ar antes de tombar. O homem-leão saltou sobre ele e ergueu a pata prestes a lhe arrancar a cabeça.

Entretanto, as garras de um dragão-morcego se cravaram em seu crânio, em meio à juba.

Enquanto tentava se soltar, o demônio-rei saltou com ódio sobre ele e lhe cravou os dentes no pescoço como um vampiro. Rögga voltou a pedir a forças divinas ocultas nas estrelas que olhassem por Taremu depois de sua morte. Sentia o peito esmurrado por dentro pelos batimentos. E então descobriu que ainda não era ali que iria morrer.

O demônio-rei tinha outros planos para ele.

E, desta vez, Asteroph ficara ofendido.



ASHANTI TREMEU AO OUVIR O KIAI dos monges-feras em luta. Vivia há pouco tempo entre aqueles dedicados, mas pouco foi preciso para que se sentisse um deles. O instinto a mandava voltar e lutar ao lado deles, mas outros sentimentos a impulsionavam para a frente, para a proteção do homem das predições e que conquistara seu afeto. A decisão, todavia, era difícil. Basicamente como escolher entre ficar e fugir.

– Nós não podemos continuar com ele! Infelizmente não podemos! – disse ela, sentindo uma pontada de culpa com o raciocínio, ao olhar para a criança ferida nos braços dele.

Mihos suspirou, sabendo que ela estava certa. A criança, além de atrasá-los, fazia muito barulho.

– Ele está ferido! Mal consigo tocá-lo sem que o machuque – lamentou ele. Ambos sabiam que o menino estaria condenado sem eles. E condenava-os com ele.

Ashanti queria dizer alguma coisa, mas não havia nada. Pessoas passaram correndo, saindo de estabelecimentos invadidos aos poucos. Saltavam de janelas ou muralhas e seguiam para a saída da cidade, ou ao menos para mais perto do

castelo. Ao fundo era possível ver a movimentação de dracônicos atraídos por fugitivos, enfrentando principalmente pessoas que não queriam deixar uma vida inteira para trás. Ela estava prestes a correr para o outro lado, quando escutou os relinchos.

– Você ouviu isso? – gritou ela de repente.

Com todo o barulho ao redor, Mihos mal reparara.

– O que...

– Ssshhhh! – interrompeu, como se não tivesse feito pergunta alguma.

Mihos se calou, sem saber como reagir. E então a ouviu dizer:

– Cavalos! Está ouvindo isso?

E Ashanti correu, como sempre dando a impressão de que sabia o que estava fazendo. Pessoas desciam a rua que ela subia, gritando para que ela fosse embora, mas ela as ignorou. Mais lentamente, com a criança de quatro anos com duas costelas quebradas em seus braços, Mihos tentava convencer algum fugitivo a cuidar do menino, mas em situações extremas as pessoas pensam apenas em cuidar de si próprias. E Ashanti continuou a corrida, dobrando uma esquina e deixando-os para trás. Ao fundo, o som de equídeos em descontrole a guiava. O instinto que a pedia para voltar e lutar era o mesmo que a guiava até ali. Ao chegar perto do som, a adrenalina continuou a ditar o ritmo de suas ações, quando ela percebeu que estava certa. À frente, uma casa rústica construída com pedras quadradas, e que servia como base para trabalhos de metalurgia, estava sendo atacada por demônios em busca de armas. O corpo de um ferreiro que tentara se defender jazia no chão de entrada. Dois quadrúpedes saltavam de um lado para outro, assustados.

Esgueirando-se pelas sombras, Ashanti saltou, girando o bastão e estourando um golpe na rótula do primeiro dracônico, que tombou para a frente com a perna inutilizada. De súbito, o segundo saltou sobre ela, derrubando-a. As costas bateram contra um chão desnivelado e ela soltou a arma. Duas mãos pressionaram a garganta dela e apertaram até que os pés balançaram, lembrando o ataque de um epilético. Quando Mihos viu a cena, ainda estava longe demais para salvá-la. Entretanto, uma lâmina com a ponta ainda vermelha da forja atravessou a boca do dracônico de dentro para fora. E quando o soldado demoníaco caiu, Ashanti viu que o cabo da espada curta estava atrás do crânio atravessado.

Às costas da criatura, o menino ajudante de ferreiro tremia como toda pessoa diante da primeira morte.

– Você fez o que precisava ser feito! – disse ela, se aproximando dele. – O príncipe Rögga tinha razão sobre sua coragem!

Ela percebeu o olhar do menino na direção do ferreiro morto. Mihos enfim chegou com a criança nos braços e o medo no rosto.

– Você terá muito tempo para pensar sobre isso – afirmou ela, pensando no

ajudante de ferreiro como a criança de guerra que um dia ela fora. – Mas agora precisamos sair daqui. Você concorda comigo?

O garoto concordou com a cabeça, ainda chocado demais para falar.

– Então venha! – Ela pegou o manto que utilizava como trouxa para carregar mantimentos, abriu-o e deixou que os poucos objetos caíssem. Então improvisou nas costas do ajudante uma tipoia, onde prendeu o menino de quatro anos.

– Esse menino precisa de ajuda, como você precisou ainda há pouco! Você pode retribuir isso e ajudá-lo? – perguntou ela com a mesma seriedade, antes de pedir para Mihos trazer um dos animais.

O ajudante de ferreiro aquiesceu, com alguma confiança que ela gostou de ver ali.

– Então parta sem olhar para trás... e que as estrelas brilhem em sua melhor noite... – Foram suas últimas palavras antes de estapear o traseiro de uma mula que se pôs a correr.

Ela olhou para Mihos, que trazia o outro animal.

– Eu nem vou mais dizer o que acho das suas ações impulsivas... – disse ele.

E então, sem explicação, ela saltou e pressionou os lábios nos dele, como se o mundo não estivesse ruindo ao redor. Mihos largou o cavalo e a apertou junto de si, como se aquele fosse o final perfeito se o fim realmente houvesse chegado.

– Eu... *acho* que te... – disse ela com olhos brilhantes, e ele pela primeira vez viu alguma insegurança por trás da muralha de autoestima.

– Eu tenho certeza... – completou ele, fazendo com que o olhar temeroso se transformasse em sorriso pela frase dúbia.

Mesmo com tanta morte ao redor, aquele sorriso era a coisa mais viva que Mihos já havia visto.

– Você é capaz de enfrentar demônios do Submundo que cavalgam morcegos, mas teme minha reação ao revelar sua afeição.

– Ei, isso me manteve viva até aqui, ok?

E então ela saltou sobre a égua que restara e que, por mais assustada que estivesse, aceitou levá-la.

– Você vem? – perguntou ela, mesmo já sabendo a resposta.

Em um salto, ele montou na garupa e a abraçou pelas costas.

– Até o fim... – respondeu ele.

As rédeas foram agitadas e a égua partiu, levando consigo os únicos sorrisos ainda existentes no meio do fim do mundo.



## FLORESTA CINZENTA

## NOVAMENTE DIANTE DELA.

Desta vez ele estava de pé e com a cabeça erguida, observando o tronco colossal, que não parecia tão vivo sem a simbiose. Aos pés, as projeções se mantinham à espera do momento de conexão. Apesar da decisão concretizada, a pulsação continuava acelerada, pois era muito pior refazer aquela ligação sabendo o que iria encontrar. E então ele se pôs de joelhos mais uma vez – suscitando o farfalhar da movimentação de raízes que pareciam tentáculos – e permitiu a conexão. As protuberâncias se agarraram a ele como fios. E na mente mais uma vez a voz surgiu de dentro para fora, trazendo fragmentos de frases que pareciam mergulhadas na própria profundidade.

A primeira lembrança então lhe foi tirada. Derek sentiu as memórias sendo copiadas de cuja existência ele nem mesmo tinha consciência. Os primeiros sons compreendidos no interior do fluido amniótico no útero materno. A luz ofuscante do nascimento. O som do mundo e o susto que levou com ele. O primeiro choro. O primeiro brinquedo. A primeira alegria. A primeira palavra.

*Não importa o quão amedrontador pareça...*

A primeira aula. O primeiro amigo. O primeiro erro. A primeira paixão. O primeiro arrependimento. O primeiro beijo. O primeiro perdão. A primeira vez. A primeira esperança. E releituras de todas as ocasiões em que essas experiências se repetiram, de maneira mais intensa, suave ou traumática.

*Não... grite...*

Acontecimentos foram revividos na troca unificada. Derek recordava detalhes da humanidade, de seu mundo e do amor pela humanidade de seu mundo. As memórias doíam, talvez devido à lembrança, talvez devido ao compartilhamento. Muito pulsava nele e muito pulsava dele.

O bastante para dividir sua pulsação entre dois mundos.

E se unificar daquela mesma forma.

*Você se alimenta de meu conhecimento.*

Não houve bloqueio, não houve amarras, e nem houve recusa. Havia apenas entrega, exatamente como um livro nas mãos de alguém disposto a compartilhar a sua própria visão de um mundo enquanto descobria uma outra. E, quando permitida a troca, ela deu-lhe muito de volta.

*Assim como você do meu.*

Foi assim que idiomas lhe foram talhados nas células, quase que esculpidos. Idiomas de seres reptilianos, de seres humanóides, de seres fantasmagóricos. Idiomas de seres que já haviam compartilhado algo de si com a árvore-museu que a tudo guardava em arquivos vivos interconectados com toda a biosfera.

Cada camada de vida por um momento se tornava uma camada de pele dele. Uma pele marcada, machucada e cortada, que protegia quando fechada, mas ardia nas feridas abertas. Foi assim que ela alcançou os aposentos da mente de Derek onde habitavam seus medos mais profundos e as memórias que ele tentava apagar. A conexão encontrou ali um quarto que não deveria estar destrancado e o invadiu como nunca antes fora permitido a ser algum até então.

*A árvore cobra muito por uma resposta.*

Foi assim que Derek reviveu seus maiores momentos de vergonha. Suas maiores falhas. Seus erros de julgamento e preconceitos. Seus momentos de covardia, de ausência, de desvio de sua conduta de honra. Cada ocasião em que se recusara a ajudar alguém, fosse uma senhora que necessitasse atravessar uma rua, fosse um mais fraco sofrendo agressão em horário escolar, tudo era revivido e registrado. E aquilo ardia. Se era um líder, se almejava um dia continuar a ser um líder, então como conviver com tantas falhas, com tantos erros, com tantas inseguranças?

*Ela cobra muito por uma resposta ou a resposta exigiria muito de você?*

Derek queria gritar. De longe, o corpo parecia estacionado. De perto, era possível perceber múltiplos temores de um homem quase em colapso. À frente, Gara mais uma vez focava nas partes mais escuras dos seres que tentava entender. Foi assim que a árvore também ouviu histórias de guerra. Histórias de um pai que era mais bravo do que ele jamais se acharia capaz, e mais experiente do que ele jamais se acreditaria capaz, vestido como os homens que se orgulham de servir em combate. Derek trincou os dentes quando a Árvore-mãe pediu *mais*. E dele ela tirou histórias contadas por desconhecidos envolvendo linhas de combate ao redor de perímetros fortificados de bases e campos militares. De bombardeios de armas químicas desfolhantes. De sabotagens de guerrilha na retaguarda de zonas urbanas. Dragões de aço cuspidos flechas metálicas de fogo em cima de homens rastejando em lama, debaixo de cercas farpadas. Pessoas marchando em lugares de paz para pedir o fim das lutas em lugares de conflito. Uma guerra perdida pela primeira vez – não mais em campos de batalha, mas em salas de estar.

*Talvez. Mas também não temos como fugir dela...*

E então a medalha. A chapa metálica emoldurada em uma parede onde permaneceria para sempre como uma memória de situações que um ser humano não tem a escolha de esquecer. Uma última recordação de um homem reduzido a uma fotografia vestido em uniforme militar.

Tudo era apenas um tijolo no muro.

Todos eram apenas tijolos na parede.

– Do mundo de onde veio, homens cavalgam dragões de aço? – perguntou a consciência dela, tirando-o do estado quase letárgico.

– Do mundo de onde vim, dragões nunca foram a pior ameaça...

E então a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal pela primeira vez compreendeu determinadas motivações de seres que a veneravam e não conseguiam expor tudo de si. E o mais curioso era que aquela espécie a ela conectada era uma das mais falíveis a que já tivera acesso, era uma das raças mais inseguras e mais imperfeitas. E, ainda assim, por trás de todo o sofrimento, ainda havia um senso que moldava uma filosofia. E que guiava atos, escolhas e afetos.

Naquele homem específico, a saudade de uma figura que lhe servira como molde poderia destruí-lo, mas ela via que as memórias de momentos nele gravados eram fortes o suficiente para fazê-lo querer viver.

Para fazê-lo querer voltar.

E se era isso que corria junto ao sangue que o mantinha vivo, então a evolução e o merecimento o mantinham a salvo dos possíveis danos...

– Há muito tempo um pedido me foi feito... – começou a entidade.

– Feito por quem?

– Por um homem de armadura e armas avançadas, capaz de patrulhar dimensões.

– Um patrulheiro dimensional?

– Um herói de metal.

Ele se calou, sentindo-se pequeno diante de grandezas que não sabia se seria capaz de alcançar.

– E me foi pedido que algo fosse guardado, assim como faço com o conhecimento do mundo. E me foi instruído que por julgamento próprio eu saberia a quem entregar, de acordo com o merecimento envolvido. E esse alguém saberia a quem outros entregar. O mérito seria a capacidade dos seres de compreender o valor de dois mundos. O valor da vida não na transcendência, mas na memória deixada. Pois mesmo uma pequena experiência ainda é um aprendizado, e um pequeno conhecimento será capaz de ofuscar um oceano de imperícias. Eu sou uma entidade que conhece a forma de pensar de centenas de raças inteligentes, e sei que muitos dos conflitos gerados envolvem pontos de vista observados de ângulos distintos. Desde que tal tarefa me foi pedida, muitos passaram por mim, mas dificilmente trazendo à tona seus medos mais profundos por livre-arbítrio. E considero deveras interessante pensar que a alma inteligente mais pura que vim a encontrar se traduzisse em uma das mais falhas, emotivas e inocentes a que tive acesso.

Derek sentiu a conexão crescer.

*Você parece saber muito sobre a história deste mundo.*

Os globos oculares de Derek chegaram a quase virar para trás, e surgiram flashes de memórias que ele não vivera, mas às quais passava a ter acesso.

*Nada que você também não possa descobrir, se for um pouco além...*

Foi quando ele viu imagens de guerra. E viu combates de dragões alados e

criaturas soturnas. E viu guerreiros de armaduras de metal brilhantes, hordas de abissais, monges que se tornavam feras, insetos humanoides fazendo experiências genéticas. Viu soldados serem traídos, demônios perderem seus nomes, pactos serem armados e forças sombrias atravessarem portais. Viu cadáveres se levantarem feito vodus de magia negra, feiticeiros se transformando em monstros e reptilianos jurando lealdade a demônios-reis. Viu mestres treinando discípulos e os perdendo. Viu a crença em um homem capaz de se conectar a dragões e uma mulher capaz de protegê-lo.

– Eu preciso lhe perguntar mais uma vez, huray...

E ele experimentou novamente:

– ... dur'ĩ...

Novamente o momento em que ela pedia pelo preço.

– ... Derek

Um preço que poucos estavam dispostos a pagar.

– *O quanto de conhecimento você é capaz de compartilhar?*

Derek abriu os olhos e a contemplou. E então era como se não houvesse mais escuridão. Ele via a árvore e ela o via. A floresta se tornava ele. E ambos tudo permitiam. Um homem conectado a uma biosfera. Um filho que vira seu herói tomar. Um líder observando sua confiança ressurgir.

– Todo.

A conexão o fragmentou em pedaços. Como se sua estrutura molecular pudesse ser separada em habilidades, caráter, perícias, qualidades, defeitos, carismas e julgamentos por experiências.

E ele sentiu que, independentemente do valor dessas partes, estava pronto. As protuberâncias conectadas a ele foram afrouxando. Outras projeções foram desconectadas e correram para o subsolo. O solo parecia estremecer. Então, pouco a pouco, abaixo do desenho do que seria o centro do tronco metalizado, os nódulos lenhosos foram se afastando em uma abertura como se o tronco estivesse quebrando para dentro. De olhos arregalados, o soldado viu a formação de algo próximo de *uma boca* na face vegetal. Quando aberta por completo, protuberâncias e raízes indicavam uma escadaria em direção a um mundo subterrâneo pouco iluminado.

Derek continuou a observar a entrada que lhe convidava a um mundo oculto. E percebeu a diferença na própria postura.

Na mente, já buscava atalhos.

No silêncio, um homem sempre alerta disposto a ir até o fim.



## CASTELO ESTELAR

SERVOS REAIS GRITARAM QUANDO MONGES foram derrubados de torres e demônios invadiram os domínios do castelo real. Estátuas caíram, espalhando mármore pelos corredores. Móveis foram revirados. Tapetes foram queimados. Os gritos que vinham do lado de fora se repetiram por dentro, e dracônicos invadiam os cômodos, carbonizando tudo que viam pela frente. A busca violenta envolvia apenas uma ordem. Apenas um cômodo. Apenas uma pessoa.

Apenas o rei.

Quando as portas do quarto real foram escancaradas, eles entraram entoando canções de guerra na língua maldita, e nem assim o rei doente se levantou da cama. Por último, vieram Asteroph e o herdeiro real, Rögga Maru II. O príncipe tinha sangue espalhado pelas armaduras e na pele já de volta à forma humana, além das marcas de queimadura.

– Eu quero que você me diga... – voltou a dizer Asteroph na língua de Taremu.  
– Onde... ele... está?

Rögga preferia morrer a entregar o salvador ou desproteger o pai.

– Ele está prestes a tomar sua parte na Noite da Serpente e fechar a passagem que vocês levaram milênios para abrir...

Os três olhos de Asteroph o fitaram.

– Eu poderia torturá-lo por uma década, como farei com seu salvador quando o encontrar, e ainda assim você não me diria, não é?

E então voltou a atenção ao rei Maru I na grande cama. Rögga tentou conter o desespero.

– Mate-me – pediu ele em entonação fria. – Beba meu sangue. Torture-me por décadas. Faça o que quiser comigo, mas poupe meu pai e Taremu.

– Você me faz muitos pedidos em troca de pouco – comentou Asteroph. – Sua vida eu já tenho! E a única que me interessa você não parece interessado em entregar...

Aquilo ardia por dentro.

– Ele não está mais aqui – disse ele. – Eu tentei impedi-lo de ir embora, mas ele foi mesmo assim.

Asteroph se aproximou, analisando o blefe.

– Você diz a verdade, não é? – Houve um sorriso metade humano, metade não.  
– Como você se sente, sabendo que até mesmo a pessoa em quem deposita fé não crê em nada disso?

Rögga não respondeu.

– Mas ainda acho que seu amigo deve ter surpreendido você e desistido de partir. – A frase dele acendeu algo no peito do príncipe. E, por um momento, ele

voltou a desejar que Mihos tivesse partido. – E vou queimar cada canto da sua Taremu até ele aparecer.

– Pois eu espero que na Noite da Serpente ele apareça para dançar em cima do seu corpo reduzido a pó – praguejou o príncipe em tom vazio, em um momento impensado de fúria.

Um momento que iria lhe custar caro.

– Pois eu vou lhe mostrar como é a sensação de ver alguém dançar sobre um corpo inimigo.

Ele caminhou na direção do corpo magricelo do rei Maru I. O príncipe Rögga tentou manter o foco do demônio em si e gritou:

– Não! Não, seu demônio covarde desonrado...

Não conseguiu dizer muito além disso, pois outros dracônicos começaram a espancá-lo. Na cama, aproveitando a boca aberta de onde se ouvia roncoss, Asteroph fez um corte com uma das unhas na própria mão e pingou sangue na boca do velho moribundo.

– Levante-se, morto, no pouco que ainda lhe existe vivo – comandou. E repetiu a ordem agitando os dedos como uma marionete.

No chão, Rögga arregalou os olhos. O mundo silenciou quando o corpo do velho começou a se mexer e se erguer como um boneco com espasmos. Os braços de pele flácida e ossos fracos se levantaram primeiro, subindo e descendo. O tronco se ergueu, tremendo esporadicamente. A cabeça vez ou outra tombava para o lado. E então as pernas magérrimas se viraram e se apoiaram no chão frio. Os cabelos desgrenhados para cima compactuavam com a barba grisalha cheia e a expressão zumbificada. E então o possuído caminhou de um jeito arrastado ao lado do demônio-rei, vestindo apenas uma camisola fedendo a urina.

– Não! *Isso* não... – repetiu o príncipe exausto, entre lágrimas. – Isso não...

Na sacada do Castelo Estelar, Asteroph parou diante de uma multidão que ainda corria sem rumo do lado de fora, atacada por dracônicos que cavalgavam dragões-morcegos e incendiavam sua cidade.

– Povo de Taremu! – gritou ele de repente em uma voz ensandecida, que ecoou pelas sombras de tantos cantos sem luz – Aqui está o seu rei...

As pessoas pararam, olharam para uma sacada com um rei Maru indefeso, de cabelos arrepiados, camisola e olhos distantes, e então souberam que não havia mais nem mesmo pelo que ainda lutar.

– Se vocês querem viver, me entreguem a dádiva! Ou sintam as estrelas queimarem sobre vocês!

E então onomatopeias de horror serpentearam pelos cidadãos entregues quando viram seu rei subir descalço em uma sacada com a expressão dos loucos e se atirar de cabeça em direção à morte certa metros abaixo.

– Pois aqui está seu novo rei – proferiu a voz demoníaca.

E Taremu voltou a queimar. O som dos choros era vento. A cidade de Taremu queimava. E eles eram centenas.



A ÉGUA CORRIA EM DIREÇÃO À SAÍDA. Ashanti já havia passado pelo Castelo Estelar e seguia para o mesmo lugar de onde o príncipe Rögga tentara impedi-los de ir embora em outra oportunidade. Cavalgava olhando para a frente. Contudo, Mihos olhava para trás.

– Pare! – pediu ele, mas foi ignorado. – Pare, Ashanti! – disse em tom mais urgente. – Pare! – ordenou.

Quando Ashanti fez a égua parar, ela se ergueu em duas patas e Mihos caiu, sem se machucar. A guerreira desceu da montaria e perguntou furiosa:

– O que está acontecendo com você? Vamos embora *agora*!

– Não! – disse ele, mais assustado do que ela. – Eu não posso...

O coração dela batia mais acelerado do que se estivesse diante de um demônio, quando ela entendeu.

– Você *nem pense* nisso! – ordenou ela de volta, encarando-o.

Ele a abraçou, sabendo que ela havia compreendido, e o quanto aquilo seria difícil.

– Nós nos veremos de novo... – profetizou ele, sem saber se seria verdade.

– Não vou deixar você fazer isso. Não tão perto...

– Você não é esse tipo de pessoa, Ashanti! – disse ele, segurando o rosto dela. – Você não é do tipo que deixa pessoas para trás!

Era verdade.

– Eu vou ficar! Vou ficar com você... até o fim... – Pela primeira vez, ele via lágrimas nascerem em um rosto de expressão sempre forte.

– Não! Esse *não* é o fim! E eu *preciso* que você vá buscar ajuda!

– Eu fui designada para proteger você... – implorou ela de maneira inocente, sem ter argumentos melhores.

– E é assim que você fará isso.

Ela afundou o rosto no peito dele. Ao fundo, o som de explosões.

– E se for verdade? E se, por mais improvável que seja, eu realmente for quem eles acham que sou?

Ela não tinha o que dizer.

– Nesse caso, preciso estar aqui na Noite da Serpente para salvá-los! Para salvar esse povo. E para ser a *minha* vez de salvar você.

Ashanti manteve o rosto afundado, para não ter de olhar para ele.

– Eles vão matar você... – balbuciou ela com dificuldade.

– Não até a noite do ritual..

– Não era você quem tinha de fazer essa escolha! – disse ela, batendo no peito dele, na falta de quem culpar.

– Ashanti, entenda! Eu *não* estou deixando de escolher você! Estou fazendo apenas o que é preciso. E o que esperam de mim.

Ela estava orgulhosa dele. Tanto quanto estava aflita.

– Eu *sei* que você me ama – afirmou ele. – E você sabe que é por isso que eu preciso que você vá! Porque não existe outra pessoa que possa fazer isso! Na verdade, não sou eu a pessoa capaz de inspirar outros a lutar! É você! *Sempre* foi você!

Ashanti chorava como a mulher frágil que nunca fora.

– Eu vou voltar... – sussurrou ela, resistindo à aceitação do fardo.

– Eu sei – respondeu ele, com uma firmeza que estudiosos não costumam ter diante da guerra. – E é apenas por isso, e é apenas porque sei disso, que eu preciso ficar.

– Por favor, lembre-se de mim...

Ele colocou a mão dela nas rédeas da montaria. E antes que ela argumentasse novamente, concluiu:

– Você estará comigo, não estará? – perguntou ele, também em lágrimas.

– Até o fim... – prometeu Ashanti, antes da última carícia.

Foi assim que Ashanti saltou sobre a montaria, partindo para longe de Taremu. O coração doía, e muito, quando ele pensava nas opções que lhe restavam em uma dimensão que não era a dela. Correndo na direção oposta, prestes a se entregar a um demônio-rei, Mihos observou as estrelas, mas não conseguiu contemplar nenhuma. A única estrela em que ainda conseguia se concentrar corria para longe dele, levando consigo o único rastro de luz em uma noite sem horizonte.



## FLORESTA LUMINOSA

O VENTO FRIO PARECIA CADA VEZ MENOS CORTANTE. Um deles ainda espirrava, o outro ainda se coçava e o terceiro tentava equilibrar alguma razão na mente prestes a enlouquecer. De resto, sobrava uma dezena de soldados. Para saciar a fome, comeram fungos, que torceram para não serem venenosos.

– Se eu morrer por causa daqueles fungos, eu volto pra puxar o pé dos dois, estão me ouvindo?

– O nosso problema vai ser você *não* morrer, Romain.

– Ah, começou a se revelar, não é? No início era todo ‘não, olha só como eu sou o bonzinho, o cordial, o cdf, o sabe-tudo’, e aí é só dar corda que já começa a mudar a personalidade rapidinho!

– É uma pena que eu não possa dizer o mesmo de você – suspirou Daniel.

– Nossa, como ele é engraçado! Não, mais do que isso: ele é hilário! Aliás, esse deveria ser seu apelido, sabia? Em vez de ‘senhor bazoo’, você deveria se apelidar ‘hilário’!

Daniel bebeu um gole da água já escassa do odre de Booba. Descobriu que restava apenas um dedo.

– Não, o apelido perfeito seria: ‘castigado’! Esse seria o nome correto para uma pessoa que precisa conviver dias inteiros com você!

Romain abriu os braços, como quem acaba de provar um ponto.

– Está vendo? Eu não disse que você é hilário?

Daniel desistiu de dar atenção a Romain e voltou a se concentrar em Booba.

– Qual a sua motivação, Booba?

– Como? – perguntou o guerreiro assustado, como alguém acordado de repente.

– Para estar aqui.

– Ah... sim... – Ele olhou para a frente. – Não há muito que contar, garoto. Eu sou um guerreiro, um mercenário. Teria sido o melhor de toda essa região, só que não segui uma regra da minha profissão...

– Fez algum trabalho de graça?

– Engravidei uma mulher e me apeguei ao filho que nasceu dela.

Daniel travou surpreso por um momento.

– Nunca vi seu filho em Tegrin.

– Porque há tempos ele está nas mãos de Ravenna...

– Ah...

Daniel olhou para baixo. Atrás de si, Romain caminhava fazendo piadas em francês com soldados que não o entendiam.

– Como é o nome dele? Do seu filho?

– Timo. É um bonito nome, não é? – Seu olhar subiu para se fixar em Daniel, e o menino viu naquele reflexo que aquele era o único tesouro que o mercenário havia juntado ao longo da vida.

– É um nome realmente bonito – disse Daniel, sendo sincero.

– Foi a mãe dele quem deu. – E seu olhar voltou para a frente.

Daniel sentiu a mudança do tom e permaneceu em silêncio. Ao fundo, Romain continuava a resmungar, mas ninguém prestava atenção.

– Eu não sabia que ela estava grávida – continuou Booba de repente. – Talvez ela nunca fosse nem mesmo me contar, entende? Talvez sim, mas acredito que não. Apesar do título que nunca mereci, não sou o tipo de homem com quem as mulheres se orgulham de se deitar... Só que um dia ela apareceu com a criança nos braços. Enrolada em mantos encardidos, chorando, faminta, magricela...

– O que fez com que ela o procurasse?

Booba não respondeu. Daniel não insistiu.

– O mundo nunca parece justo, não é? – perguntou Booba, como se aquilo fosse uma resposta.

– Independentemente de qual mundo seja – complementou Daniel.

– Sabe o que eu senti quando segurei Timo pela primeira vez?

– Amor incondicional?

– Medo – disse o mercenário, parecendo constrangido. – Fiquei com as pernas bambas de imaginar uma vida frágil como aquela dependente de uma pessoa como eu.

– Eu ainda não fui pai, mas acredito que até mesmo os mais corajosos devam sentir a mesma coisa.

– Mas o mais corajoso dos homens é capaz de assumir responsabilidades. Homens como eu, não. Eu simplesmente *recusei* Timo, garoto! – admitiu Booba. – O que isso faz de mim? O que ser capaz de recusar o próprio filho diz sobre um homem?

Daniel naquele momento só conseguia pensar o quanto era irônico estar acompanhado de duas pessoas de lugares tão diferentes com conflitos tão semelhantes.

– Booba, eu *realmente* gostaria de ser um sacerdote para saber o que lhe dizer. Mas seus deuses são diferentes dos meus...

– Talvez você possa me ensinar um pouco sobre o seu deus. E talvez ele entenda direito os meus pedidos da próxima vez.

Os dois suspiraram juntos. O mercenário continuou a caminhar com expressão enjoada e com partes do corpo vermelhas.

– Booba, estou preocupado que você desmaie de repente!

– Eu... não posso... desmaiar, garoto! Desmaiar aqui é a morte.

– Continuar talvez também seja.

– Então é melhor continuar, não é?

Daniel concordou. Continuar os levou a uma depressão com aproximadamente cem metros de profundidade. Romain se aproximou dele e observou o fundo da depressão geográfica.

– Mas o que diabos é isso? Outra floresta?

Daniel parecia fascinado.

– Não! Isso está mais para um... vale!

– Sabe, eu gostaria de ser animado assim como você por qualquer coisa. O mais próximo que conheci de alguém assim foi meu cachorro, Nietzsche...

– Um vale costuma ser um acidente geográfico próximo de um rio... – explicou Daniel.

Romain mudou a expressão quando entendeu. Os sentidos começaram a se expandir, e aos poucos, lá no fundo, ele escutou o som da correnteza. E então, como há muito tempo não acontecia, ele sorriu. E correu.

– O que está acontecendo? – perguntou um Booba assustado, achando tratar-se de perigo.

– Água doce – respondeu Daniel, antes de também começar a correr.

Eles correram, tanto os forasteiros quanto os nativos. Em um mundo repleto de desconhecido e onde a morte parecia espreitar nas brechas mais improváveis, quaisquer elementos que resgatassem vida se tornavam tesouros.

– *De l'eau! De l'eau!* – gritava Romain, como se fosse suficiente para alegrar dias ruins.

– Água... – sussurrou Daniel, em um eco solidário.

O som da água corrente se intensificou tanto quanto a corrida, e os olhos brilharam quando as luzes solares refletiram cristais ao fundo de águas límpidas. O mato foi se tornando menos denso e mesmo o vento parecia borrifar esperança por um momento. Conforme o rio ficava mais próximo, Romain ia deixando roupas para trás. Primeiro foram as botas, depois a camisa encardida, depois as roupas de baixo, revelando um traseiro branco que há tempos não recebia luz solar. Daniel veio em seguida, sem saber se ria da cena anormal ou se deveria se juntar a ela. Retirou todas as vestimentas, menos uma tanga improvisada, por pudor. Os dois se jogaram na água doce do rio como se estivessem voltando para casa. Eles afundaram, sorveram água, nadaram, boiaram, mergulharam e emergiram, submergiram um ao outro e voltaram à tona, ao lado de soldados que faziam o mesmo. E sorriam.

Sorriam como dois amigos de infância. Como dois companheiros de escola. Como dois prisioneiros libertos, ao menos por um momento.

Como dois homens livres.

Ao menos por um momento.



BOOBA DEMOROU MAIS PARA CHEGAR. Não retirou a roupa, nem mergulhou na água, mas bebeu o suficiente para sentir a água lhe pesar no estômago. Lavou na água corrente os ferimentos que lhe marcavam todo o corpo. O toque da água ardeu, mas ao mesmo tempo aliviou. Afundou a cabeça um pouco e jurou ver no reflexo da água o rosto do filho. Em seguida, escutou as risadas dos jovens extasiados. Sentou-se na terra abraçando os joelhos e observou mais como pai que como mercenário os dois garotos em um momento não planejado de liberdade.

– Não quer entrar na água, gordinho? – perguntou Romain, sabendo que ele não o entenderia, ou talvez exatamente por isso. – Sem armadura, pode ser que você boie...

– Está melhor, Booba? – perguntou Daniel, com um sorriso renovado.

– Será preciso mais do que água doce pra isso, menino...

O sorriso de Daniel deu lugar a uma expressão de lamento, e Booba se sentiu mal por retirar daquele garoto algo tão difícil de devolver.

– Mas ao menos é um começo. – E então ele sorriu. Daniel fez o mesmo.

E Booba se sentiu bem.

– Até que aqui não é tão ruim! – disse Romain, colocando as roupas novamente. – Nós poderíamos ficar por aqui um tempo!

– Não, não poderíamos...

– Ah, sim, claro! Porque temos de matar um demônio-bruxa-que-adora-uma-magia-negra-e-vai-beber-nosso-sangue!

Daniel também começou a colocar as próprias vestimentas.

– Infelizmente, sim.

– Por que é mesmo que nós precisamos fazer isso e voltar para aquela vila desgraçada?

– Porque do contrário esses caras aqui já teriam nos matado. E... bem... porque descobri que o demônio-bruxa está em posse do filho de Booba.

– Ou seja: o problema é dele...

Daniel parou o que estava fazendo e olhou para Romain como se o outro fosse desprezível. E então, calado, voltou a vestir o resto das roupas. O silêncio pareceu incomodar mais Romain do que o xingamento não dito.

– Ei, eu quero dizer: não é que eu queira que o garoto se ferre, entende? É que, vamos ser sinceros: quais chances nós temos contra um... *demônio*?

– Poucas, com certeza. Mas ainda mais do que Booba teria sozinho.

Romain terminou de se vestir e colocou as mãos na cintura.

– Ora, essa deveria ser a *profissão* dele! Ele não é pago pra ser um mercenário, protetor, caubói, ninja, ou sei lá o que o cara é?

– No fundo, ele é um pai desesperado, Romain! Neste momento, pelo menos, é só o que ele é...

Romain abriu os braços, como se tudo aquilo fosse estúpido demais.

– Certo! Ele é *apenas* um ‘pai desesperado’! É isso, né? E nós? O que nós somos? Nós não somos *apenas* dois infelizes longe de casa condenados por crimes nunca cometidos!

Daniel terminou de se vestir e olhou para ele como se pudesse concordar. Contudo, já havia ido longe demais para perder aquela discussão.

– Sim, é isso que somos. Infelizmente nós somos isso também. Mas poderíamos ser mais do que isso.

– Nós não fazemos o tipo herói.

– Booba também não, e isso não o impediu de salvar a *sua* vida.

Romain ficou incomodado. Daniel caminhou na direção do mercenário, mas, antes, aproveitou a pausa para concluir:

– Talvez você tenha razão. Mais do que isso, você provavelmente tem toda razão: nós de fato não somos heróis. Provavelmente seremos mortos. Mas demos a nossa palavra. Ou ao menos eu dei a minha de que iria ajudar Booba, e pretendo cumpri-la.

– Você sabe que isso não faz de você um herói, não sabe? Isso faz de você um idiota.

– Sabe qual a pergunta que ele me fez ainda há pouco? ‘O que ser capaz de recusar o próprio filho diz sobre um homem?’ Sabe por quê? Porque ele se deitou com uma mulher, que ao tentar lhe entregar um filho tempos depois, o viu recusar a responsabilidade por medo. Desde então, isso o atormenta. E você mais do que todos nós deveria saber como ele se sente, mesmo porque talvez essa jornada de redenção no fim das contas não seja só para ele.

Romain se manteve em silêncio. E se perdeu em seu silêncio.

– Talvez, talvez você tenha razão, sim – completou Daniel. – Talvez o meu tipo de pensamento não faça realmente de mim um herói. Mas eu sei que o *seu* tipo de pensamento faria eu me sentir um monstro.

Os dois continuaram a caminhar sem nenhum orgulho, deixando suas sombras para trás. Deixando angústias juvenis e palavras atiradas, além de esperanças despedaçadas em seu rastro.

Rastros de pais desesperados.

Rastros de filhos em agonia.

Rastros de monstros.

E rastros de heróis.



**VALE DOS VERMES**

ERA DIFÍCIL SABER SE ELA OU A MONTARIA era a mais cansada. O corpo de Ashanti caía abraçado ao dorso da égua, e por dias o animal a carregara ao longo de estradas sem mapas. No primeiro, conseguiu água e frutas, sem encontrar seres hostis. Por muitas vezes o calor excessivo e o estresse de uma missão que não sabia por onde começar lhe alteraram a pressão arterial e ela quase tombou. Viajava tomada por tonturas. O rosto estava marcado por lágrimas secas, que muito diziam do estado físico e mental de uma pessoa tão forte. Os cabelos crespos bicolores se mantinham unidos por uma fita, que prendia os fios embaraçados e marcados pelas tranças desfeitas.

As vestimentas escuras eram úteis para se esgueirar à noite, mas pouco eficientes para a saúde e o conforto de quem cavalgava de dia. Na cavalgada, Ashanti percebeu que poderia avançar ao longo de duas estradas: uma seguindo o leste e passando por um vale, outra pelo oeste, passando por uma estrada de terra com pouca vegetação. Optou pelo vale.

Talvez tenha sido uma escolha ruim. Talvez apenas uma rodada de dados sem sorte.

Mas foi assim que Ashanti chegou ao Vale dos Vermes.



A SEDE ERA O PRINCIPAL PROBLEMA. Seguindo o instinto em busca de água, cavalcou na direção do som de mais um afluente. Quando a depressão deu lugar a planícies arborizadas, desceu da montaria e guiou o animal a pé pelo acidente geográfico.

Foi nessa caminhada que os avistou pela primeira vez.

O som era animalesco. Eles caminhavam em bando, fazendo muito barulho e chutando qualquer coisa que encontrassem. Ashanti já provara o suficiente de sua fama destrutiva. Sua montaria, porém, ainda não. Foi quando a égua também se assustou com tudo aquilo e relinchou. A garota puxou o buçal do animal, como que implorando por quietude. O animal a obedeceu. Mas já era tarde demais.



ELA SOUBE PELO SOM QUE A ÉGUA DEIXADA para trás havia morrido. Era um relincho diferente, quase um pedido de desculpas pela estupidez. Sem poder olhar para trás, a acrobata correu e correu, deixando a sanidade no caminho. Atrás dela, seis humanoides monstruosos corriam emitindo silvos, como se a perseguição fosse uma atividade divertida. O cansaço dela ficara suspenso pelo excesso de adrenalina liberada no sangue, e os olhos se mantinham arregalados por instinto. Esquivava-se arfando por troncos de árvores magricelas e subia a depressão que a levava anteriormente ao rio. A subida exigia esforço, uma corrida em ziguezague espremida entre troncos e desespero.

Um dos perseguidores se aproximou pela diagonal, e avançou para derrubar a garota. Ashanti percebeu a aproximação. Levou a mão às costas, retirando o bastão.

E a arma foi lançada.

A madeira viajou em alta velocidade e golpeou a face do oponente. O bestial cambaleou e baixou a cabeça na altura dos joelhos, até chocar o crânio em uma projeção rochosa. Os outros se olharam, inicialmente atônitos pela cena incomum. Então voltaram a emitir silvos para continuar a caçada – a diversão não podia parar. Um deles correu pela outra diagonal e se projetou em um salto mortal com os dois braços abertos. A ruandesa rodopiou de costas por cima dele, após quicar no mesmo tronco de árvore em que seu atacante posteriormente colidiu. Continuou a corrida, ignorando a tontura que unia sede e falta de ar. O cerco que se formava pelos flancos e o esforço daquela subida cheia de obstáculos a obrigaram a cortar caminho novamente em direção ao rio. A estratégia funcionou a princípio, mas logo a tiara lhe voou da cabeça quando os fios de cabelo se entrelaçaram nas mãos de um dracônico, e a cabeça foi puxada violentamente para trás até o corpo tombar. Ao cair, foi cercada pelos que se mantinham de pé e ficou assustada e imóvel no chão, respirando terra. A adrenalina ainda corria, e talvez fosse a hora de tentar mais uma reação. Mas era humana, estava exausta e febril, e a mente não sabia mais o que fazer.

– Görr...

Sem enxergar por completo, ela escutou o comando vir do vazio. O cerco ao seu redor se abriu, e então ela entendeu de onde o som viera. A visão o fez ter a certeza de que estava em delírio.

Aproximava-se um ser humanoide, mas não humano. Era muito maior do que um homem comum, alcançando facilmente três metros e meio de altura. A face

era composta de apenas um olho no centro, cabelos acinzentados que desciam em diversas tranças grossas lembrando os cabelos em forma de cordas dos dracônicos, e uma projeção óssea no topo da cabeça. A tanga tinha características bárbaras e o dorso nu era dotado de pelos. Cicatrizes se espalhavam pelo corpo, parecendo tatuagens de guerra.

– Görr! – exclamou o gigante na direção de Ashanti. E ela entendeu que estavam lhe fazendo uma pergunta, mesmo sem a entonação.

O olho grande se concentrava nela. Ashanti sentiu um misto composto de fascínio e pavor, unidos por desespero.

– Eu... não entendo... – sussurrou ela no idioma falado em Taremu.

– Görr – ele voltou a resmungar, batendo no peito com as duas mãos.

O cerco se abriu ainda mais, deixando ambos – humana e ciclope – frente a frente. Para alguém treinada por monges, o momento era compreensível. Ashanti entendia. O gigante estava dando a ela uma chance de sobrevivência.

Bastaria vencê-lo. Ou matá-lo.

– Você... quer *mesmo* fazer isso? – perguntou ela, sabendo a resposta.

– Görr! – exclamou ele mais uma vez, batendo no peito.

Ashanti sabia que iria morrer. Estava esgotada, febril, delirante. Contudo, Mihos precisava dela, e Taremu precisava de Mihos. Ela deu um passo à frente que, curiosamente, fez o outro dar um para trás. Os punhos foram unidos e ela o cumprimentou com respeito. O gigante acenou com a cabeça, compreendendo a reverência de guerra. E então bateu no peito, em seu próprio convite para a guerra.

– Ashanti! – gritou ela, querendo que o inimigo conhecesse seu nome.

– Ürkdra! – berrou de volta o gigante, compreendendo e batendo no peito mais uma vez.

Foi assim que o combate começou.

### *Cada golpe um piscar.*

O bastão girou nas mãos dela, partindo em semicírculos na direção do maior do grupo. O gigante esperou. A arma avançou na direção do rosto dele. As duas mãos imensas se abriram para aparar o golpe, quando apenas um vulto sobrou no desenho do movimento original e o gigante sentiu um lado da coxa estalar.

### *Cada ação um facho de luz.*

Enquanto o ciclope sentia a coxa arder por um golpe que não viu, outros desenhos foram feitos, desviando seu olhar. De repente, a arma dela foi cravada no chão e Ürkdra desferiu por reflexo um soco capaz de entortar um pescoço. O corpo da garota girou apoiado sobre o bastão no chão, desviando da ação, antes de a arma correr novamente contra os dedos de um dos pés agigantados. Houve

um urro de dor.

*Ao sol não nos veem.*

Enquanto saltava mancando em um dos pés, o gigante buscou a garota, mas ela o cercava ao redor de vultos provocados pelo giro de um bastão incansável. Em meio à dor, ele tentou encontrá-la em golpes variados, dos quais ela se esquivou, e se esquivou, e então finalizou um dos giros na ponta do nariz dele, levando lágrimas ao único olho e deixando-o momentaneamente cego.

*Nas sombras, só veem nosso rastro muito tempo depois.*

Ashanti sentia o colapso próximo. A temperatura corporal beirava os 39 graus e todo movimento era executado na base do instinto. Foi assim que o bastão girou mais uma vez, conduzido por ambas as mãos, varando o calcanhar do outro pé gigante. O adversário tombou para trás, caindo assustado e com estrondo. Ao redor, humanoides de origem dracônica emitiam sons guturais.

O olhar arregalado do gigante denunciava a surpresa. Em condições normais, para Ashanti aquele seria um momento de piedade. Entretanto, havia Mihos. E havia Taremu. E havia a volta para casa. O bastão foi erguido com ambas as mãos, enquanto ela gritava um kiai alongado para buscar forças. O ciclope manteve o olho arregalado.

*Quando unidos, uma constelação.*

E então o kiai se desfez. E o mundo foi perdendo o som. E o cheiro. E a cor. Já não sentia mais a arma pelo tato e borrões lhe tomaram a vista.

*Quando isolados, uma supernova.*

Até que Ashanti tombou.

Mesmo estrelas podiam entrar em colapso.



## SUBMUNDO CINZENTO

O SUBMUNDO PARECIA OUTRO MUNDO. Derek desceu os degraus por tanto tempo que esqueceu que o levavam para o interior da árvore, para o interior do mundo. O cenário lembrava uma caverna com túneis infinitos e iluminados por tochas de fogo azul, abrigando uma realidade quase paralela, mesmo tendo como parâmetro aquela dimensão.

Atrás dele, entrou Adross.

– O que é isso? – sussurrou Derek

– Nosso contra-ataque – respondeu ele.

Ambos continuaram a andar. O túnel era um desenho geográfico extraordinário composto de rocha, terra e metal-vivo. Era possível perceber que havia caminhos que levavam a outros, e fariam alguém sem sentido de orientação se perder em meio ao labirinto.

– Estamos no interior da terra ou em outra dimensão?

– Estamos no interior de uma terra de outra dimensão.

O cheiro era de pedras e de calcário. Adross levou Derek até o final de um dos túneis e ambos viraram para uma ala maior, onde o que já era inacreditável se tornou ainda mais surreal.

– Você está brincadeira comigo...

Ali estavam eles. O numeroso povo cinzento de Vega, espalhado junto a anões acostumados com o submundo. Ao verem Derek, alguns anões se viraram para ele e fizeram uma espécie de reverência, baixando a cabeça e encostando os dois punhos fechados.

– Eles estão mesmo fazendo isso? – perguntou o soldado.

– Estão saudando o *huray* capaz de enfrentar dracônicos.

Apesar do cômodo claustrofóbico do ambiente sem janelas ou luz solar, os túneis se estendiam por quilômetros e tinham salões de até duzentos metros de largura por cinquenta de altura. Entre as falhas nas formações rochosas brilhavam blocos de metal-vivo e estalactites desenhavam setas pontiagudas de aparência sempre única.

– É quase uma sociedade à parte.

– E que nos acolheu.

– A vocês sim – concordou Derek – O que não entendi ainda é por que *eu* estou aqui.

– Se a Árvore-mãe o autorizou é porque você está pronto.

– Pronto? Pronto para quê?

– Para matar dracônicos.



ALGUNS ESTAVAM LIGADOS A FIOS. A princípio, era um tanto perturbador observar aquilo. Enquanto anões caminhavam de um lado para outro afiando armas, organizando mantimentos e remendendo vestimentas, a maioria dos cinzentos ficava conectada a fios oriundos de raízes que saltavam de pontos aleatórios em meio às rochas, reforçando o trabalho. Projeções afiadas e vivas, que lembravam as mesmas que perfuraram Derek durante sua conexão.

– Eles estão ligados à Árvore?

– E a todo o ecossistema, de onde buscam orientação direta.

Adross indicou que continuasse. Caminharam até outro salão, de onde vinha o som de metal rangendo e o crepitar de fogo. Ao entrar, deparou-se com uma forja, com anões e cinzentos manipulando matéria com braceletes luminosos, máscaras e luvas de material desconhecido a ele, trabalhando algo que de longe parecia metal escuro em uma fornalha de fogo azul.

– De onde vem a energia que alimenta este lugar?

– Vê as raízes nos cantos?

Adross apontou para projeções que se espalhavam por dentro da geografia como cabos.

– São raízes que se conectam a milhares de outras em ligação com a Floresta Luminosa, de onde absorvem a energia solar que utilizamos por aqui. Por isso o fogo azul. Gara direciona os componentes da atmosfera e os espalha pelo ambiente para acelerar a combustão.

Derek reparou que dentro da fornalha havia algumas projeções de raízes cuja ponta era um tubo oco.

– Assustador.

Ao redor, anões mais fortes do que os escravizados nas Minas Dracônicas usavam luvas e proteções de ferro no rosto para manipular o metal com braceletes capazes de projetar painéis luminosos, pelo qual manipulavam matéria através de uma espécie de controle molecular gerado pelo acessório. Esferas metálicas luminosas eram erguidas e dominadas por seres cinzentos, tornando-se mais ou menos densas de acordo com a vontade de anões-ferreiros, em uma cena que remetia à feitiçaria.

Ao centro, alguns cinzentos conectados a projeções que vinham do teto ou das paredes ajudavam na confecção de armas. Em cima da mesa central, Derek reconheceu uma delas.

– Aquele é o meu rifle?

– É uma arma trazida das Minas.

– Sim, foi o que eu quis dizer! Havia me esquecido dele...

Eles se aproximaram e o soldado manuseou a arma, enfim sem o estresse de uma perseguição. Pesando quase seis quilos, o armamento na verdade se tratava de uma arma de fogo de seleção, resumindo várias em uma. No topo lembrava um rifle antimatéria com munição próxima de vinte e cinco milímetros por quarenta. Abaixo havia algo como um disparador de feixe iônico. Por fim, algo parecido com um lançador de granadas sem caixa de cartucho. Todo o sistema era acionado pelo mesmo gatilho, embora Derek só a tivesse visto atirar os poucos projéteis que restavam no modo rifle. A aparelhagem era sustentada por uma espécie de placa-mãe com mira a laser, dispositivo de visão noturna, módulo térmico e sistema de camuflagem. Ao lado da arma havia um adorno que lembrava um bracelete de cristal como o utilizado pelos anões-ferreiros.

– Essa arma causa um bom estrago, mas infelizmente está sem munição.

– Não mais.

Derek não escondeu a surpresa:

– Eles conseguiram *reproduzir* a munição?

– Há poucas coisas que o Mestre Ferreiro Nanuke não consegue fazer. Ainda mais orientado por uma entidade milenar.

E enfim Derek a viu. Colocada sobre uma rocha como uma estátua, uma armadura metalizada escura. Suas partes eram grandes e provavelmente poderia vestir um homem de quase dois metros. Apesar da cor brilhante, pela quantidade de ranhuras era possível notar que fora restaurada. Placas se sobrepunham formando uma peça de corpo inteiro de visual futurista, com um capacete arredondado com visor e bocal prateados.

Ele percebeu o Mestre Ferreiro Nanuke interromper seu trabalho ao fundo e retirar a máscara de ferro. Era um anão com marcas de idade, cabelos brancos longos em rabo de cavalo e tatuagens com símbolos em todos os pontos visíveis, dos pés ao pescoço.

– Isso é uma armadura de combate de Vega? – quis saber Derek

– Em Vega não usamos armaduras. Como revelei, estamos acostumados com tecnologia à base de simbioses com golens de metal – respondeu Adross.

– Isso não é tecnologia – comentou Derek – Isso é mais próximo de magia...

– Se funcionar, é o que importa, não? – disse o Mestre Ferreiro no idioma anão, se aproximando deles. Os dois compreendiam *também* aquele idioma.

Derek estendeu a mão e o anão estranhou o ato.

– É um sinal amigável de paz. Demonstra que vim desarmado – explicou Derek

O anão-ferreiro apertou a mão dele.

– Então também demonstra tolice.

– Só em tempos de guerra.

– Neste mundo, demonstrará sempre tolice.

Derek chegou a sorrir. Aquele anão lembrava alguns de seus superiores do exército.

– Se essa armadura não é de Vega, então pertence ao patrulheiro, não é? Ao tal vigilante capaz de vigiar dimensões.

– Sim – concordou o Mestre Ferreiro. – Ao herói de metal.

– E como isso veio parar aqui?

– Monges de Taremu tiraram de dracônicos que a transportavam, junto com os braceletes cristalizados e outros apetrechos retirados do carro de guerra. E então trouxeram a nós para que tentássemos reproduzi-la.

Derek pediu permissão para tocar a armadura. Era fria, dura, mas ao mesmo tempo parecia flexível o suficiente para um homem se movimentar em combate.

– Ela deve ser pesada...

– Pelo contrário. É composta de uma cadeia linear de átomos de carbono – explicou Adross. – Uma armadura de metálder, extremamente leve e três vezes mais resistente que diamante.

– Ah...

Derek reparou em algumas tumbas fechadas, espalhadas pelos cantos da caverna, todas também ligadas às projeções que pareciam fios de alimentação.

– É com isso que vocês gostariam que eu matasse dracônicos?

– A armadura não serve em você. Você precisaria ser ao menos vinte centímetros mais alto...

– Falou o ferreiro *anão* – comentou Derek em seu idioma original.

– O quê? – questionou Nanuke.

– Perguntei como a armadura veio parar aqui...

O Mestre Ferreiro resmungou.

– Quando Asteroph chegou a este mundo, ele começou a caçar dragões e exterminá-los. Seu demônio-bruxa subiu com dracônicos do Abismo, fizeram armas com ossos de dragão, armaduras com as escamas, e extraíram e beberam sangue das criaturas, usando-o também como medida de troca em negociações com ferreiros do Submundo.

– Difícil dizer qual ameaça é pior – comentou Derek.

– Em batalha, com certeza – continuou Nanuke. – Mas para este mundo os dragões são seres destrutivos quando querem, mas também são os responsáveis pelo equilíbrio da bioenergia. Exterminá-los seria como eliminar todas as árvores de um ecossistema.

– Ou seja, quanto mais ele os extermina, mais frágeis ficam as barreiras dimensionais, e mais demônios ele consegue trazer do Abismo – acrescentou Adross. – Além disso, até dragões têm alma...

– O que você quer dizer com isso? – indagou Derek – Que eles pretendem

enviar e domesticar as almas de dragões no Inferno?

– Dizem que as almas dos dragões mortos aqui no Cemitério permanecem debaixo da terra, enjauladas no núcleo desta dimensão, à espera de renascimento.

Derek ponderou sobre aquilo.

– Estou tentando entender a mente de um demônio – comentou o soldado. – OK, digamos que ele tenha esse trabalho todo. Digamos que ele consiga matar mais dragões ainda e subir seu exército demoníaco inteiro para cá. E depois? Qual a diferença de governar aqui ou no Abismo?

– O demônio-rei não está interessado em governar *aqui* – explicou Nanuke. – Acreditamos que esta dimensão seja apenas uma passagem que ele precisa perfurar para chegar em outra maior...

– Que outra dimensão maior? – quis saber Derek

– A sua.

A explicação só trazia mais temor.

– Senhores, admito que antes vocês tinham minha curiosidade, mas agora vocês têm minha atenção.

– Todo demônio sonha em atingir o plano quadridimensional – comentou Nanuke. – Nós só estamos no meio do caminho deles.

Derek voltou a tocar na armadura.

– Sabem, quando estive em conexão, ela me explicou que não estou necessariamente morto em meu mundo. Estou apenas *preso* neste. Contudo, se demorar para retornar, ficarei preso para sempre.

– Existe uma opção pior... – comentou o anão.

– O que seria pior?

– Você pode morrer aqui, o que significaria morrer também lá e não apenas isso. Se morrer aqui, sua consciência ficaria dividida entre as dimensões e, sem conseguir unidade, se dissiparia.

Derek tremeu com a possibilidade.

– O que querem que eu faça? O que eu posso *realmente* fazer?

Adross pegou uma das projeções de raízes que se espalhavam pelas paredes e a conectou em si próprio, no bulbo da medula.

– Você pode resgatar o patrulheiro dimensional.

– Ele pode estar ou no covil do demônio-bruxa ou em uma arena lotada de monstrosidades. Mesmo com uma arma carregada, acho difícil eu conseguir alguma coisa sozinho...

– Você terá mais do que apenas isso.

Derek estranhou.

*Como eu poderia destruir algo desse porte?*

Mas ao mesmo tempo deixou alguma esperança nascer em seu peito.

*Adquirindo poder suficiente.*

– Pensei que precisasse ser mais alto para vestir esta armadura.

– Para *esta* – comentou o Mestre Ferreiro. – Para aquela, não...

Utilizando a ligação simbiótica, Adross comandou a abertura de uma das tumbas laterais, cuja tampa de pedra foi retirada por projeção de raízes como se fossem braços mecânicos, revelando uma banheira de líquido vermelho.

– Eis minha obra-prima – disse Nanuke.

De dentro da tumba ela foi erguida pelas raízes, completamente dominada pelo rubro. Uma armadura de peça única, formada por um material sem emendas.

*Armas fundidas com metal-vivo, extraordinárias quando alimentadas de maneira certa.*

– Inacreditável... – sussurrou o soldado.

As raízes desceram a armadura até que ela ficasse diante de Derek. Havia até mesmo luvas, botas metálicas e um capacete arredondado escuro, com um símbolo que lembrava um dragão de braços abertos forjado na altura da testa. Fechando a peça, um visor cristalizado vermelho constituído do mesmo material do bracelete luminoso. Ao fundo, Nanuke voltou a dar os últimos retoques nas peças que estivera forjando antes de Derek entrar no recinto.

– Esse líquido é... – Derek não teve coragem de concluir.

– Sangue de dragão vermelho – concluiu Adross por ele. – Extraído das Minas Dracônicas através de conexões clandestinas feitas por anões escravos.

– Como uma quantidade tão grande foi trazida das Minas até aqui?

– As raízes estão conectadas a todo o ecossistema. Você ficaria impressionado com a quantidade de coisas que elas são capazes de transferir de um lado a outro desta dimensão – explicou o anão. – Além disso, elas também se ligam aos cadáveres de dragões espalhados e absorvidos pela terra.

– A Árvore então é capaz de se ligar a cadáveres...

– Por isso ela é a Senhora da Ciência do Bem e do Mal.

Derek voltou a observar a armadura, que não parecia ter nenhuma brecha.

– Impressionante como ela absorveu a cor *vermelha*.

– Não apenas isso – continuou Adross. – O metal-vivo se comunica com o hospedeiro através do sangue.

– O que é esse símbolo na testa?

– Uma assinatura de artista – admitiu o Mestre Ferreiro.

Derek chegou a rir. Pouco a pouco uma parte da armadura perdeu a materialidade, como se uma parte de sua estrutura atômica se desfiasse, e abriu-se uma entrada na parte frontal.

– Vista-a – ordenou o anão.

– Você tem certeza de que isso é seguro?

O anão-ferreiro piorou a expressão rabugenta e Derek engoliu em seco, compreendendo o tamanho da ofensa. Respirou fundo e aproveitou as brechas

desmaterializadas para entrar na armadura.

– Quer dizer que ele vai se comunicar com o meu sangue depois de se conectar com o sangue de um dragão vermelho? – perguntou.

– Exatamente – explicou Adross.

– E isso não vai me intoxicar?

– Nós ainda vamos descobrir. De qualquer maneira, a conexão vai doer...

A parte frontal voltou a se materializar, e não apenas se fechou por completo, como também *se ajustou* no corpo dele. Derek sentiu como se algo o perfurasse na altura da nuca e o corpo ardeu quando aquilo se conectou a seu sistema nervoso central.

Com toda justiça, ele gritou.

Adross veio até ele com uma espécie de scanner de cristal, riscando um símbolo na armadura.

– Está pronto – anunciou o Mestre Ferreiro.

Mais seres cinzentos correram para ajudá-lo a apanhar as placas negras que terminara de bordar. Composto do metal mais resistente de Vega e um pouco mais espesso que uma folha de papel, o material das placas, apesar de superfino, era ao menos uma dezena de vezes mais forte do que aço. Eles a prenderam por cima da peça única vermelha já fechada sobre o corpo de Derek Adross também pareceu escaneá-la com o bracelete de cristal. O metal-vivo em simbiose a absorveu e se entrelaçou atômicamente ao novo material. Quando a operação terminou, Derek vestia uma bioarmadura de duas camadas que pareciam uma única: a primeira, uma peça inteira banhada em sangue vermelho de dragão, e a segunda, uma proteção de reforço em cor negra, com aberturas em alguns trechos espalhados pelo corpo que permitiam vislumbrar a cor rubra por baixo espalhada em ramificações que lembravam nervuras.

A pele do biotraje era capaz de reciclar gás carbônico e outros detritos expirados e absorvia a luz solar para gerar energia, criando um suprimento infinito de água e ar.

Como consequência, Derek sentia a armadura *respirar*.

– O que você está vestindo é o resultado da junção de tantas tecnologias diferentes que seria possível afirmar que se trata de uma tecnologia original – comentou Adross. – Foi preciso unir habilidade anã de alquimia e forja em fogo azul, biotecnologia dimensional, conexão simbiótica e o acesso a uma entidade milenar capaz de armazenar conhecimento.

Derek ainda se sentia tonto e moido, tentando não desmaiar dentro daquela coisa.

– Isso... está... me... matando...

– Não – disse Adross. – Não está, *dragão vermelho*.

O termo mexeu com ele. De repente a conexão entre as células, o sangue de metal e o sangue de dragão tornaram-se uma amálgama, e a dor foi

interrompida. E então, a adrenalina tomou conta de seu corpo, e ele se sentiu acordado.

De súbito, as duas camadas de armadura *desapareceram* no ar.

– O que... – ele tentou entender, observando as mãos e as roupas comuns.

À frente dele, Adross segurava a peça de cristal. De longe, lembrava um bracelete feito de escamas prateadas.

– Tecnologia dimensional, lembra?

– A armadura... se desfez?

– Ela foi *armazenada*.

Derek, para a própria surpresa, compreendeu.

*Um hemisfério de uma dimensão dobrada.*

A peça foi presa no pulso dele, quase como um adereço. Quando a tocou, um painel circular de luz se formou acima do braço, como um prato de luz ao redor do cristal, sensível à manipulação tátil.

– Por meio do sistema de ideogramas é possível armazenar a matéria fragmentada em espaços dimensionais. O controle de vibração molecular dessa peça está ligado a uma ponta do ideograma num processo que funciona mais ou menos como a sua representação de uma estrela, que uma vez você desenhou para os pequenos cinzentos nas Minas Dracônicas. Cada ponta da estrela é um bolsão dimensional em que se pode armazenar armamentos e proteções.

Derek acionou o painel circular com um toque. Ao abri-lo, sentiu a energia luminosa na ponta dos dedos e riscou um traço na esfera luminosa.

Imediatamente a roupa vermelha lhe cobriu o corpo.

Abismado, acionou novamente o painel, o riscou novamente e o uniforme desapareceu.

– Isso ainda é... inacreditável...

– Tente as duas camadas – solicitou Adross.

Derek acionou novamente o painel. Então riscou as duas etapas do desenho de uma estrela, em um traço para cima e outro para baixo, lembrando uma letra V invertida.

Imediatamente o traje de metálder vermelho lhe cobriu o corpo, com a proteção negra reforçada por cima.

– Essa... toda essa coisa... isso torna obsoleta toda a tecnologia militar do meu mundo.

*Do mundo de onde vim, dragões nunca foram a pior ameaça.*

– E se eu desenhasse os cinco traços de uma estrela?

– Você acionaria o quinto bolsão dimensional. Só que ainda não estocou nada por lá.

– Eu posso desfragmentar e guardar nesses bolsões o que eu quiser?

– Desde espadas curtas até pequenos canhões de plasma.

Derek teve de sorrir.

– Tem certeza de que sou a pessoa certa para entregarem um negócio desse tipo? – questionou o soldado.

– Nem nós, anões, nem o povo cinzento somos seres de guerra – resmungou Nanuke. – Nosso talento é a inteligência.

– Entendo. Vocês preparam o terreno, enquanto nós fazemos o trabalho sujo.

– Ao menos *isso* vocês tinham de fazer, não é?

Derek sorriu. Como não fazia há muito tempo. Desfez a armadura.

– É possível também gravar o comando por voz – orientou Adross.

O cinzento acionou o painel de luz, girou-o, acionou com o traço inicial um fecho de luz e mirou nas cordas vocais dele, ordenando:

– Escolha um comando em seu idioma original.

– *Metamorfose* – decidiu Derek.

Adross soltou o painel.

– Agora teste e pronuncie sem tocar o armamento.

Derek se afastou dele. Diversos anões e humanoides cinzentos adentraram o recinto, afoitos por testemunhar aquilo. Ele esperou que eles se espalhassem, como se tomando coragem para aquilo. Então, o sargento ranger inspirou e, de maneira repentina, pronunciou:

– *Metamorfose!*

Quando se deu conta, o corpo estava protegido e ele percebeu pelo visor de tela límpida dezenas de anões e humanoides cinzentos se abraçando, aplaudindo e pulando de um lugar para outro, como se em um mundo como aquele ainda fosse possível encontrar algum tipo de felicidade.

– *Hurray!* – gritavam eles repetidamente. – *Hurray!*

Dentro da armadura de metal-vivo banhada em sangue de dragão, Derek sabia o que aquilo significava. E a responsabilidade do que aquilo significava.

Havia nascido o primeiro caçador de dracônicos.

Havia nascido o dragão escarlate.

Havia nascido o ranger vermelho.



## O VALE MORTO

AQUELES ERAM DIAS DIFÍCEIS. Presa por argolas de metal que deixavam marcas, Ashanti marchou como escrava. Acordou à base de tapas e grosserias dos dracônicos, que a erguiam pelos cabelos e lhe enfiavam água pela goela. De vez em quando, jogavam-lhe alguma fruta ou pedaço de carne crua, que ela comia no instinto, esforçando-se para não vomitar em seguida.

Outros caminhavam aprisionados como Ashanti. Eram trazidos ao grupo durante as andanças ou nos momentos em que ela apagava por estafa. Alguns também eram humanos, outros eram anões – que morriam pelo caminho – ou ainda quadrúpedes monstruosos. Liderando o grupo, caminhava ainda o gigante de um olho só, Ürkdra. Descalço, com as partes baixas cobertas com vestimentas bárbaras, o gigante exibia o peito nu, algumas argolas nos pulsos e a cabeleira em tranças grossas que escorriam pelo crânio.

Carroças puxadas pelos escravos monstruosos carregavam aqueles que desmaiavam. Quando acordavam, por si só ou na base de tapas, seus captores os obrigavam a puxar novamente o veículo. A peregrinação seguia em diagonal a noroeste e os escravizados percebiam a temperatura ambiente diminuir cada vez mais.

Foi nessas condições que cruzaram rumo a um vale inerte, conhecido como o Vale Morto.

Com solo composto de cascalho solto, o vale seco dificultava a caminhada de seres cansados, assim como a respiração. Detalhes do relevo vulcânico ao fundo, esculturas construídas com pedras... nada se destacava mais do que a visão da arena de formas triangulares. Para os andarilhos do lado de fora, contudo, tratava-se apenas de mais uma curiosidade bizarra no caminho para um local de aflição.



## O COVIL

NENHUM LUGAR RECEBE UM NOME DESSE SEM MOTIVO. A sensação de angústia dominava os recém-chegados ainda do lado de fora. No cenário de geografia vulcânica, a visão horrenda se desenhava na construção obscura.

Havia sons de aço batendo em aço e em pedra, de fogo crepitando, de roldanas, de cordas e de correntes. Mas, acima de tudo, havia o som de mortes. O barulho de corpos em queda livre quando atingem o chão. De corpos queimados. De corpos devorados, às vezes ainda vivos.

Em total contraste com os picos glaciais localizados mais ao norte, a cratera de gás, fumaça, cinzas e lava em cima da qual a construção se postava definia a temperatura ambiente.

– Kaphsh! – ordenava o gigante que os prisioneiros continuassem. Um comando a princípio simples, mas capaz de enlouquecer uma mente já perturbada.

– Kadok! Kadok! – gritou um dos prisioneiros humanoides, em um idioma que ninguém ali parecia entender. O medo, contudo, era de compreensão universal.

O ciclope se aproximou. O humanoide batia um pouco acima da cintura dele.

– Kaphsh! – ordenou Ürkdra mais uma vez.

Ashanti temeu pelo humanoide, embora já tivesse de temer por si própria e por toda uma cidade que também dependia do destino dela.

– Continue andando! – disse ela no idioma de Taremu, quase como uma súplica. – Por favor, continue andando!

O humanoide ignorava os pedidos, talvez por não compreendê-los, talvez por nem mesmo percebê-los. Os cabelos desgrehados se revoltavam ao redor de um rosto pálido e em choque, e ele começou a se coçar diante da ordem de avançar para um lugar como aquele.

– Kadok jamma-ma! Jamma-ma! Kura jamma-ma! – começou a gritar o homem, cada vez mais alto.

– Kaphsh op görr! – bradou Ürkdra, apontando para a construção e para si próprio. Ashanti sentiu ao entender. Só havia duas opções naquela situação: continuar ou lutar.

Nas duas, o humanoide morria.

Um dracônico estapeou com a palma aberta a parte de trás da cabeça do prisioneiro louco, que cambaleou. No chão, começou a chorar em espasmos, e aquele som se uniu a outros que apenas intensificavam a atmosfera ruim ao redor. O choro aumentou o estresse, tanto dos prisioneiros quanto dos aprisionadores. Quando a reação tomou proporções de crise de pânico, Ürkdra foi até ele, ergueu-o como um boneco, fechou uma das mãos sobre a face e, em um único movimento, lhe girou a cabeça em trezentos e sessenta graus. O estalar deveria ter sido chocante, mas no fim se tornou apenas mais um som de morte em um cenário já farto deles.

Sistemas de engrenagem acionaram um portão de pedra que se ergueu e liberou a entrada da arena.

E todos seguiram em frente.

O interior apenas confirmava o que se sentia no exterior. Homens-lagartos

faziam a guarda de celas com barras de ferro retorcidas. As paredes eram repletas de objetos de tortura e espinhos de metal. Insetos rodeavam pelo ar, em meio a um odor de suor e excrementos. Portas eram trancadas com mecanismos cujo desenho lembrava dragões abocanhando presas.

– Sério, como eu me meto nessas coisas? – perguntou Ashanti para si na própria língua.

Havia sido empurrada e conduzida até uma cela de grande extensão, onde pelo menos uma centena de prisioneiros de raças variadas se espremia e tentava não se matar. Naquelas condições de alimentação e higiene era até difícil dizer se alguns ainda estavam vivos. Os mais violentos para o padrão do lugar estavam presos pelos pulsos com algemas de ferro. Outros, monstruosos e irracionais demais para evitar tal natureza, haviam sido suspensos em caixas de ferro sustentadas por correntes. Ao fundo, um homem solitário, sujo e com uma nuvem de moscas ao redor mantinha um capuz na cabeça, ao lado de garrafas vazias e um barril onde enchia um odre com vinho.

– A primeira pergunta que se passa na cabeça por aqui é: *por quê?* – comentou uma voz por detrás dela.

*É verdade*, respondeu ela. Mas então percebeu que apenas tinha pensado na resposta. Ao virar-se, deparou-se com o sujeito: alto, na casa dos trinta anos, cabelos cheios escuros e rosto encardido. A boca estava marcada com um corte cicatrizado de alguma lâmina.

– *Quem é você?* – questionou Ashanti, no idioma comum.

– Hoje, um prisioneiro – respondeu o homem, em meio aos trapos que lhe cobriam o corpo.

– E antes disso?

O homem olhou para baixo. Houve um barulho intenso e repetido de grilhões se agitando. Em um canto do lugar, uma criatura tentava arrancar as próprias algemas.

– Aquele é um Thyleel – comentou ele, como se ela tivesse perguntado.

A criatura tinha pelagem azul e, por trás dos movimentos bestiais, parecia possuir uma inteligência competente. À parte isso, era idêntica a um macaco.

– Seu nome é Gogua. Significa ‘trivial’ em seu idioma. Ele é um mensageiro de um lugar chamado Donlin.

Vencido pelo cansaço, o azulado tombou sentado, com as duas mãos na cabeça em uma posição de desespero.

– Ele chora lágrimas azuis – comentou Ashanti, surpresa.

– Fascinante, não é?

A cor, sim.

O motivo, provavelmente não.

– Antes de ser prisioneiro, Gogua estava em missão para encontrar seu novo líder. Percebe o medalhão? Os Thyleels o chamam de ‘Brilho de Donlin’.

Do peito do símio azulado pendia uma joia de ouro enegrecida em formato octogonal.

– É incrível que ainda permitam que ele fique com ela – disse Ashanti.

– Nem tanto – retrucou o homem. – Na verdade, eles permitem como demonstração de fraqueza.

– Qual o significado da medalha?

– O Brilho de Donlin é um medalhão de ouro que o líder de Donlin usa no lugar de uma coroa. Quando há um rei em seu trono, a joia brilha. Quando não, se apaga.

– E como ele sabe quem é digno de reinar e receber o medalhão?

– Ele não sabe, por isso é preciso a jornada. Se o medalhão é dado ao Thy leel errado ou se o Thy leel escolhido recusa o medalhão, então Donlin fica sem líder por mais trezentos anos.

– Por isso o deixam ficar com o medalhão apagado? Para lembrá-lo do fracasso?

– É o preço deste covil.

Um anão pisou sem querer no rabo de uma espécie de raposa humanoide do tamanho de um porco, encolhida em seu canto. A criatura soltou um guincho e, antes que o ser pequeno e magricelo pudesse reagir, ela lhe mostrou os dentes, pulou em cima dele e lhe abriu a jugular.

Ninguém estranhou o fato.

– O que achou da vista? – perguntou o homem.

– Não é um lugar em que gostaria de passar as férias.

Ele riu, feito um homem que prefere debochar do horror.

– Aqui é o local onde o fogo é feroz.

Ela chegou quase a sorrir em um canto dos lábios.

– Você demonstra saber muito sobre este lugar – insistiu ela.

– Talvez eu seja tão curioso quanto você.

Foi a vez dele de observá-la em silêncio, como em um desafio.

– Como chegamos mesmo a essa conversa? – perguntou ele, desviando o assunto novamente.

– Eu perguntei quem você era e você me contou a história de Gogua.

– Tanto faz de quem é a história quando todos são apenas prisioneiros, não é?

Ele encostou as costas em uma pilastra e sentou-se. Ashanti se aproximou e esperou por um complemento, que não veio. Ao cansar-se, insistiu:

– É essa a sua agonia aqui? – perguntou ela, ainda de pé. – Um passado tão pior do que o presente?

– Você ainda não faz ideia do quão ruim é esse presente – preveniu ele. – Mas em breve descobrirá.

– Espero que eu descubra também o seu passado.

– Contento-se com o presente. Ele já é agonizante o bastante.

Ele ergueu a cabeça para observar os olhos de pupilas negras dela, que se misturavam com as sombras do lugar sem vida.

– Ninguém chega até aqui com uma boa história. Você foge à regra?

– Não – respondeu Ashanti, sabendo o quanto aquilo doía.

– Se quiser me contar, sente-se e sinta-se à vontade. Sou um bom ouvinte.

Ashanti sentou-se. Falar sobre tudo aquilo não lhe adiantaria na prática, mas expor parte da dor a alguém que poderia compreendê-la parecia mais saudável do que retê-la.

– Um ouvinte bastante curioso, pelo visto – complementou ela.

– Tudo de que você parece precisar neste momento.



## ACAMPAMENTO DRACÔNICO

AS TENDAS PRIMITIVAS DENUNCIAVAM O ACAMPAMENTO. Um bastão com um crânio em sua ponta estava cravado no meio de uma dezena de dracônicos deitados, dormindo ou aguardando, quase como um símbolo religioso de uma raça que não parecia ter deus. A maioria se deitava sobre peles cortadas de animais abatidos, roncando. Ao fundo, presos em árvores que escutavam seus relinchos de desespero, cavalos rodeados por carcaças de animais já irreconhecíveis tentavam se soltar. Carneiros selvagens esfregavam os chifres uns nos outros, e um javali de um metro e meio de comprimento se alimentava do corpo de algum animal abatido.

Observavam a cena camuflados ao redor do platô onde os dracônicos se amontoavam. Os cabelos e a barba de Derek estavam em estilo militar, raspados com lâmina de osso de dragão.

– Foi aqui, não foi? – perguntou Amber.

– Sim – concordou Derek – Foi aqui que tudo começou.

O detalhe final era o mais impressionante. Destoando das limitações do mundo ao redor, destacava-se um carro de combate, imóvel no centro do acampamento montado. Com várias camadas de metal abraçadas em formato arredondado de quase setenta toneladas, na parte inferior esteiras serviam de base para que rodas reforçadas com pontas espinhosas avançassem por todo tipo de terreno. Uma das características mais impressionantes, porém, eram as diversas raízes da Floresta Cinzenta que saíam do chão e se conectavam ao metal do veículo, como se o abastecessem ou o restaurassem. De longe, o tanque lembrava um devoto em posição de reverência, com braços de metal esticados.

– Então foi naquilo que vocês chegaram? – perguntou Derek.

– Sim. E, se quiserem ter uma chance de voltar, é preciso recuperá-lo.

Era possível notar que, apesar da vigília e curiosidade, os dracônicos ainda não haviam conseguido abrir a entrada do veículo ou penetrar no metal de proteção já bastante danificado.

– Como pretende tomar aquilo deles? – quis saber Amber.

– Você vai ver.

Amber estranhou aquela confiança.

– Você disse que eles *armaram* você?

– Foi o melhor termo para o que fizeram comigo.

– E eu estou aqui me perguntando *de onde* você vai tirar essas armas tão poderosas.

Derek chegou a sorrir.

– Eles me deram isto – respondeu ele, mostrando o bracelete de camadas de

cristal.

– Parece realmente impressionante – comentou Amber. – Eles vão se borrar de medo...

Derek suspirou.

– Ei, não me olhe assim! – debochou ela. – Se você acha que isso vai fazer você recuperar aquele tanque, o que eu posso dizer? *Vá pegá-los, tigrão!*

E Derek foi.

Com a chegada do crepúsculo, ele começou a se esgueirar. Alguns dos reptilianos rondavam pelos arredores, em busca de alguma coisa viva, e, quando não estavam deitados ou brigando, estavam comendo.

Derek avançou de maneira sorrateira. Passou perto de um amontoado de lâminas e trapos de roupas de peles jogados. Alguns tapetes serviam como camas imundas. Qualquer linha reta seria impraticável sem combate direto, e Derek continuou a se misturar nas sombras pelas laterais do platô. Quando não havia mais árvores suficientes para esconder sua caminhada, ele se deitou no chão e se arrastou como o soldado que era.

Percebeu um dracônico dormindo com a cara no chão de terra. Derek se aproximou e, quando ele acordou no susto, lhe partiu o pescoço.

Dracônicos brigavam um pouco mais afastados, ou brincavam de brigar, o que não parecia ser muito diferente para aquela raça. Perto deles, apenas mais amontoados de roupas esfarrapadas e lâminas cegas e sujas de sangue. Três observavam em roda dois deles se atracarem, um imobilizando a cabeça do outro.

– Cinco... – sussurrou para si, com olhos arregalados.

Derek se agitou ao perceber que um dos dracônicos que observava a luta começou a farejar *algo* no ar. Porém, havia tantas carcaças de bichos ao redor daquele pequeno território delimitado que seria difícil identificar o cheiro de adrenalina vindo de Amber, até mesmo para uma raça que compensava a visão imperfeita com o olfato. Difícil, mas não impossível.

O dracônico continuou a farejar. No desespero, Derek apanhou o pedregulho mais próximo e o arremessou nos amontoados de lâminas e roupas perto do grupo que lutava, torcendo por um momento de sorte. A pedra caiu sobre algumas facas de lâminas cegas, fazendo barulho.

Dracônicos pararam de brigar e se colocaram em posição de sentido, assustados. O dracônico afastado que farejava o ar retornou correndo, gritando coisas em sua linguagem bárbara. Os reptilianos começaram a observar as sombras. Aproveitando que um deles se destacou do grupo, o soldado se aproximou sorrateiro e tocou o pulso, acionando a tela de luz. Riscou no painel as três primeiras linhas do desenho de uma estrela.

Uma faca de osso de dragão se materializou em seu punho.

A luminosidade do painel, porém, fez com que o reptiliano se virasse para ele de repente. O dracônico rosnou. E então morreu quando a faca lhe entrou por baixo do queixo, perfurando a língua e descendo pela garganta.

Os outros se viraram em instinto animalesco.

Quando o primeiro armou um bote, Derek lhe arremessou a faca no crânio.

Um dos três dracônicos ainda vivos avançou com os dentes à mostra. Derek tocou o bracelete, e ali ele poderia ter acionado a armadura, mas seria a primeira vez que usaria aquilo em um combate real, e o receio de travar dentro dela conteve. Em vez disso, desenhou as quatro etapas do desenho de uma estrela e o rifle de assalto *hi-tech* se materializou.

O dracônico teve a cabeça estourada com um estrondo.

Os dois reptilianos que restavam travaram, assustados. Derek apontou para o primeiro e lhe separou uma das pernas ao destruir seu joelho. O último resolveu correr para fugir da mira. O soldado trocou para a função submetralhadora e riscou duas linhas de munição na vertical. O dracônico tombou. Ele se aproximou, voltou a arma para a função rifle, e também lhe estourou a cabeça.

– Derek! – ele escutou Amber gritar em desespero do alto.

Em torno dele, dezenas daqueles seres saíram de dentro das tendas, em desespero com os gritos de morte dos sentinelas. Correram para cima do invasor, ainda que sob a rajada de tiros em sequência. Quando o primeiro lhe saltou nas costas, logo saltou outro e outro e outro, e ao menos uma dezena deles de repente estava amontoada sobre o soldado, enquanto outros esperavam em excitação.

– Precisamos fazer alguma coisa! – implorou Amber em agonia a Adross, atraindo a atenção de um dos dracônicos, que foi em sua direção. – Nós temos que...

Foi quando uma voz se fez ouvir sob o monte que engolia a visão do humano, acompanhada de uma luminosidade fraca e uma palavra:

– *Metamorfose!*

Quando Amber tentou entender o que havia acontecido, uma dezena de dracônicos fora arremessada para trás, e do meio deles se posicionava de pé um soldado vestindo uma armadura negra com detalhes vermelhos e um visor aceso. Derek surgiu transmutado do meio da escuridão, e os reptilianos o observaram como se ele fosse mais do que um homem.

Como se ele fosse um demônio.

Ou um homem capaz de feitos demoníacos.

– O que é... aquilo? – perguntou-se em choque. Adross a pegou pela mão e começou a correr pelos cantos, enquanto o dracônico se aproximava.

De pé, cercado por pelo menos trinta de seus antigos carrascos, Derek vislumbrou como era estar dentro daquilo durante um combate, e a sensação era *ótima*. A adrenalina era direcionada; a ligação do sangue de dragão com o humano identificava genes-chave e ampliava capacidades; a ligação neural se

comunicava com as mitocôndrias do sangue, acelerando a produção de energia e a tela luminosa se conectava ao bracelete cristalizado em uma simbiose própria.

O resultado era uma máquina de combate humana.

O rifle foi modificado para o modo lançador de granadas. Cinco tiros explodiram corpos dracônicos pelo ar, piscando trovões em meio ao cenário cada vez mais escuro. Então, a arma foi desmaterializada e o soldado vermelho saltou com as mãos nuas em cima de um dos que ainda estavam vivos, e um soco afundou o nariz do primeiro, deformando-lhe a face animalesca. O segundo teve o braço fraturado. O terceiro sentiu a espinha se partir. O quarto ouviu o crânio rachar. O quinto tentou mordê-lo, mas os dentes se quebraram na armadura e o ranger vermelho lhe enfiou o punho na boca, puxando trechos da faringe e do esôfago da criatura ao retirá-lo.

Os poucos dracônicos que sobraram fugiram em desespero.

Pela primeira vez na vida.



AMBER GRITOU. Tentara enfrentar um dos reptilianos que a perseguiram, mas foi derrubada. O dracônico montou sobre ela, lhe socou duas vezes a face, e então armou a mordida. Amber se preparou para morrer, mas, em vez de se projetar, a cabeça monstruosa foi puxada para trás, pelos cabelos de juba. Quando ela se deu conta, as mãos do soldado estavam uma em cada extremidade dos dentes do dracônico, e se afastaram bruscamente, quebrando a mandíbula da criatura.

– O que... o que... – tentava dizer Amber.

De repente, a armadura havia desaparecido e Derek estava à frente dela.

– Estou aqui – disse ele.

Ao vê-lo se aproximar, Amber saiu do choque.

– O que *diabos* foi aquilo?

– Impressionante, não é?

– Sim! O suficiente para eu lhe dizer uma coisa...

Ele aguardou a conclusão.

– Eu não sei que *porra* é essa que vocês criaram! Mas eu quero uma pra mim.

Mais ao fundo, Adross já se dirigia ao carro de combate. De perto era ainda mais impressionante. Dois andares, metal fundido, entrada impenetrável.

– Você consegue abrir essa coisa? – perguntou Derek ao se aproximar.

– Eu, não. Você, sim.

Aquilo foi uma surpresa.

– E como eu faria isso?

– Conexão simbiótica.

Derek mais uma vez acionou o painel de luz do bracelete de cristal.

– Inverta o painel, aperte, direcione a luz para a entrada do leitor luminoso e solte.

Derek obedeceu, mirando o fecho em uma fechadura composta de um cadeado em forma de barras laminadas. O mecanismo acendeu, eles ouviram o som do veículo se destrancando, e a porta de metal do tanque de guerra se abriu na horizontal. As raízes que se conectavam ao metal se soltaram.

Quando o silêncio novamente se fez, apenas a voz feminina ecoou:

– Cara... eu *definitivamente* vou querer uma dessas.



## O COVIL

ENTRE HISTÓRIAS E LAMENTAÇÕES, O TEMPO CORREU. Ashanti contou ao estranho sobre Taremu, e sobre a Noite da Serpente, e sobre Mihos. Não eram coisas que se confiaria a uma pessoa que se acaba de conhecer em uma cela, mas quando nada mais restava, uma tábua virava salvação. E uma pessoa que entendia o idioma da língua comum e conhecia a sua realidade automaticamente se tornava um aliado.

Em troca, ele lhe deu um nome.

– *Strider...* – repetiu ela, para ter certeza da pronúncia. – Parece mais um nome de guerra do que um nome próprio.

– Não há diferença para um patrulheiro dimensional. Após o treinamento, adotamos um novo nome até a segunda morte.

– Ao menos suas tragédias são movidas por escolhas.

Ele podia perceber toda a dureza que existia dentro dela tremer. Ainda assim, ela não demonstrava fraqueza.

– Escute... – disse Strider, atraindo a atenção dela. – Sei como você se sente. Sei o que é lutar sozinho contra algo capaz de devastar o mundo. Sei como é implorar sozinho pela ajuda de pessoas distantes de uma realidade que você viu.

– E qual seria a solução?

– Tornar-se inspiração – respondeu ele, após uma pausa. – Não há outra forma.

Ashanti expirou forte, soltando os ombros. Como se aquilo pudesse ajudá-la a ser mais forte.

– Não sei ser uma inspiração – concluiu ela. – Nem mesmo saberia por onde começar.

– Talvez você já seja para as pessoas de Taremu.

– Eu não sou nada disso – retrucou. – Eu sou apenas uma...

*enviada pelas estrelas para proteger nossa dádiva*

– ... prisioneira, não é?

Strider olhou para a frente, como que perdendo o interesse. Bebeu mais um gole da garrafa suja.

– Se é isso o que você é, então nada de seu passado importa, não?

– Não deveria – respondeu ela. – Não deveria, é verdade. Mas existem coisas que não podemos deixar para trás, correto?

– Se você diz..

– O que ainda não entendi é... primeiro, qual o nome mesmo do planeta de onde você veio?

– Hedin.

– Certo – comentou ela, achando graça. – Então, se você simplesmente não acordou por aqui, como eu, o que o trouxe a este lugar?

– Todo patrulheiro dimensional faz *pesquisa de campo*. Nós nos infiltramos em sociedades alienígenas e buscamos possíveis ameaças ao equilíbrio dimensional.

– O que seria uma possível *ameaça ao equilíbrio dimensional*? Uma guerra nuclear, por exemplo?

– Pense assim: se todos do seu planeta mirarem uma bomba de fissão em todos os países, isso é um problema de vocês. Se um único humano mirar a mesma bomba na direção de outro planeta e gerar uma invasão de um império alienígena, isso é uma ameaça ao equilíbrio dimensional.

– Certo, então se um grupo de ditadores tomar o comando do meu planeta à força e fizer todos de escravos, é um problema do meu planeta. Mas se um demônio abissal for até a minha dimensão e tomar o comando à força, aí pessoas como você talvez sejam enviadas para intervir.

– Você entende rápido.

Ashanti chegou a rir. Ao vê-lo tomar mais um trago, ela perguntou:

– *O que é isso que está bebendo?*

– Isto? – indicou ele, estendendo a garrafa para ela. Diante da recusa, bebeu o último gole e concluiu: – É vinho. De tempos em tempos, eles nos trazem galões.

– Generosidade com prisioneiros?

– Para se fazer o que é preciso fazer por aqui, um ser com consciência precisa estar embriagado.

Ashanti engoliu em seco.

– Mas o que afinal se tem de fazer por aqui?

– Vá até a grade e observe.

Ashanti reparou em um retângulo com barras, por onde passava pouca luz e ar. Ergueu-se e foi até lá. Ao se aproximar da janela, uma criatura segurando uma cabeça de duende enfaixada apontou uma espécie de nariz em sua direção. Enquanto ela se esticava para observar o exterior, a criatura começou a se balançar como um cão ao sentir o odor de uma fêmea no cio. Ao se colocar em posição para saltar sobre ela, Ashanti arregalou os olhos e arreganhou os dentes para o ser.

Diante da reação agressiva, a criatura se afastou, retraída. Ashanti voltou para onde estava Strider, sentando-se a seu lado.

– É sempre assim por aqui?

– Sim. Principalmente quando eles sentem cheiro de uma nova fêmea.

– O que aconteceu com a última?

– Subiram por cima dela como formigas e só pararam quando homens-lagartos começaram a atear fogo nos de cima.

– Meu Deus...

– Se ainda possuir algum deus com você, distribua por essa cela. Talvez um pouco de espiritualidade possa apaciar os pensamentos animais.

– Ou talvez eu me torne uma inspiração – devolveu ela, *quase* sorrindo.

Ele a observou de lado, notando as garrafas vazias.

– Se isso acontecer, quem sabe você me pague uma bebida – comentou Strider.

– É você quem me deve várias explicações.

Ele abraçou os joelhos que se ligavam a pernas magras e trapos desgastados. Ela inspirou e sentiu novamente o cheiro de urina tão forte nas paredes daquele lugar que pareciam intoxicar o sangue dos encarcerados.

– Qual a sua história, Strider? Quero dizer, você viaja para lugares como este simplesmente para deter ameaças ao equilíbrio dimensional?

– Ameaças como Asteroph.

– Não funcionou muito até agora, não é?

– Tanto quanto com você.

Eles suspiraram.

– Não leva a sério tudo o que eu disser – comentou ele. – Você já aprendeu que está em um lugar de seres constantemente embriagados.

Perto dele havia outra garrafa.

– *O que é preciso fazer?* – perguntou ela de maneira direta. – O que é tão ruim que um homem precisa estar bêbado?

– O que você viu na janela?

– Acima, vi outras celas e outros prisioneiros, vestidos com trapos e corpos anêmicos, de pele esquelética.

– E abaixo?

– Vi uma espécie de fosso.

– Parece um fosso. Na verdade, *seria* um fosso – corrigiu-se ele. – Mas hoje é uma arena de entretenimento para exércitos bestiais da superfície, principalmente de raças criadas em experiências comandadas pelo demônio-bruxa.

Ashanti voltou a observar o enorme macaco azul acorrentado. Um homem de um metro e meio, barbudo e tão cabeludo que lhe sobravam apenas os olhos visíveis no rosto, se aproximava dele pouco a pouco.

– Você disse que locais deste tipo são consideradas partes de uma estratégia militar? – perguntou.

– Sim. Fazíamos isso com recrutas – disse ele, com uma naturalidade que percebeu tarde demais ao se arrepender.

– Recrutas como você?

Ela era boa. E curiosa, até demais.

– *Também* como eu um dia.

Ela se deu por satisfeita. Aquela informação já era algum avanço.

Foi então que Gogua voltou a agitar seus grilhões, com sons de desespero e angústia. Ao fundo, o homem baixo e barbudo tentava lhe arrancar o Brilho de Donlin do pescoço.

Ninguém tentou impedi-lo.

– Você poderia me emprestar aquela garrafa? – perguntou ela, apontando o pequeno objeto de vidro sujo.

– Está vazia, já lhe disse – insistiu o homem.

– Eu sei.

Como ele não se mexeu, ela mesma se levantou e apanhou a garrafa. Ao fundo, o simio azul se debatia e tentava morder e chutar incessantemente o homem barbudo, que se esquivava e esquivava, e tentava arrancar a joia de ouro. Um dos pés do macaco acertou-lhe o peito e ele foi jogado ao chão. Irritado, o homem apanhou um pedregulho e o ergueu, prestes a arremessá-lo contra o acorrentado.

Foi quando a garrafa se espatifou nas costas do barbudo e o pedregulho rolou pelo chão.

– Koksho! – gritou Ashanti para ele, apontando para longe. – Koksho! Koksho!

Com resmungos e apenas um olhar furioso à vista, o homem saiu encolhido, deixando o macaco azul em paz. Gogua observou Ashanti e naquele olhar havia algum agradecimento que ela não conseguiu traduzir.

Talvez fosse um agradecimento por ter impedido o roubo.

Talvez por lembrar-lhe o significado de compaixão.

– O que foi isso? – perguntou Strider quando ela retornou para perto dele.

– Quem sabe? – Foi o que ela respondeu. – Talvez um ato de inspiração.

O homem sorriu um riso sem dentes. E então a entrada daquela cela se abriu e Ūrkdra entrou. Ao avistar o ciclope, Ashanti sentiu as pernas tremerem. Com reações distintas, os outros presentes demonstraram o mesmo pavor. A causa era óbvia.

Alguém naquela cela teria de morrer.



## TERRAS DO PÓ

ERA POSSÍVEL SENTIR O VALE MORRENDO AOS POUÇOS. Entre a Floresta Luminosa e a Floresta de Metal havia água e vegetação. Ambas escassas, mas ainda presentes. Conforme o grupo se infiltrava por uma terra que não lhes queria bem, a escassez parecia aumentar e dar lugar a um quadro pintado por depressivos.

Tudo o que deveria ser vívido era árido e rochoso, em uma geografia de montanhas, planícies desérticas, lagos extensos, vulcões extintos e grandes áreas de sal. Como cenários que não se encaixavam, árvores sem folhas e de troncos descascados tentavam se manter de pé ao lado de reservas naturais de água congelada. Durante o período de chuvas, águas desciam das montanhas e irrigavam a superfície desses lagos. Em seguida, o calor do vale tratava de evaporar a água, deixando uma lama que endurecia e rachava o solo, formando um mosaico de polígonos pedregosos.

– Não sei como o senhor ainda está se aguentando de pé... – comentou Daniel para Booba.

– Nem eu – respondeu o mercenário. O homem caminhava febril e trêmulo, com a pele cheia de manchas vermelhas e linhas de suor escorrendo pelos tornozelos.

– Esta região não faz sentido – comentou Romain.

– Nossa presença aqui também não – acrescentou Daniel. Depois se virou para Booba e perguntou: – Isto aqui... sempre foi assim?

– Nem sempre. Na verdade, esta região já foi considerada uma das preciosidades deste lugar.

– É difícil dizer isso em um primeiro olhar.

– É mais difícil ainda no último.

Romain reparou em uma espécie de trilha.

– O que diabos é isso?

Aproximou-se e observou melhor as marcas. No chão de argila rachada havia falhas que lembravam marcas de um rastejar de cobras e culminavam em pedaços rochosos.

– Não tem nem uma alma viva neste lugar, e essa trilha parece recente... só falta me dizer que nesta droga de lugar as pedras... *andam*?

– Talvez seja o vento – disse ele. *Se ventasse forte o suficiente neste lugar*, pensou.

A curiosidade foi mais forte, e ele se aproximou para tocar uma das pedras. A maioria era grande e pesava mais de nove quilos. A primeira coisa que notou foram os pelos eriçados, elevados por uma espécie de força magnética. Uma

energia pesada contaminava todo o lugar.

– ETs! Isso só pode ser coisa de ETs! – resmungou Romain. – Faz todo sentido: nós fomos abduzidos para um mundo de alienígenas-cientistas, que querem fazer experimentos com pessoas azaradas o suficiente para serem abduzidas por ETs dispostos a fazer experimentos!

Daniel achou graça. Romain apanhou a pedra e estranhou o formato. Havia detalhes esculpidos com cuidado, como se a pedra fosse um objeto de arte. Romain a acariciou e percebeu linhas que simulavam tufo de cabelos na rocha.

– Isso mais parece...

E então ele virou a pedra ao contrário. E gritou. E gritou. E então se sentiu ridículo ao perceber que gritava por causa de uma pedra.

– Isso parece... uma cabeça... – explicou.

Abaixou-se novamente e tocou no rosto desenhado no mineral. A perfeição beirava o surreal. Apesar de o mundo ser habitado por seres monstruosos, o rosto na pedra era humano.

– É claro! Os ETs acreditaram que nós éramos deuses! E mandaram fazer estátuas de nós! – disse ele para si próprio.

– Na verdade, Romain, infelizmente isso *realmente* parece uma cabeça!

À frente do grupo havia outros pedaços de pedras esculpidas. Algumas de cabeças, algumas de outros membros. Destroços de estátuas espalhados, resquícios de uma passagem humana. Havia metade de corpos de pedra. Estátuas de pé, intactas. Ao se aproximar de uma delas, Romain observou de perto os olhos esculpidos e percebeu uma verdade além do racional. E então viu um espasmo do corpo de pedra, que caiu como se atraído pela energia morta que corria com poder magnético por aquele lugar.

– Eles não são estátuas... – sussurrou Romain.

– São eles. São *alguns* deles... – Ele queria concluir: *são alguns dos que nunca voltaram*. Mas não conseguiu.

Ao ver os heróis de pedra, imortalizados em expressões de aprisionamento e de angústia em peles de minério, Romain compreendeu do que era capaz aquela força que estavam prestes a enfrentar.

Booba entrou em posição de guarda, junto com os outros. O mercenário gritou comandos em sua língua nativa.

– O que ele está dizendo? O que ele está dizendo? – perguntou Romain nervoso.

– Nós... chegamos nos arredores do templo do demônio-bruxa! – traduziu Daniel, tenso. – Parece que... este lugar, antes, era um mosteiro... a criatura Abominável invocada do Abismo... cão de guarda de Ravenna... transformou metade deles em pedra...

E assim eles permaneceram, observando os arredores e esperando a morte.

– Eu não quero morrer – sussurrou Daniel. – Não aqui.

– Talvez o seu amigo tenha razão. Talvez você seja um idiota por ter vindo até

aqui. Talvez todos nós sejamos – respondeu Booba.

– Mas o seu filho, Booba...

– Será apenas mais um órfão.

– Um órfão de um covarde ou o órfão de um herói?

Booba por um momento não soube o que responder.

– Não haverá diferença – concluiu.

– Haverá! – insistiu Daniel. – Haverá para ele. E haverá para os filhos dele. E para os filhos dos filhos dele.

Ao fundo, eles escutavam a aproximação de algo que não parecia humano.

– Como gostaria de ser lembrado, Booba? – perguntou Daniel, em uma voz rouca.

– Hoje, acho que não importa, garoto. Hoje, ser lembrado me bastaria.

Daniel e Romain se mantiveram lado a lado, escutando sons pavorosos. O brasileiro segurava com a mão trêmula o cabo da espada que o francês outrora se arriscara para lhe entregar.

– Desculpe tê-lo chamado de *monstro*, Romain! – comentou Daniel.

– Eu mereci!

– Não! Talvez você tivesse razão, nós vamos morrer. E eu fui um idiota de dizer aquilo...

– Você nunca foi um idiota, Daniel – completou Romain. – Você é mais herói do que todos os homens que conheci que se disseram heróis.

Daniel limpou as lágrimas e as impediu de continuarem a cair.

– Mas também sou tão covarde, medroso e idiota quanto eles. Porque é isso que nós somos. É só o que somos.

Uma sombra começou a surgir perto deles. Nem mesmo o som era necessário para o aviso, apenas a energia necrosa que se espalhou pela atmosfera já denunciava a chegada do fim. Romain sentiu a arritmia cardíaca. As pernas de Daniel tremeram em espasmos. Nenhum dos dois quis se virar.

– Heróis e idiotas até o fim? – perguntou Daniel, ainda trêmulo.

– É tudo o que nós somos.

Quando se viraram, a aberração do Abismo que vigiava aquele templo já estava ali.



## CENTRO DE TAREMU

OUTRO GRITO ECOOU. Era a décima vez que Mihos gritava.

– Você está sendo bem-treinado para o grande momento – sussurrou Asteroph no idioma de Taremu.

Preso em uma parede na posição de cruz, estava Mihos, exausto, machucado, marcado e com parte da pele do ombro esfolada. No canto, o príncipe Rögga era obrigado a assistir às torturas, acorrentado e vigiado por dracônicos.

– Por que... por que nos manter vivos? – perguntou ele.

– Ele, porque preciso do sangue na hora do ritual. Você, porque seu desespero me alimenta. Demônios são um tanto viciados nisso...

O príncipe-fera desejava soltar o instinto e se transformar em besta, mas a exaustão era maior do que a energia necessária.

– É isso que move você, demônio? – perguntou ele. – Vícios?

– É isso que move todos os demônios, homem-leão.

Rögga tentou se movimentar, mas caiu em estafa.

– Isso lhe frustra? – perguntou Asteroph. – Não é a resposta que esperava? Você preferia que eu lhe desse um motivo para fazer o que eu faço? Você gostaria que eu contasse que fui um anjo injustiçado da Cidade de Prata, que sucumbi ao Pecado Original e fui punido por uma força da mesma intensidade com a qual pretendo me alimentar? Seria mais fácil aceitar, não é? Seria mais fácil se eu dissesse a você que o Mal tem um motivo. Porque se eu lhe dissesse isso, você acreditaria que haveria lugar em mim para a redenção. Só que não há, príncipe de nada. Eu fui gerado por forças que se escondem no seu lado animal. O lado que o transforma na besta, que lhe injeta ira na batalha, que deseja o mal de quem lhe faz mal. É disso que eu nasci. E, no entanto, você me condena? Se um Mal em forma pura não existisse, como vocês saberiam medir onde está o ápice da transcendência que seus monges buscam alcançar? Sabe por que seus medos me alimentam? Porque vocês precisam disso...

Asteroph apontou para um Mihos derrotado e sem parte da pele do ombro.

– Vocês acham que *aquele* é seu salvador? Não, eu sou o salvador de vocês. Porque eu vou exterminá-los. Eu vou destruir a sua cultura e fazer com que a sua raça não seja nem mesmo lembrada. Eu vou convocar um deus abissal e vou me banquetear da destruição que ele levará a essa e a outras dimensões. E sabe por que eu vou fazer isso, príncipe-fera? Simplesmente *porque eu posso!* E se vocês quiserem me parar, se realmente acreditarem que podem me parar, vocês terão de ser *melhores* do que são agora. Vocês terão de ser mais fortes do que jamais foram antes. Vocês terão *de poder* me parar. Logo, se conseguirem isso, vocês terão evoluído graças a mim. Vocês terão dado um sentido para o que chamam

de Bem. Vocês terão dado *um sentido* até mesmo para o meu Mal. E se ao final da batalha o seu Bem prevalecer e vocês se tornarem uma raça melhor, não será *exatamente* esse o sentido do que vocês chamam *salvação*?

Rögga queria dizer que *não*.

Mas não disse.

– Então contemple o seu verdadeiro salvador, homem-leão! – rogou Asteroph, abrindo os braços. – E agradeça por seu destino; afinal, eu já lhe dei até mesmo *bons* motivos para isso, não?

Mihos voltou a gritar quando Asteroph lhe arrancou com a unha mais um pedaço de pele do pescoço. O príncipe Rögga, ao fundo, tentou evitar, mas chorou, movido por mais sentimentos do que podia compreender. Talvez por aceitar que jamais seria melhor do que naquele momento. Talvez por saber o quanto seus sentimentos fortaleciam aquela entidade. Talvez, por fim, aceitar que o Mal às vezes simplesmente não tinha motivo nem um lugar para redenção.

Asteroph adorou aquela reação.

*É isso que move você, demônio?*

Era aquilo que movia todos os demônios.



## TERRAS DO PÓ

O FORMATO ANATÔMICO DA CRIATURA PARECIA ERRADO. Dotado de nervuras que se espalhavam em ramificações ao longo de todo o corpo, a besta conhecida como a *Abominável* parecia ter um desenho defeituoso, resultado de algum processo de evolução falho.

Era um quadrúpede do tamanho de um cavalo. As patas traseiras eram menores que as dianteiras, que possuíam dois grandes ossos em ângulos retos, lembrando duas bengalas com três dedos na ponta. A parte mais sinistra, contudo, estava dentro da bocarra que se abria em quase cento e oitenta graus, revelando um globo ocular em meio a dentes afiados. A pele parecia invertida, como se o tecido nervoso estivesse à mostra ao longo de todo o corpo, e chifres se expunham nas costas. Completando a figura perturbadora, diversas hastes flexíveis se projetavam do tronco, cada uma exibindo olhos pequenos em suas pontas.

– Ah... meu... Deus... – sussurrou Daniel, sem saber em qual idioma.

Ao seu lado, soldados começaram a tremer por debaixo da armadura, aterrorizados. Com o sistema nervoso sobrecarregado, alguns urinaram na própria calça.

A criatura projetou-se na direção de ambos. Além da forma, havia outras coisas assustadoras naquela presença. A primeira era o barulho. Um eterno som de mastigar, provocado pela movimentação ininterrupta da língua cor de sangue, que estalava em meio a rosnados guturais, como se a criatura estivesse o tempo inteiro mascando alguma coisa ou lambendo o próprio olho dentro da boca. A segunda era a energia morta que tomava aquele lugar na presença do ser malformado, que tornava a atmosfera depressiva. Não à toa, apenas de avistá-la os são enlouqueciam e os perturbados se matavam.

Romain já havia corrido, mas, ao perceber Daniel travado, retornou e jogou-o no chão. A criatura abriu a bocarra e o adolescente viu um tentáculo apontar para ele, exibindo um dos pequenos olhos amarelados na ponta. Essa foi a primeira imagem.

Na segunda, Daniel já fora projetado para trás, e suas costas se chocavam contra uma projeção rochosa que lhe esvaziou o pulmão.

O monstro mordeu o ar e avançou.

– Não, é impossível, isto é impossível... – gritou um dos soldados, enquanto metade do corpo era devorada.

Tentáculos fixaram seus olhares em outros soldados, que sentiram parte do corpo *travar*, como se os músculos endurecessem. Enquanto gritavam pela dor de terem os nervos enrijecidos, partes do corpo foram lambidas e mastigadas. E

então um dos tentáculos fixou o olho no mercenário. Booba tentou desviar o olhar e, no desespero, fechou os olhos e colocou uma das mãos na frente do rosto, como se esconder a visão da morte fosse o mesmo que se esconder dela.

– Se for essa a hora de acabar com o pesadelo, que seja...

Saltitando e oscilando em bambeio enquanto os tentáculos se moviam feito cobras na cabeça de uma medusa, a criatura demoníaca parecia *se alimentar*. A haste que apontava para Booba esticou-se um pouco mais e o olho amarelo na ponta acendeu.

– Aaaaaaah! – gritou Booba, agarrando a mão estendida, entre lágrimas de dor.

Na ponta do tentáculo da criatura, o olho amarelo ganhara um tom vermelho. Booba arrancou a própria luva e o desespero aumentou ao perceber que algumas partes do couro estavam grudadas na própria pele. Arrancou pouco a pouco a proteção e sentiu o cheiro da própria carne carbonizada. Os dedos estavam vermelhos e rodeados por bolhas, em um estrago semelhante a uma queimadura de segundo grau *de dentro para fora*. A dor era tão intensa que Booba desistiu de retirar o resto da luva.

O pequeno olho na ponta do tentáculo da criatura voltou a acender.

E os dedos arderam. Mais uma vez.

– Não! Não! Não, seu maldito, não de novo... – Raízes nervosas da mão de Booba iam sendo expostas, conforme sofriam combustão interna.

– Foi assim! – afirmou Daniel. – Foi assim que ele perdeu a mão!

Um dos soldados perfurou o corpo da criatura com uma faca e ficou cego quando os dois globos oculares foram mordidos pelos tentáculos menores que se moviam como cobras.

Aterrorizados, todos os soldados restantes largaram as armas e começaram a correr.

– Nós deveríamos correr com eles! – gritou Romain.

Daniel chegou a cogitar a ideia. Mas então viu o demônio saltar para perto de Booba, que tentava cortar o ar com a mão em gancho. Como que saboreando tudo aquilo, em vez de matá-lo, a criatura abissal mais uma vez *acendeu* o tentáculo menor. A vermelhidão começou a tomar conta do corpo de Booba, que crepitava por dentro. No pescoço, o papo foi tomado por manchas e das bochechas pipocaram bolhas. O suor cobria o mercenário de cima a baixo, em um estado semelhante à febre alta. E junto com a febre, o delírio. Booba tentou evocar algo de bom em uma vida miserável, para ao menos ser sua última lembrança.

– Filho... – balbuciou ele. – Desculpa seu pai... meu filho...

Os olhos enxergavam apenas um borrão flutuante à frente. De repente, outro borrão lhe cruzou a vista e a dor, se não diminuiu, ao menos parou de se intensificar.

– Venha! Venha! – ele percebeu um dos borrões dizer ao se aproximar. Duas mãos lhe tocaram o braço e o toque ardeu. Entretanto, ele percebeu que a ardência significava que ainda estava vivo. – Rápido!

E as mãos o ergueram. Aos poucos, em meio à tontura e às forças que se esvaíam, o cérebro percebeu o menino Daniel tentando afastá-lo da criatura.

– O que... o que você fez? – perguntou ele, enquanto se arrastava e era arrastado.

– Eu *cortei* aquele tentáculo dele! Quer dizer, um dos tentáculos dele! Mas ele... ele...

*Ele o quê*, pensou Booba. A resposta era: “Já está voltando”.

– Abaixa! – gritou Daniel, arremessando Booba no chão.

De repente um pedregulho zuniu, atingindo uma velocidade cinética suficiente para machucar o glóbulo interno ao entrar na bocarra aberta. Irritada e desnorreada, a criatura se voltou para o atacante. Era Romain.

– Oh, *merde*...

O monstro rosnou e correu, dando dentadas no ar na direção do jovem em fuga. Romain acelerou em meio ao terreno pedregoso, saltando e se espremendo entre as barreiras naturais, sem ideia do que estava fazendo. O monstro singrou em um ângulo agudo, contornando troncos desgastados. Romain sentiu o calor do bafo da criatura, abrindo a mandíbula atrás de seu pescoço. Os pelos da nuca se eriçaram. O coração continuou disparado. E então ele escorregou no final de um pequeno trecho íngreme, caindo no momento em que teria a cabeça arrancada a dentadas.

Depois de rolar algumas vezes, ergueu-se e, com a respiração afobada, voltou a correr. Outro tentáculo apontou um dos olhos para ele. O olho amarelo se tornou pouco a pouco translúcido. Romain gritava, saltando trechos de pedra, que lembravam uma maquete de massinha. Isso era o pior do cenário morto: tinha poucos locais onde se esconder. Correu por cima de uma área lamacenta, onde afundou um pouco, o que dificultou a corrida. Sentiu o próprio corpo se projetar para a frente com uma força não natural, estatelando o queixo no chão de pedra. Quando se ergueu, um buraco na parte inferior da face sangrava.

– Droga! – Percebeu a cor vermelha ao retirar a mão do queixo. – Droga, droga, droga, droga, desgraçado, filho de uma...

E então o monstro rosnou mais uma vez e apontou uma das hastes para ele. O pequeno olho amarelo pouco a pouco ganhou tonalidades acinzentadas como a cor da couraça da própria criatura.

Romain podia ouvir o próprio coração.

– Onde eu estava mesmo? Ah, no desgraçado, filho de uma...

E então, o corpo se contorceu. E as batidas aumentaram. A ponto de ensurdecê-lo e ele sentir o peito projetado para a frente. A mão apertou o próprio peito, como se estivesse sofrendo um ataque cardíaco.

– Respira... res... pi... argh!

A pressão arterial se alterou e Romain sentiu-se *esvaziar*. Não conseguia se mover. Não conseguia falar. Não conseguia pensar. Simplesmente de um momento para outro tinha virado uma bexiga com um furo por onde escapa o mesmo ar que lhe dava forma.

– Bicho desgraçado! – E então Romain de repente tombou, segurando a parte posterior da coxa. Tentou erguer-se, mas a perna não mexeu. – O que é isso? O que *diabos* é isso? Eu não estou sentindo... eu não estou sentindo minhas...

Tentou erguer-se de novo, mas o músculo recusava o comando. Era como se o sistema nervoso daquela região de repente estivesse *desligado*. Ele bateu na própria perna, e se desesperou ainda mais ao não sentir a dor. Ao fundo, o monstro continuava a apontar para ele.

Os dentes cada vez mais perto.

A haste cada vez mais perto.

– Eu só queria... ter sido especial...

*Vinhos, queijo, Luc Besson, exposições do Grand Palais, o estádio do Parc des Princes.*

– Mesmo que só um pouco... mesmo que só um pouco...

*E cigarros. Principalmente cigarros!*

– Ei, Willy Caolho! – disse uma voz fina que surgiu de algum ponto aleatório. – Dá uma olhada nisto aqui!

Uma lâmina cortou o ar, decependo com ela mais um dos tentáculos capazes de queimar um homem ou transformá-lo em pedra.

Quando Romain percebeu, Daniel estava de pé com uma espada de dois gumes e cabo em forma de cruz, que ele roubara de um cadáver sem rosto.



BOOBA SE ERGUEU. Tudo era dor. Mover-se, respirar, pensar. Qualquer coisa remetia a tanto sofrimento que até mesmo chorar fazia arder as feridas na face. Em circunstâncias normais, um homem como aquele já teria tombado e desistido. Mas ali não havia circunstâncias normais. Aquele mercenário era pai.

E, se ele tombasse, seu filho não teria chance.

– Timo... – o nome soava como um mantra. – Timo...

E então ele se ergueu, sentindo as dores. A respiração era arfada, o olhar arregalado como o dos loucos.

– Timo! – gritou ele.

O corpo velho e robusto caminhou com dificuldade na direção do som do templo. Os pelos eriçados absorviam a energia negativa que rodeava e matava tudo ao redor.

– Ravenna, apareça, sua puta do Abismo! – gritou ele. – Não é justo! Nada disso é justo, mesmo pelas leis dos demônios!

Ele cuspiu no chão e pisou no próprio cuspe em um gesto amaldiçoado.

– Apareça, devolva Timo e me tire deste sonho ruim...

Mas aquilo era real. E aquela criatura era feita da mesma matéria de que eram feitos os pesadelos.



DANIEL SE MANTINHA NA POSIÇÃO DE UM SAMURAI. Quietos e à espreita. O bicho veio saltando torto em suas quatro patas. Perto. Cada vez mais perto. Coração acelerado. Distância encurtada. Base com um pé à frente do outro. Corpo leve. Dentes em sua direção. Globo ocular projetado.

E então o movimento.

E o corte.

Quando a criatura abissal aterrissou, um risco lhe atravessava um flanco de uma ponta a outra. E, de frente para ela, novamente um jovem de olhos puxados erguendo uma lâmina de dois gumes. De longe, a impressão de calma. De perto, as pernas tremiam, mas a mente se mantinha firme.

Do outro lado, Romain tentava mover as pernas, mas os músculos continuavam paralisados. A impotência se tornou angústia, e ele começou a bater no chão pedregoso com as palmas, até que elas sangrassem.

– Não! Não! Funciona, droga! Funciona!

Daniel foi arremessado perto de um amontoado de pedras. Duas estátuas, ou homens transformados em pedra, se partiram. O garoto se levantou e tentou se posicionar. O corpo foi acertado novamente em um coice, e em seguida teria sido devorado, porém, do chão, ele correu a lâmina pela boca da criatura, sangrando o globo ocular lá dentro.

– Isso! Isso! – comemorou Romain ao sentir os músculos começarem a formigar.

Daniel rastejou para trás, enquanto a criatura saltava de um ponto a outro dando coices de dor a esmo. Romain catou pedregulhos e começou a atirá-los na direção da criatura, até que ela se concentrasse nele.

– *Ici! Viens ici! Viens ici, fils de pute!*

A criatura demoníaca partiu pra cima dele. Romain começou a correr, ainda sentindo formigamento. O monstro saltou, bambeou no voo, rodou e calculou errado, estatelando-se no chão.

– É agora, japa! – gritou ele. – Espinho na ponte levadiça!

O bicho correu atrás dele. Romain era um mestre naquilo, mas o formigamento o deixava lento. Ele sentiu uma das patas lhe rasgar as costas e se xingou. A adrenalina segurou a dor e ele continuou a correr em círculos, escapou de uma dentada, e de outra, girou no chão, escorregou, se recuperou, mudou a direção, correu com as pernas afastadas e então encontrou o ângulo de corrida desejado. O ângulo que seguia para as estátuas de pedra partidas.

– É agora, Kill Bill!

Daniel se arrastou até o meio das estátuas, torcendo para aquilo dar certo. Romain correu, mesmo com os músculos lhe implorando para não fazê-lo. Cada passo expandia os limites das panturrilhas. Mas ele continuou. A criatura também. Perto. Cada vez mais perto.

– Três...

O formigamento atingiu um nível extremo. Foi quando os músculos da região inferior das pernas trincaram em uma contração muscular involuntária.

– Dois...

E então a câimbra. A dor insuportável. Romain trincou os dentes e chorou, mas nem assim deixou de correr. Quando estava para tombar diante do vão entre as pedras, ele saltou. A criatura saltou atrás dele, exibindo uma língua com uma parte ferida, repleta de bolhas e pus, com pedaços expostos de carne.

– Um!

Do meio das pedras onde se espremia, Daniel subiu a lâmina com um kiai, travando o punho. O corpo da criatura foi perfurado de baixo para cima na altura da garganta, rasgando a região abdominal. Sangue, órgãos e dejetos caíram em cima de Daniel, manchando-o por completo. Do outro lado, Romain se mantinha estirado no chão, com as mãos nas panturrilhas e chorando de dor.

Ainda em choque, mas acreditando que havia acabado, ouviram Booba quase morto em algum lugar voltar a bradar:

– Apareça, demônio-bruxa! O acordo foi cumprido.

E Ravenna surgiu.



## O COVIL

A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA É UNIVERSAL. Ainda que se tratassem de raças e criaturas de perfis diferentes, e ainda que fossem comandadas por um gigante capaz de separar cabeças, as ordens eram fáceis de traduzir. Naquele dia, escolheram os dois que haviam causado problemas. Sob o comando do gigante Ūrkdra, entraram os homens-lagartos, com seu gingado característico: o movimento de cabeça para a frente e para trás, balançando a língua dividida.

Alguns deles levavam o homem de um metro e meio, cujos cabelos e a barba eram tão espessos que apenas os olhos apareciam. Outros libertaram o macaco azul, Gogua, enquanto nos cantos prisioneiros se espremiavam na tentativa de parecerem invisíveis.

– O que está havendo? – perguntou Ashanti.

– Hora da diversão dos demônios.

Sob o silêncio dos presentes, os dois foram levados. Assim que as dobradiças rangeram e as celas se fecharam, todos correram para trepar uns sobre os outros nos espaços abertos, de onde se enxergava o fosso.

– Você não queria entender a função do fosso?

Ashanti correu com Strider até uma das janelas, espremeu-se por entre alguns anões e se juntou a todos ao redor das janelas.

Foi preciso apenas o som das correias para a arena despertar. Ruídos animais correram de cima para baixo, em direção ao fosso, onde naquele momento Gogua e o barbudo pequeno foram arremessados. Acompanhando o som que vinha de cima, Ashanti reparou que outras grandes janelas repletas de grades se espalhavam pelas amuradas de pedras, com homens e criaturas semimortos também aglomerados.

O macaco azul se posicionou cambaleante pelo centro do fosso da arquitetura, como se desacostumado a andar livre. Atrás dele, o homem baixo buscava algo desesperadamente. Pela longa extensão do chão ao redor se espalhavam ossos, manchas de sangue, cadáveres e pedaços de carcaças.

Símio e humano ficaram frente a frente.

E, de repente, começaram a se atacar.

– É como uma arena esportiva! – concluiu Ashanti. – Você tinha razão! Realmente fazemos parte de um circo!

– Quando vivos – acrescentou Strider. – Quando mortos, viramos o pão.

De determinados pontos mais próximos ao fosso, centenas de dracônicos e homens-lagartos se espremiavam, buscando um melhor ângulo. Faziam barulho, batiam em coisas, montavam sobre os outros, bradavam sons de euforia e morte.

Gogua se preparou para atacar e avançou com o corpo grande azulado. Uma das pernas, contudo, pareceu bambear com câimbra, e o joelho afundou no chão com a dor. O barbudo aproveitou a situação e pegou no chão uma arma inusitada: um braço amputado e partido, com um pedaço de aço afiado e exposto em uma parte da pele. Utilizando o braço como se fosse um pedaço pesado de madeira com um prego na ponta, o homem o zuniu em cima do símio caído. Gogua cruzou os braços à frente do rosto para se defender. A ponta de aço afiada desceu com violência, abrindo um furo no braço do ser azulado.

O homem pequeno rodeava o símio, que tentava se virar para ele enquanto mancava, mas sob os constantes ataques só conseguia se defender. Sem que Ashanti tivesse visto como, o homem de repente empunhava uma faca.

Ele rodeou Gogua até conseguir saltar sobre suas costas. A lâmina desceu em direção ao pescoço do símio. O corpo azulado entortou automaticamente, e o golpe lhe atingiu o ombro.

– Onde ele encontrou aquela faca? – perguntou Ashanti.

– Algum homem-lagarto deve ter jogado na arena – respondeu Strider. – Eles gostam disso...

Ainda agarrado ao pelo da criatura, o homem tentou retirar a faca cravada na carne dela. A força que aplicou e a falta de equilíbrio do outro, contudo, não foram suficientes: Gogua conseguiu segurar um dos braços do oponente e girá-lo por cima da cabeça. Foi assim que o homem bateu com as costas no chão como um saco de arroz solto no ar, o que lhe tirou o ar dos pulmões. Enquanto ele se contorcia, Gogua arrancou a faca do próprio ombro e a arremessou longe. Pegou o braço do inimigo novamente, lhe travou o cotovelo, e, em um movimento, lhe entortou o membro, expondo o osso de maneira parecida com o que ocorrera ao braço improvisado usado contra ele no início da briga.

O grito do homem ecoou.

– Quem era aquele homem? – questionou Ashanti, chocada com a cena.

– Quem se importa? – perguntou Strider.

– Você se importou com Gogua.

– Na verdade, eu apenas contei o que sabia sobre sua raça – disse ele. – Você se importou com ele.

Homens-lagartos espalhados se agitaram em euforia, pulando e batendo em coisas. Em um som cadenciado sibilado, o apelo dos lagartos humanoides de repente ecoou de maneira unificada:

– Si Feast! Si Feast! Si Feast! – Era como soava a expressão que repetiam.

Os prisioneiros permaneceram em silêncio, como se aquilo fosse constrangedor demais. No fosso abaixo, os grilhões rangeram mais uma vez, enquanto Gogua era retirado e o derrotado permanecia abandonado à própria sorte.

– O que eles estão dizendo? O que eles estão dizendo? – perguntava Ashanti, as

palavras se atropelando.

– Estão chamando a *Criatura!*

Um som vindo do alto tomou o ambiente de assalto: era uma grade se abrindo antes de bater violentamente. Quando o que havia dentro dela caiu em queda livre direto para o centro do fosso, nada mais precisava ser explicado.

Seis braços. A Criatura em questão lembrava um gigantesco besouro acinzentado acrescido de dentes, com quatro metros de altura ocupados por seis membros em movimento. Acima de um corpo coberto por diversas camadas de placas de matéria orgânica nitrogenada, olhos amarelos sem pupila se projetavam de uma face parcialmente revestida, lembrando uma máscara de osso na forma invertida de uma tarântula. Uma bocarra com quatro caninos alongados completava a figura destrutiva.

– Isso não deveria nem mesmo existir... – comentou Ashanti.

– Como todos nós por aqui – acrescentou Strider.

Como uma versão crescida de um inseto coleóptero, a movimentação do monstro era pesada e lenta. Porém, a defesa blindada por placas de quitina não tirava sua flexibilidade. Era capaz de escalar pelas paredes, inverter movimentos, saltar em pequenos voos. Brincando com sua presa, a Criatura, em vez de atacar o pequeno ferido, saltou para uma das paredes e se grudou nela, observando-o. O pavor daquela visão anestesiou por um momento a dor da ferida exposta, e o homem barbudo se arrastou até uma lâmina que algum lagarto havia arremessado na arena. Agarrou de maneira desajeitada a arma, enquanto o monstro escalava trechos das paredes do fosso e saltava de um ponto a outro, abrindo os seis braços em um movimento aerodinâmico parecido com o de um paraquedista em queda livre.

Sabendo que ia morrer, o homem barbudo começou a chorar.

Cansada do show, a Criatura saltou sobre ele. Homens-lagartos emitiram sons de que os prisioneiros dificilmente se esqueceriam. O barbudo tentou um golpe com a lâmina no braço ainda encaixado. Uma das patas da Criatura o derrubou, a outra lhe travou a mão ainda boa. A terceira lhe afundou ainda mais a ferida exposta, rasgando a carne e fazendo o homem gritar. Os dentes se fecharam sobre o braço bom e, em quatro mordidas, arrancou-o pela metade.

Ashanti se afastou da mureta onde estava, não querendo mais a visão da barbárie. O ar lhe parecia escasso. O estômago embrulhava. O som dos membros devorados lentamente, grudados aos gritos do homem devorado e dos animais que alimentavam aquele show ainda podia ser ouvido. E Ashanti pensava em Mihos, e em Taremu, e na Noite da Serpente. O ar, que parecia escasso, lhe faltou completamente. A temperatura aumentou. A visão ficou embaçada. Ashanti se apoiou em um canto e se sentou, tentando não desmaiar. O peito continuou a apertar, como se pouco a pouco se comprimisse e espremesse

lágrimas. Era uma pessoa enérgica, corajosa, vívida. Mas aquele era um lugar acostumado a retirar tudo isso.

– Eu quero... – tentou dizer, enquanto o choro lhe cortava as frases.

– Desistir? – perguntou Strider, aproximando-se.

Ela não respondeu. Estava já isolada demais dos outros para precisar fazer sentido.

– Morrer? – insistiu ele.

– Voltar.

Ele se sentou ao lado dela, demonstrando mais entendimento do que compaixão.

– Para onde pretende voltar?

Ela queria dizer *para casa*. Mas não sabia mais onde era isso.

– Para qualquer lugar – disse ela, no tom de quem implora. – Qualquer lugar que não seja aqui. Qualquer lugar que eu reconheça. E me reconheça.

Strider engrossou o tom para que ela não dispersasse:

– Se você pudesse escolher entre a realidade e o sonho, o que você escolheria?

– Eu não sei a diferença – respondeu ela, com os olhos em lágrimas.

– Se você tivesse de escolher entre a terra natal de que me falou e a promessa feita a Mihos, o que você escolheria?

Ashanti continuava a chorar. Porque qualquer decisão era difícil. Porque qualquer decisão beirava o impossível.

– Você pode escolher voltar. Você pode escolher ficar. Mas você não pode escolher desistir.

Em meio a tanta dor, algo havia feito sentido. Um fósforo aceso por um segundo em uma caverna coberta de breu, mas ainda assim uma faísca capaz de refazer temporariamente o sentido em uma mente quase sem rumo.

– Obrigada – disse ela, engolindo o choro. Tentou agradecer com outras palavras, mas começou a soluçar. Tentou engolir os soluços e o choro e a grande massa de fraqueza inútil que atormentavam, mas quando o braço de Strider a rodeou, a fortitude deixou de importar.

– Se pudesse vê-la agora, Mihos ficaria orgulhoso de você – comentou ele.

– Se Mihos ainda estiver vivo, é provável que o matem amanhã.

Ela se fechou ainda mais, como se quisesse se trancar e ao mesmo tempo se afogar naquela sensação rara de autopiedade.

– Você não precisa ser forte sempre – insistiu ele. – Às vezes choramos não pela perda, mas por não termos mais forças para lutar.

– *Se deuses* existem, por que eles não me dizem o que fazer? – perguntou Ashanti em meio à crise. – Por que... agora que mais preciso... alguma voz divina simplesmente não me diz o que fazer?

– Durante uma prova, o professor fica sempre em silêncio.

Ashanti se permitiu voltar a chorar, resgatando naquele momento de

fragilidade mais um pouco de forças para um combate que ainda não sabia como lutar.

No dia seguinte, ela foi escolhida para a arena. Acordaram com as portas se abrindo e a entrada do gigante Ürkdra. Lagartos humanoides levantaram Ashanti e a empurraram para fora com violência, enquanto outros faziam o mesmo com a criatura com rabo de raposa, que ela vira abrir a jugular de um anão na sua frente.

Empurrada por canais de escadas e paredes de pedra, o destino final foi o temido fosso. Entrar naquele lugar estremecia e interrompia o raciocínio. O cheiro de decomposição de pedaços de carne deixados para trás pela Criatura dominou de imediato suas narinas. A visão de insetos e vermes se esfregando em pedaços de cadáveres na arena improvisada, coberta de marcas de sangue nem sempre vermelhas, embrulhava o estômago. Gritos animais de morte rolavam pelo alto, quicando em pedras pelo caminho e esmagando o que quer que estivesse ainda vivo embaixo.

Se tivesse outro tipo de personalidade, Ashanti teria entrado em choque. Mas isso seria desistir. E para o tipo de garota que era, só havia duas opções.

*Kapsh op görr!*

Continuar ou lutar.



A ARMA ERA CILÍNDRICA. Na verdade, dois cilindros de carvalho, conectados por uma corda. A outra opção era uma espada ligeiramente curva com fio de apenas um lado.

Agarrou os cilindros. Detestava lâminas.

Ao fundo, a criatura – que lembrava uma raposa do tamanho de um porco – apanhou duas facas pequenas, mas grandes o bastante para suas mãos. Encolhida em posição de espera, mostrou dentes e então saltou, sob o incentivo do grito de centenas de lagartos humanoides que se amontoavam uns sobre os outros, querendo sangue. O salto terminou perto dela, cortando-a em um dos braços, com um golpe que trouxe sangue, mas não dor. Na segunda investida das facas, a garota girou a arma nas mãos, estalando a madeira na mão da raposa. A arma oriental foi e voltou em um golpe desajeitado para alguém que passara por treinamento, mas surpreendente para seres que jamais a tinham visto ser usada

corretamente.

A primeira faca já havia quicado no chão ao primeiro golpe. Assustada, a raposa arremessou a outra na direção da cabeça dela. Ashanti torceu o corpo para trás e sentiu a lâmina lhe fazer um corte no meio do peitoral, na região entre os seios, antes de tombar no chão. A arma caiu de suas mãos. E a raposa saltou sobre Ashanti com dentes e garras pouco afiados.

A humana se protegeu do golpe com os joelhos dobrados, e em seguida girou pelo chão com a criatura humanoide, engalfinhadas em um misto de pele e pelo. Machucada, Ashanti sentiu a face ser estapeada por um golpe que lhe rendeu um hematoma e um rasgo na altura da bochecha. A surpresa a deixou sob o domínio da criatura, que torceu o corpo para trás, abrindo a boca para lhe cravar os dentes. Em desespero, o outro braço dela tateou e encontrou o rabo da raposa. Puxou-o e trouxe a raposa até a própria boca, cravando-lhe os dentes com toda a força.

A criatura humanoide emitiu uma espécie de guincho e deu cambalhotas para trás.

Aproveitando o momento, Ashanti correu na direção da arma, enquanto atrás de si o adversário se recuperava em meio a gritos animalescos agudos. Cega de fúria e desespero, ao vê-la correr na direção da arma, a raposa também correu sem pensar. Correu torto e mostrando dentes, e, no momento em que Ashanti apanhou os cilindros conectados, o ser saltou nas costas dela para lhe abrir um buraco no pescoço.

Mas Ashanti girou.

E saltou em um mortal para trás feito uma ginasta. Os joelhos flexionaram pouco, e o corpo se inverteu e caiu atrás do adversário ainda no ar. Aproveitando a surpresa, ela passou a corda que unia os dois bastões pelo pescoço da raposa, puxando-a para trás. O peso fez a criatura cair sobre ela, mas nem assim ela soltou. Os bastões continuaram apertando a corda, enquanto a criatura se debatia e mudava de cor.

– Desista... – implorou ela, quase em choro. – Por favor, desista...

A criatura não desistiu. E desmaiou. Mesmo depois, a criatura ainda desacordada, a voz de Ashanti ainda ecoava pela arena, repetindo o pedido.

A porta da arena se abriu. Ao ver o horripilante Ūrkdra novamente e compreender que iria viver, Ashanti voltou a escutar o som grotesco dos homens-lagartos satisfeitos com o espetáculo em sua arena. Alguns reptilianos entraram para retirá-la e, então, pela primeira vez, ela notou algo diferente no gigante.

Ūrkdra carregava uma arma.

Um martelo de metalíder.

Ashanti se colocou em posição de combate, e a arena se agitou. Imaginou que iria morrer ao enfrentá-lo. Mas já não podia voltar atrás.

– Ürkdra! – um grito ecoou do alto de maneira furiosa.

O ciclope olhou para cima. Ashanti também.

– Kapsh op görr! – gritou Strider, em um desafio que ecoou do alto até o fosso, espantando até mesmo os reptilianos daquele lugar.

O foco de tamanha atenção era claro. Afinal, só havia duas formas de alguém sair vivo do covil.

Matando a Criatura. Ou matando Ürkdra.

O gigante não precisaria aceitar o desafio. Mas era o campeão de um mundo onde se respeitava a força, e vinha de uma raça onde um chefe aprendia a ter respeito no fogo da guerra, e seu povo naquele momento estava dominado.

Foi por tudo isso que Ürkdra bateu no peito como um gorila e gritou de volta:

– Görr! Görr! Görr!

A construção tremeu com uma energia diferente, e Ashanti soube que a hora havia chegado. Talvez houvesse uma chance. Talvez eles fracassassem, talvez a morte chegasse, mas ao menos tentariam. E mesmo sem saber ainda seu nome ou sua história até ali, ela já sabia que aquele homem era de fato um herói.

Talvez fosse aquela de fato a inspiração necessária.



## TERRAS DO PÓ

ELA ERA TÃO ASSUSTADORA QUANTO BELA. Em seu porte elegante para o que a mente fértil esperaria de uma mulher-demônio, Ravenna era de uma beleza gótica por trás dos olhos felinos e cabelos escuros até os pés.

– Eu poderia tentar seduzi-la... – sussurrou Romain.

– Seria uma boa forma de ser o primeiro a morrer.

À frente dela, Booba tinha uma postura derrotada. As feridas se espalhavam pelo corpo velho e aleijado, e a voz saía fraca:

– Eu cumpro o acordo, Ravenna! Entregue-o a mim...

Nos arredores, homens-lagartos vigiavam o encontro após devorarem os corpos dos soldados de Tegrin que tinham tentado fugir.

– Não será possível – respondeu o demônio-bruxa.

Booba enlouqueceu e começou a gritar. Mais afastados, os dois condenados se assustaram.

– O que o velho-louco-da-taberna está gritando? – perguntou Romain ao fundo, atento aos homens-lagartos que os vigiavam.

– Parece... parece que... – tentava dizer Daniel, ficando pálido. O corpo ainda estava coberto por sangue e órgãos da criatura abissal que ele cortara de uma ponta a outra. – Parece que a mulher *não* vai devolver o filho dele...

– Não podemos dizer que seja uma surpresa...

– A surpresa não é essa.

– Como assim? – perguntou Romain com o coração acelerado.

– Pelo que estou entendendo, ele fez um acordo com o demônio-bruxa. Um acordo de... de... ah, meu Deus...

Daniel travou, prestes a desmaiar. Romain foi até ele e lhe estalou um tapa no rosto.

– Ficou maluco? – esbravejou Daniel.

– Que *acordo*? – gritou ele. – Qual foi o acordo que esse desgraçado fez com aquela coisa?

– Ela entregaria o garoto... em troca de...

– Não... – lamentou Romain, fechando os olhos. – Não me diga que...

– Em troca de ele *nos* entregar a ela.

– *Fils de pute!*

Metros à frente deles, Booba estava caído e ajoelhado diante dela.

– Ele nos trouxe aqui para nos trocar pelo filho dele? – Romain titubeou para perguntar.

– É pior do que isso.

– Nada pode ser pior do que isso.

– Ele fez tudo isso para nos trocar pelo filho *deles*.  
– O que você fez com ele? – perguntou Booba em voz trêmula. – O que você fez com Timo?

Ravenna caminhou devagar para perto dele.

– Eu o *troquei* – respondeu ela.

Booba começou a tremer.

– Você... *trocou* nosso filho?

– Seria melhor se eu o tivesse *rejeitado*?

Sem forças, Booba ficou vermelho de nervosismo e estresse.

– Por que tipo de criança você o trocou?

– Por uma humana – respondeu ela. – Uma criança doente, que durou poucos dias.

Ravenna parou na frente de Booba. O homem lhe apontou o arpão.

– Eu deveria matá-la agora – ameaçou ele.

– Você mal consegue se matar, inútil.

E então ela chapou a palma da mão na face do homem, comprimindo-lhe os olhos.

– A sua vida sempre foi minha. Eu posso cortar seu braço, tirar sua virilidade, cegá-lo, dar-lhe um filho e separá-lo dele. *Eu posso* o que eu quiser.

Observando a distância, Daniel virou-se para Romain.

– Ela vai matá-lo! Você acha que devemos fazer alguma coisa?

– Se ela não o fizer, fazemos nós – comentou Romain. Massageava a perna antes afetada pela câimbra, percebendo a melhora.

– Mas provavelmente nós seremos os próximos.

– Então deixe que ele morra primeiro.

Booba começou a gritar de dor quando as unhas do demônio-bruxa lhe perfuraram a testa.

– Eu sei que você vai achar estúpido, mas... – começou a dizer Daniel.

– Eu sei! Você *precisa* ajudar aquele desgraçado, mesmo ele tendo nos trazido até aqui, não é?

– Se nós vamos morrer de qualquer forma, que tal irmos juntos?

– Você vê alguma glória em morrer junto de mim?

– Para você ver a desgraça que seria para mim morrer sozinho.

Os dois riram um do outro. O último riso antes da morte.

– Prefere morrer nas mãos de uma mulher-demônio ou de homens-lagartos?

Daniel empunhou a espada.

– Nós viemos aqui para matar um demônio-bruxa – resolveu.

Foi assim que eles decidiram como morrer.



DOIS BURACOS DE SANGUE. Era o que mais se notava na testa de Booba, que se contorcia no chão.

Daniel e Romain correram na direção de Ravenna. Romain sentiu a perna ainda dolorida e a demoníaca fez com que pedaços de sombras o derrubassem. Daniel continuou a avançar com a espada em punho, e ela apontou a mão na direção dele. Estava prestes a sufocá-lo por dentro, quando sentiu um corte no joelho e gritou.

Booba ergueu a mão do arpão para cortá-la novamente, quando Ravenna segurou a lâmina, despejando sangue e lhe enfiando na garganta as unhas da outra mão.

Daniel passou por ela lhe cortando o ventre, enquanto Booba ainda engasgava.

E por último Romain saltou em um tranco que jogou o corpo da mulher-demônio metros para trás.

– Pronto! Agora ela vai ficar puta de vez! – exclamou.

Ravenna ergueu-se com os olhos de íris vermelhas esbugalhados. E então a expressão da face se torceu, revelando o demônio dentro dela. As correntes do espartilho se expandiram e se movimentaram, como dotadas de vida própria.

– O que diabos é aquilo? – gritou Romain.

– Pula!

Eles saltaram quando duas projeções metálicas desceram como um chicote, erguendo poeira. As correntes giraram e estalaram no ar, derrubando-os como um soco e lhes marcando a face. Daniel e Romain sentiram as ligas metálicas vivas se enroscarem em seus corpos e apertar. E apertar, e apertar. Ossos começaram a estalar quando a respiração ficou difícil. Os rostos começaram a se avermelhar. As mãos suaram. O crânio pressionado parecia prestes a explodir e, quando eles ouviram os dois estrondos, inicialmente acreditaram que era o som do colapso do próprio cérebro.

Só que era o som de dois tiros de um rifle pesado *hi-tech*.

Manejado por um ranger de armadura preta com detalhes em vermelho.

Mesmo para aquele mundo, a visão fascinava. A dimensão em que estavam era povoada por entidades demoníacas, monstros abissais e humanoides monstruosos.

E, ainda assim, aquilo fascinava.

De pé, portando um traje negro com linhas vermelhas espalhadas pela peça como veias, um homem apontava para o demônio-bruxa uma arma de fogo que

eles nunca haviam visto nem naquela nem em realidade alguma.

– Eu só não digo que estou sonhando porque eu *já* achava isso antes... – comentou Romain.

Parecendo em um transe hipnótico, Daniel sussurrou:

– Se isso for um sonho, é a primeira vez que eu esperaria um pouco antes de acordar...

Ravenna se manteve estática, também sem reação diante de uma figura original até mesmo para os parâmetros de uma entidade abissal. Quando retomou o controle, ela gritou no idioma demoníaco:

– Serviços!

Quando olhou na direção de seus homens-lagartos, contudo, eles estavam mortos.

– Como... – perguntou ela. E então na linguagem comum: – Como?

Como resposta, uma mulher surgiu ao fundo, arrastando pelo pescoço quebrado o último homem-lagarto. Vestia uma armadura de metal-vivo negra como a do primeiro, com detalhes que apareciam por baixo em outra cor lembrando veias se espalhando pelo corpo e um capacete com visor de cristal.

Havia apenas duas diferenças dela para o outro guerreiro.

A primeira era que aquela armadura se adaptara à hospedeira, moldando-se às curvas do corpo feminino. A segunda era que o sangue que havia se fundido àquele metal-vivo era de uma dragonesa vermelha, cuja intensidade era diferente do tom vivo dos machos.

Uma tonalidade abaixo, cor-de-rosa escuro.

O demônio-bruxa saltou com as garras a postos. O dragão-vermelho girou e tentou mirar a arma. A movimentação ágil e próxima o impediu, e uma das correntes dela lhe derrubou o rifle das mãos. Duas ligas raspavam em um, dois, três, quatro, cinco golpes, fendidos com partes da armadura, que geraram faíscas no atrito. A corrente foi lançada e se enroscou no pescoço dele. As mãos protegidas por metal-vivo agarraram os elos metálicos, torceram e se afastaram bruscamente. Para surpresa do demônio, a corrente se partiu.

Ravenna gritou como se aquilo a tivesse machucado.

Estava prestes a contra-atacar quando um tiro do rifle de assalto alienígena cruzou o ar e lhe estourou a rótula direita.

– De nada – falou a guerreira de armadura, com a arma em prontidão.

Daniel arregalou os olhos.

– Vocês... vocês conseguem nos entender?

Ravenna se contorcia no chão, amaldiçoando o mundo. Do outro lado, Daniel percebeu que Booba também agonizava e correu até ele.

– Booba – falou ao se aproximar.

O homem velho gaguejava, como se estivesse se afogando no próprio sangue.

Seu estado de saúde – com todas as queimaduras, marcas de ferimentos e buracos na testa – era tão grave que era impressionante vê-lo ainda vivo.

– Timo... – pronunciou ele devagar. – Timo... ele...

Daniel segurou a mão dele.

– Se eu conseguir voltar, Booba, eu prometo que vou encontrá-lo. E prometo que vou contar a ele que seu pai morreu tentando salvá-lo. – A voz era firme, ainda que a certeza não. – Prometo que vou fazer com que Timo seja lembrado como o filho de um herói.

Booba apoiou a cabeça no chão e, mesmo em meio a tanta dor, era possível sentir que ele estava relaxando. Ele então fechou os olhos.

– Está acabando... – disse Daniel, ainda sem soltar a mão dele. – Está acabando o sonho ruim...

A respiração de Booba parou.

Ravenna ainda agonizava quando a atiradora se aproximou com o rifle.

– Posso estourar a cabeça dela? – perguntou ela ao vermelho.

– *Claro* que pode! – respondeu Romain, próximo à cena.

– Eu não falei com você.

O vermelho não respondeu a princípio, analisando a situação. E então escutou:

– Não a mate – pediu a voz de Daniel ao fundo. – Ela pode ser útil.

Romain abriu os braços.

– O que você está dizendo, seu doido? Essa mulher faz experiências com humanoides e monstros! No que ela poderia ser útil para nós?

– Ela trocou o filho por uma criança da Terra.

– Ah, claro! – debochou Romain. – E você precisa fazer um tumblr pro garoto se lembrar do papai, que por sinal iria *nos* entregar pra mamãe dele, né?

– O que quero dizer é que *ela sabe* como chegar à Terra.

Romain travou por um momento, dando-se conta.

– É *por isso* que é bom andar com nerds.

Daniel o ignorou e parou diante dos guerreiros de metal-vivo.

– Eu sou Daniel e aquele é Romain! Viemos de um lugar distante e conseguimos nos manter vivos até aqui de uma maneira que nem mesmo nós sabemos como. Sei que pode parecer egoísmo de minha parte pedir o que estou pedindo, mas... se pudessem considerar... eu...

O vermelho acionou um painel de luz no pulso e, de súbito, a armadura desapareceu. Daniel deu um salto ridículo no mesmo lugar, colocando as mãos na cabeça.

– Você-viu-aquilo? Você-viu-aquilo? Puta-que-o-pariu-você-viu-MESMO-aquilo?

Romain mantinha as mãos em paz para o alto.

– Ei, ei! Não faz sentido você vir nos salvar e nos matar agora, certo? –

começou a falar. – Se preciso, o japa aqui adoraria faxinar a Enterprise pra você!

– Eu sou Derek Duke. Sargento do Septuagésimo Quinto Regimento Ranger do Exército Americano.

Romain bambeou de surpresa.

– O *exército americano* veio nos resgatar?

– Só se você se sentir melhor em pensar assim.

Romain suspirou, compreendendo.

– Na verdade, eu me sentiria péssimo de qualquer maneira – confessou. – Mas, ainda assim, é bom encontrar humanos com alguma autoridade por aqui.

– Nós não viemos salvar vocês. Nós viemos pela bruxa.

– Ei, nós também! Então pega leve, OK? – argumentou Romain. – Eu sou Romain e aquele é Daniel! Acredito que nossa situação é bem parecida com a de vocês, só que sem o aparato-que-porra-é-essa-que-surge-do-nada-capaz-de-dizimar-demônios!

Daniel continuava cochichando em seu mundo próprio:

– Magia... dragões... demônios... armaduras tecnológicas... cara... isso aqui é... isso é... isso é Eternia! Isso é Thundera! – De repente, ele abriu os braços e gritou: – Eu vim parar em uma Matrix programada pela *Square*!

Balançando a cabeça em lamento com a cena, Romain se aproximou da atiradora.

– Olha, não liga pra ele não, tá? Você também é recruta do exército ou algo assim?

Amber acionou o bracelete e desativou seu traje, revelando sua forma.

– Uau! – exclamou o francês em surpresa. – Eu pensei que você fosse uma daquelas mulheres machonas de cabelos raspados...

– Lembre-se que *ainda* estou armada.

– Vendo você, eu também.

Amber fez menção de apontar a arma para Romain, quando Derek a tomou dela rapidamente.

No chão, Ravenna, ainda com dor, focou em Derek.

– Eu me lembro de você... – sussurrou ela. – Você era o escravo...

– Era – respondeu Derek – Não mais.

Derek se aproximou dela.

– Esse garoto acha que devo poupar sua vida porque você poderia nos enviar de volta.

– Talvez você devesse então seguir seu instinto e me destruir.

Derek armou o rifle e apontou para ela. Daniel tocou a arma em um último ato de desespero.

– Espere! Por favor, espere! Essa mulher... é um demônio. E acho que todos nós já lidamos com seres desse tipo por aqui tempo o suficiente para saber que

eles são negociadores. É preciso dar a eles algo em troca de qualquer coisa que se queira.

– Nós não temos nada que um demônio possa querer – argumentou Romain.

– E se dermos nossa confiança, ela terá um trunfo para nos trair – complementou Amber.

– Isso quer dizer que você concordou comigo? – perguntou Romain. – Em pouco tempo, nós já começamos bem...

Amber olhou para ele de lado, balançando a cabeça.

– Sargento... – chamou Daniel como forma de respeito. – Tem algo que possamos dar a ela em troca?

Derek considerou. E se virou para Ravenna.

– A Noite da Serpente está para acontecer! Se nós ajudarmos a destruir Asteroph, você nos enviaria de volta?

O demônio-bruxa sorriu.

– E por que eu faria isso?

– Porque, se matarmos Asteroph, você toma o lugar do demônio-rei.

Ravenna pareceu gostar daquilo.

– Vocês poderiam desejar me matar da mesma forma depois...

– Apenas se não houver uma maneira de voltar e ficarmos condenados a este lugar. Ou se voltarmos e você tentar nos seguir.

Pelos olhos dele, ela sentia a seriedade.

– E por que vocês *confiariam* em mim?

– Porque se Asteroph não for capaz de nos parar, você também não será. Nós precisamos de você para nos mandar de volta. Você precisa de nós para destruí-lo. E você precisará nos mandar de volta para reinar nesta dimensão – explicou Derek – Não é que confiaremos em você. Nós simplesmente sabemos que é a única alternativa que lhe resta...

Ravenna continuou a sorrir.

– Você daria um ótimo demônio-rei ao meu lado.

– Podemos negociar isso depois da minha morte.

Apesar de não compreender o que estava sendo dito, Amber resolveu cortar a conversa:

– Afinal de contas, já posso matá-la?

– Não – respondeu Derek – Nós vamos matar *outro* demônio.

Derek acionou alguma coisa em seu painel de luz.

– Bem, só uma dúvida técnica... – comentou Romain. – Quando você diz *nós*, você está se referindo a você e ela, né?

– Aquilo é um painel de luz... – Daniel balbuciava sozinho ao fundo, lembrando uma pessoa autista. – Ele tem um painel de luz *touch screen*...

Derek observou o estado lastimável dos dois. E então percebeu o corpo aberto da fera abissal ao fundo.

– Vocês dois foram *mesmo* capazes de matar uma criatura abissal?

– Nem mesmo nós sabemos como – respondeu Romain, sincero.

Ouviu-se o som de alguma coisa grande e pesada se aproximando, esmagando o que estivesse em seu caminho.

– Que diabos de som é esse? – resmungou Romain.

O carro de combate surgiu no terreno incerto, ingressando no cenário através de rodas adaptadas em trilhos e blindagem reforçada.

– A nossa carona chegou – concluiu Derek.

Daniel arregalou os olhos e colocou as duas mãos na nuca, observando o veículo, pasmo.

– O... M... E... G!

– E qual é o próximo passo? – quis saber Romain.

– Nós vamos para o norte, resgatar o patrulheiro dimensional, dono desse tanque de guerra.

– Volto a perguntar: quando você diz *nós*...

– Quando eu digo *nós*, eu quero dizer *todos nós* – intimou Derek – Senhores, diante das nossas circunstâncias, vocês estão sendo convocados para um novo grupamento provisório.

Daniel e Romain se entreolharam assustados.

– E como é o salário? – perguntou Romain.

– Uma droga – respondeu Derek. E então apontou para o bracelete de cristal. – Mas ao menos nós temos três dessas sobrando.

Daniel e Romain se entreolharam. E sorriram.

– Heróis e idiotas até o fim?

– É tudo o que nós somos.



## O COVIL

APENAS PELOS BERROS ERA POSSÍVEL DEPREENDER a importância do que estava prestes a ocorrer. Aquele era um momento histórico até mesmo para um local acostumado somente ao fim.

O momento em que um homem desafiava Ūrkdra.

Há tempos aquele era o guerreiro a ser temido, o líder de guerra de um povo nascido para guerrear, jamais derrotado em uma luta corpo a corpo. Diziam as lendas que se manteve de pé contra hordas de dracônicos mesmo depois que seus liderados haviam tombado, lutando sozinho por um dia inteiro, sem cair. Reconhecendo o potencial de uma máquina de guerra que seria mais útil ao seu lado do que contra, Asteroph propôs uma trégua em troca da servidão. Pela própria natureza, Ūrkdra nunca teria se rendido, mas era o último de pé no campo de batalha, e as hordas não terminavam.

Do outro lado, o patrulheiro. As mesmas línguas que contavam lendas de Ūrkdra também contavam as dele. Lendas envolvendo batalhas dimensionais, cidades sendo salvas, demônios sendo destruídos antes de finalmente conseguirem derrotá-lo.

Dois seres vivos com seus próprios dramas e motivações, mas com algo em comum.

Um martelo metalizado.

– O que você pretende fazer? – perguntou Ashanti agitada, em meio ao caos que o lugar havia se tornado.

– O que você me provocou a fazer – respondeu ele, de uma maneira seca.

– Eu não lhe pedi *isso!*

Strider interrompeu as passadas e se virou para ela.

– Você sabe que existem três maneiras de sair desta arena! Ser morto é apenas uma delas. Logo, se você ainda sonha tanto com uma volta a Taremu, torça para que eu consiga a melhor delas lá embaixo.

Ashanti se manteve em silêncio.

– Mas se preferir trocar de papel comigo, sinta-se à vontade – comentou ele. – Eu posso cobrir para você aqui em cima.

Quando ele se virou novamente para seguir, ela enfim tomou a palavra:

– Espere um pouco! Você quer dizer que *eu* tenho algum papel aqui em cima?

– É claro! Você esperava que eu fizesse *tudo* sozinho? – disse ele, falando sério.

– E depois? Eu também deveria salvar Taremu sozinho? Que diabos de *enviada* é você?

– Eu *não* sou uma enviada! – exclamou ela, irritada mais com a forma como ele dizia aquilo que com o que ele dizia.

– Percebe-se...

Ele passou das grades. Quando a cela se fechou novamente e o trinco foi acionado, ela correu até as barras e gritou:

– E qual é, afinal, a minha parte no seu plano?

Ainda escoltado, ele gritou do corredor:

– Improvisar!

O barulho era similar ao de anfiteatros, tão alto que abafou o estrondo da abertura dos portões. Criaturas humanoides batiam nas paredes, chutavam objetos, chocavam coisas contra as barras das celas. Montando uns por cima dos outros, de vez em quando alguns escorregavam e caíam do alto, estatelando-se mortos no fosso abaixo. Silenciosos nas próprias preocupações, prisioneiros assustados mantinham-se como espectadores de um show particular diretamente ligado ao valor de suas próprias vidas.

O gigante de tranças longas e um único olho se postou em aguardo.

Strider apanhou do chão um bastão afiado na ponta para improvisar como lança. Concentrava-se na arma que o grandalhão carregava. A arma que lhe foi tirada naquele lugar. O barulho ensurdecedor ao redor limitava a concentração, mas o som dos corpos de vez em quando caindo na arena era pior. Quando sua atenção deixou a arma e se fixou no olhar do gigante, Ürkdra já estava correndo para cima dele.

O primeiro golpe do martelo arrancou um pedaço do solo pedregoso ao bater no chão. E bateu de novo. E de novo. E de novo. Strider apanhou pedregulhos do chão e arremessou uma, duas, três vezes. Todos foram desviados por golpes do mesmo martelo que continuava a persegui-lo. Ao desviar-se de mais um golpe, ergueu a lança de ponta esculpida, que bateu na pele dura de Ürkdra, sem penetrar o suficiente. O punho livre agiu, e Strider sentiu o golpe nas costelas. E então se dobrou diante de mais uma pancada, e desta vez o martelo lhe acertou a mandíbula.

O corpo de Strider girou no ar antes do tombo.

O gigante montou por cima dele e o martelo desceu em um movimento desferido por ambas as mãos.

Strider ergueu-se e travou as mãos unidas no cabo da arma que iria golpeá-lo. Um duelo de força se estabeleceu, sem nenhum dos dois ganhar vantagem. Veias saltaram no rosto de Ürkdra, que não entendia de onde vinha a súbita força do oponente. Ao sentir a arma entre seus dedos, Strider fechou os olhos e, de súbito, algo piscou em meio ao emaranhado que os dois haviam se tornado antes de pulsar como uma onda.

O corpo do gigante voou para trás.

Ürkdra levantou-se assustado, gritou algo relativo à guerra e partiu mais uma vez. Ao saltar sobre o inimigo, armou um soco que o afundaria no chão como um

prego. Strider se ajoelhou e ergueu o martelo. Mais uma vez algo *pulsou* da arma, e Ürkdra foi jogado para trás.

– Gün – disse o homem, na língua dos gigantes. *Pare.* – Gün ny! – *Pare agora.*

O ciclope travou, desnortado pela própria imobilidade e por ver o homem falar com ele em seu próprio idioma.

– Gün ny, ti kën! – *Pare agora e eu ajudo.*

Ürkdra tremeu ao entender. Ao fundo, os animaiscos ainda gritavam, querendo o confronto ou temendo o que significaria a interrupção dele. Quando mais um corpo de homem-lagarto caiu do alto e Ürkdra o agarrou, partindo sua coluna em um estalo, contudo, todos compreenderam o que estava para acontecer.

Foi por isso que os portões do alto foram abertos. Ainda havia apenas duas maneiras de sair vivo daquela arena. Uma envolvia matar Ürkdra.

A outra, uma Criatura.

Ela desceu rastejando. Ashanti ouviu quando os portões do alto se abriram e a Criatura foi em direção ao fosso. Normalmente, quando ela descia, todos se afastavam das janelas ou acabavam com uma parte do corpo devorada no trajeto. De vez em quando ela saltava de muito alto, e ia até o fosso planando com membranas abertas.

Naquele dia, ela desceu devagar. A sombra das patas foi se desenhando pelas paredes de pedra. Prisioneiros caíram para trás em um efeito dominó desesperado, enquanto do outro lado homens-lagartos ainda alucinados pareciam se divertir com a cena.

– Certo, hora de improvisar! – comentou ela para si própria.

Quando o monstro passou pela janela da cela, um anão perdeu uma parte da carne do pescoço. Ashanti, para desespero de todo recinto, de repente agarrou pelas bordas um dos barris de vinho que havia rolado para perto da janela, e soltando uma espécie de kiai, girou duas vezes como uma arremessadora de peso olímpica, e, sem explicação aparente...

***BAM!***

O barril atingiu em cheio a fuça da Criatura.

De perto era ainda mais horrenda. Os olhos amarelos sem pupila se acenderam, o rosto de tarântula apontando para dentro da cela. Houve gritos. Homens-lagartos que a princípio apreciavam a cena de repente entraram em desespero ao vê-la enfiar alguns dos seis braços pelas brechas, caçando Ashanti. Com o coração descontrolado, ela rolou no chão na primeira investida da criatura de quatro metros. Saltou na segunda. Na terceira, girou para trás por reflexo, antes que um dos braços a pregasse no solo.

O golpe acertou uma das partes da corrente que prendia Gogua.

Ashanti travou de susto, e uma das patas da criatura lhe agarrou o cabelo crespo, puxando-a pelo couro cabeludo. Ela gritou. Com um dos braços liberados, o macaco de pele azulada girou a corrente como um chicote. Os elos metálicos desceram com violência na pata do ser monstruoso, chocando-se contra as placas de matéria orgânica nitrogenada. A Criatura rosnou. Gogua mais uma vez girou as correntes pela algema presa ao braço e a acertou novamente.

Ao fundo, homens-lagartos chegavam, procurando chaves para abrir a cela. O pandemônio deixava prisioneiros assustados com o monstro que queria entrar de um lado e com os soldados reptilianos que queriam entrar do outro. Alguns corriam, caíam, eram pisoteados e começavam a atacar os que lhes pisavam sem querer.

Ashanti tentava soltar o outro braço de Gogua, mas não havia como. As portas da cela se abriram e homens-lagartos entraram, batendo em tudo que estivesse pelo caminho, espetando com lanças os mais desesperados em frenesi e tentando fazer a Criatura se afastar. Aquilo irritou o monstro *ainda mais*. Colocando o corpo e as patas para dentro da cela, a bocarra começou a devorar corpos humanoides com quatro caninos. Garras perfuraram troncos, enquanto o sangue dos mortos deixava o chão escorregadio.

Ashanti correu para apanhar uma lança de um guarda reptiliano que terminou com o rabo decepado em um golpe, mas, quando conseguiu pegá-lo, a garra da criatura veio na direção do seu rosto.

O choque a impediu de gritar.

O som da corrente tomou o lugar do grito que não veio, e os anéis se entrelaçaram no braço que lhe furaria o rosto, travando-o. Gogua então foi dando mais voltas nos elos metálicos em torno do próprio braço novamente, afastando a criatura de Ashanti. E por último inspirou fundo e jogou o braço para trás, deslocando um dos seis braços da Criatura.

O urro emitido derrubou muitos dos que tentavam se manter de pé.

Em estado descontrolado, a Criatura arregalou os olhos amarelos sem pupilas, virou-se totalmente na direção do símio ainda preso por um dos braços e...

– Não! – gritou Ashanti.

... afundou-lhe a garra de uma das cinco patas que restavam, abrindo-lhe o estômago.

Lágrimas azuis escorreram do símio.

Lágrimas incolores, da humana.



– JYRĪ! – insistiu Strider, oferecendo o martelo para o gigante. *Arremesse.*

Ūrkdra se deteve por um momento, surpreso com o instante de confiança. Em seguida, pegou um martelo metalizado, girou o braço em alguns círculos de maneira bruta e arremessou a arma na direção do monstro metros acima.

O corpo entortou e caiu. De dentro da cela, só se ouviu o choque e a queda em que foram arrastados alguns prisioneiros e homens-lagartos inteiros ou em pedaços. Com a lança nas mãos, Ashanti correu até Gogua, ainda no chão, com um buraco no abdômen.

– Eu posso... o que eu posso fazer... não era para isso... nada disso... não assim... – dizia ela, com tristeza. – Jamais assim...

O símio olhou para ela e, no último movimento, colocou a mão no peito, acima do ferimento.

– Eu sei... – disse ela, tocando no medalhão.

Ao perceber que ela havia compreendido, o símio fechou os olhos. Ainda chorava lágrimas azuladas. Na cela, os homens-lagartos restantes intimidavam os prisioneiros a se acalmarem e se postarem com as costas coladas nas paredes. Quando um deles partiu na direção dela, Ashanti ergueu-se e, em dois movimentos, tomou-lhe a lança das mãos, pisou nela e partiu a ponta esculpida, transformando a arma em uma simples vara. Em estado de ira, girou o bastão e acertou a face do reptiliano mais próximo.

Os outros a cercaram, apontando mais lanças em sua direção.

– Ajam agora ou vivam entre correntes para sempre! – gritou ela na língua de Taremu, esperando que alguém a compreendesse.

Houve segundos de hesitação. E então os prisioneiros começaram a atacar os guardas, iniciando o motim.

Poucos ali compreendiam as palavras. Todos, entretanto, guiavam-se nas atitudes.

Mesmo porque aquela noite era a Noite da Serpente.

O corpo caiu se remexendo e atingiu o chão com estrondo. Deveria ter ficado de cabeça para baixo, mas tal qual uma aranha, saltou e endireitou o corpo, buscando o inimigo. Um dos braços estava torto, pendendo solto. A Criatura moradia o ar, desorientada. Ūrkdra correu e uma das garras lhe rasgou a pele na altura das costelas. O gigante sentiu. A criatura o derrubou no chão e desceu os

dentados sobre ele. O ciclope segurou o monstro pelos ossos em forma de tarântula e torceu a parte do esqueleto calcificado até se partir.

A bocarra do monstro se abriu novamente em dor. E um martelo lhe quebrou cinco dentes em um único golpe.

Strider conferiu o ferimento do gigante. Ūrkdra irritou-se pela preocupação. Lembrando um besouro desorientado, a Criatura tentou se movimentar em quiques, saltando sobre eles mais uma vez. O martelo de Strider foi erguido e novamente algo *pulsou* daquela arma. Quando o corpo do ser hediondo foi atingido pela aura pulsante, foi lançado bruscamente de encontro à parede de pedra.

Em um momento inédito, a Criatura de repente tentou escalar as paredes de volta para sua cela. Contudo, em meio aos urros animais de dor, acabava por tombar do alto em todas as tentativas, dando pela falta das patas deslocadas e devido ao senso de orientação deturpado pelos ferimentos. Ao perceber o estado em que o ser se encontrava, Strider foi até uma das paredes e começou a esmurrá-la com o martelo, abrindo um rombo. Ūrkdra foi até a Criatura, domou-a como um cavalo e prendeu-a no chão pela cabeça. Homens-lagartos armados e vestidos para combate apareceram no buraco por onde Strider abria passagem a golpes. Do lado de dentro, prisioneiros em descontrole brigavam e se atacavam utilizando tudo que aparecesse como arma, descendo escada abaixo. A entrada da arena se abriu em meio ao digladio entre prisioneiros e aprisionados.

Ūrkdra se preparou para torcer o pescoço da Criatura.

– Ny! – gritou Strider. *Pare*. Quando a atenção do gigante se focou nele, se ouviu: – Jyrí!

Ūrkdra mudou de posição e, ainda agarrado aos ossos que mascaravam a face do monstro, girou duas vezes no ar e *arremessou* o monstro no meio dos reptilianos que entravam na arena.

Foi assim que os reptilianos começaram a tombar e a rebelião se fez, liderada por prisioneiros. Quando as portas foram abertas pelo mesmo gigante que os oprimia, o som de mortes, ferimentos, rugidos, urros e movimentação vulcânica continuou, ampliando-se para outros pontos, onde a inspiração de rebeldia se repetia e novos embates se iniciavam.

Ashanti, em meio ao pandemônio, guiou-se atrás do homem de coração forte que via correr com o martelo metálico em mãos. Foi assim que, ao lado de tantos condenados, eles saíram de um mundo fúnebre, deixando o cárcere para trás.

Do lado de fora, porém, a surpresa foi ainda maior.

Corpos de guardas humanoides se espalhavam pelo cenário, mortos por uma força externa que lhes ajudava a derrubar o covil. Um tanque de guerra e quatro guerreiros vestindo armaduras.

Strider parou diante da máquina de combate e do quarteto de armadura que o observava do meio dos cadáveres de homens-lagartos. O corpo cinzento de Adross apareceu de uma abertura do veículo.

O patrulheiro dimensional sorriu.

– Hora de evitar o fim do mundo ou morrer tentando... – disse o cinzento.

Era esse o preço da liberdade em um mundo de demônios e heróis.



## A NOITE DA SERPENTE

EM TAREMU, O MUNDO ENEGRECEU. Um demônio em forma feminina chegou ao lugar, iniciando o ciclo das luas de sangue, e as portas do Submundo começaram a se abrir. Monstruosidades oriundas do inimaginável subiram para uma terra que não as desejava, trazendo consigo uma sede por horror como não se via há tempos, mesmo naquelas terras. Crianças foram arrancadas das mães e partes de seus corpos utilizadas como ingredientes de rituais indescritíveis. Mulheres foram dominadas por seres grotescos. Monges em forma de leão foram queimados em praça pública como sacrifício à Serpente. Um príncipe torturado, a quem antes chamavam de mestre, foi obrigado a assistir a suas mortes.

De vez em quando, no topo da sacada do Castelo Estelar, exibiam Mihos. O corpo a cada momento mais frágil. Os cabelos cheios eram um emaranhado de sujeira em meio a um rosto fino marcado por violência. Às vezes o deixavam nu, banhavam-no com sangue, cuspiam nele e obrigavam-no a caminhar em meio ao povo, acorrentado ou carregando coisas pesadas, como um criminoso. Ravenna desenhou símbolos de mácula no corpo dele, em um círculo de velas vermelhas. Depois cortou o pulso, selou um ideograma e entoou canções de sacrilégio.

E por onde se caminhasse ouviam-se risadas de demônios. O som era mais alto que os choros, os lamentos, os gritos ou as preces. Eram risadas como as de possuídos: estridentes e descontroladas. Insetos dançavam ao redor de cadáveres de humanos e bichos, espalhados pelas ruas em meio a dejetos, rastros de sangue, vômito e imundícies.

E os demônios continuavam rindo. Isso era o que mais doía na alma dos cidadãos de Taremu.

Eles traziam o fim do mundo.

E continuavam rindo.



O CHÃO ESTAVA ESCORREGADIO DE SANGUE. Profanado já por vezes suficientes para condenar duas gerações, o Templo do Leão se transformara em um recinto de corpos amontoados em sacrifícios hediondos. A todo momento,

homens e mulheres eram trazidos para servirem como sacrifícios a entidades que dominavam a fé de demônios. Um pentagrama vermelho demarcava o centro do lugar, e o sebo de velas coloridas fornecia a iluminação trêmula e deturpada. No centro, comandando os sacrifícios, o demônio-bruxa, Ravenna, e seu demônio-rei, Asteroph, promoviam seu festival de horror. De tempos em tempos, demônios se espremiavam e ultrapassavam a barreira ainda estreita do Submundo, e tomavam os corpos humanos caídos no pentagrama, andando em liberdade naquela dimensão.

– Tragam-no! – sibilou ela no detestável idioma. – E tragam o outro para que ele veja.

Dois demônios ocupando os corpos de dois monges com ferimentos expostos deixaram o templo. Machucado, com hematomas espalhados pela face e feridas abertas expostas, Mihos foi trazido seminu com os braços amarrados para trás e uma mordaca lhe envolvendo a mandíbula. Ao ser arremessado de joelhos diante do demônio feminino, escutou Asteroph proclamar:

– Está vendo o que este lugar irá hoje se tornar? – disse o demônio. – Contemple pelas frestas um plano inferior prestes a ascender!

A um sinal, a mordaca de Mihos foi arrancada.

– Tome minha vida, como fez com a do rei Maru – desafiou ele. – Tome a de todos os monges de Taremu, treinados para o sacrifício. Se eu for a dádiva em que eles acreditam, de nada adiantará...

– Você vai se libertar? – quis saber Asteroph.

– *Alguém* vai me libertar.

Asteroph se aproximou dele e lhe rasgou um pedaço do rosto com as unhas.

– Irei devorá-lo membro por membro em instantes – prometeu ele. – Sua cidade já tombou e até mesmo as sombras de Taremu já nos pertencem.

– Vocês rastejam nas sombras, enquanto caminhamos pela luz de estrelas.

– Suas estrelas não existem mais!

– A luz delas continuará a ser vista muitos anos depois de suas mortes.

Asteroph armou outro golpe. Demônios com ferimentos costurados pelo corpo entraram no templo em desespero.

– Demônio-rei, nossos portões estão sendo atacados! – disse um deles, na língua dos demônios.

– E que tipo de insano ousa enfrentar o Mal em um dia como hoje?

– Insanos guiando um carro de guerra, meu rei.

Mesmo com tantas estrelas mortas, talvez ainda houvesse algum rastro de luz em Taremu.



A CHEGADA FOI ANUNCIADA COM UM ESTRONDO. A caixa de guerra blindada invadiu a entrada de Taremu, ao som da destruição provocada por artilharia baseada em gás aquecido e ionizado. Pinças conectadas a cilindros metálicos cuspiram chamas enquanto o veículo foi impulsionado para dentro de uma filial do Submundo. No comando da máquina, o patrulheiro dimensional Strider coordenava posições e ângulos de tiro, enquanto o cinzento Adross guiava o tanque através de uma projeção conectada a seu cérebro. Um grupo de doze dracônicos foi pulverizado de uma única vez com um tiro de plasma, e o patrulheiro gritou:

– Não se concentrem nos que estão no chão! Se concentrem nos do céu!

As miras se movimentaram e estouraram as asas de dragões-zumbis, que caíram como insetos, matando seus montadores. Os corpos desenhando borrões de garras, chifres e membranas em queda livre levantavam poeira ao bater no chão. Alguns dragões-zumbis dançaram no ar em movimentos angulares, e dracônicos dispararam chamas escuras das lanças de pontas triangulares na direção da proteção metalizada. O tanque não cedia, mas tremia a cada vez que era atingido.

– Aquela combustão vem da própria energia demoníaca! – gritou Ashanti, ao reconhecer a arma.

– Então vamos devolvê-la.

Escudos refletores moldados com metal-vivo em painéis sólidos foram elevados em três pontos diferentes do carro de guerra, acionados por Adross. Refletiram o fogo dracônico, atingindo de volta tanto dragões-zumbis em voos curvos quanto inocentes tentando fugir da guerra.

– Se existe uma maneira de vencer hoje, não será lutando sozinho! – gritou Strider, entregando o rifle *hi-tech* para Derek. O ranger compreendeu.

De dentro do tanque, era possível enxergar ao fundo monges presos por gargantilhas utilizadas para domar gigantes.

– Dragões... – ordenou Derek, virando-se para o grupo ao fundo. – Hora de voar!

– Nós temos um nome de guerra agora? – questionou Romain, ainda meio enlouquecido com o cenário do lado de fora.

– Eu gosto – comentou Amber de maneira fria.

– Eu também *adorei!* – complementou Daniel.

– Você é virgem, Daniel! – resmungou Romain. – Você vai concordar com

qualquer coisa que ela diga!

Daniel ignorou as provocações. De todos, era o único que parecia *animado* com aquilo, por tudo a que lhe remetia. Aquela sensação fez com que se lembrasse de humilhações, de depreciações, de surras. De todas as vezes em que venceu pela inteligência, para ser depois fisicamente massacrado no fundo da rua por garotos maiores. E fez com que se lembrasse da infância em que a fuga para a violência do pai alcoólatra e falido eram os livros, filmes, desenhos animados e artes marciais com espadas, que resgatavam sua ascendência oriental. No meio daquela desordem, Daniel lembrou-se da entrada na faculdade. E da morte do melhor amigo, espancado e afogado em uma piscina em um trope violento. O maldito incidente provocado pelo herdeiro da mesma corporação que ele posteriormente ajudou a derrubar com ataques virtuais e exposição pública.

Daniel lembrou-se de tudo aquilo em poucos segundos porque a sensação de poder em parte era a mesma que ele sentiu naquele dia.

O dia em que sua inteligência humilhou, depreciou e surrou pessoas maiores do que ele.

De corporações, os ataques passaram a ONGs de fachada, a portais de conteúdo racista, a sites que distribuíam conteúdo de pornografia infantil. Em um ano, sob o codinome *B00merman*, Daniel se tornara um dos hackers mais admirados do submundo cibernético. Um submundo hackivista que se movimentava para derrubar qualquer um que se propusesse a tentar controlar o fluxo de informações ou a liberdade de expressão.

Um submundo de guerreiros voluntários sem face. Uma parte de um cérebro global, constituído de ações coordenadas. Um soldado de uma legião *anônima*.

Como naquela armadura, naquele momento.

– Em operação, nos comunicamos por codinomes. Aproveitaremos as cores do sangue banhado – instruiu Derek, dominando a atenção. – Nesse grupo, temos três dragões e duas dragonesas. Isso é muito difícil pra você?

Romain ficou mexendo a boca sem emitir som, com os olhos vidrados. Ashanti se dirigiu a Derek:

– Precisamos chegar ao Templo do Leão! É lá que o ritual acontece! É lá que Mihos deve estar!

– Preparem-se para sair! – gritou Derek, enquanto escudos externos refletiam a combustão e o corpo metalizado do tanque tremia ao ser atingido.

– Nós não precisamos acionar essas armaduras com nenhuma coreografia escandalosa, certo? – perguntou Romain.

– Eu mal me lembro de como se aciona isso... – resmungou Ashanti, observando a tela de luz do bracelete de cristal presa ao pulso.

– Adross! – gritou Derek.

Adross fez um movimento lateral com o braço e uma das portas do carro de

guerra foi aberta na vertical, ampliando o som da batalha e dos cilindros que deslocavam o tanque. Derek tocou no pulso.

– *Metamorfose!* – proferiu o ranger, enquanto caminhava e se posicionava de pé na porta. Numa fração de segundo, a armadura de metálder se manifestou: negra com detalhes vermelhos ao longo do corpo, e um capacete escuro com visor cristalizado que pulsava em cor escarlate. O rifle pesado foi desfragmentado e conectado a um bolsão dimensional.

– Puta que me pariu! Eu acho que *nunca* vou me acostumar com isso! – reclamou Romain, observando boquiaberto.

Daniel acionou o próprio painel e desenhou os dois primeiros riscos do desenho de uma estrela. A armadura negra com detalhes azuis que lembravam tatuagens tribais lhe cobriu o corpo.

– Risque no painel assim e assim! – explicou Amber novamente a Ashanti, enquanto sua armadura de detalhes rosa-escuros lhe tomava o corpo. – Acredite, você vai *adorar* a sensação de estar dentro desta coisa!

Ashanti acionou sua armadura, unindo o corpo ao biometal banhado em sangue de dragão dourado. Os detalhes dourados se espalhavam em desenhos que lembravam pinturas de guerra. Os olhos se expandiram quando a sobrecarga de adrenalina lhe tomou o coração, que quase parou com a superabundância de enzimas.

– Uau... – suspirou ela. – Acho que eu também nunca vou me acostumar com isso...

Derek foi o primeiro a saltar do carro de combate em direção à batalha. Amber foi a segunda. Daniel o terceiro. Ashanti a quarta.

– Quer parar de ficar me olhando assim? – gritou Romain para Strider, sabendo que ele não o entenderia. – Eu quero ver quando chegar a sua vez o que é que você vai fazer!

O painel do mecanismo do pulso acionou o uniforme metalizado mesclado com sangue de dragão verde. A cor negra com ideogramas circulares em esmeralda espalhados pelo corpo se adaptou ao biótipo dele, e Romain de repente sentiu as pernas pararem de tremer.

– *Dragões, hora de voar!* – repetiu ele, balançando a cabeça e produzindo uma voz fina. O capacete tornava a cena ainda mais absurda. – Quem diabos grita uma porcaria dessas diante do fim do mundo?

Foi pensando nisso que ele saltou em direção à batalha final.



O NARIZ DE UM DRACÔNICO AFUNDOU. A pancada fora desferida pelo punho do ranger vermelho, quebrando o osso do oponente no meio da face. Um segundo tentou chutá-lo. Derek lhe segurou a perna, lhe agarrou o pé e, em um movimento, lhe deslocou ossos e rompeu articulações. O corpo do monstruoso foi utilizado como escudo, quando outro tentou mirar nele um raio de energia escura. Correndo com o cadáver-escudo e derrubando outros pelo caminho, Derek arremessou o morto longe, agarrou o inimigo ainda vivo e trouxe o crânio na direção do próprio joelho, quebrando o maxilar do humanoide. Depois acionou o painel de luz. O rifle de assalto *hi-tech* reconstruiu-se molecularmente do bolsão dimensional para as mãos dele. E ele começou a atirar.

Atrás dele, Amber saltava nas costas de um dracônico, entrelaçando as pernas no pescoço da criatura. Aproveitando a surpresa, ela tomou a lança de ponta triangular das mãos do bicho e a arremessou na direção de Ashanti. Em seguida, a dragonesa rosa-escuro quebrou o pescoço do inimigo.

Ainda assustada, Ashanti tentava equilibrar a adrenalina de estar dentro *daquilo*. A sensação inicial era de se estar quimicamente alterada, com os sentidos inteiramente despertos e a energia em sobrecarga. O mundo parecia se mover mais lentamente porque dentro daquele uniforme o corpo respondia mais rápido. Conectado diretamente ao sistema nervoso, o biometal era capaz de regular algumas doses de hormônios, como adrenalina e endorfinas, de acordo com o estado do corpo do hospedeiro.

A consequência era que qualquer pessoa comum dentro daquele uniforme sentia-se um deus.

Um dracônico teve toda a metade esquerda da face queimada quando Ashanti lhe disparou um tiro de energia com a lança arremessada por Amber. Outro estava com as costas em chamas. E um terceiro sentiu o cabelo grosso trançado chamuscar até que os fios pegaram fogo e queimaram seu crânio. Um dracônico se aproximou pelas costas e jogou Ashanti no chão, tomando de volta a posse da lança de ponta triangular. A arma foi apontada na direção dela. E então a cabeça dele tombou separada do corpo quando o dragão azul lhe transpassou no pescoço uma espada moldada com osso de dragão.

Daniel observou a cabeça do inimigo no chão e se chocou consigo mesmo por um momento. Outros se aproximavam, mas seu raciocínio, que já era rápido, parecia atingir um nível superdotado. A espada de osso de dragão fez um dracônico *sangrar* quando lhe separou um pedaço do braço. Daniel definitivamente *gostava* da sensação. E então ele cortou mais uma perna, rasgou um tórax, rasgou metade de uma face, cortou outra perna, furou um pescoço, perfurou uma coxa, separou um queixo e continuou a avançar. Como um samurai sem mestre, o dragão azul trazia a morte a criaturas sem honra, continuava a avançar e continuava a gostar.

O desconcerto era nítido. Romain observava o caos ao redor e perdeu a referência sobre como agir. De repente, a voz de Derek lhe surgiu na cabeça:

– Se eu lhe der cobertura, você consegue correr até os monges?

O dragão verde começou a coçar a lateral do capacete, como se houvesse um mosquito ali.

– Primeira coisa: *como* diabos você está fazendo isso?

Ao fundo, Derek continuava atirando em dracônicos.

– Isso importa mesmo agora? – perguntou ele com a voz afobada, entre um tiro e outro.

– Humpf! – resmungou Romain. – Certo, o que importa mesmo é: *por que* eu deveria correr até monges capazes de virar LEÕES?

– Porque não é você que eles querem matar.

Romain observou as gargantilhas que prendiam os seres grandes e já vermelhos pela tentativa de se livrar da presilha, no desejo de participar da guerra. Entre ele e o grupo, apenas caos, morte, fogo e destruição.

– Eu espero que você saiba o que está fazendo... – comentou Romain.

Silêncio.

– Ei, você está me ouvindo? O que é agora? A ligação *caiu*, foi?

– Desculpe, estava matando mais dois – comentou Derek, quando a voz retornou. Depois gritou: – Eu não tenho mais tempo, *dragão verde!* Decida logo: você *consegue* fazer isso ou não?

– *É claro* que eu consigo, *senhor-capitão-ranger-dragão-vermelho!* A questão é: como *você* vai cuidar da minha retaguarda?

Um tiro abriu um rombo na articulação que unia uma asa de um dragão-zumbi ao corpo e o bicho tombou próximo de Romain.

– Preocupe-se com a sua missão, eu me preocupo com a minha – ordenou Derek

E com isso o dragão verde partiu.

– Aproxime-se do templo – ordenou Strider, ainda dentro do carro de guerra.

Adross redirecionou o veículo para o edifício religioso. Feixes de luz escapavam de todos os vitrais, enquanto demônios e dragões-zumbis rodeavam a arquitetura como moscas.

– Está na hora? – perguntou Adross.

– Sim, é hora de saber se Nanuke e seus ferreiros-alquimistas fizeram um bom trabalho! – definiu Strider.

O patrulheiro dimensional se posicionou dentro de uma espécie de tubo, que se conectava com o segundo andar, onde ficava o uniforme sem abertura.

– *Transmutação* – ordenou ele.

O scanner interno leu a posição do patrulheiro e o controle atômico reconstruiu a nuvem de átomos ao redor do corpo dele. Quando o processo se fez, a

armadura de combate mais destrutiva já criada por qualquer tecnologia vestia um homem treinado para a guerra.

Através de microfibras de metais fundidos em uma tonalidade escura, a peça de corpo inteiro e visual futurista restaurada se complementava em um capacete arredondado com visor e bocal prateados, lembrando um motoqueiro. Dois olhos dourados se acenderam no visor, acentuando a aparência androide. Ele apanhou o martelo de metálder e a própria inteligência artificial do sistema interno finalizou os armamentos.

O corpo protegido de quase dois metros de altura se aproximou de Adross, e o ser cinzento enxergou ali, enfim, uma chance de vitória.

– Os controles dimensionais estão mesmo irreparáveis? – perguntou Strider.

– Infelizmente! É impossível a conexão com sua base ou o recebimento das coordenadas dimensionais. Só há como sair desta dimensão através de magia.

– Então teremos mesmo de confiar em um demônio-bruxa.

– Para o nosso azar.

Strider se deslocou até a porta lateral.

– A Árvore cumpriu o prometido? – questionou.

– No tempo em que permaneceu preso, ela praticamente transformou este tanque em uma bomba de metal-vivo.

– E a quantas anda sua fé em seus deuses colossais?

– Eu vim para esta dimensão fugindo dos meus deuses colossais! Isso demonstra o valor da minha fé...

– As maiores convicções religiosas derivam do medo dos devotos aos seus deuses.

– Então minha fé nos deuses de Vega está em um nível fanático.

Por baixo do uniforme, Strider sorriu. A porta se abriu na vertical e ele se posicionou.

– Se não nos virmos mais, meu amigo, espero que tenhamos uma boa morte...

– Foram as palavras do patrulheiro.

– É para isso que estamos vivos.

O patrulheiro dimensional saltou.



O DRAGÃO VERDE AVANÇAVA. Ignorando a chacina provocada pelos outros, ele desviou de golpes, pedaços de corpos, poças de sangue e disparos de armas de energia demoníaca. Quem observasse a cena de fora veria um homem de

armadura capaz de ignorar a gravidade e realizar proezas atléticas inacreditáveis. Quem pudesse ter acesso ao que acontecia dentro da armadura, porém, o ouviria resmungar em francês:

– Ai, cacete! Porra! Sai, sai! Que porra é... PUTA MERDA, aquilo quase me acertou! Ai, desgraçado de uma figa! Peraí, aquele japonês arrancou MESMO as mãos daquele bicho na espada? Eu não acredito que aqueles aldeãos burros me deixaram *desarmado* em uma cela com esse psicopata! É sério que eu estou correndo na direção de homens-leões?

– Dragão verde, eu *ainda* posso escutar você – comentou Derek entre um tiro e outro do rifle de assalto, embora não o compreendesse por completo.

– Eu tenho uma sugestão, *chefe*: SAIA DA DROGA DA MINHA CABEÇA ENTÃO, PORRA!

Dois dracônicos que já tinham matado cinco monges de Taremu tentavam apertar a gargantilha de mais dois. Ao verem Romain se aproximar em velocidade, apanharam duas maçãs com ponta arredondada e espinhos de metal do chão.

– Ei, chefia, já que você tá por aí, será que daria para...

Dois tiros explodiram o crânio de cada dracônico, deixando por um segundo de pé dois corpos sem cabeça, ainda segurando duas armas. Com a armadura manchada pelo sangue das criaturas, Romain analisou o mecanismo das gargantilhas. Estavam tão apertadas que era impossível para os monges se transformarem sem se enforcarem no processo. A maioria dos rostos levava marcas da circulação presa, já lhes estourando vasos sanguíneos nos olhos.

– Ah, quer saber? Vai ter de ser na raça mesmo! – definiu.

As mãos se fecharam ao redor da gargantilha ligada ao pescoço do primeiro monge e ele *forçou*. E forçou. De repente, sentiu uma dose extra e abundante de adrenalina no sangue. E então...

– Quebra! – gritou ele. – Quebra, sua filha da...

O elo forçado se partiu! O monge de Taremu soltou um *kiai* quando conseguiu respirar novamente e, de repente, sua massa muscular cresceu, rasgando as roupas em trapos, criando pelos, garras e dentes alongados.

O homem-leão apanhou a maçã do cadáver dracônico do chão.

– Amigo... amigo... – disse Romain com as palmas abertas, tocando em si próprio. Depois, apontou para os dracônicos em guerra ao fundo. – Inimigo! Pega! Pega!

– Isso é um homem-leão, seu idiota! Não um pokémon! – a voz de Daniel de repente surgiu.

– Eu nem sei que porcaria é um Pokémon, seu nerd desequilibrado! E quem autorizou você a entrar nessa frequência?

– Ele não vai atacar você, chorão – veio a voz de Amber, enquanto ela matava mais um.

– Mas que negócio é esse? – reclamou Romain com a voz fina. – Virou *grupo de discussão* essa porcaria agora? E eu ainda tenho um homem-leão com duas vezes o meu tamanho na minha frente!

O homem-leão partiu com a maça em mãos para matar. Enquanto o observava esmigalhar a cabeça de um reptiliano, a voz de Derek retornou por dentro do capacete de Romain:

– Liberte os outros! – ordenou ele. – Eles tomarão nosso lugar aqui!

– Daqui nós vamos a algum lugar? – resmungou Romain, enquanto quebrava outra gargantilha de um homem-leão quase sufocado.

Houve barulho e agitação. Gritos de batalhas animais foram aumentando da entrada da cidade até ali, denunciando a aproximação da violência. Quando dracônicos começaram a morrer, o esquadrão metálico suspirou um pouco.

Ao campo de batalha chegaram gigantes antes escravos, comandados por um ciclope de tranças longas.

– Nós vamos libertar Mihos! – proclamou Ashanti.

– Nós *também* vamos fazer isso – complementou Derek – Além de matarmos um demônio-rei.



## NO TEMPLO DO LEÃO REINAVA A PROFANAÇÃO.

Ajoelhado e com o pescoço preso em uma gargantilha, o príncipe Rögga mal encontrava forças para respirar.

Do altar, um fecho de luz saía de uma fenda aberta por onde monstruosidades subiam. Espíritos sombrios que não conseguiam se manifestar no plano físico tomavam os corpos dos mortos. Os que conseguiam se mostravam variações ainda mais deformadas de seres dracônicos. A luz das estrelas descia pelos vitrais, e, quando o fecho de luz principal enfim se posicionou por completo sobre um pentagrama de sangue pintado no solo, o demônio-bruxa gritou:

– É hora, enfim!

– Que o sangue jorre e a Serpente ressurja – exigiu Asteroph.

E então ele rasgou um pedaço de pele na altura do estômago de Mihos, e ergueu o corpo semimorto, enquanto o sangue das estrelas se espalhava. Ravenna desenhou um ideograma por cima de um símbolo demoníaco.

– Deribekan Databanda! Deribekan Databanda! Deribekan Databanda! – começou a entoar o demônio-bruxa.

– Hora de descobrir se o sangue dessa oferenda realmente possui qualidades

magníficas.

Sem aviso, a entrada do templo se partiu sob os tiros do tanque de guerra e, do meio dos escombros, Strider surgiu. Monges e cidadãos mortos-vivos mal tiveram tempo de reagir quando o martelo metalizado zuniu seus corpos como bonecos. Dezenas de dracônicos correram para cima do invasor de uma única vez. Strider rodopiava o martelo em arcos concêntricos que esmagaram crânios e afundaram membros. Sua maior preocupação, porém, era se aproximar antes que tudo aquilo se consumasse.

- Pensei que já estivesse morto a essa altura – comentou Asteroph.
- Deribekan Databanda! Deribekan Databanda! Deribekan Databanda!
- Você não me deixaria morrer antes do fim desta noite!
- O chão então começou a tremer. As paredes do templo, a rachar.
- Deribekan Databanda! Deribekan Databanda!
- Sim – concordou o demônio. – Para que você perca pela segunda vez...

No desespero da cena, o príncipe Rögga sentiu a transformação em homem-leão dominá-lo. O pescoço foi pressionado e a língua se projetou. Sentiu-se enforcado, o corpo tremeu, a circulação ficou presa e ele achou que iria se afogar no próprio sangue.

Asteroph ergueu o corpo de Mihos para rasgá-lo em dois e, diante da cena, a transformação acelerou, destruindo a gargantilha no processo.

Rugindo em meio ao pandemônio, ele saltou em cima de Asteroph antes que o corpo de Mihos fosse separado. As patas de leão derrubaram o demônio-rei, e então uma das garras lhe *furou* um dos três olhos, puxando o glóbulo para fora da face demoníaca.

Como em muito tempo não acontecia, Asteroph gritou de dor.

Ainda com o rombo na testa onde antes ficava o terceiro olho, o demônio-rei cravou duas garras no peito do homem-leão e lhe abriu um buraco na pele. O príncipe o afastou e segurou os braços do demônio, forçando-os para arrancá-los antes de morrer. Asteroph enfiou a face demoníaca dentro do buraco aberto no peito de Rögga, e com os dentes lhe arrancou um pedaço do coração.

O corpo do homem-leão enfim tombou.

– Dikerá! – ecoou estridente a voz de Ravenna pelo ambiente.

E as paredes do templo explodiram.

Do lado de fora, guerreiros tombaram. Fossem seres humanos de armaduras metálicas, homens-leões, gigantes, seres reptilianos ou mortos de volta à vida, uma onda derrubou o campo de batalha de Taremu. Pedços de rochas se espalharam e nuvens de poeira subiram quando o Templo do Leão tombou, revelando uma fenda que ocupava quase todo o diâmetro do templo que ali estava.

– Mihos! – gritou Ashanti, ao ver a cena.

Sem esperar qualquer comando, ela correu na direção do templo. No caminho deixado para trás, homens-leões reforçavam a retaguarda, assumindo seus lugares nos arredores da cidade.

Quando Ashanti se aproximou o suficiente da fenda, a Serpente emergiu.



A VISÃO ERA INACREDITÁVEL. Com quase quarenta metros da cabeça até a ponta da cauda, e largura aproximada de cinco metros, as orelhas possuíam tufos e a narina era esticada como a de dinossauros, com uma bocarra repleta de dentes que saltavam para fora mesmo quando fechada. Um chifre único saía da ponta do nariz alongado, e as pupilas tinham o formato das de cobras venenosas. Fileiras de chifres menores lhe desciam ao longo da coluna a partir do topo da cabeça e escamas multicoloridas se encaixavam pelo corpo descomunal, da cauda espessa até as asas com falanges repletas de juntas salientes. A parte inferior do corpo, ondulada do pescoço até o fim do rabo, exibia uma cor vermelha da mesma intensidade da língua, que quando exposta reforçava o impacto da visão horrenda.

– Será que eu não posso *simplesmente* morrer e passar a eternidade na boa, em um lugar melhor do que este? – perguntou Romain, ao ver o bicho ascender.

A besta se contraiu, enrugando a pele por debaixo das escamas lisas, e então saltou com uma agilidade que não condizia com seu peso. O corpo subiu reto, impulsionado pelas patas traseiras, enquanto as asas adicionavam propulsão a cada batida. Ao atingir altura suficiente, planou com as asas abertas, e então desceu com a bocarra aberta na direção de Romain.

– Verde, corre daí *já!* – gritou Derek.

Romain correu e saltou em posição defensiva, entrando pela janela de uma casa cuja parede fora destruída pela Serpente. Pulou uma rede erguida no centro da residência e saltou novamente pela outra janela, enquanto o restante da estrutura também era demolida.

– Por que eu? – reclamou ele em francês consigo mesmo, enquanto continuava a correr em desespero. – Tem *cinco* desgraçados vestindo a mesma porcaria e *claro* que é atrás de mim que o *Cloverfield* vem!

– Ajudem o verde! – ordenou a voz de Derek novamente na frequência compartilhada. – Prioridade! Repito: o verde é prioridade!

Romain se enfiou em meio a dracônicos que, em vez de atacá-lo, se assustaram com a besta e tentaram correr igualmente, sem a mesma agilidade.

– Ah, muito obrigado, *líder vermelho!* – resmungou Romain, ouvindo dracônicos morrerem atrás dele. – Quando um lagarto gigante estiver atrás de você, juro que você também será a minha prioridade!

– Romain, cale a boca e concentre-se! – exigiu Daniel. – O ideal seria aproximá-lo do tanque, pra ver se Adross torra esse bicho!

– *Onde* a gente acerta uma coisa dessas? – questionou a voz de Amber, invadindo o canal de comunicação. A dragonesa rosa-escuro tentava alcançar Romain, desviando-se de demônios.

– Ora, atira no saco dele! – gritou Romain, esbaforido.

– Romain, já falei para... – tentou dizer Daniel.

– Eu estou falando sério, *senhor bazoo!* Essa coisa deve ter um! E eu duvido que tenha escamas por lá!

Derek subiu no telhado de uma casa e mirou o dragão, buscando um ponto de tiro em meio à proteção natural da criatura.

– O único ponto vulnerável é o tórax quando ele voa, ou a traqueia! – comentou Derek – Parece que não há escamas na frente do pescoço!

Romain saltou uma carroça e correu por dentro de uma feira de comércio, naquele momento abandonada. Barracas de frutas e carne crua se tornavam destroços atrás dele.

– Procurem pontos mais altos! – instruiu Derek – E onde está Ashanti?

– Acho que ela ainda está dentro do Templo! – respondeu Amber.

– *Fille de pute!* – berrou Romain, saltando para dentro de uma loja de cerâmica. – Eu aqui servindo de isca pro diabo e a mulher preocupada com o namorado!

– Vá ajudá-la! – exigiu Derek

– Você está falando sério? – insistiu Amber.

– É uma pergunta justa! – reforçou Romain.

– Vai, dragonesa! – gritou o vermelho.

Amber partiu.

– ‘Dragonesa’! – resmungou ela. – Você sabe mesmo como agradar uma mulher, sargento!

Em pleno turbilhão, Romain procurava opções para sobreviver em meio à caça.

– Pensei que eu fosse a prioridade aqui! – reclamou o francês.

– Você é – reforçou Derek

A cauda da criatura estalou, derrubando uma parte da arquitetura. Peças de cerâmica caíram e se espatifaram em cima de Romain. O corpo era protegido pela armadura, e o dragão verde começou a perceber que, ao menos dentro daquela coisa, o organismo nunca desacelerava a produção de energia e ele não sentia cansaço. Além disso, a tela de cristal lhe proporcionava uma imagem nítida, corrigindo desníveis de luminosidade, e ainda parecia realçar pontos ou

objetos que lhe ajudassem a sobreviver.

– Estou chegando, estou chegando! – gritou Daniel, cortando dracônicos pelo caminho na direção do topo de uma espécie de taverna.

Ainda dentro da loja de cerâmica, Romain galgou por uma escadaria, em desespero, até o segundo andar. De repente se viu sem saída, enquanto a criatura destruiu o chão para caçá-lo. Correu na direção da janela, sem saber o que esperar. O visor esverdeado de repente acendeu *dois detalhes* no cenário. O primeiro se tratava de uma barra de aço conectando as duas paredes de ângulos complementares à janela, utilizada, quando preciso, como varal. O segundo, de outra janela na lateral da parede complementar.

– Adeus, vida! – exclamou o francês.

Enquanto o chão era destroçado, o dragão verde saltou pela janela, agarrou a barra de aço, girou e se jogou torto para o lado, invadindo a janela de mais uma residência. Sem tempo para entender o que havia feito, ele levantou-se bruscamente e continuou a correr.

– Vocês viram isso? – berrou Romain. – Vocês viram mesmo isso? Meu Deus, eu espero que alguém tenha filmado!

Quando a Serpente se projetou para fora, destruindo o que restava da loja de cerâmica, Daniel pulou do alto de uma construção e mirou o fio da espada na traqueia da criatura. A lâmina a furou, rasgando um pouco do tecido da região, antes de a cauda estalar e jogar o brasileiro longe. O dragão azul quebrou uma parede e terminou em meio a uma estante, soterrado por livros grossos.

– Daniel! – gritou Romain.

Derek disparou o rifle e o projétil de vinte e cinco por quarenta milímetros bateu ao lado do olho do monstro. Assustado, ele buscou o atirador, que lhe acertou um segundo tiro no chifre. O ranger então acionou o lançador de granadas do rifle e disparou. O projétil explosivo cortou o ar e detonou perto da face monstruosa, cegando por um momento o abissal, que colidiu com a parede de uma alfaiataria.

Houve um momento de inação e a Serpente de súbito voltou a alçar voo, em fúria, avançando na direção do vermelho.

Derek armou outro tiro. Mas de repente um homem-leão saltou do alto de uma torre, caindo nas costas da Serpente. Sem pensar por muito tempo, ele cravou as garras em uma das asas da criatura e perfurou com os dentes o apêndice membranoso.

– Cacete! Esse é dos meus! – gritou Romain, enquanto se jogava na direção para a qual Daniel fora arremessado.

A Serpente emitiu um som animalesco, bambeou no ar e fez uma inversão em uma cambalhota aérea, arremessando longe o monge em forma de fera. Agitou a língua bifurcada, testando o ar feito uma cobra. E então planou na direção do dragão vermelho.

– Adross! Preciso de um tiro limpo! – ordenou Derek, correndo pelos telhados das construções. – O tórax! Mire no tórax!

Em outro ponto, Romain percebeu a perna por baixo do móvel e ergueu a prateleira que caíra sobre Daniel.

– Droga! É isso que dá não chamar profissionais!

O corpo do dragão azul estava imóvel.

– Você nem pense nisso, seu...

– Relaxa – sussurrou o outro. – Essa armadura funciona mesmo.

– Ao contrário do seu cérebro.

Romain o ergueu do chão. E eles escutaram o tiro e o rugido da Serpente.

O estouro foi impressionante. Bameada pelos ferimentos já aplicados, o tiro da artilharia de Adross tirou a noção de equilíbrio da Serpente por um momento e o ser abissal tombou no meio do campo de combate, esmagando combatentes. Chocados por um momento com a visão, no instante seguinte gigantes e homens-leões saltaram no corpo monstruoso e começaram a atacar da maneira que conseguiam.

Ignorando o restante da cena, Derek correu na direção oposta.

– É agora! Para o templo! Corram para o templo! – comandou.

Daniel e Romain se juntaram a ele na corrida, por cima das construções. Adross abriu caminho para os três. Derek esvaziou o lançador de granadas em meio a pedaços de órgãos de inimigos destruídos. No trajeto, eles mataram o que foi preciso e, ao entrarem no templo, encontraram apenas mais desgraça.

Ao redor de Mihos, Ashanti se movia com ferocidade, colecionando corpos. Próxima a ela, Amber tentava impedir que outros flanqueassem a africana, mas eles eram muitos e as duas tentavam resistir a um massacre.

Ao fundo, Strider se digladiava com Ravenna e um Asteroph sem um dos olhos.

– Reforcem a rosa-escuro! – ordenou Derek – Agora!

Daniel e Romain correram e se juntaram ao embate. Derek observou o corpo de Mihos no chão.

– Amarela! – exclamou com firmeza, atraindo a atenção dela. – Proteja o corpo!

Sem questionar, Ashanti abraçou o corpo masculino, ignorando os chutes e pancadas ao redor.

– Reforcem a proteção!

Sem entender o motivo e apenas confiando em um líder que aprenderam a seguir na desordem, os outros três também se abaixaram, formando uma proteção humana ao redor de Mihos. Dezenas de dracônicos saltaram sobre eles em uma pilha grotesca. Derek modificou o rifle para o modo de feixe iônico e disparou sobre o amontoado.

Para sua surpresa, descobriu que o sistema funcionava como um laser com frequência de micro-ondas.

Como efeito, o tecido vivo dos monstruosos acumulados *explodiu* quando as células de tecido dracônico foram superaquecidas. Ao atingir a armadura de Ashanti e dos outros dragões metálicos, o metal refletiu as micro-ondas, faiscando de maneira intensa e frenética e deixando para trás um cenário de corpos despedaçados, sangue frio e tecido demoníaco morto.

Além de uma dádiva ainda viva.

Quando eles ressurgiram em meio à pilha de mortos, Ashanti já sofria. Mihos continuava no chão e a consciência dele retornou. Sem se importar com o mundo em guerra, a armadura foi desativada para que ele a enxergasse.

– Mihos! Mihos! Eu estou aqui... – disse ela em lágrimas, com a cabeça dele no colo.

À sua volta, Derek, Amber, Romain e Daniel matavam *qualquer coisa* que se aproximasse, amparados pelos tiros de Adross no carro de combate e pela fúria de homens-leões.

– Eu... sabia que você retornaria... – disse ele, cuspiendo sangue.

– Eu fui designada para proteger você... – suspirou ela. – E eu falhei...

– Eu quis ficar! E Rögga morreu! E Taremu vai ser destruída pela Serpente! – insistiu Mihos. – Na verdade fui eu quem falhou! Você deve escolher ir, não ficar...

– Eu mereço morrer por aqui.

– Não! Você voltou mais forte! Você trouxe outros até aqui! Você é a *inspiração*, Ashanti!

No chão, Mihos estava prestes a dizer outra coisa. Mas então os olhos dele viraram. E aconteceu.

Em outro ponto, Strider agarrou Ravenna pelo pescoço em meio ao emaranhado infinito de cabelos e a arrastou até uma pilha de entulhos contra a qual forçou o corpo dela.

– Será que algum dia será possível confiar em demônios? – questionou ele.

– Talvez hoje se inicie essa nova era.

– Você trouxe a Serpente, demoníaca! Você deveria tê-lo traído e deu a ele as chaves desta dimensão.

Strider se preparou para matá-la.

– Não – disse ela rapidamente. – Eu dei a ele o cadeado.

O corpo dela caiu sentado, quando o patrulheiro a soltou ao assistir boquiaberto a cena.



ASTEROPH TRIUNFAVA. De braços abertos no centro do caos, ele observava o voo da criatura colossal e, embora ferido, ainda sorria.

– Queime! – berrou o demônio. – Convoque os dragões e queime!

O ser colossal se manteve de pé, enquanto o Abismo subia. O som do voo da monstruosidade parecia vir de *dentro* do cérebro. Não havia uma definição exata para uma coisa daquela. Poderia ser comparado com o som de um tufão, de uma turbina, de um motor siderúrgico, e nenhum desses termos ainda faria justiça. O monstro voador girou no ar com asas esticadas como uma asa-delta, e desceu novamente. As escamas se acenderam, revelando um princípio de combustão interna. Fumaça lhe saiu das ventas. A bocarra se abriu.

E a Serpente baforou seu sopro.

A chama anil saiu em forma de cone, girando para baixo como um furacão, carbonizando imediatamente toda vida que atingiu. Asteroph continuava em êxtase, sentindo o cheiro da carne queimada. Quando a nuvem desapareceu, contudo, com ela desapareceu também seu sorriso.

Os corpos carbonizados eram de demônios abissais.

– Serpente estúpida! Você deveria servir a mim! – bradou Asteroph. – Eu sou seu mestre! Eu sou o Senhor da Besta!

– Não – revelou Ravenna. – *Ele* é.

No centro, Mihos continuava com os olhos virados e o espírito conectado a uma criatura abissal.



NO CASTELO ESTELAR, aproveitando a desordem trazida pelo fim do mundo, Asteroph arrastou Ravenna para um acerto de contas milenar.

– Então a dádiva controla a Serpente – concluiu Asteroph.

– E eu controlo a dádiva.

– Você sabe o que está fazendo?

– Você é um demônio fraco, Asteroph! Tornou-se rei de um círculo graças aos

meus conselhos. Ganhou exércitos graças aos generais-demônio com quem forniquei em troca de aliança. Seus dracônicos foram gerados através de magias lacradas concebidas por mim, utilizando o útero de súcubos do meu harém. Em outras palavras: tudo o que você conquistou veio de mim.

– A dádiva que você acabou de criar vai matar você e toda a legião.

– Não! Vai matar a sua legião! Meu exército é formado por homens-sapos, homens-lagartos e outros reptilianos gerados por mim! Você e seus dracônicos serão destruídos aqui, enquanto eu darei vida à próxima raça demoníaca.

– Uma raça melhor do que dracônicos? – perguntou ele, em um tom curioso.

– Estou pensando em usar insetos na próxima.

Ambos chegaram a sorrir, como se entre demônios pudesse haver resquícios de amizade.

– Então aconteceu... – concluiu ele, com uma voz surpreendentemente calma.

– Você sabe que eu sabia, não é?

– Aceite a derrota com alguma honra, mesmo para seres como nós.

– Você tem razão, Ravenna! Eu sempre soube que você tentaria reclamar a coroa. Eu sempre soube que um dia você me trairia. E eu sempre *torci* por isso. Porque eu sempre soube que, quando isso acontecesse, você estaria *pronta*.

– Se isso realmente for verdade, então você é ainda mais fraco do que pensei.

– Não, não sou. Porque você sabe o que eu sou, demônio-bruxa? Eu sou seu *mestre*! Quando você fornicou com generais, eles já haviam aceitado as alianças. Seus súcubos aceitaram dar vida a dracônicos quando os convenci de que a traria para esta dimensão como princesa, libertando-os de você. Mesmo suas magias lacradas foram ensinadas por feiticeiros anciãos com quem negocieii Condados.

Ravenna fechou a expressão.

– Em todos os seus passos, eu *treinei* você, Ravenna! E permiti.

– Não se engana um demônio.

– Que curioso! Você também preferia que eu lhe desse um motivo, não é? Eu posso então lhe dar um. Eu estou cansado! Batalho e conquisto há mais tempo do que há vida em muitos planetas. Você um dia saberá como é isso. Não hoje, um dia. Porque existe um momento em que até mesmo um demônio deseja morrer. – A expressão de Asteroph era mais sincera que a de muitos santos naquele momento. – Você me entende? Não morrer e ir para um dos Círculos. *Simplesmente* morrer.

Ela trincou os dentes.

– Você não quer deixar de existir! Não antes de concluir seu próprio general!

– Eu *criei* meu general, demônio! Porque eu *criei* você.

Ravenna começou a tremer.

– Eu não sou *parte* do seu legado! Eu sou o *motivo* do seu legado!

– Sim – concordou ele, ainda com um sorriso na face sem um dos três olhos. –

É exatamente isso que você é.

Asteroph soltou a própria armadura, expondo o corpo nu e cheio de feridas.

– Você não desistiria antes de subir no Abismo.

– Você já fez isso por mim no momento em que trocou o nosso filho por uma criança humana – explicou Asteroph para surpresa total dela. – A mesma criança que você utilizou para trazer esses humanos aqui...

Ravenna sentiu as pernas tremarem.

– Você sabe... – balbuciou ela.

– Qual parte? Da sua aliança com a Árvore e a criação de seus próprios generais para me destruir? Ou da cria com o *meu* sangue que você tentou fazer um mercenário estúpido acreditar que era dele? Mesmo para você, que gosta da fornicação, deve ter sido difícil se deitar com um imprestável daquele apenas para que aceitasse criá-lo como um comum e longe da minha influência. Se eu não provocasse o pior de você, poderia acreditar que estava em busca de *redenção*.

– Você sabia e você permitiu...

– Sim, eu permiti, e digo mais: você vai concluir meu plano! Destrua-me na frente deles. Mostre sua força. Faça-os temerem você! Porque se você não o fizer, eu vou matar você, ou então revelar a sua farsa, e então eles é que vão matar você. E nós estamos tão perto... – disse ele, quase como um pedido. Ao perceber a expressão ainda assustada dela, acrescentou: – Você acha que eu não sabia que anões escravos desviavam sangue das Minas Dracônicas? Ela quis me destruir porque matei dragões, e ela precisou do sangue de dragões mortos para poder me destruir. E ela também sabia de tudo isso. Porque *é assim* que funciona a Ciência do Bem e do Mal.

– Você *deixou*...

– Até mesmo a feérica abissal que fez a troca me contou detalhes. Não é só com você que demônios gostam de fornicar... – concluiu ele, com prazer. – Você compreende tudo agora? Graças a mim, a Árvore teve de gerar a próxima tecnologia de guerra. Você é meu general que controla a Serpente, governará aqui e vai criar a próxima raça de demônios. E o meu descendente está no mundo físico, preste a espalhar o meu sangue, o que fará com que a dimensão terrestre evolua sua tecnologia bélica ou se torne uma parte do Abismo! Qualquer decisão é minha vitória.

Asteroph abriu os braços diante do fim do mundo.

– O Bem e o Mal se tornam melhores graças a mim. Porque é esse o meu legado! E então eu lhe pergunto: quantos santos foram capazes de algo assim? – A voz dele se elevou quando acrescentou: – E então eu lhe pergunto, meu demônio-bruxa: *quem* hoje aqui é o verdadeiro salvador?

Ravenna sentiu a ira ao perceber que qualquer decisão que tomasse naquele momento significava a vitória de um demônio que merecia ser rei.



## CEMITÉRIOS DE DRAGÕES

A SERPENTE CONTINUOU A QUEIMAR. De repente, os demônios – uma raça acostumada a servir – se apavoraram com a falta da referência do mestre.

A Serpente desceu abocanhando seres de regiões inferiores. Dragões-zumbis foram destroçados pelas garras e dentes, e sopros de fogo azul carbonizavam uma legião de monstruosidades. O demônio-bruxa acionou suas magias escuras, e um dos símbolos no corpo de Mihos acendeu. De um momento para outro, a Serpente, que até então queimava apenas dracônicos, começou a atacar tudo ao redor. O corpo entortou no ar e cuspiu um cone de fogo na direção do carro de combate. Um dos escudos refletores desviou uma parte do fogo. O monstro desceu, agarrou o escudo com as patas e o destroçou ao alçar voo novamente.

Strider correu para socorrer Adross, mas a Serpente chicoteou o rabo e o patrulheiro voou metros, quebrando duas paredes e invadindo uma residência. Os pilares da casa não suportaram o peso e o teto cedeu, soterrando o corpo metálico.

Nos arredores, homens-leões e gigantes sobreviventes da luta na parte mais próxima do Castelo Estelar se juntavam ao combate contra as criaturas que subiam da fenda aberta pela Serpente, matando e morrendo nas mãos de dracônicos. Os dragões-zumbis estavam exterminados, mas alguns dos mortos de vez em quando se levantavam, tomados por espíritos oriundos do Abismo, antes de voltar a morrer no confronto.

No centro, controlando a Serpente, estava Mihos, em transe, com olhos virados e expressão demoníaca.

– É como ter seu próprio mecha! – comentou Daniel, observando Mihos queimar os inimigos em conexão com a Serpente.

– Coisas para se anotar: deveríamos ter um desses no futuro, então! – comentou Romain na linha aberta com os outros. – Agora, sério, eu não faço ideia do que isso que você disse significa, mas se quem controla aquela coisa é aquele cara, alguém dá um tiro nele!

Derek quebrou a perna de um monge renascido e depois lhe torceu o pescoço.

– É a primeira vez que preciso concordar com ele! – disse o ranger. – Alguém próximo precisa derrubar o controle daquela coisa!

Amber naquele momento lutava com dois bastões curtos, cada um pouco maior que um antebraço, cortados de ossos de asas de um dragão vermelho. Duas pancadas racharam o crânio de um reptiliano e então ela mirou em Mihos.

– Eu dou conta! – avisou, e correu.

No caminho, um gigante havia tombado com uma lança no peito. Amber pegou impulso no corpo ajoelhado e saltou com um dos bastões para o alto,

prestes a abrir a cabeça de Mihos. Então escutou um estrondo e, quando se deu conta, estava derrubada no chão.

À frente dele, de pé, estava Ashanti.

– Nenhum de vocês se atreva a encostar nele, fui clara?

O bastão estava apontado para Amber, mas a voz alcançava os outros.

– Ei, garota, se você não consegue controlar o seu homem, eu vou fazer isso! – respondeu Amber, levantando a si e seu ego do chão.

– Você pode *tentar!*

Amber partiu para cima de Ashanti, e os bastões menores se chocaram com o maior uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito vezes. Ashanti girou, o bastão longo correu por cima, Amber entortou o corpo, e então o bastão longo correu por baixo, e ela tombou mais uma vez.

– Fica no chão, que eu vou resolver isso! – exigiu Ashanti.

– Você não me conhece mesmo!

Amber desativou os bastões menores, desfragmentando-os e guardando-os no bolsão dimensional onde os havia conectado. Partiu com as mãos nuas para cima de Ashanti, que rodopiou o bastão duas vezes e atacou. Amber aparou o golpe, segurou a arma e puxou Ashanti para junto de si, pisou na coxa dela, tomando impulso, trançou as pernas no pescoço da africana, e a projetou para a frente.

Ashanti estatelou violentamente as costas no chão.

Desarmada, a dragonesa amarela viu Amber partir para cima dela e o capacete foi tomado por dois estouros quando o punho da rosa-escuro a socou duas vezes. Quando o terceiro soco se armou, um dos pés de Ashanti se firmou sobre o tórax de Amber e a arremessou para cima. Amber caiu sob um dracônico, e no meio de outros dois.

Surpresos com aquilo, os outros dois reptilianos começaram a chutar e esmurrar a dragonesa rosa-escuro.

– Ah, merda! – resmungou Ashanti.

Ela apanhou o bastão longo caído e partiu para matar mais dois.

Os ossos eram moídos com o impacto. Em outro ponto, Romain acertava monges mortos-vivos enquanto corria pelo cenário de fogo, fumaça, poeira, sangue e destruição.

– Ei, patrão-ranger-dragão-vermelho, as mulheres estão caindo na porrada ou se ajudando, sei lá! – comentou.

– Eu posso tentar me aproximar do cara da Serpente! – prontificou-se Daniel.

– E que porcaria de frase estranha...

Os três sentiram a pele arrepiar ao ouvir um estrondo ensurdecedor de metal pesado batendo contra o chão. Ali perto, a Serpente havia virado o tanque.

– Não! Vocês dois ajudem Strider e Adross! Eu cuido de Mihos!

– *Roger that!* – gritou Daniel, começando a correr.

– ‘Roger that?’ – reclamou Romain, enquanto corria. – *Onde foi* que você aprendeu uma porcaria dessas? *Apocalypse Now?*  
– Hã... – Daniel soou constrangido. – *Resident Evil?*  
– *Eu juro* que tenho vergonha de conhecer você!  
Mas Romain continuou a correr ao lado dele.

Um pedaço de viga foi arremessado pelo ar. Daniel e Derek zuniam madeira, rocha e cerâmica, na busca nervosa pelo patrulheiro dimensional ainda vivo.

– Vamos, vamos, Darth Vader, não morre! – resmungava o francês durante a tentativa de resgate.

– Patrulheiro! Está nos ouvindo, patrulheiro? – gritava Daniel enquanto reforçava a busca.

– Só eu que não sei falar alguma língua local por aqui, né?

– Patrulheiro! Ele vai matar Adross! – gritou Daniel.

Sob a pilha de terra, eles reconheceram os olhos luminosos se acendendo em meio ao capacete metálico coberto de arranhões, terra e poeira. Havia uma última viga sob o peito dele.

– Eu não sei o que você disse, mas não deve ter sido bom!

– Vamos! Vamos! Um... dois... – contou Daniel.

Com a ajuda de Romain, eles arremessaram a última viga longe.

Quando se deram conta, Strider já estava de pé e avançando na direção do carro de combate atacado.

A porta lateral afundou. Adross sentiu o corpo esmagado centímetro a centímetro, conforme o peso da criatura pressionava a porta de entrada do tanque. Todo o mecanismo que se conectava ao painel de inteligência central estava danificado, e a simbiose, desfeita. O tanque tremeu mais uma vez. Sangue escuro lhe saía dos ferimentos e os ossos doíam. Ele se arrastou e se jogou para o lado quando uma das cadeiras despencou em sua direção.

Um pedaço da porta se soltou com um dos trancos, e Adross saltou sobre o balcão. A porta foi arrombada e correu na horizontal. A Serpente tentou colocar a cabeça para dentro do tanque, mas a abertura era pequena demais. Em desespero, o cinzento desconectou o mecanismo ligado a seu cérebro e tombou até bater com as costas na parede do veículo virado, que se tornara o chão. A Serpente começou a fumar, preparando seu sopro.

E Adross soube que acabaria ali.



DEREK ARMOU O GOLPE. E iniciou a corrida para socar a parte de trás do crânio de Mihos. Um golpe capaz de terminar com parte dos problemas.

De repente, os pés travaram, aprisionados por mãos de monges mortos. Ele caiu em cambalhotas pelo chão. Mortos-vivos tomados por espíritos de demônios se aglomeraram sobre ele e lhe martelaram o corpo com as mãos unidas.

Mihos, os olhos ainda revirados, visualizava o sopro da Serpente. E então escutou a voz:

– Mihos!

Aquilo ativou algo dentro dele, mas ainda não o suficiente para pará-lo.

– Mihos! – o grito ecoou novamente, desta vez com efeito.

Perto dele estava Ashanti. Sem armadura.

Ela se aproximou *mais*.

– Eu estou aqui! Para proteger você! Para inspirar você! E eu *preciso* que você se concentre em mim!

Na mente dele havia desejo, morte, destruição, fogo.

– Eu preciso saber! – voltou a dizer ela.

Desejo, morte, destruição, fogo, estrelas.

– Você estará comigo? – Foi a vez de ela perguntar, entre lágrimas puras em meio a um campo de batalha demoníaco.

Desejo, morte, destruição, fogo, estrelas, predição.

– Até o fim – respondeu ele, quando os olhos voltaram ao normal e ele a abraçou em meio ao caos.

Havia desejo, morte, fogo, destruição, estrelas, predições. E, ainda assim, o amor era mais forte.



O SOPRO NÃO ACONTECEU. Como em conflito entre seguir ou não, a Serpente travou quando a conexão com Mihos se interrompeu. Strider já saltava antes mesmo da hesitação. Em vez do martelo, as mãos materializaram na

corrida um cilindro de metal do tamanho de um cabo de espada longa.

– Quantos bolsos aquele cara tem? – perguntou Romain.

Durante o salto, o patrulheiro girou o mecanismo, acionando a arma. Uma lâmina longa composta por plasma de hidrogênio moldado por um campo magnético tomou forma. O capacete impediu que o brilho imediato o cegasse. A armadura, que o calor o torrasses. Com um golpe de plasma ionizado, o patrulheiro cortou a pele da Serpente como se fosse manteiga.

– Puta-que-pariu! Puta-que-pariu! – começou a gritar Daniel. – Ele tem um sabre de luz! Ele tem um  *fucking*  sabre de luz!

Quando se deu conta, Daniel balançava Romain pelos ombros.

– Eu já disse que tenho vergonha de conhecer você, não disse?

Provocada, a Serpente reagiu ao sentir o ferimento aberto, de onde saía fumaça e fogo. Esquecendo o tanque, ela desceu as garras sobre Strider. De dentro do tanque, Adross acionou o único dispositivo preparado para funcionar em modo manual: a autodestruição. Cinco alavancas foram acionadas, comunicando ao metal-vivo a informação de autossabotagem. De repente, o carro de combate começou a *esquentar*. Adross visualizou a saída no alto, a porta lateral do tanque virado. Seria impossível.

Até que a lataria ao seu lado se rasgou, e a lâmina de plasma *criou* uma saída.

– Sai daí, *agora!* – gritou Strider. – Saiam todos deste lugar agora!

A bomba de metal-vivo estourou.

O estouro tremeu o mundo. Ashanti abaixou-se e agarrou o corpo de Mihos. Derek buscou Amber e ambos se abraçaram como se aquela fosse a última vez. Romain e Daniel negariam no futuro, mas se mantiveram lado a lado feito irmãos. Quando Adross se projetou para fora, o patrulheiro lhe agarrou o corpo e correu para longe. Um veículo de setenta toneladas de súbito detonou-se em meio ao campo de batalha, em um impacto absorvido em boa parte por uma Serpente de quase quarenta metros, tirando-lhe um pedaço da pele. O pulso gerado jogou para trás todo o campo de batalha, que caiu em um abraço de estrondo, caos, gritaria e cansaço. Homens-leões, gigantes e demônios receberam os estilhaços de uma chuva metálica que matou os mais próximos instantaneamente.

Quando a poeira baixou e puderam ver novamente o cenário de desolação, Ravenna já estava ali, com Asteroph ajoelhado.



## DEMOROU PARA QUE OS VIVOS ACREDITASSEM.

– Essa guerra por hoje acabou – proclamou o demônio-bruxa.

Os sobreviventes se concentraram no demônio-rei, com um buraco de carne morta na testa. Não houve reação.

– Faça! – sussurrou ele. – Faça ou eu o faço matar você.

Ravenna se postou diante dele e, por um momento, tremeu.

– Mas, antes, deixe-me escutar minha obra final. Deixe-me escutar minha maior realização – exigiu o demônio, ainda rei.

Ravenna lhe segurou a cabeça.

– Irei cumprir nosso acordo, mas vocês devem se retirar desta dimensão imediatamente.

– Não antes de você selar a fenda! – disse Derek

– A fenda não será selada! Eu, Ravenna, o demônio-bruxa, me proclamo a nova senhora desta dimensão e seu novo demônio-rainha. E nomeio agora este lugar como o recém-criado *Décimo Círculo do Inferno*.

Asteroph fechou os olhos que ainda lhe sobravam e sorriu em êxtase diante da realização de seu último desejo. O pescoço foi torcido duas vezes por Ravenna, o coração foi arrancado e exibido. Com o sangue frio que saía do órgão, ela traçou um círculo no chão e desenhou um pentagrama.

– O dono de seus fios de prata está destruído, e vocês estão *livres* – afirmou Ravenna. – Eu cumpri a minha parte, cumpram a sua, entrem no círculo e retornem, antes que eu mande subir meu novo exército.

Os uniformes foram desativados. Ravenna virou-se na direção de Strider e Adross.

– A você eu darei uma trégua e permitirei que leve o cinzento para fora desta dimensão. Mais do que isso, o Abismo descera sobre vocês.

– Aceitarei a trégua por hoje, bruxa, mas permanecerei nesta dimensão e farei seus demônios desejarem retornar ao Abismo.

Daniel foi quem comentou:

– Eles vão destruir esta dimensão, não é?

– Você já foi herói por hoje, Daniel! – disse Romain. – Não seja apenas idiota no fim.

A voz de Strider surgiu ao fundo:

– Eu *preciso* que vocês retornem – afirmou ele com vigor. – Eu preciso que vocês encontrem e destruam a cria de Asteroph.

A ordem trouxe surpresa em um primeiro momento.

– Eu preciso que vocês o destruam enquanto podem, *antes* que ele se torne um general.

Derek foi quem tomou o comando e aceitou a decisão.

– Nós iremos... – concordou ele, como faria um soldado. – Ou ao menos iremos tentar...

– E esta dimensão? – exaltou-se Ashanti. – E quem irá proteger esta dimensão?  
– Eu irei – afirmou Strider. E então ele falou na direção de Ashanti: – Como irei protegê-lo...

– Isso não é uma ditadura! – vociferou Ashanti. – Não são vocês que irão decidir isso! Não serão vocês que irão decidir a minha vida por mim! Não vocês! A minha vida não pertence a vocês...

*Pertence a eles.*

– A minha vida não pertence a nenhum de vocês...

– O que está acontecendo? – Amber exigiu saber.

– Eu também adoraria que vocês compartilhassem, de fato – concordou Romain.

– Derek quer partir. Ashanti quer ficar – resumiu Daniel.

– Todos nós queremos partir! Se ela quer ficar, deixe que ela viva para sempre neste lugar! – exaltou-se Romain.

– Você não entendeu, Romain! – insistiu Daniel. – O acordo é para que todos nós deixemos este lugar. Do contrário, o demônio-bruxa *não* nos enviará de volta...



A DRAGONESA ROSA-ESCURO TREMIA. Alheia ao conflito ao redor, Amber parecia tensa, e Derek foi o único a notar.

– O que foi? – perguntou ele.

– Eu não o encontrei, Derek! Não encontrei meu irmão. E *se* ele estiver aqui? – A voz trêmula denunciava o estado de nervos da irlandesa.

– E *se* ele estiver esperando por lá?

– E *se* ele *não* estiver? – perguntou ela, e ele se lembrou do que ela lhe contara. Da doença dela. E do medo da solidão.

– Então ao menos eu estarei.

Amber segurou a mão dele.

– Ele não está aqui – afirmou Derek com uma certeza que a assustava. – Se ele estivesse, nós o teríamos encontrado.

– E *se* ele tiver morrido? Então para mim será melhor viver saudável aqui do que doente por lá.

– Talvez – concordou Derek – Se a dor da dúvida não for maior do que a da doença...

Amber mordeu os lábios, odiando-se por chorar em um campo de batalha.

– Eu não vou embora sem você! – proclamou Ashanti, agarrando-se a Mihos.  
– Não há como eu voltar agora! Eu pertenço a esta dimensão por enquanto. Infelizmente, não estou aqui como você...  
– Não! – gritou ela. – De novo, não! *De novo*, não...  
– Nós daremos um jeito! – consolou ele. – Nós *sempre* encontraremos um jeito.

Ashanti tremia por mais uma sensação que jamais havia experimentado antes. *Você consegue me ver pertencendo a alguém?*  
Jamais à força. Apenas por escolha própria.



EM MEIO A CRIAS DO ABISMO, ELES CAMINHARAM. Rodeados por criaturas horrendas e renascidas, eles se colocaram no centro. Mihos posicionou Ashanti e lhe beijou no que poderia ser pela última vez.

– Esse é um portal de sangue – declarou o demônio-bruxa. – E, para que ele seja acionado, é exigido o *sangue mesclado*.

Derek e Amber se olharam, comunicando-se em silêncio.

– O que ela quer dizer com isso? – perguntou Romain, sem a mesma sensibilidade.

– Ela quer dizer que esse portal é alimentado da mesma maneira que o metal – concluiu Derek – E nós temos a chave para ir embora daqui.

Não houve mais perguntas. Não foi preciso mais conclusões. Sabiam o que apenas eles possuíam em uma dimensão como aquela.

*A maior raridade de um mundo como este, poderosa a ponto de servir como medida de troca em negociações de sangue com mercadores de almas.*

Novamente, ele foi o primeiro. Uma faca de osso de dragão foi materializada e a armadura, desfragmentada. Derek encostou a lâmina na própria palma e, em um único movimento, cortou a pele da mão, deixando o sangue mesclado cair. Seguindo a ação, Amber fez o mesmo. Depois, Daniel. Romain não teria feito aquilo tão facilmente, mas era a forma de voltar para casa, e para isso ele faria o que fosse preciso. Por último, sobrava Ashanti.

Do lado de fora do traçado, ela voltou a enxergar Mihos, afastando-se com uma expressão firme, como que implorando para ela seguir até o fim. Aquilo doeu e a africana sentiu um peso na omoplata. Quando se deu conta, Daniel apoiava uma das mãos em seu ombro. Então ela percebeu o peso no lado oposto e notou que Romain apoiava a mão no outro. Era aquela a maneira deles de

expressar consolo em um mundo de idiotas e heróis.

– Eu *não* vou conseguir! – disse Ashanti de súbito, desvencilhando-se e projetando-se para correr para fora do círculo.

Por instinto, Derek e Amber a agarraram e a puxaram para trás. Com pesar, Daniel e Romain ajudaram a imobilizá-la no chão, enquanto a africana se debatia. Derek aproximou a lâmina da palma da mão dela, e Ashanti entrou em desespero.

– Não se atreva! Eu estou avisando para que nem se atreva! – gritou em meio a convulsões nervosas.

Ravenna recomeçou seus cânticos malditos:

– Deribekan Databanda! Deribekan Databanda! Deribekan Databanda!

A lâmina cortou, derramando o último elo necessário, e Ashanti gritou por uma dor que não poderia ser cicatrizada. Aos poucos, o círculo começou a se iluminar.

– Deribekan Databanda! Deribekan Databanda!

O portal continuou a se alimentar do *preço*. E então a conexão entre matéria e espírito se iniciou. A união entre o real e o fantástico. Entre o bruto e o sutil. A conexão entre dimensões.

A conexão entre o sangue de homens.

E o sangue de dragões.

– Não! Não! Eu quero ficar! – insistia Ashanti em lágrimas. – Eu *preciso* ficar! Eu não vou perdoar vocês! Eu jamais vou perdoar vocês...

– Eu sei... – reforçou Amber, mais como um consolo do que uma provocação. – Eu sei...

A luz se tornou mais intensa. A área demarcada se acendeu por completo, eles sentiram o corpo cada vez mais leve e começaram a ouvir ao fundo os ruídos da dimensão terrestre.



FOI ASSIM. Foi assim que eles sentiram o chamado do mundo deles, ao mesmo tempo que sentiam a responsabilidade pelo mundo que deixavam para trás. Ashanti quis avançar sobre o demônio-bruxa quando os olhos de Mihos se viraram novamente, mas os outros ainda a seguravam em meio aos gritos que não seriam mais ouvidos do outro lado.

E mesmo quando eles deixaram de existir naquela dimensão, o demônio-bruxa manteve o círculo aceso.

– Deribekan Databanda! Deribekan Databanda!

Strider estranhou o fato.

– Por que ela não o fecha? – gritou ele em desespero, na direção de Mihos. E então na direção dela: – Por que não fecha o círculo, bruxa?

Parado, como que em choque, os olhos de Mihos mais uma vez se viraram.

– Ravenna... ela não... ela não... ela não queria somente esta dimensão... ela queria *libertá-los*... – sussurrou ele. – Ela queria que eles seguissem a trilha do sangue mesclado...

Primeiro veio o som. Rosnados animais surgiram, como se alguém houvesse aberto a entrada de um covil. E então a visão. Reflexos de espíritos dançaram pelo círculo aberto, lembrando imagens luminosas projetadas em uma parede. E todas elas assustavam. Criaturas assombrosas translúcidas apareceram e sumiram, deixando no ar traços de asas, espinhas, chifres e escamas sobrepostas em linhas de voo.

– Não! – gritou Strider, correndo para cima de Ravenna. Uma fileira de novos reptilianos vindos da fenda se postou entre ele e a demoníaca, agarrando o patrulheiro. – Não, sua maldita, desprezível!

Strider acionou novamente a espada de plasma de hidrogênio e abriu caminho esmagando crânios, cortando, derretendo e cegando dracônicos, mirando o demônio-bruxa ao fundo. Em meio à escuridão de reptilianos que o cercavam em amontoados, o piscar da lâmina brilhava esporadicamente. Gigantes e poucos monges na forma de homens-leões ainda vivos entraram no templo e voltaram a matar. Ainda assim, Strider mirava nela. Desfragmentando a espada, apoiou-se sobre inimigos, desviou, quicou e então projetou-se na direção da demônio-bruxa em um último movimento de desespero.

De costas, Ravenna sentiu a aproximação. E sorriu.

– Dikerá! – ecoou o grito final, apagando o círculo e deixando o vazio.

Strider abraçou com brutalidade o corpo dela e os dois rolaram pelo chão diversas vezes. Ao se separarem, o patrulheiro dimensional percebeu que estava em uma parte do círculo de sangue apagado. E que, naquele momento, o traçado no solo era apenas isso.

Um mero círculo de sangue.

Apagado.

– O que você fez, bruxa? – sussurrou ele, ajoelhado e rendido. – O que você fez?

Ravenna continuava a sorrir. E isso era o que mais doía.

– Eu dei início ao Décimo Primeiro Círculo do Inferno – concluiu ela. – Um círculo que também será meu.

*Será que algum dia será possível confiar em demônios?*

Jamais. Principalmente em pactos realizados em Círculos do Inferno ou em cemitérios de dragões.



**PLANETA TERRA**

NO ORBE TERRESTRE, UM MESMO FENÔMENO ACONTECEU. Ao mesmo tempo, em diferentes lugares do planeta, cinco pessoas há meses em estado de coma de repente despertaram.

No Hospital King Faisal de Kigali, capital de Ruanda, uma jovem de origem tutsi acordou gritando, como se estivesse morrendo, e não retornando da morte.

Na cidade de São Paulo, enfermeiras correram pelos corredores do Hospital Sírio-Libanês para avisar ao corpo médico que o brasileiro descendente de japoneses acordou de repente após um longo período em suspensão. O pai foi avisado, mas, ao chegar, estava bêbado.

Em Los Angeles, um dublê francês acordou após um acidente em uma filmagem. A produção e a imprensa especializada foram notificadas. Não havia familiares por perto.

Em Dublin, uma garçonne considerada um caso terminal pela junta hospitalar abriu os olhos. À frente dela, o irmão que impedira os médicos de desligar os aparelhos chorava diante do leito.

No interior de uma aldeia afegã, um soldado dado como morto pelo exército americano acordou em meio a camas tribais do povo pashtun, conhecido por seu código de honra religioso pré-islâmico, sua história difícil e sua participação na reconstrução do Afeganistão. No pulso do sargento ranger havia um bracelete de cristal.

Todos eles haviam compartilhado o mesmo sonho vívido demais.

## EPÍLOGO

Rio de Janeiro  
*Doze meses depois*

AQUELE DIA CELEBRAVA A VIDA. No Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, diante dos olhos do mundo, enquanto a seleção brasileira de futebol disputava uma eliminatória para a Copa do Mundo, os olhos de milhões de pessoas se concentravam na Cidade Maravilhosa.

Pelos arredores do estádio de tons acinzentados, os bares próximos da Avenida Maracanã estavam lotados de torcedores acompanhando o evento em televisões de LCD. Bandeiras se prendiam às janelas de apartamentos em meio ao entardecer de um dia de sol. Os veículos que cruzavam a metrópole sintonizavam ondas de rádio com narrações da partida esportiva e jornalistas do mundo inteiro viravam lentes e câmeras para o registro do que acontecia dentro e fora do estádio, onde oitenta mil pessoas faziam uma festa capaz de tremer as estruturas.

Foi nesse cenário que aconteceu.

Localizada no topo do morro do Corcovado, a mais de setecentos metros acima do nível do mar, erguia-se a estátua do Cristo Redentor com os braços abertos, e, disseram que, do alto, o monumento foi a primeira testemunha. Até que os primeiros turistas apontaram. Os binóculos se viraram. E as câmeras de celulares foram acionadas, em meio aos gritos e ao pandemônio em idiomas diferentes.

Encobrimdo uma das sete maravilhas do mundo moderno, sombras monstruosas tomaram a paisagem, trazendo com elas a mudança de uma parte da realidade conhecida até então.

Os dragões haviam chegado.

Copyright © 2014 by Raphael Draccon

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)  
[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)



Gerente editorial  
ANA MARTINS BERGIN

Editores assistentes  
ELISA MENEZES  
LARISSA HELENA  
MANON BOURGEADE (ARTE)  
MILENA VARGAS  
VIVIANE MAUREY

Assistentes  
GILVAN BRITO  
SILVÂNIA RANGEL (PRODUÇÃO GRÁFICA)

Revisão  
ARMENIO DUTRA  
SOPHIA LANG  
WENDELL SETUBAL

**ROCCO**

Coordenação Digital  
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub  
LORENA PIÑEIRO

Edição Digital: agosto 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D791c

Draccon, Raphael

Cemitérios de Dragões [recurso eletrônico] / Raphael Draccon. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Fantástica Rocco, 2014.

recurso digital (Legado Ranger ; 1)

ISBN 978-85-68263-03-7 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

14-14333 CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

## O AUTOR

Raphael Draccon viaja desde garoto entre várias dimensões com a ajuda de livros, videogames e televisão. Romancista e roteirista premiado pela American Screenwriters Association, Raphael é um dos escritores mais influentes do mercado literário brasileiro e já conquistou uma verdadeira legião de leitores dentro e fora do país. Sua obra já foi publicada em Portugal e no México, onde entrou para a lista de mais vendidos.

Conheça mais sobre o autor: [www.raphaeldraccon.com](http://www.raphaeldraccon.com) | [@raphaeldraccon](https://twitter.com/raphaeldraccon).